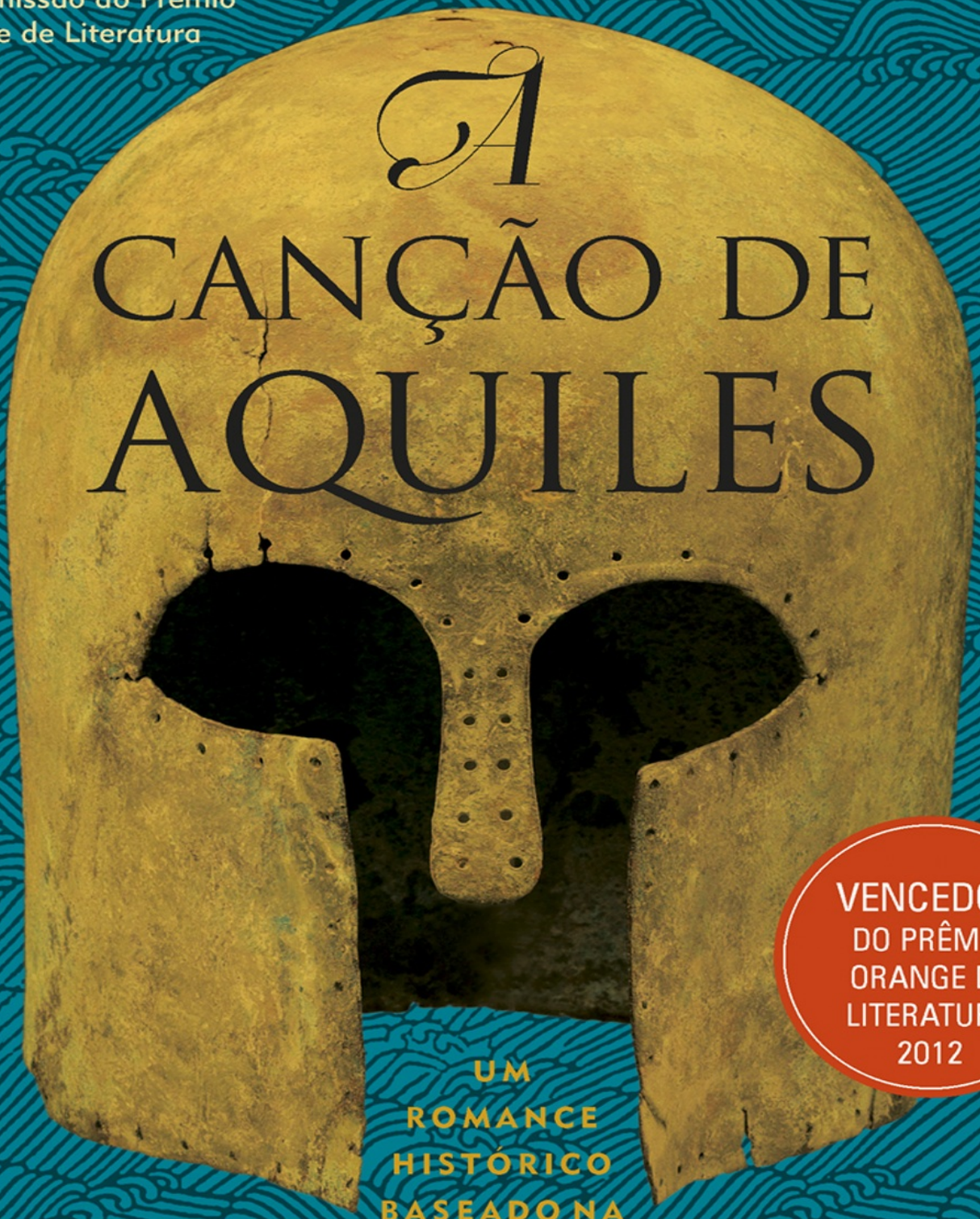
BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

"Este é um vencedor mais do que digno – original, apaixonado, inventivo e animador. Homero teria orgulho dela."
– Joanna Trollipe, presidente da Comissão do Prêmio Orange de Literatura

"Dinâmico, verdadeiro e incrivelmente gratificante... um feito notável."
– *USA Today*

# A CANÇÃO DE AQUILES



VENCEDOR DO PRÊMIO ORANGE DE LITERATURA 2012

UM ROMANCE HISTÓRICO BASEADO NA *ILÍADA* DE HOMERO

MADELINE MILLER

JANGADA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# A CANÇAO
# DE AQUILES

Madeline Miller

# A CANÇÃO DE AQUILES

*Tradução:*
GILSON CÉSAR CARDOSO DE SOUSA



JANGADA

Título do original: *The Song of Achilles*.

Copyright © 2012 Madeline Miller.

Copyright da edição brasileira © 2013 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

**Editor:** Adilson Silva Ramachandra

**Editora de texto:** Denise de C. Rocha Delela

**Coordenação editorial:** Roseli de S. Ferraz

**Preparação de originais:** Marta Almeida de Sá

**Produção editorial:** Indiara Faria Kayo

**Assistente de produção editorial:** Estela A. Minas

**Editoração Eletrônica:** Fama Editora

**Revisão:** Vivian Miwa Matsushita e Maria Aparecida A. Salmeron

**Produção de Ebook:** S2 Books

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Miller, Madeline
A canção de Aquiles / Madeline Miller ; tradução Gilson César Cardoso de Sousa.
— 1. ed. — São Paulo : Jangada, 2013.

Título original: The song of Achilles.
ISBN 978-85-64850-33-0
1. Ficção fantástica norte-americana I. Título.

13-02599 CDD-813

**Índices para catálogo sistemático:**
1. Ficção : Literatura norte-americana 813
1ª Edição Digital - 2013
ISBN Digital: 978-85-64850-37-8

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
http://www.editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

*Para minha mãe, Madeline, e Nathaniel*

# Sumário


Capa
Folha de rosto
Ficha catalográfica
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Agradecimentos
Glossário de personagens
  Deuses e Imortais
  Mortais
Próximos Lançamentos

# Capítulo 1

Meu pai era rei e filho de reis. Homem de baixa estatura, como a maioria de nós, mas de ombros imponentes e com a constituição de um touro. Desposou minha mãe quando ela tinha 14 anos e recebera das sacerdotisas a garantia de que seria fértil. Foi um bom arranjo: a noiva não passava de uma criança e a fortuna de seu pai iria para o marido.

Ele só descobriu que ela era meio parva no dia do casamento. O pai insistira em manter seu rosto velado até a cerimônia e o noivo não se importara. Se a esposa fosse feia, sempre haveria escravas e jovens criados. Dizem que minha mãe sorriu quando, por fim, o véu foi retirado. Souberam então que ela era mesmo bastante tola; noivas não sorriem.

Quando nasci, um menino, meu pai me tirou dos braços de minha mãe e me entregou a uma ama. A parteira, sentindo pena de minha mãe, deu-lhe um travesseiro para que o envolvesse em seus braços, já que ela não podia me abraçar. E minha mãe o abraçou. Ela nem notou a troca que havia sido feita.

Logo me tornei uma decepção: pequeno, franzino. Não era esperto. Não era forte. Não sabia cantar. O melhor que se poderia dizer de mim era que tinha saúde. Os resfriados e as cólicas que afligiam as outras crianças não me molestavam. Isso só deixou meu pai ainda mais desconfiado. Seria eu um mutante, uma criatura não humana? Ele me olhava com ar zangado. Minha mão tremia, sentindo seu olhar. E mamãe ficava lá, babando vinho sobre si mesma.

Tenho 5 anos, e é a vez de meu pai patrocinar os jogos. Homens vêm de longe, até da Tessália e de Esparta, e nossos armazéns ficam repletos de ouro. Uma centena de servos trabalha durante vinte dias, preparando a pista de corrida e limpando-a para que fique livre de pedras. Meu pai quer que estes sejam os melhores jogos de sua geração.

Lembro-me bem dos corredores, seus corpos bronzeados e besuntados de azeite, estirando-se ao sol. Misturam-se homens de ombros largos, jovens imberbes e meninos, em cujas panturrilhas se desenham os músculos vigorosos.

O touro foi morto, derramando as últimas gotas de sangue na areia e em vasos de bronze escuro. Morreu suavemente, bom augúrio para os jogos que logo começarão.

Os corredores se reúnem diante do trono em que meu pai e eu nos sentamos, tendo em volta os prêmios que serão dados aos vitoriosos. Há taças de ouro para misturar o vinho, trípodes de bronze forjado, lanças de freixo com preciosas pontas de ferro. Porém o prêmio de verdade está em minhas mãos: uma coroa de folhas de louro recém-colhidas, lustradas por meu polegar. Meu pai relutara em deixá-la comigo. Mas tranquilizou-se, pois eu só iria segurá-la.

Os mais novos correrão primeiro. Esfregando os pés na areia, eles aguardam o sinal do sacerdote. Ainda estão na primeira fase de crescimento, seus ossos longos e finos desapontam sob a pele esticada. Meus olhos surpreendem uma cabeça loura em meio a dezenas de cabeleiras negras, desgrenhadas. Inclino-me para ver melhor. O cabelo reluz como mel ao sol e, por entre as mechas, um brilho de ouro — o diadema de um príncipe.

É mais baixo que os outros, e seu corpo, ao contrário do deles, ainda tem os contornos roliços da infância. O cabelo comprido está preso atrás

com uma tira de couro, contrastando com a pele nua e escura das costas. Quando ele se vira, percebo que seu rosto é sério como o de um adulto.

Depois que o sacerdote golpeia o chão com o cetro, ele se adianta aos corpos vigorosos dos garotos mais velhos. Move-se com desenvoltura, tem os calcanhares rosados como línguas. Ele vence.

Meu pai ergue a coroa de meu colo e coloca-a na cabeça do garoto. As folhas parecem quase negras contra a luminosidade de seus cabelos. O pai do vencedor, Peleu, vem buscá-lo sorridente e orgulhoso. O reino de Peleu é menor que o nosso, mas conta-se que sua esposa é uma deusa e o povo o ama. Meu pai observa com inveja. A mulher dele é tola, e o filho, lento demais para competir até mesmo no grupo mais jovem. Então ele se vira para mim e diz:

— É assim que um filho deve ser.

Sinto as mãos vazias sem a coroa. Vejo o rei Peleu beijar seu filho, que atira a coroa para o alto e apanha-a novamente. Está sorrindo, seu rosto tem o brilho da vitória.



Afora isso, só me ocorrem imagens dispersas daquele tempo: meu pai sentado no trono, com olhar carrancudo, um engenhoso cavalinho de brinquedo do qual eu gostava muito, minha mãe na praia contemplando o Egeu. Nessa última lembrança, estou atirando seixos à superfície da água, *plaf*, *plaf*, *plaf*. Ela parece gostar do modo como as ondas se encrespam e em seguida desaparecem. Ou talvez goste do próprio mar. Em sua têmpora, vê-se uma mancha em forma de estrela, branca como marfim, a cicatriz da época em que seu pai a golpeou com o punho da espada. Seus pés vão deixando pegadas na areia, e procuro não desfazê-las enquanto apanho pedras. Escolho uma e atiro-a, contente por saber fazer isso muito bem. É a única lembrança que conservo de minha mãe e

é tão bela que quase tenho certeza de tê-la forjado. Afinal, é pouco provável que meu pai nos permitisse ficar juntos a sós — o filho imbecil e a esposa palerma. E onde teria sido? Não reconheço a praia, o litoral. Muita coisa aconteceu desde então.

# Capítulo 2

Fui chamado pelo rei. Lembro-me de ter odiado aquilo, a longa caminhada até a sala do trono. Ao chegar lá, ajoelhei-me no chão de pedra. Alguns reis costumavam mandar estender tapetes diante do trono para os mensageiros que ali precisavam ficar muito tempo transmitindo suas notícias. Meu pai não.

— A filha do rei Tíndaro finalmente está pronta para o casamento — anunciou ele.

Eu conhecia aquele nome. Tíndaro era rei de Esparta e possuía vastas extensões de terra fértil no sul, do tipo que meu pai cobiçava. Ouvira falar também da filha, considerada a mulher mais bela das redondezas. Sua mãe, Leda, teria sido possuída por Zeus, o rei dos deuses em pessoa, disfarçado de cisne. Nove meses depois, saíram de seu ventre dois pares de gêmeos: Clitemnestra e Castor, filhos do marido mortal; e Helena e Polideuces, os cisnezinhos divinos. Mas bem se sabe que os deuses são pais avarentos; Tíndaro devia garantir o patrimônio de todos.

Nada respondi à notícia de meu pai. Aquilo não tinha nenhum significado para mim.

Meu pai limpou a garganta e rompeu o silêncio da sala:

— Faremos bem em tê-la na família. Você partirá e se apresentará como pretendente.

Não havia mais ninguém por ali e só ele ouviu meu murmúrio de surpresa. Porém eu não era tão tolo a ponto de dar mostras de descontentamento. Meu pai sabia o que eu poderia dizer: que só tinha 9 anos, que era feio, sem futuro, indiferente.

Partimos na manhã seguinte, os alforjes repletos de presentes e

provisões para a jornada. Soldados em suas melhores armaduras nos escoltavam. Não me lembro de muita coisa da viagem — foi por terra, atravessando paisagens que não me deixaram nenhuma impressão. À frente da comitiva, meu pai ia ditando novas ordens aos secretários e mensageiros, que disparavam em todas as direções. Baixei os olhos para as rédeas de couro de minha montaria, que eu alisava com o polegar. Não entendia bem o que estava fazendo ali. Era uma situação incompreensível, como quase todas as que meu pai provocava. Meu burro balançava e eu balançava com ele, contente por ter pelo menos aquela distração.

Não fomos os primeiros pretendentes a chegar à cidadela de Tíndaro. Os estábulos já estavam cheios de cavalos e mulas, com servos correndo de um lugar para outro. Meu pai não parecia nada contente com a recepção: surpreendi-o, de cenho franzido, esfregando a mão na pedra da lareira de nosso quarto. Eu levara de casa meu cavalinho de brinquedo, cujas pernas se moviam. Levantei uma pata, depois outra, imaginando que viajara montado nele e não no burro. Um soldado se compadeceu de mim e emprestou-me seus dados. Fiquei jogando-os ao chão até que apresentaram todos, num só lance, a face de seis.

Finalmente, chegou o dia em que meu pai ordenou que eu me tomasse banho e penteasse os cabelos. Fez com que eu trocasse de túnica duas vezes. Obedeci, embora não percebesse diferença nenhuma entre o tom púrpura dourado e o dourado carmesim. Nenhuma cobria meus joelhos pontudos. Meu pai parecia poderoso e severo, com a barba negra escondendo-lhe o rosto. O presente que iríamos dar a Tíndaro já estava à mão, uma taça de ouro forjado em que fora gravada a história da princesa Dânae. Zeus a possuíra na forma de chuva de ouro e ela dera à luz Perseu, o matador da Górgona, só inferior a Héracles entre nossos heróis. Meu pai colocou a taça em minhas mãos e disse:

— Não nos envergonhe.

Antes de chegar ao grande salão, ouvi o som de centenas de vozes ecoando pelas paredes de pedra, o tinir de taças e armaduras que se entrechocavam. Os servos haviam escancarado as janelas para amenizar um pouco o barulho e pendurado luxuosas tapeçarias em todas as paredes. Eu nunca vira tantos homens reunidos num mesmo lugar. Não, homens não. Reis.

Fomos convidados a nos sentar em bancos cobertos de couro de boi. Os servos recuaram para as sombras. Os dedos de meu pai comprimiram-me a nuca, alertando-me para que ficasse quieto.

Era agitada a atmosfera naquela sala, com tantos príncipes, heróis e reis disputando agressivamente um único prêmio, mas nós sabíamos imitar a civilização. Um após o outro, aqueles jovens foram se apresentando, com seus cabelos brilhantes, seus mantos imaculados e suas túnicas tingidas com pigmentos caríssimos. Muitos eram filhos ou netos de deuses. Todos já tinham um ou vários poemas escritos sobre suas façanhas. Tíndaro ia cumprimentando um por um e depositando seus presentes numa pilha no meio da sala. Cada qual foi convidado a falar e a expor sua proposta.

Meu pai seria o mais velho de todos, não fosse por um homem que, quando chegou sua vez, disse chamar-se Filoctetes. "Um companheiro de Héracles" — sussurrou alguém ao nosso lado, em tom reverente. E com razão: Héracles era o maior de nossos heróis e Filoctetes fora seu amigo mais íntimo, o único que ainda vivia. Tinha os cabelos grisalhos, e seus dedos grossos mais pareciam tendões, a marca irrefutável do arqueiro habilidoso. Com efeito, instantes depois, ele brandiu o maior arco que eu jamais vira, de teixo polido e com empunhadura coberta por uma pele de leão.

— O arco de Héracles — gabou-se Filoctetes —, que ele me deu antes de morrer.

Em nossa terra, o arco é desprezado como arma de covardes. Porém, daquele, ninguém podia dizer tal coisa; a força necessária para curvá-lo

nos humilhava a todos.

O próximo homem, de olhos pintados como os de uma mulher, disse seu nome:

— Idomeneu, rei de Creta. — Era magro e seus longos cabelos caíram-lhe sobre o peito quando se levantou. Ofereceu um machado bipene, de ferro raríssimo. — O símbolo de meu povo. — Seus movimentos lembravam-me os dos dançarinos de que minha mãe tanto gostava.

Então Menelau, filho de Atreu, sentou-se ao lado de seu irmão Agamêmnon, que tinha o porte maciço de um urso. Os cabelos de Menelau eram espantosamente vermelhos, da cor do bronze quando sai da forja. Corpo robusto, músculos salientes, viril. Sua dádiva: um rico traje de belas cores.

— Embora a jovem não precise de adornos — observou com um sorriso.

Foi um fino galanteio. Desejei ter algo tão engenhoso a dizer. Eu era o único com menos de 20 anos e não descendia de um deus. Talvez o filho louro de Peleu estivesse na mesma situação, mas seu pai não o trouxera.

Homem após homem, os pretendentes se sucediam e seus nomes já começavam a se confundir em minha cabeça. Minha atenção se voltou para o trono, onde avistei, pela primeira vez, três mulheres sentadas ao lado de Tíndaro, com os rostos cobertos. Fixei meus olhos nos véus brancos, na esperança de colher algum vislumbre das faces que eles ocultavam. Meu pai queria que uma delas fosse minha esposa. As mãos das três, belamente adornadas de pulseiras, jaziam imóveis em seus colos. Uma era mais alta que as outras. Pensei entrever a ponta de uma madeixa negra sob a borda do véu. Helena era loira, lembrei-me. Portanto, aquela não era Helena. Eu já não escutava os reis.

— Bem-vindo, Menécio. — A menção do nome de meu pai me fez estremecer. Tíndaro olhava para nós. — Sinto muito pela morte de sua esposa.

— Minha esposa está viva, Tíndaro. É meu filho que aqui está para desposar a sua filha. — Fez-se completo silêncio e eu me ajoelhei confuso com tantos rostos à minha volta.

— Seu filho ainda não é um homem. — A voz de Tíndaro parecia distante. Não consegui detectar nenhuma intenção em seu tom.

— Nem precisa ser. Sou homem bastante por nós dois. — Era o tipo de bravata que nosso povo apreciava muito. Porém ninguém riu.

— Estou vendo — disse Tíndaro.

O chão de pedra penetrava em minha pele, mas eu não me mexia. Já me acostumara a ficar ajoelhado na sala do trono de meu pai, embora aquilo não me agradasse.

Meu pai rompeu novamente o silêncio.

— Outros trouxeram bronze e vinho, azeite e lã. Eu trago ouro. E há muito mais em meus cofres.

Eu sentia minhas mãos apertando a taça, apalpando as figuras da história: Zeus descendo em meio aos raios de luz, a princesa aturdida, a união dos dois.

— Minha filha e eu agradecemos por você ter nos trazido um presente digno, embora seja insignificante para você.

Os reis se puseram a murmurar. Aquilo fora humilhante, mas meu pai parecia não ter compreendido. Senti meu rosto corar.

— Quero fazer de Helena a rainha de meu palácio. Pois minha esposa, como todos sabem, não é capaz de reinar. O que possuo excede em muito a fortuna de todos esses jovens, e meus feitos falam por si mesmos.

— Pensei que o pretendente fosse seu filho.

Levantei a cabeça ao ouvir essa nova voz. Aquele homem ainda não havia falado. Era o último da fila e estava sentado tranquilamente no banco, seus cabelos encaracolados brilhavam à luz das chamas. Uma cicatriz ziguezagueava em uma de suas pernas, riscando a pele escura do calcanhar ao joelho, rodeando os músculos da panturrilha e perdendo-se

sob a túnica. Aquela cicatriz sem dúvida fora feita por uma faca, pensei, ou alguma coisa semelhante; suas bordas denteadas, agora macias, ocultavam a violência que devia tê-la causado.

Meu pai se enfureceu.

— Filho de Laerte, eu não me lembro de tê-lo convidado a falar.

O homem sorriu.

— Ninguém me convidou. Eu o interrompi. Entretanto, não tema minha interferência. O assunto nem de longe me interessa. Falo como mero observador.

Um leve movimento no trono chamou minha atenção. Uma das figuras veladas estremecera.

— Então o que ele quer? — perguntou meu pai, carrancudo. — Se não veio por Helena, o que está fazendo aqui? Que volte para suas rochas e suas cabras!

O homem franziu o cenho, mas não disse nada.

Tíndaro retomou a palavra em tom conciliatório.

— Se o seu filho é um pretendente, como você diz, deixe que ele mesmo fale.

Até eu sabia que havia chegado a minha vez de falar.

— Sou Pátroclo, filho de Menécio. — Minha voz soou estridente pela falta de uso. — Vim aqui para pedir a mão de Helena. Meu pai é rei e filho de reis. — Não tinha mais nada a dizer. Meu pai não me dera nenhuma instrução; nem imaginara que Tíndaro me convidaria a falar. Levantei-me e levei a taça para a pilha de presentes, ajeitando-a de modo que não caísse. Em seguida, voltei para o banco. Não me tornara objeto de escárnio tremendo ou tropeçando e minhas palavras não haviam sido ridículas. Porém, mesmo assim meu rosto ardia de vergonha. Não ignorava o que aqueles homens estavam pensando de mim.

A fila de pretendentes, ignorando o acontecido, continuou andando. O homem agora ajoelhado era grande, bem mais alto que meu pai, e

fortíssimo. Por trás dele, dois servos sobraçavam um enorme escudo que parecia fazer parte de seu traje: cobria-o dos pés à cabeça e nenhum homem comum poderia carregá-lo. Não era um simples enfeite: as bordas puídas e amassadas davam testemunho das batalhas que já vira. Ájax, filho de Télamon — foi como o próprio gigante se apresentou. Suas palavras eram curtas e bruscas. Proclamou-se descendente de Zeus e deu como prova do contínuo favor do bisavô seu porte soberbo. O presente de Ájax foi uma lança de madeira flexível e magnífica feitura. A ponta enrijecida ao fogo refletia a luz das tochas.

Finalmente chegou a vez do homem da cicatriz.

— E então, filho de Laerte? — Tíndaro se voltou no assento para encará-lo. — Que tem um observador desinteressado a dizer sobre esta solenidade?

O homem se recostou no banco.

— Gostaria de saber como você impedirá os perdedores de lhe declarar guerra. Ou ao afortunado marido de Helena. Estou vendo aqui pelo menos meia dúzia de homens prontos a saltar à garganta uns dos outros.

— Você parece estar se divertindo.

O homem deu de ombros.

— A loucura humana me diverte.

— O filho de Laerte zomba de nós! — rugiu o homenzarrão Ájax. Seu punho fechado era tão grande quanto minha cabeça.

— De modo algum, filho de Télamon.

— Mas então o que quer, Odisseu? Fale francamente pelo menos uma vez. — A voz de Tíndaro agora soava áspera.

Odisseu sacudiu novamente os ombros.

— Você se meteu num jogo perigoso, apesar do tesouro e do renome que conquistou. Todos os que aqui estão têm valor e sabem disso. Eles não serão postos de lado facilmente.

— Isso você já me disse em particular.

Meu pai enrijeceu-se ao meu lado. *Conspiração*. E o seu rosto não era o único enfurecido na sala.

— É verdade. Porém agora lhe ofereço uma solução. — Ergueu as mãos vazias. — Não trouxe presentes e não vim cortejar Helena. Sou rei, como já disse alguém, de rochas e cabras. Em troca de minha solução, conto com o prêmio que você me prometeu.

— Dê-me a solução e receberá o prêmio. — De novo, o leve movimento no tablado. A mão de uma das mulheres agarrara a veste da companheira.

— Eis a solução, então. Sugiro que a escolha fique por conta de Helena. — Odisseu fez uma pausa enquanto os homens murmuravam incrédulos; mulheres não opinam nesses assuntos. — Assim, a responsabilidade não seria sua, Tíndaro. Porém ela deve escolher agora, neste exato momento, para não se dizer que recebeu conselho ou instrução do pai. — Ele ergueu um dedo. — Contudo, antes que ela se pronuncie, cada homem aqui presente deve fazer um juramento: acatar a decisão de Helena e defender seu marido de quem quer que tente arrebatá-la dele.

Um frêmito de inquietação percorreu a sala. *Juramento?* E por causa de um assunto tão pouco convencional quanto uma mulher escolher seu marido? Os homens estavam desconfiados.

— Pois bem — concordou Tíndaro, voltando-se para as mulheres veladas com uma expressão indecifrável.

— Helena, você aceita essa proposta?

A voz dela soou baixa e harmoniosa, chegando a todos os cantos da sala.

— Eu aceito. — Foi tudo o que ela disse, mas percebi que os homens à minha volta estremeciam. Mesmo sendo uma criança, o fato não me passou despercebido e fiquei maravilhado com o poder daquela mulher que, embora velada, conseguia eletrizar todo um recinto. Lembrei-me

subitamente de que, segundo se dizia, sua pele era dourada, seus olhos eram escuros e brilhantes como a obsidiana lustrosa pela qual trocávamos nossas azeitonas. Naquele instante, ela valia bem todos os tesouros acumulados no centro da sala — e muito mais. Ela valia nossas vidas.

Tíndaro assentiu.

— Então eu ordeno que assim seja. Os que quiserem jurar, façam-no agora.

Vozes agastadas se fizeram ouvir. Porém nenhum dos homens deixou a sala. A voz de Helena e o véu suavemente agitado por seu hálito nos mantiveram a todos cativos.

Um sacerdote, chamado às pressas, levou um cordeiro branco ao altar. Naquele recinto fechado, era uma escolha mais propícia que um touro, cujo sangue poderia conspurcar o chão de pedra. O animal morreu calmamente e o sacerdote misturou seu sangue escuro com as cinzas de cipreste da fogueira. O caldeirão borbulhava alto no silêncio da sala.

— Você primeiro — disse Tíndaro, apontando para Odisseu. Mesmo um menino de 9 anos via que aquele era o procedimento mais acertado. Odisseu demonstrara toda a sua astúcia. Nossas frouxas alianças só funcionavam quando a ninguém era permitido ser mais poderoso que os outros. Pela sala, notei risinhos de satisfação entre os reis; Odisseu não poderia escapar de sua própria armadilha.

Os lábios de Odisseu se abriram num meio sorriso.

— Obrigado. Será um prazer. — Mas eu sabia que aquelas palavras não eram verdadeiras. Durante o sacrifício, eu o vira recuar para as sombras, como se quisesse se esconder. Contudo, nesse momento, ele se adiantou e dirigiu-se ao altar.

— Pois bem, Helena — disse Odisseu pausadamente, o braço semiestendido na direção do sacerdote —, lembre-se de que juro apenas como amigo, não como pretendente. Você jamais se perdoaria, caso me

escolhesse. — Essas palavras provocativas despertaram risos esparsos. Todos nós sabíamos que dificilmente a esplendorosa Helena escolheria o rei da paupérrima Ítaca.

Um por um, o sacerdote foi nos chamando para junto do altar e marcando nossos pulsos com a mistura de sangue e cinzas, que nos ataria como correntes. Repeti os termos do juramento com o braço erguido para que todos o vissem.

Quando o último homem voltou ao seu lugar, Tíndaro se levantou.

— Agora escolha, minha filha.

— Menelau — disse ela sem hesitar, para espanto de todos nós. Esperávamos dúvida, indecisão. Voltei-me para o homem de cabelos ruivos, que prontamente se ergueu, com um largo sorriso estampado no rosto. Em sua alegria incontida, bateu jovialmente nas costas do irmão silencioso. Os outros não escondiam a raiva, a decepção, até mesmo a tristeza. Porém nenhum levou a mão ao cabo da espada; o sangue grosso secara em nossos pulsos.

— Que assim seja — declarou Tíndaro, levantando-se também.

— Estou feliz por receber outro filho de Atreu em minha família. Terá minha Helena, assim como seu valoroso irmão, que reivindicou minha Clitemnestra. — Fez um gesto na direção da mulher mais alta, para que ela se pusesse em pé. Porém ela não se mexeu. Talvez não tivesse ouvido.

— E quanto à terceira donzela? — perguntou um homem baixo, ao lado do gigante Ájax. — Sua sobrinha. Posso desposá-la?

Todos riram felizes por aliviar a tensão.

— Você chegou tarde, Teucro. — A voz de Odisseu se superpôs ao barulho.

— Ela me foi prometida.

Não consegui ouvir mais nada. A mão de meu pai me agarrou pelo ombro, arrancando-me furiosamente do banco.

— Não temos mais nada a fazer aqui. — Naquela mesma noite,

voltamos para casa. Montei de novo meu burro, muito desapontado; não me fora permitido sequer ter um ligeiro vislumbre do lendário rosto de Helena.

Meu pai nunca mais mencionou aquela viagem e, uma vez em casa, os acontecimentos se misturaram estranhamente em minha memória. O sangue, o juramento, a sala cheia de reis: tudo isso parecia distante, difuso, lembrando mais a invenção de um aedo do que um fato que eu presenciara. Teria eu realmente me ajoelhado diante deles? E que dizer do juramento que proferira? Tudo parecia absurdo e improvável como um sonho muito depois do despertar.

# Capítulo 3

Eu estava de pé, no campo, com os dados na mão. Um presente. Não de meu pai, que jamais pensaria em tal coisa. Nem de minha mãe, que às vezes me ignorava. Não conseguia lembrar-me de quem os recebera. De um rei visitante? De um nobre em busca de favores?

Eram de marfim com incrustações de ônix, suaves ao toque do meu polegar. Estávamos no fim do verão, e eu suava depois de ter corrido do palácio até ali. Logo depois dos jogos, um homem viera treinar-me em todas as modalidades atléticas: pugilismo, lança e espada, arco, disco. Porém eu havia conseguido fugir dele e agora sentia toda a leveza da solidão. Era a primeira vez que ficava sozinho nas últimas semanas.

Então o menino apareceu. Chamava-se Clisônimo e era filho de um nobre que sempre nos visitava no palácio. Mais velho, maior e desagradavelmente corpulento. Viu logo os dados em minha palma. Lançou-me um olhar de soslaio e estendeu a mão. — Deixe-me vê-los.

— Não. — Eu não queria que seus dedos grossos e sujos tocassem os dados. E eu era o príncipe, embora fosse pequeno. Não teria sequer esse direito? Porém aqueles filhos de nobres costumavam fazer comigo o que lhes dava na cabeça, sabendo muito bem que meu pai não interferiria.

— Vou ficar com eles. — Não lhe ocorreu sequer me ameaçar. Odiei-o por isso. Então eu não era digno nem mesmo de uma ameaça?

— Não.

O menino deu um passo à frente.

— Vamos, eu os quero.

— São meus. — Arreganhei os dentes como os cães que disputavam as migalhas de nossa mesa.

Ele quis me arrancar os dados, mas eu o empurrei. Ele cambaleou, para minha grande satisfação. Não tiraria o que era meu.

— Ei! — Estava furioso. Eu era pequeno e achavam-me estúpido. Se ele recuasse agora, seria uma desonra. Avançou sobre mim, a face rubra. Sem querer, dei um passo para trás.

Ele sorriu.

— Covarde!

— Não sou covarde! — gritei, sentindo a pele arder.

— Seu pai acha que é. — Ele parecia saborear as palavras. — Ouvi-o dizer isso ao meu pai.

— É mentira. — Mas eu sabia que não era.

O menino se aproximou ainda mais e ergueu o punho.

— Está me chamando de mentiroso? — Não duvidei de que fosse me golpear. Queria apenas um pretexto. Eu bem imaginava o tom em que meu pai dissera aquilo. *Covarde*. Pus as mãos em seu peito e empurrei-o com toda a força que tinha. Nossa terra era coberta de relva e trigais. Tombos não machucariam.

Estou procurando desculpas. A terra era coberta também de pedras.

A cabeça do garoto bateu violentamente contra uma delas e vi a surpresa em seus olhos. O chão em volta começou a se encharcar de sangue.

Olhei aquilo com a garganta crispada pelo horror do que fizera. Nunca vira nenhum ser humano morrer até então. Só touros, carneiros ou peixes sem sangue. Vira a morte de homens em pinturas, tapetes, nos desenhos negros dos pratos. Mas aquilo, não: o estertor, a asfixia, a convulsão. E o cheiro do sangue. Fugi.

Mais tarde, encontraram-me estirado junto às raízes nodosas de uma oliveira. Estava trêmulo e pálido, rodeado por meu próprio vômito. Perdera os dados na fuga. Meu pai me observava com ar sombrio, os lábios entreabertos num esgar, revelando os dentes amarelados. Fez um

gesto; os servos me levantaram do chão e me levaram para casa.

Os familiares do menino, poderosos, exigiram imediatamente exílio ou morte. Aquele era seu filho mais velho. Deixariam um rei incendiar seus campos e violentar suas filhas, desde que lhes fosse dada uma compensação. Mas tocar nos filhos de um homem, isso nunca: semelhante ofensa era motivo suficiente para se rebelarem. Conhecíamos as regras; deviam ser respeitadas para evitar a anarquia sempre prestes a eclodir. *Vingança de sangue*. Os servos fizeram o sinal para espantar a desgraça iminente.

Meu pai passara a vida lutando a fim de preservar seu reino e não se arriscaria a perdê-lo por causa de um filho como eu, quando herdeiros e ventres prontos a pari-los eram tão fáceis de conseguir. Concordou: eu seria exilado e acolhido no reino de outro homem. Em troca de meu peso em ouro, lá me criariam até a idade adulta. Eu não teria pais, nome de família nem herança. Nas circunstâncias, a morte seria preferível; mas meu pai era uma pessoa prática. Meu peso em ouro custaria menos que a despesa do pomposo funeral que minha morte exigiria.

Foi assim que completei 10 anos: como órfão. Foi assim que cheguei a Fítia.

A PEQUENINA FÍTIA, o menor de nossos reinos, situava-se ao norte, entre as curvas do monte Ótris e o mar. Seu rei, Peleu, era um desses humanos a quem os deuses amam: não divino, mas inteligente, corajoso, belo e piedoso mais que qualquer outro. Como recompensa, nossas divindades lhe deram por esposa uma ninfa do mar, o prêmio mais honroso que costumavam conceder. De fato, que mortal não gostaria de se deitar com uma deusa e ter dela um filho? O sangue divino purifica nossa raça corrompida, moldando heróis do pó e do barro. E aquela deusa ainda

trazia consigo uma promessa maior: os Fados prognosticaram que seu filho superaria em muito o pai. A descendência de Peleu ficava assim garantida. Porém, como sucede a todos os presentes dos deuses, havia um senão: a própria deusa não concordava com o arranjo.

Todos — inclusive eu — já tinham ouvido a história do rapto de Tétis. Os deuses conduziram Peleu ao lugar secreto onde ela gostava de sentar-se na praia. Aconselharam-no a não perder tempo com galanteios: a deusa jamais consentiria em casar-se com um mortal.

Os deuses advertiram-no também do que poderia acontecer quando ele a subjugasse — pois a ninfa Tétis era astuta como seu pai, Proteu, o escorregadio velho do mar, e sabia como transformar sua pele em milhares de formas de seres cobertos de pelos, penas ou carne. Contudo, ainda que bicos, garras, dentes, estrangulamentos e ferrões pudessem feri-lo, Peleu não deveria desistir.

Peleu, homem piedoso e obediente, fez tudo o que os deuses lhe ensinaram. Esperou que ela emergisse das ondas cinzentas, com seus cabelos longos e negros semelhantes à cauda de um corcel. Então a agarrou e a manteve presa, apesar de seus violentos esforços para se libertar, até que ambos ficaram exaustos, sem fôlego e cobertos de areia. O sangue das feridas que ela lhe infligira misturou-se às manchas da virgindade perdida nas coxas da ninfa. Ela não mais resistiu: o defloramento era um laço tão forte quanto uma promessa de matrimônio.

Os deuses obrigaram-na a jurar que permaneceria ao lado do marido mortal por pelo menos um ano — e ela encarou esse período na Terra como um dever, que de fato era, mas sempre silenciosa, distante e taciturna. Agora, quando ele a possuía, ela não mais se retorcia nem procurava se esquivar em protesto. Ficava estendida, hirta e calada, indiferente e fria como um peixe. Seu ventre relutante gerou apenas um filho. Ao fim do prazo convencionado, saiu da casa e mergulhou no mar.

Só voltava para ver o filho, nunca por outra razão e sempre por pouco

tempo. O menino ficava aos cuidados das amas e dos professores, supervisionados por Fênix, o conselheiro mais confiável de Peleu. Teria esse alguma vez lamentado o presente dos deuses? Uma esposa comum se consideraria feliz por encontrar um marido tão gentil e alegre como Peleu. Porém, para a ninfa marinha Tétis, nada compensaria a mediocridade vil e mortal daquele homem.



Fui conduzido ao longo do palácio por um servo cujo nome não me recordo. Talvez ele não o tenha dito. Achei os salões menores do que os nossos, bem na medida da modéstia do reino que Peleu governava. As paredes e os pisos eram de mármore da região, mais branco do que o encontrado no sul. Meus pés pareciam negros contra sua alvura.

Não trazia nada comigo. Meus poucos pertences haviam sido levados para o quarto e o ouro prometido por meu pai estava a caminho do tesouro. Senti uma espécie de pânico ao me separar dele. Fora meu companheiro durante as semanas de viagem e simbolizava meu valor. Eu decorara seu conteúdo: cinco taças com os suportes cinzelados, um pesado cetro, um colar de ouro, duas estátuas ornamentais de pássaros e uma lira entalhada, com aplicações de ouro nas pontas. Esse último item, eu sabia, era falso. A madeira barata, abundante e pesada roubava o espaço que poderia ser preenchido com o precioso metal. Mas a lira era tão bonita que ninguém lamentaria isso; fizera parte do dote de minha mãe. Durante a viagem, eu de vez em quando enfiava a mão no alforje para acariciar sua madeira polida.

Supus que estava sendo levado para a sala do trono, onde me ajoelharia para expressar minha gratidão. Porém o servo parou de súbito junto a uma porta lateral. Peleu se ausentara e eu seria apresentado a seu filho. Fiquei inquieto. Não fora para aquilo que me preparara, que

ensaiara as devidas palavras no lombo do burro. O filho de Peleu... Lembrava-me ainda da coroa escura em seus cabelos dourados, das solas róseas de seus pés sobre a pista de corrida. *É assim que um filho deve ser.*

Ele estava deitado de costas num banco largo, almofadado, equilibrando uma lira no ventre. Tangia-a distraído. Não me ouviu entrar ou não quis se dar ao trabalho de virar a cabeça. Foi assim que pela primeira vez me dei conta de minha posição ali. Até aquele momento, eu tinha sido um príncipe, esperado e anunciado. Agora eu era insignificante.

Dei outro passo à frente, arrastando os pés, e ele se virou para me olhar. Cinco anos depois de eu o ter conhecido, já não tinha o aspecto viçoso de uma criança. Admirei o brilho frio de seus bonitos olhos de um verde profundo, seus traços delicados como os de uma menina. Senti um súbito desconforto: eu mesmo não mudara tanto, nem ficara tão belo.

Ele bocejou; as pálpebras pesadas.

— Como se chama?

Seu reino era a metade — um quarto, um oitavo — do tamanho do de meu pai. Eu havia matado um menino, fora exilado e ele ainda não me conhecia! Fechei a boca e decidi não falar.

Ele perguntou de novo, em tom mais alto:

— Como se chama?

Meu silêncio fora desculpável da primeira vez; eu poderia não ter ouvido. Entretanto agora não havia desculpas.

— Pátroclo. — Era o nome que meu pai me dera, com esperança, mas não judiciosamente, quando nasci, e deixava um gosto amargo em minha língua. Queria dizer "honra do pai". Esperei que ele fizesse alguma pilhéria, algum gracejo espirituoso sobre minha desgraça. Porém ele não o fez. Talvez, pensei, seja estúpido também.

Virou-se de lado para me observar. Uma mecha de cabelos dourados caiu sobre seus olhos; ele a afastou.

— Meu nome é Aquiles.

Ergui um pouco o queixo para demonstrar que havia entendido. Fitamo-nos por um momento. Então ele piscou e bocejou de novo, abrindo a boca como um gato.

— Bem-vindo a Fítia.

Eu fora criado numa corte e sabia quando estava sendo dispensado.



Naquela tarde, descobri que eu não era o único filho adotivo de Peleu. O modesto rei provou ser rico em filhos repudiados. Ele próprio fora outrora um fugitivo, segundo se dizia, e por isso gozava da reputação de ser muito caridoso para com os exilados. Minha cama era um catre num quarto semelhante a uma cabana, cheia de outros meninos que brigavam e vadiavam. Um servo me mostrou onde minhas coisas tinham sido guardadas. Alguns garotos levantaram a cabeça, curiosos. Estou certo de que um deles falou comigo, perguntando meu nome. E estou certo de que respondi. Depois, eles voltaram a seus jogos. *Esse aí não é importante*. Caminhei meio sem jeito para meu catre e esperei o jantar.

Um sino de bronze, no interior do palácio, nos chamou para cear ao crepúsculo. Os meninos interromperam suas brincadeiras e precipitaram-se para o corredor. A edificação fora construída como uma toca de coelho, cheia de corredores sinuosos e cubículos. Eu quase pisei nos calcanhares do garoto que ia à minha frente, receoso de ficar para trás e me perder.

A ampla sala de refeições situava-se na parte da frente do palácio e suas janelas se abriam para as encostas do Monte Ótris. Era grande o bastante para acolher todos nós e muitos mais; o rei Peleu gostava de receber e regalar. Sentamo-nos em bancos de carvalho, diante de mesas cujos tampos vinham sendo arranhados pelos pratos havia anos. A

comida era simples, mas abundante — peixe salgado, pão e queijo temperado com ervas. Não havia carne, nem de carneiro nem de boi. A carne era só para a realeza ou para os dias de festa. Do outro lado da mesa, tive o vislumbre de uma cabeleira brilhante à luz das tochas. *Aquiles*. Estava sentado com um grupo de meninos que riam desbragadamente de algo que ele dissera ou fizera. *É assim que um príncipe deve ser*. Olhei para meu pão, para seus grãos ásperos que picavam a pele de meus dedos.

Depois do jantar, recebemos licença para fazer o que quiséssemos. Alguns meninos se juntaram num canto, para um jogo qualquer.

— Quer jogar? — perguntou-me um deles. Seus cabelos ainda conservavam os cachos da infância. Era mais novo que eu.

— Jogar?

— Dados. — Ele abriu a mão para mostrá-los. Eram de osso, com os pontos pintados de tinta preta.

Dei um passo para trás, sobressaltado.

— Não — respondi, com a voz um pouco estridente.

Ele arregalou os olhos surpreso.

— Está bem. — Deu de ombros e saiu.

Naquela noite, sonhei com o garoto morto, o crânio esfacelado como um ovo contra o chão. *Ele me seguira.* O sangue se espalhara negro como vinho derramado. Seus olhos estavam muito abertos e sua boca começava a se abrir. Tapei os ouvidos com as mãos. Diz-se que as vozes dos mortos enlouquecem os vivos. *Não posso ouvi-lo falar*.

Acordei cheio de terror, receando ter gritado. O brilho das estrelas, entrando pela janela, era a única luz; pelo que eu podia ver, não havia lua. O ruído de minha respiração quebrava o silêncio e a aspereza do lençol de junco do catre estalava debaixo de mim, arranhando-me as costas com seus dedos finos. A presença dos outros meninos não me tranquilizou; os mortos voltam para se vingar ainda que haja

testemunhas.

As estrelas deslizaram no céu e, em algum ponto, a lua surgiu. Quando cerrei de novo os olhos, o menino ainda me esperava, coberto de sangue e com o rosto branco como marfim. Sim, esperava. Nenhuma alma gosta de ser lançada antes do tempo nas trevas sem-fim do mundo subterrâneo. O exílio pode satisfazer a cólera dos vivos, mas não aplaca os mortos.

Acordei com os olhos ardendo, os membros lassos e embotados. Os outros meninos, à minha volta, já estavam vestidos e cheios de entusiasmo para o novo dia. Rapidamente se espalhara o boato sobre minha estranheza e nenhum deles se aproximou de mim de novo, com dados ou outra coisa qualquer. Ao desjejum, engoli com dificuldade nacos de pão, que empurrava para dentro da boca com os dedos. Serviram-me leite. Bebi.

Depois, levaram-nos ao pátio ensolarado e poeirento de ginástica para treinarmos na lança e na espada. Ali, pude apreciar plenamente o alcance da bondade de Peleu: bem treinados e agradecidos, um dia lhe forneceríamos um belo exército.

Deram-me uma lança. Uma mão calejada corrigiu repetidamente minha empunhadura. Arremessei, e a arma roçou a casca do carvalho, que era o alvo. O mestre suspirou e passou-me uma segunda lança. Meus olhos passearam pelos outros garotos, à procura do filho de Peleu. Não estava lá. Mirei novamente o carvalho, de cuja casca rachada e perfurada escorria seiva. Arremessei.

O sol se alçava mais e mais no céu. Minha garganta seca ardia por causa da poeira quente. Quando os mestres nos dispensaram, muitos garotos foram para a praia, onde ainda sopravam algumas brisas. Ali, jogaram dados e correram, pilheriando nos dialetos rudes e quase ininteligíveis do norte.

Eu sentia os olhos pesados e meu braço doía por causa do esforço da

manhã. Sentei-me à sombra tênue de uma oliveira a fim de contemplar as ondas. Ninguém conversou comigo. Era fácil ignorar-me. Como em minha casa, aliás.



No dia seguinte, tudo igual. Exercícios fatigantes de manhã, solidão durante as longas horas da tarde. À noite, a lua foi ficando cada vez menor no céu. Mirei-a até poder vê-la de olhos fechados, a curva amarelada brilhando contra o escuro de minhas pálpebras. Talvez ela mantivesse longe as visões do garoto morto. Nossa deusa da lua tem poderes mágicos, poderes sobre os mortos. Seria fácil para ela banir os sonhos, se quisesse.

Mas não o fez. O garoto voltou, noite após noite, com seus olhos arregalados e seu crânio fendido. Às vezes, virando-se, mostrava-me o ferimento em sua cabeça, de onde pendia a massa mole do cérebro. Outras vezes, tentava tocar-me. Eu acordava, mergulhado em pavor, mantendo os olhos fixos nas trevas até o amanhecer.

# Capítulo 4

As refeições na sala abobadada eram meu único consolo. Ali, as paredes não pareciam me pressionar tanto e a poeira do pátio não se acumulava em minha garganta. O vozerio constante cessava quando as bocas se enchiam de comida. Então eu podia me sentar sozinho com meu prato e respirar de novo à vontade.

Eram as únicas ocasiões em que eu encontrava Aquiles. Ele vivia isolado, em sua qualidade de príncipe, cumprindo deveres em que não nos imiscuíamos. Porém tomava todas as refeições conosco, circulando por entre as mesas. Naquela sala tosca, sua beleza refulgia como uma chama, viva e cintilante, obrigando-me a contemplá-lo. O contorno de sua boca lembrava um arco curvado; seu nariz, uma flecha aristocrática. Quando se sentava, seus membros não ficavam desengonçados como os meus, mas assumiam naturalmente uma graça perfeita, como se posasse para um escultor. Talvez, o mais notável nele fosse a modéstia. Não se pavoneava como outros garotos bonitos. Na verdade, parecia não se dar conta da impressão que causava nos meninos à sua volta. E isso era estranho, pois eles o cercavam como um bando de cães famintos, de línguas pendentes.

Eu via tudo isso de meu lugar numa mesa de canto, revirando um naco de pão entre os dedos. A ponta aguda de minha inveja era como uma fagulha que escapa da chama.

Certa vez, ele se sentou mais perto de mim do que de costume: na mesa ao lado. Seus pés cobertos de poeira se moviam impacientes sobre a laje enquanto comia. Não eram rachados nem calosos como os meus, mas róseos e delicadamente bronzeados sob a camada de sujeira. *Príncipe* —

murmurei para mim mesmo.

Ele se virou, como se tivesse me ouvido. Por um segundo, nossos olhares se cruzaram e meu corpo estremeceu. Baixei a cabeça e concentrei-me em meu pão. Meu rosto ardia e minha pele formigava como na iminência de uma tempestade. Quando, por fim, arrisquei-me a olhar de novo, ele já havia se acomodado à sua mesa e conversava com os outros meninos.

Depois disso, procurei ser mais discreto, mantendo a cabeça baixa e os olhos prontos a se desviar. Ele, porém, era mais hábil: pelo menos uma vez, durante a refeição, virava-se e me surpreendia antes que eu pudesse fingir indiferença. Aqueles segundos — aquelas frações de segundo — em que nossos olhares se encontravam eram os únicos momentos, no dia, em que eu sentia alguma coisa. Uma reviravolta súbita no estômago, um rápido acesso de ira. Eu era como um peixe hipnotizado pelo anzol.



Na quarta semana do meu exílio, entrei na sala de refeições e encontrei-o à mesa onde eu sempre me sentava. Minha mesa, como me habituara a pensar, pois ninguém mais queria partilhá-la comigo. Agora, por causa dele, ela estava tomada por um bando de garotos que se acotovelavam. Estremeci, hesitando entre a fuga e a cólera. A cólera prevaleceu. Aquela mesa me pertencia, Aquiles não a tiraria de mim, pouco importava quantos companheiros tivesse consigo.

Sentei-me no último lugar vazio, de ombros tensos como se me preparasse para uma luta. Em volta, os meninos se pavoneavam, tagarelando sobre uma lança e um pássaro morto na praia, sobre as corridas da primavera... Eu não os ouvia. A presença de Aquiles era como uma pedra em minha sandália, impossível de ignorar. Sua pele tinha o matiz do azeite que acaba de ser espremido, era lisa como

madeira polida, sem as manchas e os arranhões que enfeavam a nossa.

Finda a refeição, retiraram-se os pratos. Pela janela da sala, avistávamos a lua alaranjada suspensa nas sombras do crepúsculo. Mas Aquiles se demorava. Absorto, afastou da testa os cabelos, que haviam crescido desde que eu chegara. Estendeu a mão para uma travessa de figos e retirou um punhado.

Com movimentos rápidos do pulso, foi atirando os figos para o alto — um, dois, três —, fazendo malabarismos com eles com tanta leveza que a pele delicada dos frutos permanecia intacta. Acrescentou um quarto, depois um quinto. Os garotos, entusiasmados, batiam palmas. Mais, mais!

Os figos voavam, manchas indistintas no ar, tão rápido que pareciam não lhe tocar as mãos e saltar por vontade própria. Malabarismos eram truques de prestidigitadores e mendigos, mas ele fazia deles algo mais, um arabesco vivo pintado no espaço, tão belo que nem mesmo eu consegui fingir desinteresse.

O olhar de Aquiles, que até então acompanhara o movimento dos frutos, se encontrou com o meu. Não tive tempo para disfarçar antes que ele dissesse em voz baixa, mas distinta:

— Pegue!

Um figo se destacou do arabesco e, descrevendo um círculo gracioso, voou em minha direção. Recebi-o nas mãos espalmadas, macio e tépido. Percebi que os garotos aplaudiam.

Um por um, Aquiles recolheu os frutos que restavam e devolveu-os à mesa com um floreio de artista. Menos o último, que levou à boca, a polpa escura se abrindo para revelar as sementes rosadas entre seus dentes. O fruto estava perfeitamente maduro, suculento. Sem pensar, aproximei também dos lábios o que ele me atirara. Sua doçura granulosa encheu minha boca; a pele era aveludada contra minha língua. Sempre gostei de figos.

Ele se levantou e os meninos se despediram em coro. Pensei que fosse olhar para mim de novo. Porém apenas se virou e desapareceu, recolhendo-se a seu quarto no outro lado do palácio.



No dia seguinte, Peleu voltou e fui conduzido à sua presença, na sala do trono, abafada e cheia de fumaça da lenha que queimava na lareira. Ajoelhei-me respeitosamente, saudei-o e recebi seu lendário sorriso bondoso.

— Pátroclo — murmurei, em resposta à sua pergunta. Já estava quase acostumado à brevidade desse nome, sem o de meu pai para complementá-lo. Peleu fez um leve aceno de cabeça. Pareceu-me velho, encurvado, embora não tivesse mais de 50 anos, a idade de meu pai. Não lembrava em nada o homem que conquistara uma deusa e gerara um filho como Aquiles.

— Você está aqui porque matou um menino. Você entende isso?

Esta era a crueldade dos adultos. *Você entende isso?*

— Sim — eu disse a ele. Poderia ter dito mais, falado dos sonhos que me deixavam exaurido e de olhos vermelhos, dos gritos que me feriam a garganta enquanto eu procurava sufocá-los. Das estrelas que percorriam lentamente seu caminho pela noite, diante de meus olhos insones.

— Você é bem-vindo aqui. Ainda pode se tornar um grande homem. — Para ele, essas palavras eram um incentivo.



Mais tarde, naquele dia, talvez por ele ou por algum servo de ouvidos apurados, os garotos finalmente souberam o motivo de meu exílio. Era de se esperar. Eu os surpreendera muitas vezes bisbilhotando outros

meninos; boatos eram a única moeda de troca entre eles. Ainda assim, intrigou-me a mudança que se instaurara em seus rostos, contraídos de medo ou fascínio quando eu passava. Agora, até o mais arrojado sussurrava uma prece quando esbarrava comigo: a má sorte é contagiosa, e as *Erínias*, nossos cruéis espíritos de vingança, nem sempre fazem distinções. Os garotos espiavam de uma distância segura, assustados. *Será que elas beberão o sangue dele?*

Seus cochichos me incomodavam, tornavam amarga a comida em minha boca. Eu pegava o prato e ia para algum canto ou corredor onde me sentava sem ser perturbado, exceto por um ou outro servo de passagem. Meu pequeno mundo ficou menor ainda: não ia além das fendas no chão, das espirais entalhadas nas paredes, que eu percorria de leve com as pontas dos dedos.



— Soube que você estava aqui. — Uma voz cristalina como as águas geladas de um regato.

Ergui a cabeça. Eu estava numa despensa, sentado com os joelhos encostados ao peito, em meio a cântaros de azeite espesso. Imaginara-me um peixe prateado à luz do sol ao saltar das ondas. Porém essas se dissiparam, voltaram a ser ânforas e sacos de trigo.

Era Aquiles, postado à minha frente. Com uma expressão séria e seus olhos verdes fixos em mim. Senti-me culpado. Não devia estar ali e sabia bem disso.

— Vim à sua procura — disse ele. Essas palavras soaram inexpressivas aos meus ouvidos; não diziam nada que eu pudesse captar.

— Você não compareceu aos exercícios da manhã.

Enrubesci. Por trás da culpa, a raiva foi se avolumando, lenta e cegamente. Ele tinha o direito de me castigar, mas eu o odiava por isso.

— Como sabe? Você nunca vai lá.

— O mestre percebeu sua ausência e disse a meu pai.

— E seu pai o mandou. — Eu queria fazê-lo sentir-se mal por seu papel subserviente.

— Não, vim por conta própria. — A voz de Aquiles era glacial, mas notei que sua mandíbula se contraía ligeiramente. — Ouvi por alto o que diziam. Quis verificar se por acaso você não estava se sentindo bem.

Não respondi. Ele me observou por um instante.

— Meu pai está pensando em algum castigo — disse por fim.

Eu sabia o que aquela frase significava. O castigo era físico e quase sempre em público. Um príncipe nunca seria açoitado — mas eu não era mais um príncipe.

— Você não está doente — disse ele.

— Não — respondi balbuciando.

— Então não poderá usar isso como desculpa.

— O quê? — Tomado de medo, eu não conseguia entendê-lo.

— Não poderá usar isso como desculpa para estar aqui. — Seu tom era paciente. — Se não quer ser punido, o que vai dizer?

— Não sei.

— Terá de dizer alguma coisa.

Sua insistência me irritou.

— O príncipe é você — resmunguei.

Isso o surpreendeu. Ele inclinou um pouco a cabeça, como um pássaro curioso.

— Como assim?

— Fale com seu pai e diga que estávamos juntos. Ele me perdoará. — Eu não confiava muito nesse expediente. Se falasse a meu pai em defesa de outro menino, ele seria chicoteado do mesmo jeito. Mas eu não era Aquiles.

Ele franziu de leve o cenho, cerrando os olhos.

— Não gosto de mentir — ele disse.

Era o tipo de franqueza ingênua de que os outros garotos zombavam; ainda que alguém a tivesse, não deveria revelá-la.

— Então me leve para suas aulas — propus. — Não seria, então, uma mentira.

Aquiles arqueou as sobrancelhas e olhou-me fixamente. Permanecia imóvel, o tipo de imobilidade que não parecia própria a nenhum ser humano. Nele, só o que palpitava eram o pulso e a respiração — como um cervo atento ao zunido do arco do caçador. Contive o fôlego.

De repente, sua expressão mudou. Ele havia tomado uma decisão.

— Siga-me — disse ele.

— Para onde? — eu perguntei cauteloso. Agora talvez fosse punido por sugerir uma fraude.

— Para minha aula de lira. Assim, como você diz, não mentiremos. Depois conversaremos com meu pai.

— Agora?

— Sim. Por que não? — Olhou-me curioso. *Por que não?*

Quando me levantei para segui-lo, meus membros doíam por eu ter ficado tanto tempo no chão frio. Meu peito palpitava sem que eu soubesse o motivo. Fuga, perigo, esperança — tudo ao mesmo tempo.



Atravessamos em silêncio os corredores sinuosos e chegamos por fim a um pequeno aposento, onde só havia um grande baú e alguns bancos. Aquiles apontou para um deles e me sentei sobre aquele pedaço de couro esticado sobre a armação de madeira nua. A cadeira de um músico. Eu só vira iguais quando os bardos vinham, muito raramente, tocar junto à lareira de meu pai.

Aquiles abriu o baú, tirou dali uma lira e estendeu-a para mim.

— Eu não sei tocar — confessei.

Ele franziu a testa.

— Nunca tocou?

Estranhamente, eu não tive coragem de desapontá-lo.

— Meu pai não gosta de música.

— E daí? Seu pai não está aqui.

Segurei a lira. Era fria e suave ao toque. Dedilhei as cordas, extraindo algumas notas quase indistintas. Era a lira que ele empunhava quando cheguei.

Aquiles se debruçou de novo sobre o baú, apanhou outro instrumento e veio juntar-se a mim.

Pousou-o nos joelhos. A madeira tinha incrustações de ouro e brilhava, e ele o manipulava com muito cuidado. Era a lira de minha mãe, que meu pai enviara como parte de meu preço.

Aquiles feriu uma corda. A nota soou cálida e vibrante, docemente pura. Minha mãe sempre instalava sua cadeira perto dos bardos que nos visitavam, tão perto que meu pai franzia o cenho e os criados murmuravam. Lembrei-me, subitamente, do brilho escuro em seus olhos à luz das chamas, enquanto ela acompanhava o movimento das mãos do bardo. Sua expressão era a de uma pessoa sedenta.

Aquiles feriu outra corda e uma nota vibrou no ar, mais grave que a primeira. Sua mão procurou uma cravelha e apertou-a.

*É a lira de minha mãe*, quase cheguei a dizer. As palavras estavam em meus lábios e atrás delas outras se atropelavam. *É a* minha *lira.* Porém não disse nada. Como reagiria ele a semelhante declaração? A lira era dele agora.

Engoli em seco.

— É bonita.

— Foi meu pai quem me deu — disse ele descuidadamente. Contudo, o modo como seus dedos a seguravam, com a maior delicadeza, me

impediu de dar vazão à cólera.

Ele nem percebeu.

— Pode pegá-la, se quiser.

Eu conhecia a maciez daquela madeira como minha própria pele.

— Não — eu falei, apesar da dor em meu peito. *Não vou chorar diante dele*.

Aquiles ia dizer alguma coisa quando o mestre entrou — um homem de meia-idade. Tinha as mãos calosas de um músico e carregava sua própria lira, lavrada em nogueira escura.

— Quem é este aí? — ele perguntou. Sua voz era áspera e estridente. Um músico, mas não um cantor.

— Este é Pátroclo — respondeu Aquiles.

— Ele não sabe tocar, mas quer aprender.

— Não neste instrumento. — E a mão do homem se adiantou para arrebatar-me a lira. Instintivamente, meus dedos se aferraram a ela. Não era tão bonita quanto a de minha mãe, mas ainda assim podia ser considerada um instrumento de príncipes. Eu faria de tudo para não soltá-la.

Entretanto não precisei fazer nada. Aquiles travou-lhe o pulso antes que o homem a tocasse.

— Neste instrumento, sim, se ele quiser.

O mestre se enfureceu, mas não disse palavra alguma. Aquiles soltou-o e ele foi se sentar amuado.

— Comecemos — ele disse.

Aquiles assentiu e debruçou-se sobre a lira. Nem tive tempo para refletir sobre sua intervenção. Seus dedos correram pelas cordas e todos os meus pensamentos se desfizeram. O som era puro e doce como água, picante como limão. Eu nunca ouvira música assim antes. Tinha o calor do fogo, a textura e a densidade do marfim polido. Grandiosa e serena ao mesmo tempo. Alguns fios de cabelo penderam sobre sua testa enquanto

ele tocava. Eram finos como as próprias cordas da lira e brilhavam.

Ele interrompeu a execução, afastou os cabelos e virou-se para mim.

— Agora, você.

Sacudi a cabeça desalentado. Não podia tocar naquele momento. Nem nunca, se em vez disso pudesse ouvi-lo.

— Não, continue — disse eu.

Aquiles voltou ao instrumento e a música ressoou novamente. Dessa vez, ele cantou também, entremeando seu próprio acompanhamento com uma voz de soprano rica e clara. Sua cabeça pendeu um pouco para trás, mostrando a garganta flexível, de um tom suavemente dourado. Um leve sorriso contraiu o canto esquerdo de sua boca. Sem querer, inclinei-me para a frente.

Quando ele por fim terminou, senti um estranho vazio no peito. Eu o vi erguendo-se para guardar as liras e fechar o baú. Dispensou o mestre, que se virou e saiu da sala. Demorei a perceber que ele esperava por mim.

— Agora, vamos falar com meu pai.

Não ousei dizer nada, apenas sacudi a cabeça e segui-o pelos corredores angulosos até a presença do rei.

# Capítulo 5

Aquiles deteve-me à porta guarnecida de bronze da sala de audiências de Peleu.

— Espere aqui — ele disse.

Peleu estava sentado em sua cadeira de espaldar alto na outra extremidade do recinto. Tinha junto de si um homem mais velho, que eu já vira com ele, e parecia que ambos estiveram conferenciando. A lareira expelia uma fumaça espessa e a sala estava quente, aconchegante.

As paredes exibiam tapeçarias de cores vivas e velhas armas que os servos mantinham sempre brilhantes. Aquiles se adiantou e ajoelhou-se aos pés do rei.

— Pai, eu vim pedir seu perdão.

— Hum? — surpreendeu-se o rei, franzindo o cenho.

— Pois fale. — De onde eu estava, seu rosto me pareceu frio e contrariado. Um medo súbito me invadiu. Tínhamos interrompido a conversa; Aquiles sequer batera à porta.

— Tirei Pátroclo de seus exercícios. — Meu nome soava estranho em seus lábios; quase não o reconheci.

As sobrancelhas de Peleu se juntaram ainda mais.

— Quem?

— O Menecíada — explicou Aquiles. *Filho de Menécio.*

— Ah! — O olhar do rei seguiu o tapete até o lugar onde eu estava, e me esforcei muito para não me mexer.

— Sim, o menino que o mestre de armas quer açoitar.

— Sim. Porém ele não teve culpa. Esqueci-me de dizer que o queria para meu companheiro. — *Therapon* foi o termo que empregou. Um

camarada de armas ligado a um príncipe por juramentos de sangue e por afeto. Na guerra, esses homens formavam sua guarda de honra; na paz, eram seus conselheiros mais íntimos. Tratava-se de um posto de grande prestígio, outro motivo pelo qual os garotos viviam rodeando o filho de Peleu, exibindo-se; queriam ser escolhidos.

Os olhos de Peleu se estreitaram.

— Venha cá, Pátroclo.

O tapete era espesso sob meus pés. Ajoelhei-me um pouco atrás de Aquiles. Podia sentir o olhar do rei fixo sobre mim.

— Nos últimos anos, Aquiles, tenho lhe recomendado companheiros e você os dispensou a todos. Por que este garoto?

Eu próprio poderia ter feito essa pergunta. Não tinha nada a oferecer a semelhante príncipe. Por que então ele se compadecera de mim? O rei e eu aguardávamos sua resposta.

— Ele é surpreendente.

Ergui os olhos intrigado. Se Aquiles pensava assim, ele era o único.

— Surpreendente — repetiu Peleu.

— Sim — confirmou Aquiles. E não disse mais nada, embora eu esperasse que dissesse.

Peleu esfregou o nariz pensativo.

— Esse menino é um exilado com uma mácula sobre si. Não acrescentará brilho nenhum à sua reputação.

— Não preciso dele para isso — garantiu Aquiles. Sem orgulho nem arrogância. Com honestidade.

Peleu não deixou de lhe dar razão.

— Todavia, outros garotos ficarão com inveja por você ter escolhido justamente ele. Que vai lhes dizer?

— Não lhes direi nada. — A resposta veio sem hesitação, clara e incisiva.

— O que faço não é da conta deles.

Senti o sangue pulsar violentamente em minhas veias, temendo a cólera de Peleu. Porém ela não veio. Pai e filho se entreolharam; um laivo de satisfação perpassou pelo canto da boca do rei.

— Levantem-se, vocês dois.

Eu obedeci atordoado.

— Eu pronunciarei sua sentença.

— Aquiles: você pedirá desculpas a Anfidamas e Pátroclo fará o mesmo.

— Sim, pai.

— Isso é tudo. — E Peleu se voltou novamente para seu conselheiro. Estávamos dispensados.



Lá fora, Aquiles se descontraiu.

— Vejo-o ao jantar — disse, virando-se para partir.

Uma hora antes, eu ficaria feliz por me ver livre dele; agora, estranhamente, senti-me um pouco aflito.

— Aonde vai?

Ele se deteve.

— Treinar.

— Sozinho?

— Sim. Ninguém me vê lutar. — Era como se já estivesse acostumado a dizer aquilo.

— Por quê?

Ele me fitou por um longo instante, como se pesasse as palavras.

— Minha mãe o proibiu. Por causa da profecia.

— Que profecia? — Eu nunca ouvira falar em profecia nenhuma a seu respeito.

— Que eu serei o maior guerreiro de minha geração.

Parecia uma dessas travessuras que as crianças aprontam, fazendo de conta. Porém ele falou com a maior simplicidade, como se estivesse dizendo seu nome.

A pergunta que eu queria lhe fazer era: *e você é o melhor?* Em vez disso, balbuciei:

— Quando essa profecia foi feita?

— Quando nasci. Um pouco antes. Ilítia veio e comunicou-a à minha mãe.

Ilítia, a deusa dos partos, que segundo se diz preside em pessoa o nascimento dos semideuses. Daqueles cuja vinda ao mundo é importante demais para ser deixada ao acaso. Eu me esquecera: *a mãe dele era uma deusa.*

— Todos conhecem a profecia? — arrisquei, procurando não pressionar demais.

— Alguns sim, outros não. Mas é por causa dela que vou treinar só. — Porém ele não foi. Ficou me observando. Parecia à espera de alguma coisa.

— Bem, então nos vemos ao jantar — disse eu finalmente.

Com um aceno de cabeça, ele se afastou.



Quando cheguei, ele já estava sentado à minha mesa, rodeado pela algazarra costumeira dos garotos. Eu não contara muito com sua presença ali, achava que talvez houvesse sonhado com os acontecimentos daquela manhã. Acomodei-me e fitei-o rapidamente, quase com um sentimento de culpa, e desviei o olhar. Meu rosto estava vermelho, eu sabia disso. Senti as mãos pesadas e inábeis quando peguei a comida. Tinha consciência de cada bocado que engolia, de cada expressão em minha face. A comida estava muito boa naquela noite: peixe assado com limão e

ervas; queijo e pão frescos. Ele comeu bem. Os garotos nem deram por mim. Havia muito tempo que não me enxergavam.

— Pátroclo. — Aquiles não pronunciou apressadamente meu nome, como as pessoas em geral faziam, atropelando-o como para se verem livres dele o mais rápido possível. Ao contrário, escandiu cada sílaba: *Pá-tro-clo*. O jantar terminava, os servos iam recolhendo os pratos. Ergui a cabeça. Os meninos estavam silenciosos, observando com interesse. Aquiles raramente nos chamava pelo nome.

— Esta noite, você dormirá em meu quarto — ele disse. Fiquei tão espantado que minha boca quase se escancarou. Porém aqueles garotos estavam ali, e eu fora educado com orgulho de príncipe.

— Está bem — disse eu.

— Um servo levará seus pertences para lá.

Eu podia ouvir os pensamentos dos garotos curiosos, como se houvessem sido pronunciados em voz alta. *Por que justamente este?* Peleu dissera a verdade: muitas vezes, encorajara mesmo Aquiles a escolher companheiros. Mas ele nunca tivera interesse por nenhum dos candidatos, embora se mostrasse polido para com todos, como convinha à sua educação. E agora concedia essa honra tão esperada ao mais improvável de nós: pequeno, ingrato e provavelmente amaldiçoado.

Virou-se para sair e eu o segui, tentando não tropeçar, sentindo os olhares de todos os que continuavam à mesa cravados em minhas costas. Passamos por meu quarto, pela sala principal com seu trono de espaldar alto e, depois de mais uma volta, chegamos a uma parte do palácio onde eu ainda não estivera — uma ala que descia até a praia. As paredes eram decoradas com padrões brilhantes que assumiam um tom cinzento à passagem da tocha empunhada por Aquiles.

Seu quarto se localizava tão perto da praia que o ar cheirava a sal. Ali não havia pinturas murais, somente a pedra nua e um único tapete macio. Os móveis eram simples, mas bem feitos, de madeira de fibras

escuras que devia ter vindo do estrangeiro. A um canto, avistei um catre volumoso.

— É seu — disse ele, apontando para o catre.

— Ah! — exclamei. Um "obrigado" não parecia ser a resposta adequada.

— Está cansado? — ele perguntou.

— Não.

Ele assentiu com um aceno de cabeça, como se eu houvesse dito uma coisa muito sensata.

— Eu também não.

Imitei seu aceno. Lá estávamos nós dois, cautelosamente polidos, balançando a cabeça como passarinhos. Fez-se um longo silêncio.

— Quer me ajudar no malabarismo?

— Eu não sei como.

— Não se preocupe. Eu lhe ensino.

Lamentei ter dito que não estava cansado. Não queria fazer papel de bobo na frente dele. Entretanto sua expressão era animada e eu seria grosseiro se me recusasse.

— Tudo bem.

— Quantos você consegue segurar?

— Não sei — respondi.

— Estenda a mão.

Estendi a mão, com a palma voltada para cima. Ele pousou a sua sobre a minha. Tentei não estremecer. Sua pele era macia, ligeiramente gordurosa após a refeição, e a polpa dos dedos, friccionando os meus, estava quente.

— Mais ou menos do mesmo tamanho. É melhor você começar com duas, então. Pegue estas. — Ele apanhou seis bolas de couro, do tipo que os prestidigitadores usam. Obedientemente, recolhi duas.

— Quando eu disser, atire uma para mim.

Normalmente, eu não gostaria nada de ser controlado dessa maneira. Contudo, estranhamente, as palavras não soavam como voz de comando em seus lábios. Ele começou a brincar com as bolas restantes.

— Agora! — ele disse. Atirei-lhe a bola e vi-a integrar-se facilmente ao círculo que as outras descreviam no ar.

— De novo — pediu ele.

Atirei a outra bola, que foi se juntar às demais.

— Você é bom nisso — disse Aquiles.

Ergui os olhos rapidamente. Estaria ele zombando de mim? Porém sua expressão era de sinceridade.

— Pegue. — Uma bola voou em minha direção, como o figo ao jantar.

O que eu estava fazendo não exigia muita habilidade, mas ainda assim fiquei contente. Sorríamos os dois, satisfeitos a cada recepção e arremesso bem-sucedido.

Depois de algum tempo, ele parou e bocejou.

— É tarde — disse ele. Fiquei surpreso ao ver, pela janela, a lua alta no céu; nem notara a passagem dos minutos.

Sentei-me no catre e observei-o arrumar a cama, lavar o rosto com a água de um cântaro e desatar a fita de couro que prendia seus cabelos. O silêncio me deixou de novo inquieto. *Por que eu estava ali?*

Aquiles apagou a tocha.

— Boa noite — disse.

— Boa noite. — Essas palavras soaram estranhas em meus lábios, como se fossem de outra língua.

O tempo passou. Ao luar, eu podia apenas entrever seu rosto perfeitamente esculpido, do outro lado do quarto. Seus lábios estavam entreabertos, um braço estendido descuidadamente sobre a cabeça. Dormindo, parecia outro — belo, porém frio à luz da lua. Desejei que acordasse, para que a vida pudesse retornar.



Na manhã seguinte, após o desjejum, voltei ao quarto dos meninos, esperando que meus pertences estivessem ali de novo. Mas não: as cobertas de minha cama tinham sido retiradas. Vistoriei outra vez o local após o almoço, após os exercícios com lança e antes de me recolher: meu antigo aposento continuava vazio e desarrumado. *Paciência.* Prudentemente, voltei ao quarto de Aquiles, esperando no fundo que um servo me detivesse. Isso não aconteceu.

Antes de entrar, hesitei. Ele estava lá, estirado no leito como da primeira vez que o vi, uma das pernas balançando.

— Olá — cumprimentou-me. Se houvesse mostrado alguma hesitação ou surpresa, eu teria preferido dar meia-volta e regressar à minha esteira nua do que permanecer ali. Mas não mostrou. Seu tom continuava amistoso e seus olhos estavam atentos.

— Olá — respondi. E, entrando, dirigi-me para meu catre do outro lado do quarto.



Aos poucos, fui me acostumando à situação. Já não me assustava quando ele se dirigia a mim. Já não esperava recriminações. Já não temia ser mandado embora. Após o jantar, meus pés me levavam para seu quarto, por força do hábito, e eu considerava o catre onde dormia propriedade minha.

À noite, ainda sonhava com o garoto morto. Entretanto, ao acordar, banhado em suor e aterrorizado, a lua refletida na água lá fora estava mais luminosa e eu podia ouvir o marulho das ondas contra a costa. Na luz difusa, ouvia sua respiração tranquila, sua silhueta imobilizada no sono. A despeito de mim mesmo, meu pulso esmorecia. Havia nele,

mesmo adormecido, uma vivacidade que fazia a morte e os espíritos parecerem puerilidades. Depois de algum tempo, eu sentia que o sono voltava. Então os sonhos se abrandavam e desapareciam.

Eu ouvira dizer que ele não era tão contido quanto se pensava. Por baixo de sua calma e de seu equilíbrio havia outra face, turbulenta e multifacetada como uma pedra preciosa, ansiando por vir à luz. Ele gostava de se superar, apanhando coisas de olhos fechados, ensaiando saltos impossíveis sobre camas e bancos. Quando sorria, a pele do canto dos lábios se repuxava como uma folha diante da chama.

Ele próprio era como uma chama. Seus olhos resplandeciam. Havia em Aquiles uma graça que não o abandonava nem mesmo ao despertar, com os cabelos revoltos e a face ainda pesada de sono. De perto, seus pés nem pareciam deste mundo: o formato dos dedos era perfeito, os tendões se alongavam como cordas de lira. A cor rósea dos calcanhares, calejados pelo hábito de andar descalço, havia adquirido um tom esbranquiçado. O pai mandava-o esfregá-los com óleos que cheiravam a sândalo e romã.

Agora, antes de adormecermos, ele me contava as peripécias do dia. A princípio, eu só escutava, mas depois fui me soltando. Narrava-lhe também minhas histórias — primeiro, as sucedidas no palácio; depois, fragmentos do que ocorrera *antes*: os seixos atirados à água, o cavalinho de madeira com que brincava, a lira do dote de minha mãe.

— Que bom que seu pai a mandou junto com você — disse ele.

Logo nossas conversas varavam a noite. Fiquei surpreso ao constatar quanta coisa havia para dizer sobre tudo — a praia, o jantar, este ou aquele garoto.

Deixei de suspeitar de zombarias, do rabo de escorpião oculto em suas palavras. Ele não dizia nada com segundas intenções; e ficava intrigado quando alguém fazia isso. Certas pessoas talvez confundissem semelhante atitude com ingenuidade. No entanto, abrir o coração não é, de certo modo, uma característica de gênio?



Uma tarde, quando me preparava para deixá-lo a fim de que se dirigisse a seus exercícios, ele perguntou:

— Por que não vem comigo? — Sua voz parecia um pouco forçada; se eu não achasse isso impossível, teria pensado que estava nervoso. O clima de descontração que se estabelecera entre nós ficou tenso de repente.

— Está bem — eu disse.

Na calma da tarde, o palácio dormitava ao calor e estávamos inteiramente livres. Tomamos o caminho mais longo, pela senda tortuosa que atravessava o olival, até a casa onde ficavam guardadas as armas.

Parei à porta, enquanto ele escolhia uma lança e uma espada para se exercitar, ambas de pontas levemente embotadas. Estendi a mão para pegar as minhas, mas hesitei.

— Eu devo...? — Ele balançou a cabeça. *Não.*

— Eu não luto com outras pessoas — ele me disse.

Eu o segui até a arena, me mantendo do lado de fora.

— Nunca?

— Não.

— Então como sabe que... — Pus-me de lado enquanto ele se postava no centro, de lança na mão, a espada pendendo do ombro.

— Que a profecia é verdadeira? Não sei.

O sangue divino flui diferentemente em cada filho nascido de um deus. A voz de Orfeu fazia as árvores chorarem, Héracles podia matar um homem batendo-lhe nas costas. O milagre de Aquiles era a velocidade. Sua lança, quando ele a vibrou, movia-se tão rápido que meus olhos não podiam acompanhá-la. Girava, adiantava-se e recuava como um relâmpago. O cabo parecia deslizar em sua mão e a ponta escura cintilava

como a língua de uma serpente. Seus pés calcavam a areia como se dançassem, sempre em movimento.

Fiquei parado, observando. Mal respirava. O rosto de Aquiles, sereno e inexpressivo, não revelava a tensão do esforço. Seus movimentos eram tão precisos que eu podia imaginar os homens com os quais ele lutava — dez, vinte, avançando de todos os lados. Saltando e vibrando a lança, tirou com a outra mão a espada da bainha. Empunhando ambas, girou como uma massa líquida, como um peixe atravessando as ondas.

De repente, ele parou. Eu ouvia sua respiração, só um pouco mais alta que o normal, no ar calmo da tarde.

— Quem o treinou? — perguntei. Não me ocorreu mais nada para dizer.

— Meu pai. Um pouco.

Um pouco. Quase fiquei assustado.

— Ninguém mais?

— Não.

Dei um passo à frente.

— Lute comigo.

Aquiles emitiu um som que lembrava um riso.

— Não. Claro que não.

— Lute comigo. — Eu estava como que em transe. Ele fora treinado — um pouco — por seu pai. E o resto, aprendera com quem? Com os deuses? Eu nunca ouvira falar que os deuses se dispusessem a isso. Aquiles fazia parecer bonito aquela nossa arte toda feita de golpes e suor. Compreendi por que o pai não o deixava lutar diante dos outros. Quem se orgulharia da própria habilidade sabendo que havia alguém como Aquiles no mundo?

— Eu não quero.

— Eu te desafio.

— Você não tem armas.

— Posso ir buscá-las.

Aquiles se ajoelhou e pousou as armas no chão. Seus olhos encontraram os meus.

— Não vou fazer isso. E não me peça de novo.

— Pedirei, sim. Você não pode me impedir.

Avancei sobre ele, com ar de desafio. Alguma coisa agora latejava fortemente em mim, queimando-me — uma impaciência, uma certeza. Eu desejava aquilo. Ele me daria.

Seu rosto se virou e pensei ter percebido nele um sinal de cólera, que não me desagradou nem um pouco. No mínimo, minha petulância o irritaria e o obrigaria a lutar. Meus nervos vibravam com essa sensação de perigo.

Porém ele se afastou, deixando as armas sobre a areia.

— Volte — eu pedi. E em seguida, mais alto: — Volte! Está com medo?

Sem se virar, ele emitiu de novo aquele som que parecia um riso.

— Não, não estou.

— Pois deveria. — Proferi essas palavras com escárnio, para aliviar a tensão, mas elas não soaram assim no ar suspenso entre nós. Ele continuou de costas, imóvel, inabalável.

*Vou obrigá-lo a se virar*, pensei. Minhas pernas deram velozmente os cinco passos que nos separavam e choquei-me contra suas costas.

Aquiles cambaleou para a frente e eu me agarrei a ele. Caímos sobre o chão e ouvi o ar que escapava de seus pulmões. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Aquiles já havia rolado para o lado e segurava meus pulsos. Eu me debati, sem saber bem o que fazer. Porém ali havia resistência e aquilo era algo com que eu podia lidar.

— Solte-me! — gritei, tentando me desvencilhar.

— Não. — Num movimento rápido, ele deslizou para cima de mim, imobilizando-me com os joelhos fincados em minha barriga. Arquejei furioso, mas estranhamente satisfeito.

— Nunca vi ninguém lutar como você — desabafei. Confissão ou acusação, ou ambas.

— Você ainda não viu nada.

Não me contive, apesar do tom brando de sua voz.

— Sabe o que quero dizer.

Seus olhos eram indecifráveis. Acima de nós, as azeitonas verdes balançavam suavemente ao vento.

— Talvez. O que você quer dizer?

Fiz força para me libertar e ele me soltou. Sentamo-nos; nossas túnicas estavam sujas e coladas às nossas costas.

— Quero dizer... — não concluí. Eu estava agora em ligeira vantagem por causa da raiva e da inveja acesas em mim como se fossem uma fagulha. Contudo as palavras amargas me morreram nos lábios. — Não há ninguém como você — eu completei, finalmente.

Ele me observou por um instante, em silêncio, então disse:

— E daí?

Alguma coisa em seu tom apagou em mim o último resquício de cólera. Eu a sentira antes. Mas quem era eu agora para me permitir tal coisa?

Como se tivesse me ouvido, ele sorriu. E seu rosto parecia o sol.

# Capítulo 6

Logo depois disso, nossa amizade transbordou como fontes que irrompem das montanhas. Antes, todos os garotos e eu pensávamos que os dias de Aquiles eram cheios de instrução principesca, aprendizado político e exercícios militares. Mas eu já sabia da verdade havia muito tempo: além das aulas de música e do treinamento com armas, ele não aprendia nada. Um dia, íamos nadar; no outro, subir em árvores. Inventávamos jogos, corridas e acrobacias. Deitávamo-nos na areia tépida e desafiávamos:

— Adivinhe no que estou pensando agora.

No falcão que avistáramos da janela.

No menino com um dente da frente quebrado.

No jantar.

E enquanto nadávamos, brincávamos ou conversávamos, um sentimento nos invadia. Pelo modo como me inflava o peito, parecia medo. Vinha como lágrimas, docemente. Porém não era nada disso, mas, sim, algo leve que devia ser pesado, algo vivaz que devia ser lânguido. Eu conhecera o contentamento antes, breves lapsos de tempo em que perseguia prazeres somente meus: atirando seixos à água, brincando com os dados ou sonhando. Contudo, na verdade, aquilo era menos uma presença que uma ausência, uma suspensão passageira do medo; nem meu pai nem os meninos estavam por perto. Não me sentia faminto, cansado ou doente.

Tudo estava diferente. Surpreendi-me rindo até minhas bochechas doerem e meu couro cabeludo formigar como se estivesse prestes a se desprender de minha cabeça. Minha língua fugia a qualquer tentativa de

controle, na vertigem da liberdade. Tagarelava sobre tudo. Não precisava me controlar para não falar demais. Já não me envergonhava de ser muito magro ou muito lento. Eu contei a ele isso, aquilo e aquilo mais. Ensinei-o a arremessar seixos e ele me ensinou a entalhar madeira. Eu podia sentir cada nervo em meu corpo, cada lufada de vento contra minha pele.

Ele tangia a lira de minha mãe e eu o observava. Quando era a minha vez, meus dedos se enroscavam nas cordas e o mestre perdia a paciência comigo. Eu pouco me importava.

— Toque de novo — pedia então a Aquiles. E ele tocava até eu mal poder distinguir seus dedos na penumbra.

Percebi então quanto eu havia mudado. Não me importava de ser vencido quando corríamos, quando nadávamos até as rochas, quando atirávamos a lança ou quando arremessávamos seixos. Pois quem se envergonharia de perder para tamanha beldade? Já era muito vê-lo ganhar, admirar as solas de seus pés cintilando ao se desprenderem da areia, seus ombros subindo e descendo ao cortar as ondas salgadas. Sim, já era o suficiente.



O VERÃO TERMINAVA, cerca de um ano depois do início do meu exílio, quando enfim lhe contei como matara o garoto. Estávamos empoleirados nos galhos do carvalho do pátio, ocultos pelo emaranhado de folhas. Sentia-me mais à vontade ali, longe do chão, encostado ao sólido tronco da árvore. Ele ouviu em silêncio e, quando terminei, perguntou:

— Por que não disse que agiu em legítima defesa?

Era bem de seu feitio fazer uma pergunta dessas, algo em que eu nunca pensara.

— Não sei.

— Ou então poderia ter mentido. Contado que já o encontrara morto.

Fitei-o confuso ante a simplicidade daquele raciocínio. Sim, eu poderia ter mentido. E, se tivesse feito isso, *ainda seria príncipe.* Não fora o crime que me exilara, mas sim minha falta de astúcia. Agora entendia o desgosto nos olhos de meu pai. O filho estúpido que confessava tudo. Lembrei-me de como suas mandíbulas se cerraram quando narrei o acontecido. *Ele não merece ser rei.*

— Você não mentiria — eu disse.

— Não — ele admitiu.

— Que teria feito então? — eu perguntei.

Ele tamborilou com os dedos no tronco em que estava sentado.

— Não sei. É uma situação que nem consigo imaginar. Quer dizer, a maneira como o garoto se dirigiu a você. — Deu de ombros.

— Ninguém jamais tentou tirar alguma coisa de mim.

— Nunca? — Eu não podia acreditar naquilo. Uma vida sem semelhante incidente me parecia impossível.

— Nunca. — Interrompeu-se por um instante, refletindo.

— Não sei — disse finalmente —, acho que ficaria muito zangado. — Cerrou os olhos e encostou a cabeça num galho. As folhas verdes da árvore, em torno de sua cabeça, pareciam tecer uma coroa.



AGORA, EU VIA FREQUENTEMENTE O REI PELEU. Às vezes, éramos chamados a participar de conselhos e jantares com monarcas visitantes. Permitiam-me sentar ao lado de Aquiles e até falar se quisesse. Eu não queria; gostava de permanecer em silêncio e apenas observar os homens à minha volta. Peleu passara a me chamar de *Skops*, "coruja", por causa dos meus olhos. Era mestre nesse tipo de afeição, geral e nada comprometedora.

Depois que os homens saíam, sentávamo-nos com ele junto à lareira

para ouvir as histórias de sua juventude. O velho, agora frágil e de cabelos brancos, contou-nos que certa vez lutara ombro a ombro com Héracles. Quando eu lhe disse que conhecera Filoctetes, ele sorriu.

— Sim, o escudeiro de Héracles. Foi hábil no manejo da lança, de longe o mais bravo de nós todos. — Também era muito de seu feitio esse tipo de lisonja. Agora eu percebia por que seu tesouro estava repleto de presentes oriundos de tratados e alianças. Entre nossos heróis presunçosos e fanfarrões, Peleu era uma exceção: sempre modesto. Ficávamos ouvindo enquanto os servos iam reabastecendo a lareira. E a manhã já vinha perto quando ele nos mandava para a cama.



Eu só não acompanhava Aquiles quando ele ia ver sua mãe. Saía tarde da noite ou de madrugada, antes que o palácio despertasse, e voltava molhado, com cheiro de mar. Quando lhe perguntei sobre o que acontecia durante esses encontros, respondeu com indiferença, num tom estranhamente impessoal.

— Sempre a mesma coisa. Ela quer saber o que ando fazendo e se estou bem. Discorre sobre minha reputação entre os homens. E no fim pergunta se quero ir com ela.

— Para onde? — perguntei intrigado.

— Para as cavernas submarinas.

É o lugar onde vivem as ninfas marinhas, tão profundo que a luz do sol não chega até lá.

— E você quer?

Ele balançou a cabeça.

— Meu pai diz que não devo. Segundo ele, nenhum mortal que as contempla volta a ser o mesmo.

Depois que ele se afastou, fiz o sinal com o qual os camponeses afastam

a desgraça. *Os deuses proíbem*. Fiquei um pouco amedrontado ao ouvi-lo falar tão calmamente sobre aquele assunto. Em nossas histórias, deuses e mortais não se misturam sem que ocorra grandes problemas. Porém sua mãe era uma deusa, ponderei para me tranquilizar, e ele próprio era um semideus.

Com o tempo, essas visitas à mãe se tornaram mais uma das muitas singularidades de Aquiles às quais me acostumei, como a velocidade maravilhosa de seus pés ou a destreza sobrenatural de seus dedos. Quando o ouvia entrar pela janela ao amanhecer, murmurava da cama:

— Ela está bem?

E ele respondia:

— Sim, muito bem. — E acrescentava em seguida: "Hoje havia muitos peixes" ou "A água na baía estava quente como a de banho". Logo depois, adormecíamos.



Um dia, em minha segunda primavera passada no palácio, ele voltou da visita à sua mãe mais tarde que de costume. O sol já se erguia das águas e os guizos dos carneiros já tilintavam nos montes.

— Ela está bem?

— Sim, muito bem. Ela quer conhecer você.

O medo começou a me dominar, mas eu o controlei.

— Acha que devo ir? — Não conseguia imaginar o que a deusa poderia querer de mim. Era sabido que ela odiava os mortais.

Ele evitou meu olhar. Seus dedos viravam e reviravam um seixo que trouxera da praia.

— Não há perigo nenhum. Amanhã à noite, ela disse. — Compreendi que havia sido uma ordem. Os deuses não pedem. E eu conhecia Aquiles o suficiente para perceber que ele estava constrangido. Ele nunca fora tão

reticente comigo.

— Amanhã?

Ele assentiu.

Eu não queria que ele percebesse meu medo, embora, normalmente, nada escondêssemos um do outro.

— Eu devo... devo levar um presente? Hidromel?

Era o que derramávamos nos altares dos deuses nos dias de festa. Uma de nossas oferendas mais ricas.

Aquiles sacudiu a cabeça.

— Ela não gosta disso.

Na noite seguinte, quando todos no palácio dormiam, saí pela janela de nosso quarto. O semicírculo da lua estava luminoso o bastante para me guiar em meio às pedras sem necessidade de uma tocha. Aquiles me instruíra a ficar parado junto à rebentação, que a deusa apareceria. Eu não precisaria dizer nada, ele acrescentara. Ela saberia de tudo.

As ondas eram tépidas, saturadas de areia. Caminhei pela praia, observando os pequenos caranguejos brancos que deslizavam pela espuma. Com os ouvidos atentos, achei ter distinguido o som de seus passos se aproximando. Uma brisa começou a soprar e, deliciado, cerrei os olhos. Quando os reabri, ela estava à minha frente.

Era mais alta que eu, mais alta que qualquer mulher que eu já tinha visto. Os cabelos negros caíam livremente pelas costas, a pele era luminosa, incrivelmente alva, como se absorvesse a luz da lua. Estava tão perto que eu podia sentir seu perfume, mistura de mar com mel escuro. Eu não respirava. Não me atrevia.

— Você é Pátroclo. — Estremeci ao som daquela voz, áspera e estridente. Eu esperara harmonias, não rangidos de rochas batidas pelas ondas.

— Sim, senhora.

Sua expressão era de desagrado. Os olhos não pareciam humanos:

negros no centro e mosqueados de ouro. Eu não ousava fitá-los.

— Ele será um deus — ela disse. Eu não sabia o que dizer, por isso não disse nada. Ela inclinou-se para a frente e quase pensei que ia me tocar. Mas não o fez, é claro.

— Você compreende? — Eu podia sentir seu hálito em meu rosto, não quente, mas gelado como as profundezas oceânicas. *Você compreende?* Aquiles me advertira de que ela detestava esperar.

— Sim.

Ela se inclinou ainda mais, crescendo diante de mim. Sua boca era uma fenda rubra como o ventre dilacerado de um animal de sacrifício, sangrenta e fatídica. Seus dentes brilhavam — agudos e brancos como marfim.

— Ótimo. — E displicentemente, como se falasse para si mesma, ela disse: — Você morrerá logo.

Ela se virou e desapareceu no mar, sem deixar atrás de si ondulações nas águas.



Não voltei diretamente para o palácio. Não podia. Entrei no bosque de oliveiras a fim de descansar entre os troncos retorcidos e os frutos esparsos pelo chão. Estava longe do mar. Naquele momento, não queria sentir o cheiro do sal.

*Você morrerá logo*. Ela dissera isso friamente, como um fato inquestionável. Não me queria para companheiro do filho, mas nem por isso achava que valia a pena me matar. Para uma deusa, as poucas décadas de vida humana nem sequer constituíam um incômodo.

Entretanto ela queria que ele fosse um deus. Dissera isso naturalmente, como se fosse uma coisa óbvia. Um deus. Eu não podia imaginá-lo como tal. Deuses eram frios e distantes, inatingíveis como a lua, e não tinham

os olhos vivos, a malícia cálida dos sorrisos de Aquiles.

Ela ambicionava demais. Tarefa difícil transformar até mesmo um semideus em criatura imortal. Sim, isso já acontecera antes com Héracles, Orfeu e Órion. Agora repousavam no céu, na forma de constelações, bebendo ambrosia com os deuses. Porém esses homens eram filhos de Zeus, tinham os músculos fortalecidos pelo mais puro sangue que possa jorrar nas veias de um mortal. Tétis era uma deusa menor entre as menores, apenas uma ninfa do mar. Em nossas histórias, essas divindades conseguiam dos deuses mais poderosos os favores que desejavam somente pela lisonja. Elas mesmas quase nada podiam fazer sozinhas. Exceto viver para sempre.



— Em que está pensando? — Era Aquiles, que viera ao meu encontro. Sua voz soou alto no bosque silencioso, mas eu não me assustei. Esperava mesmo que ele aparecesse. E desejara isso.

— Em nada — respondi. Não era verdade. Acho que nunca é.

Ele se sentou ao meu lado, os pés nus e sujos.

— Ela lhe contou que você morrerá logo?

Virei-me para olhá-lo, perplexo.

— Sim — murmurei.

— Sinto muito — disse ele.

O vento agitava as folhas cinzentas acima de nossas cabeças e ouvi o estalido de uma azeitona caindo em algum lugar.

— Ela quer que você seja um deus — falei.

— Sei disso. — Aquiles desviou o rosto, embaraçado, e a despeito de mim mesmo, meu coração ficou mais leve. Fora uma reação pueril. E muito humana. Pais são sempre os mesmos.

Porém a pergunta ainda estava por ser feita; e eu nada poderia fazer se

não soubesse a resposta.

— Você quer ser... — interrompi a frase, confuso, embora houvesse prometido conter-me. Ficara sentado no bosque remoendo aquela pergunta, enquanto esperava a chegada de Aquiles.

— Você quer ser um deus?

Seus olhos estavam escuros na penumbra. Eu não conseguia mais distinguir os pontos dourados no verde.

— Não sei — disse ele por fim. — Ignoro o que isso significa e como acontece. — Ele olhou para as mãos que abraçavam os joelhos. — Eu não pretendo sair daqui. E quando aconteceria? Em breve?

Fiquei aturdido. Não sabia como se formam deuses. Era apenas um mortal.

Ele agora estava sombrio, sua voz ficou estridente.

— Haverá mesmo um lugar como aquele? O Olimpo? Ela sequer sabe como a coisa seria feita. Afirma que sim. Acha que, se eu ficar suficientemente famoso... — Ele se calou.

Isso, pelo menos, eu podia entender.

— Então os deuses o levariam voluntariamente.

Ele assentiu. Porém não respondeu à minha pergunta.

— Aquiles!

Ele se virou para mim, os olhos ainda banhados de frustração, de uma espécie de espanto colérico. Mal tinha 12 anos.

— Você quer ser um deus? — A pergunta, dessa vez, escapou mais fácil dos meus lábios.

— Não ainda — disse ele.

A tensão que até o momento eu mal pressentira diminuiu um pouco. Eu não o perderia tão cedo.

Aquiles pousou o queixo na palma da mão; suas feições pareciam mais belas que nunca, como mármore esculpido.

— Mas gostaria de ser um herói. Acho que poderei sê-lo. Caso a

profecia esteja certa. Caso haja uma guerra. Segundo minha mãe, serei melhor do que Héracles jamais foi.

A isso eu não soube responder. Vaidade materna ou fato real? Pouco importava. *Por enquanto.*

Ele ficou em silêncio por um momento. Depois, virando-se subitamente para mim, disse:

— E você, gostaria de ser um deus?

Essa pergunta, ali no bosque atapetado de musgo e azeitonas, soou aos meus ouvidos como uma pilhéria. Ri e ele logo riu também.

— Acho isso muito pouco provável — brinquei.

Levantei-me e estendi-lhe a mão. Ele a segurou e se levantou também. Nossas túnicas estavam sujas e meus pés formigavam um pouco por causa do sal que secara sobre a pele.

— Havia figos na cozinha.

— Eu vi — disse ele.

Tínhamos apenas 12 anos. Jovens demais para que algo nos inquietasse durante muito tempo.

— Aposto que comerei mais que você.

— Então corra!

Eu ri. E corremos.

# Capítulo 7

No verão seguinte, fizemos 13 anos — ele primeiro, depois eu. Nossos corpos começavam a esticar-se, repuxando as juntas até deixá-las frágeis e doloridas. No brilhante espelho de bronze de Peleu, eu quase não me reconhecia — magro e desengonçado, pernas de cegonha e queixo pontiagudo. Aquiles continuava maior que eu, ultrapassando-me muito na estatura. Logo ficamos do mesmo tamanho, mas ele amadureceu primeiro, com uma rapidez impressionante, nutrido talvez pela divindade em seu sangue.

Os outros garotos também cresciam. Agora, quase sempre, ouvíamos gemidos por trás de portas fechadas e víamos sombras se esgueirando para suas camas antes do amanhecer. Em nossas terras, o homem costuma possuir uma mulher antes de ter barba cerrada. Porém, é de se esperar, bem mais cedo procura as servas; poucos chegam
ao leito nupcial sem ter feito isso. Só os de pouca sorte não o fazem: fracos demais para concorrer com os outros, feios demais para atrair, pobres demais para pagar.

Era costume, nas cortes, manter todo um batalhão de mulheres de ascendência nobre para servir a dona da casa. Contudo Peleu não tinha esposa em seu palácio, de modo que as mulheres, ali, eram, em sua maioria, escravas, compradas ou capturadas nas guerras, quando não eram filhas das que o haviam sido. Durante o dia serviam vinho, esfregavam o chão ou lidavam na cozinha. À noite, pertenciam aos soldados ou aos garotos acolhidos, aos reis visitantes ou ao próprio Peleu. Os ventres túmidos que daí resultavam não eram motivo de vergonha, eram lucro: mais escravos. Nem sempre havia violência nessas

uniões; frequentemente elas aconteciam por consentimento mútuo ou mesmo afeição. Pelo menos, era isso que sustentavam os homens quando se referiam às suas conquistas amorosas.

Teria sido fácil, muito fácil para Aquiles ou eu levar uma daquelas jovens para a cama. Aos 13 anos, já estávamos até atrasados a esse respeito, sobretudo ele, pois os príncipes eram famosos por seus apetites violentos. Ao contrário, ficávamos só observando os outros garotos divertindo-se com mulheres ao colo ou Peleu chamar a mais bonita a seu quarto após a ceia. Certa vez, ouvi mesmo o rei oferecê-la ao filho. Porém ele respondera, em tom quase de desafio: *Esta noite, estou muito cansado.* Depois, quando nos dirigíamos para o quarto, ele evitou meu olhar.

E quanto a mim? Eu ficava tímido e calado na presença de todos, à exceção de Aquiles. Mal conseguia conversar com outros garotos, quanto mais com uma mulher! Como companheiro do príncipe, suponho que nem precisasse falar; um gesto ou um olhar bastariam. Mas semelhante ideia não me ocorreu. Os sentimentos que me agitavam à noite pareciam estranhamente alheios àquelas servas com seus olhos baixos e sua obediência. Quando um garoto remexia na veste de uma mulher, eu notava o enfado nos olhos dela ao servir o vinho. Eu não queria aquilo para mim.



Uma noite, ficamos até tarde na sala de Peleu. Aquiles se deitou no chão, com um braço sob a cabeça à guisa de travesseiro. Eu me sentei mais formalmente numa cadeira. Não por causa de Peleu, apenas. É que sentia um pouco de vergonha do comprimento exagerado de meus novos membros.

Os olhos do velho rei estavam semicerrados. Contava-nos uma história.

— Meléagro foi o guerreiro mais hábil de sua época, mas também o

mais orgulhoso. Queria o melhor de tudo; e, como o povo o amava, teve sempre o que quis.

Meus olhos se desviaram para Aquiles. Seus dedos se agitavam no ar. Muitas vezes, fazia isso quando estava compondo uma nova canção. A história de Meléagro — pensei —, tal qual o pai a narrava.

— Mas um dia o rei de Cálidon disse: "Por que precisamos dar tanto a Meléagro? Há por aqui outros homens igualmente merecedores".

Aquiles se mexeu e a túnica colou-se a seu peito. Naquele dia, eu ouvira uma serva sussurrar para uma amiga: "Acha que o príncipe olhou para mim, ao jantar?". O tom era esperançoso.

— Meléagro soube das palavras do rei e enfureceu-se.

Naquela manhã, ele saltara para minha cama e esfregara o nariz no meu. "Bom dia", dissera. E eu me lembrava do calor de sua pele contra a minha.

— Disse então: "Não lutarei mais para você". Recolheu-se à sua casa e buscou conforto nos braços da esposa.

Senti um toque no pé. Era Aquiles, que sorria para mim do chão.

— Cálidon tinha inimigos ferozes. Quando souberam que Meléagro não mais lutaria...

Pressionei meu pé contra o dele provocativamente. Seus dedos envolveram meu tornozelo.

— Atacaram. E a cidade de Cálidon sofreu baixas terríveis.

Aquiles me puxou e deslizei por metade do assento da cadeira. Segurei-me firmemente à borda para não cair.

— Então o povo foi pedir a ajuda de Meléagro. E... Aquiles, está ouvindo?

— Sim, pai.

— Não, não está. Está atormentando nosso pobre Skops.

Tentei parecer aborrecido. Mas tudo o que sentia era o frescor em meu tornozelo, onde pouco antes tinham estado seus dedos.

— Talvez seja melhor assim. Estou cansado. Terminaremos a história numa outra noite.

Levantamo-nos e desejamos boa-noite ao velho. Entretanto, quando nos virávamos para sair, ele disse:

— Aquiles, vá procurar a garota de cabelos claros na cozinha. Ela está enamorada de você, segundo me contaram.

Seria difícil saber se o rosto de Aquiles parecia mudado apenas por causa do brilho das chamas da lareira.

— Talvez, pai. Estou cansado esta noite.

Peleu riu baixinho, como se aquilo fosse uma pilhéria.

— Creio que ela conseguirá reanimá-lo. — E despediu-se de nós.

Precisei apressar o passo para alcançá-lo, a caminho de nosso quarto. Lavamos o rosto em silêncio, mas alguma coisa doía em mim, como um dente cariado. Não podia me calar.

— Aquela garota... Você gosta dela?

Do outro lado do quarto, Aquiles se virou para mim.

— Por quê? Você gosta?

— Não, não! — exclamei, enrubescendo.

— Não foi isso o que eu quis dizer. — Nunca, desde os primeiros dias, me sentira tão pouco à vontade com ele.

— Eu quis dizer, você quer...

Aquiles correu em minha direção e jogou-me sobre a cama, debruçando-se sobre mim.

— Estou farto de falar sobre ela — desabafou.

Um calor me subiu pelo pescoço, como se dedos estivessem pressionando meu rosto. Seus cabelos se esparramaram em volta de minha cabeça e eu só conseguia sentir o cheiro daquela pele. Seus lábios estavam quase encostados aos meus.

Então, como naquela manhã, ele se foi. Atravessou o quarto e se serviu de um último copo de água. Seu rosto parecia impassível, calmo.

— Boa noite — ele disse.



Durante a noite, na cama, as imagens vêm. Começam como sonhos, como carícias que deslizam sobre meu corpo durante o sono do qual desperto trêmulo. Fico estendido, acordado, mas ainda assim elas se acercam, uma nesga de pescoço entrevista à luz da chama, a curva de um quadril que se inclina. Mãos macias e fortes se estendem, procurando me tocar. Conheço essas mãos. Porém mesmo agora, por trás da escuridão de minhas pálpebras cerradas, não consigo dar nome àquilo que quero. De dia, sinto-me inquieto, nervoso. Nem andando, cantando ou correndo consigo mantê-las a distância. Elas se aproximam e não podem ser detidas.



Um dos primeiros dias claros de verão. Estamos na praia após o almoço, encostados a um pedaço de madeira lançado pelo mar. O sol já está alto no céu e o ar à nossa volta é tépido. Ao meu lado, Aquiles se mexe e seu pé roça no meu. Está frio, róseo pelo atrito com a areia, macio depois do inverno passado dentro de casa. Ele murmura alguma coisa, um trecho de canção que tocara outrora.

Viro-me para olhá-lo. Sua face é lisa, sem as manchas e espinhas que começam a afligir os outros rapazes. Suas feições foram buriladas por mão segura; nada muito agudo ou torneado, nada grande demais — tudo preciso, recortado com a lâmina mais afiada. No entanto, o efeito geral não conserva vestígios dessa lâmina.

Aquiles se vira e me surpreende olhando para ele.

— Que foi? — pergunta.

— Nada.

Posso sentir seu cheiro. Os óleos que ele usa nos pés — romã e sândalo; o sal de seu suor puro; os jacintos sobre os quais nós caminhamos — cujo aroma aderiu aos nossos tornozelos. Por baixo de tudo isso, seu cheiro próprio, aquele com o qual vou dormir; aquele com o qual acordo. É doce, mas não só; é forte, mas não muito; lembra a amêndoa, mas não exatamente. Às vezes, depois de lutarmos, minha própria pele adquire esse aroma.

Ele abaixa uma das mãos, para lhe servir de apoio. Os músculos de seus braços se encurvam ligeiramente, aparecendo e desaparecendo à medida que o corpo se move. Seus olhos de um verde profundo estão cravados nos meus.

Meu pulso lateja violentamente, sem que eu saiba nomear o motivo. Ele já me fitou milhares e milhares de vezes, mas agora há algo diferente em seu olhar, uma intensidade nova. Minha boca está seca e posso ouvir o som de minha garganta quando engulo.

Ele continua me olhando. Parece esperar alguma coisa.

Ensaio um movimento quase imperceptível em sua direção. É como saltar de uma cachoeira. Ainda não sei bem o que fazer. Inclino-me para ele e, desajeitadamente, nossos lábios se tocam. São como os corpos arredondados das abelhas, macios e semeados de pólen. Sinto o gosto de sua boca — quente e doce como o mel da sobremesa. Meu estômago se agita e uma gota tépida de prazer se espalha sob minha pele. *Mais.*

A força do meu desejo — a velocidade com que desabrocha — me abala; afasto-me dele alarmado. Por um instante, um instante apenas, eu entrevejo seu rosto emoldurado pela luz da tarde, os lábios ligeiramente abertos, ainda esboçando um beijo. Os olhos, escancarados de surpresa.

Estou desnorteado. O que foi que eu fiz? Porém não tenho tempo de me desculpar. Aquiles se põe de pé e recua. Seu rosto impassível, impenetrável e distante congela as explicações em minha boca. Vira-se e

sai correndo pela praia, o garoto mais rápido do mundo, e desaparece.

A ausência dele esfriou meu flanco. Sinto a pele rígida e meu rosto, bem sei, está vermelho e áspero como uma queimadura.

*Oh, deuses*, penso, *não permitam que ele me odeie!*

Eu deveria saber que invocar os deuses é inútil.



Quando dei a volta para entrar no jardim, lá estava ela, reta e brilhante como uma lâmina. O vestido azul e úmido colava-se a seu corpo. Os olhos escuros cravaram-se nos meus e os dedos frios, sobrenaturalmente alvos, me agarraram. Meus pés se entrechocaram no ar quando ela me ergueu do chão.

— Eu vi — sibilou ela. O som das ondas quebrando-se nos rochedos.

Eu não conseguia falar. Ela me segurava pela garganta.

— Aquiles vai embora. — Seus olhos agora eram negros como escarpas umedecidas pelo mar e igualmente aguçados.

— Eu deveria tê-lo mandado para longe há muito tempo. Não tente segui-lo.

Eu já não podia mais respirar. No entanto, não me debati. Pelo menos sabia que não era conveniente fazer isso. Ela se calou, mas pensei que logo iria continuar. Não o fez. Apenas me soltou e eu caí inerme no chão.

Desejos de mãe. Em nossas terras, não valiam muita coisa. Porém ela era, acima de tudo, uma deusa.

Quando voltei ao quarto, já havia escurecido. Aquiles estava sentado na cama, olhando os pés. Ergueu a cabeça, quase esperançoso, quando me postei na soleira. Não falei; os olhos negros de sua mãe ainda cintilavam diante de mim, bem como os tornozelos de meu companheiro voando sobre a areia da praia. *Perdoe-me, foi um equívoco.* Era o que eu diria na ocasião, se não fosse por sua mãe.

Entrei no quarto e sentei-me em minha cama. Ele se agitou, buscando-me com o olhar. Não se parecia com a mãe do modo como os meninos costumam se parecer com um dos pais — no contorno do queixo, no formato dos olhos. A semelhança estava mais nos movimentos, na pele luminosa. Filho de deusa. Que teria eu podido esperar que acontecesse?

Mesmo de onde estava, podia sentir nele o cheiro do mar.

— Devo partir amanhã — disse Aquiles. Era quase uma acusação.

— Oh — eu murmurei. Minha boca estava túmida e entorpecida, embotada demais para formar palavras.

— Vou estudar com Quíron. — Fez uma pausa e prosseguiu: — Foi ele quem educou Héracles. E Perseu.

*Não ainda*, ele me dissera. Porém sua mãe decidira de outra forma.

Levantou-se e tirou a túnica. Fazia calor, estávamos no auge do verão e nos acostumáramos a dormir nus. A luz da lua se refletia em seu ventre liso, musculoso, sombreado de finos pelos castanhos que iam escurecendo em direção ao púbis. Desviei o olhar.

Na manhã seguinte, ele saltou da cama e se vestiu. Eu já estava acordado; não pregara olho a noite toda. Vislumbrei-o por entre as pálpebras semicerradas, fingindo dormir. De vez em quando, ele se virava para mim. Na penumbra, sua pele parecia cinzenta e polida como o mármore. Pôs a mochila ao ombro e estacou, pela última vez, na soleira. Ainda vejo sua silhueta emoldurada pelos umbrais de pedra, os cabelos soltos, desarrumados pelo sono. Fechei os olhos e um instante se passou. Quando os abri de novo, estava sozinho.

# Capítulo 8

Ao desjejum, todos sabiam que ele havia partido. Seus cochichos e olhares seguiram-me até a mesa, demorando-se sobre mim enquanto eu pegava a comida. Mastiguei e engoli, embora o pão fosse como pedra em meu estômago. Ansiei por estar bem longe do palácio; precisava de ar.

Caminhei até o bosque de oliveiras, sentindo a terra seca sob meus pés. Perguntei-me se deveria buscar o convívio dos outros garotos, agora que Aquiles se fora. Teria algum deles visto o que eu fizera? Quase desejei que sim. *Castiguem-me*, pensei.

Senti o cheiro do mar. Estava por toda parte, em meus cabelos, em minhas roupas, em minha pele pegajosa. Mesmo ali no bosque, atapetado de folhas e terra mofadas, aquele miasma salgado me perseguia. Meu estômago revirou por um instante e pressionei-o contra o tronco nodoso de uma árvore. A casca áspera friccionou minha fronte, acalmando-me. *Preciso me livrar desse cheiro*, pensei.

Caminhei para o norte, para a estrada do palácio, uma faixa poeirenta aplainada por rodas de carroças e cascos de cavalos. Logo adiante do pátio, ela se bifurcava. Uma trilha corria para o sul e o oeste, em meio a campos relvados, rochedos e colinas; por aquele caminho eu viera, fazia três anos. A outra serpenteava para o norte, rumo ao Monte Ótris, e, ultrapassando-o, ia ter ao Monte Pélion. Segui-a com os olhos. Bordejava os sopés cobertos de matas antes de desaparecer entre eles.

O sol me fustigava — quente e impiedoso no céu de verão — como se quisesse me empurrar de volta para o palácio. Porém eu resistia. Ouvira dizer que nossas montanhas eram belas, coroadas de pereiras, ciprestes e

regatos de gelo recém-fundido. Lá haveria sombra e frescor. Bem longe da canícula da praia e do revérbero das ondas.

*Posso ir embora.* O pensamento foi rápido, aliciante. Eu tomara a estrada pensando unicamente em fugir do mar. Entretanto ele se estendia diante de mim até as montanhas. *Até Aquiles*. Meu peito arfou, como para acompanhar o atropelo dos meus pensamentos. Eu não possuía nada: nem uma túnica, nem uma sandália; tudo era de Peleu. *Não preciso nem mesmo arrumar minha bagagem.*

Só a lira de minha mãe, guardada no baú de madeira do quarto, me fez hesitar por um momento. Talvez pudesse voltar para apanhá-la. Mas já era meio-dia. Restava-me apenas a tarde para fugir antes que dessem pela minha ausência — tentava assim me valorizar — e mandassem alguém em meu encalço. Relanceei o olhar para o palácio e não vi ninguém. Os guardas estavam em outra parte. *É agora. Tem de ser agora.*

Eu corri. Para longe do palácio, pelo caminho que levava às matas, as solas dos pés ardendo contra o chão incandescente. Enquanto corria, prometi a mim mesmo que, caso encontrasse Aquiles de novo, pensaria duas vezes antes de fazer qualquer coisa. Aprendera já o que custava agir intempestivamente. A dor em minhas pernas, o arfar dolorido em meu peito — nada disso importava. Corri.

O suor escorria por minha pele e pingava no chão aos meus pés. Meu corpo ia ficando cada vez mais sujo. Poeira e fragmentos de folhas se colavam em minhas pernas. O mundo à minha volta se estreitou, tinha agora as dimensões de minhas passadas e a extensão da próxima jarda poeirenta a percorrer.

Finalmente... após uma hora? Duas? Eu já não podia mais. Inclinei-me tomado de cãibras, o ardente sol da tarde começava a arrefecer, o latejar do meu sangue ensurdecia meus ouvidos. O caminho agora era ladeado por densas matas e o palácio de Peleu havia ficado muito para trás. À direita, assomava o Ótris e, mais além, o Pélion. Contemplei seu pico e

tentei calcular a distância que nos separava. Dez mil passos? Quinze mil? Retomei a caminhada.

Passaram-se horas. Meus músculos estavam trêmulos e lassos, meus pés se arrastavam trôpegos. Agora o sol ultrapassara em muito o zênite e flutuava baixo no quadrante ocidental. Eu dispunha ainda de quatro, talvez cinco horas antes do anoitecer — mas o pico continuava longe como sempre. De repente, compreendi: jamais chegaria ao Pélion antes do anoitecer. Não tinha comida, nem água, nem esperança de encontrar um abrigo. Tinha apenas as sandálias nos pés e a túnica encharcada no corpo.

Não alcançaria Aquiles, disso já tinha certeza. Ele deixara a estrada e o cavalo havia muito tempo, estava agora subindo as encostas a pé. Um bom rastreador observaria o mato ao lado da estrada, descobriria os talos partidos ou pisados pelos pés de um menino. Porém eu não era um bom rastreador e o mato ao lado da estrada não me dizia coisa alguma. Meus ouvidos zumbiam agredidos pelo canto das cigarras, pelo chamado agudo dos pássaros, pelo ruído de minha própria respiração. Meu estômago doía de fome ou desespero.

Havia, porém, algo mais. Aquele som baixo, quase fora dos limites da audição. No entanto consegui identificá-lo, e minha pele, mesmo ao calor, esfriou. Sim, eu conhecia aquele som: era o de alguém se esgueirando furtivamente, tentando não fazer barulho. Um passo em falso, uma folha levemente pisoteada — mas fora o suficiente.

Apurei os ouvidos, o medo oprimia minha garganta. De onde vinha o ruído? Meus olhos vasculharam o mato de ambos os lados da estrada. Não esbocei o mínimo movimento; qualquer som ecoaria forte nas encostas. Nem pensara em perigos enquanto corria, mas agora minha mente só se concentrava neles: soldados enviados por Peleu ou pela própria Tétis, mãos alvas e frias como a areia em meu pescoço. Ou bandidos. Eu sabia que eles espreitavam pelas estradas, já ouvira

histórias de meninos raptados e mantidos prisioneiros até morrer de maus-tratos. Meus dedos perderam a cor enquanto eu prendia a respiração e permanecia imóvel para não denunciar minha presença. Avistei então uma moita de milefólios em flor que poderia me ocultar. *Agora. Depressa.*

Pressenti um ligeiro movimento no mato ao meu lado e me virei para olhar. Tarde demais. Alguma coisa — alguém — me golpeou por trás, arremessando-me de rosto no chão. Caí pesadamente, com aquele fardo sobre mim. Fechei os olhos e esperei a punhalada.

Nada aconteceu. Nada, a não ser o silêncio e os joelhos que pressionavam minhas costas. Passou-se um instante e ocorreu-me que os joelhos não eram muito pesados e me imobilizavam sem a intenção de ferir-me.

— Pátroclo. — *Pá-tro-clo.*

Não me movi.

Os joelhos se ergueram e mãos me viraram de costas gentilmente. Aquiles me olhava de cima.

— Achei mesmo que viria — disse ele.

Meu estômago revirava — de nervosismo e alívio ao mesmo tempo. Lá estavam aqueles cabelos brilhantes, aquela curva suave dos lábios levemente arqueados. Minha alegria era tão intensa que nem pensei em respirar. Não me lembro do que disse então. Talvez "sinto muito"; ou talvez algo mais. Abri a boca.

— O garoto está ferido? — A voz soou às nossas costas. Aquiles se virou. De onde eu estava, por baixo dele, só conseguia ver as pernas do cavalo do homem — de cor castanha, com os machinhos cobertos de poeira.

A voz soou novamente, contida e incisiva:

— Devo presumir, Aquiles Pelida, que este seja o motivo pelo qual você se demorou a ir ao meu encontro na montanha?

Minha mente se esforçava por compreender. Aquiles não procurara Quíron. Esperara ali. Por mim.

— Saudações, mestre Quíron. E queira desculpar-me. Sim, foi por isso que me demorei. — Apelara para seu tom de voz principesco.

— Percebo.

Gostaria que Aquiles se levantasse logo. Sentia-me ridículo ali no chão, por baixo dele. E amedrontado. A voz do homem não revelava cólera — tampouco doçura. Era clara, grave e sem o mínimo resquício de emoção.

— Levante-se — ordenou o homem.

Aquiles obedeceu, devagar.

Eu teria gritado, se minha garganta não estivesse estrangulada pelo medo. Só consegui emitir um grunhido quase inaudível e recuei de um salto.

As pernas musculosas do cavalo terminavam num tronco igualmente musculoso de um homem. Olhei admirado para a impossível sutura de animal e ser humano, onde a pele macia se tornava pelo castanho brilhante.

Ao meu lado, Aquiles baixou a cabeça.

— Mestre Centauro — disse ele —, lamento muito pelo atraso. Porém tinha de esperar meu companheiro. — Ajoelhou-se, arrastando a túnica imaculada pelo chão poeirento. — Por favor, aceite minhas desculpas. Há muito que desejo ser seu discípulo.

A face do homem — do centauro — era séria como sua voz. Parecia mais velho com sua barba negra cuidadosamente frisada.

Ele observou Aquiles por um momento.

— Não precisa se ajoelhar diante de mim, Pelida, embora eu aprecie essa cortesia. E quem é este companheiro que nos fez esperar?

Aquiles se virou para mim e estendeu-me a mão. Segurei-a hesitante e me levantei.

— Este é Pátroclo.

Houve um silêncio e pressenti que era a minha vez de falar.

— Senhor — murmurei. E também baixei a cabeça.

— Não sou nenhum senhor, Pátroclo Menecíada.

Minha cabeça se ergueu imediatamente à menção do nome de meu pai.

— Sou um centauro, professor de homens. Chamo-me Quíron.

Engoli em seco e sacudi a cabeça num breve cumprimento. Nem pensei em perguntar-lhe como sabia meu sobrenome.

Seus olhos me estudavam.

— Vocês estão cansados, creio eu. Precisam de água e comida. O caminho até minha morada no Pélion é longo, longo demais para que o percorram andando. Temos, pois, de encontrar outro meio.

Virou-se, e eu tentei não reparar muito no modo como suas pernas de cavalo se moviam sob o corpo.

— Montem em mim — disse o centauro. — Em geral, não me disponho a isso logo ao travar conhecimento com alguém. Mas exceções devem ser feitas. — Interrompeu-se. — Vocês aprenderam a cavalgar, suponho?

Apressamo-nos a assentir.

— Que falta de sorte! Então esqueçam o que aprenderam. Não gosto que me esporeiem ou me ponham rédeas. O da frente se agarrará à minha cintura e o de trás se agarrará à cintura dele. Se acharem que vão cair, avisem.

Aquiles e eu nos entreolhamos.

Meu companheiro deu um passo à frente.

— Como devo...?

— Eu me agacharei — disse Quíron. E suas pernas dianteiras se dobraram sobre a poeira. Seu lombo era largo e estava ligeiramente coberto de suor.

— Segure meu braço para se equilibrar — instruiu. Aquiles obedeceu, levantou a perna e montou.

Era a minha vez. Ao menos, eu não iria à frente, muito perto do lugar

onde a pele se transformava em pelo castanho. Quíron estendeu-me o braço e eu o segurei. Era grande e musculoso, coberto por um pelo negro e espesso que em nada se parecia com a cor de sua metade animal. Acomodei-me, com as pernas arqueadas em torno daquele vasto lombo, um tanto desconfortável.

— Agora vou me levantar — disse Quíron.

O movimento foi lento, mas ainda assim procurei me segurar em Aquiles. O centauro ainda não havia se erguido totalmente, mal havia chegado à altura de um cavalo normal, e minhas pernas já balançavam tão acima do chão que eu me sentia tonto. As mãos de Aquiles pousavam de leve no tronco de Quíron.

— Você cairá se não se segurar com força — advertiu o centauro.

Meus dedos já estavam insensíveis de tanto pressionar o tronco de Aquiles. Contudo nem por um instante pensei em afrouxar o aperto. A marcha do centauro era menos estável que a de um cavalo e o chão era desigual. Eu escorregava perigosamente sobre aquele pelo suado.

Não conseguia ver o caminho, mas íamos subindo rapidamente em meio às árvores, levados pelos passos seguros e ritmados de Quíron. Eu estremecia toda vez que uma sacudidela fazia meus calcanhares tocar os flancos do centauro.

Enquanto avançávamos, Quíron ia nos mostrando coisas no mesmo tom sossegado de voz.

*Lá está o monte Ótris.*

*Aqui, no lado norte, o bosque de ciprestes é mais denso, como podem ver.*

*Este regato vai desaguar no rio Apidano, que corta o território de Fítia.*

Aquiles se virava para me olhar, rindo.

Subimos mais e mais; e o centauro, balançando a grande cauda negra, espantava as moscas importunas.

Quíron parou de repente e fui de encontro às costas de Aquiles. Entráramos numa pequena clareira da mata, uma espécie de bosque rodeado por afloramentos rochosos. Ainda não havíamos chegado ao topo, mas ele estava próximo e o céu azul refulgia acima de nós.

— Pronto — disse Quíron, se ajoelhando. Apeamos um pouco hesitantes.

Diante de nós, abria-se uma caverna. Porém dar-lhe esse nome é diminuí-la, pois não era feita de pedra negra, mas sim de quartzo rosa-claro.

— Venham — chamou o centauro. Nós o seguimos, cruzando a entrada que era alta o suficiente para que ele não tivesse de se abaixar. Piscamos, pois estava muito escuro lá dentro, embora mais claro do que deveria estar por causa das paredes de cristal. Ao fundo, havia uma pequena fonte, cujas águas desapareciam pelas reentrâncias da rocha.

Das paredes, pendiam coisas que eu não consegui reconhecer: estranhos utensílios de bronze. Acima, no teto, linhas e manchas de tinta representavam constelações e movimentos celestes. Em prateleiras escavadas na pedra viam-se dezenas de pequenos jarros de cerâmica cobertos por marcas identificadoras. A um canto, instrumentos musicais, liras e flautas; e, ao lado, ferramentas e panelas.

Só havia uma cama na proporção humana, alta e coberta de peles de animais, preparada para Aquiles. Não consegui saber onde o centauro dormia. Talvez não dormisse.

— Sentem-se — disse ele. Ali dentro estava bem fresco, um clima perfeito depois da jornada ao sol, e afundei-me gostosamente em uma das almofadas que Quíron nos indicou. Ele foi até a fonte, encheu dois copos e os trouxe para nós. A água era doce e fria. Bebi, com o centauro postado à minha frente.

— Amanhã você estará cansado e dolorido — advertiu-me. — Será melhor então que coma.

Tirou de uma panela que fervia sobre um pequeno fogo, no fundo da caverna, um ensopado de carne com legumes picados. Havia frutas também, morangos vermelhos e suculentos que ele guardava num buraco da rocha. Comi rapidamente, surpreso por estar com tanta fome. Não tirava os olhos de Aquiles e estremecia meio tonto de alívio ao pensar *que havia escapado*.

Com a minha coragem renovada, apontei para alguns dos instrumentos de bronze na parede e perguntei:

— Para que servem?

Quíron sentou-se à nossa frente, dobrando suas pernas de cavalo.

— Para fazer cirurgias — explicou.

— Cirurgias? — Eu nunca tinha ouvido aquela palavra.

— Curas. Esqueci como vocês são ignorantes nas terras lá embaixo. — Sua voz era neutra, calma, objetiva.

— Às vezes, membros precisam ser extirpados. Uns cortados, outros suturados. Não raro, removendo alguns, salvamos o resto. — Reparou que eu examinava os instrumentos, experimentando-lhes o gume agudo ou serrilhado.

— Gostaria de estudar medicina?

Enrubesci.

— Não sei nada sobre isso.

— Sua resposta nada tem a ver com o que perguntei.

— Lamento, mestre Quíron.

Não queria irritá-lo. *Ele poderia me mandar de volta.*

— Não precisa se desculpar. Basta responder.

Hesitei um pouco.

— Sim. Gostaria de estudar. Parece útil, não?

— Muito útil — concordou Quíron. Virou-se para Aquiles, que

acompanhava atentamente a conversa.

— E você, Pelida? Também acha que a medicina é útil?

— Claro. Mas, por favor, não me chame de Pelida. Aqui, sou apenas Aquiles.

Algo perpassou os olhos escuros de Quíron. Talvez um lampejo de divertimento.

— Muito bem. Vê alguma coisa sobre a qual gostaria de saber mais?

— Aquilo ali — respondeu Aquiles, apontando para os instrumentos musicais, as liras, as flautas e a cítara de sete cordas. — Você toca?

O olhar de Quíron era firme.

— Sim, eu toco.

— Eu também — disse Aquiles. — Ouvi dizer que você ensinou a Héracles e Jasão, embora tivessem certamente os dedos muito duros. É verdade?

— Sim, é.

Aquilo me pareceu irreal por um momento: ele conhecera Héracles e Jasão. Conhecera-os desde crianças.

— Gostaria que me ensinasse.

A face rígida de Quíron se descontraiu.

— Para isso você foi mandado aqui. Para que eu lhe ensine o que sei.

À LUZ MORTIÇA DA TARDE QUE AVANÇAVA, Quíron nos guiou pelas encostas próximas à caverna. Mostrou-nos onde os leões da montanha tinham seus covis e onde se localizava o rio, lento e aquecido pelo sol, onde poderíamos nadar.

— Tome banho, se quiser.

— E Quíron olhou para mim. Eu me esquecera do estado lamentável em que me achava — todo suado e coberto pela poeira da estrada. Corri

os dedos pelo cabelo e senti que estavam cheios de areia.

— Eu vou tomar banho também — apressou-se a dizer Aquiles. Tirou a túnica e eu fiz o mesmo logo depois. A água estava fria, mas não desagradável. Quíron ia nos instruindo da margem:

— Aquelas ali são carpas, estão vendo? E percas. Aquela é uma vimba, que não encontrarão no extremo sul. Podem reconhecê-la pela boca retorcida e a barriga prateada.

Sua voz se misturava ao som das águas correndo sobre as pedras, amenizando qualquer estranhamento que pudesse ter havido entre Aquiles e eu. Percebia-se alguma coisa no rosto de Quíron — firme, calmo, imbuído de autoridade, que nos tornava de novo crianças, sem outro mundo para além da diversão do momento e da ceia da noite. Com ele por perto, era difícil nos lembrarmos do que poderia ter acontecido naquele dia na praia. Até nossos corpos pareciam minúsculos diante do corpanzil do centauro. Como pudéramos pensar que havíamos crescido?

Saímos da água frescos e limpos, sacudindo os cabelos aos últimos raios de sol. Agachei-me na margem e, com pedras, procurei raspar a sujeira e o suor de minha túnica. Teria de ficar nu até ela secar, mas a influência de Quíron já era tão grande que não me importei com isso.

Nós o seguimos de volta à caverna, as túnicas ainda úmidas pendentes dos ombros. Ele parava de vez em quando para mostrar trilhas de lebres, codornizes e gamos. Disse que logo sairíamos à caça e que nos ensinaria a rastrear. Ouvíamos atentos, questionando-o a todo instante. No palácio de Peleu, para nos ensinar, só havia o irritante professor de lira ou o próprio Peleu, que quase sempre caía no sono enquanto falava. Não sabíamos nada da vida nas matas e das outras habilidades sobre as quais Quíron discorrera. Lembrei-me dos aparelhos dependurados nas paredes da caverna, das ervas e dos instrumentos de cura. *Cirurgia* fora a palavra que ele empregara.

Já estava quase totalmente escuro quando entramos de novo na

caverna. Quíron nos incumbiu de algumas tarefas fáceis, juntar lenha e acender a fogueira na entrada. Depois de acendermos o fogo, sentamo-nos à volta, gratos por aquele calor bem-vindo no frio da noite. Nossos corpos estavam agradavelmente fatigados, exaustos pelo exercício; cruzamos as pernas satisfeitos. Falamos sobre aonde iríamos no dia seguinte, mas arrastadamente, em palavras pastosas e lentas de tanto contentamento. A ceia foi um cozido com um tipo fino de pão que Quíron assara em folhas de bronze sobre a fogueira. Para sobremesa, morangos com mel da montanha.

Enquanto as chamas bruxuleavam, meus olhos se semicerraram e mergulhei num estado muito próximo do sono. Estava aquecido, o chão embaixo de mim era macio, coberto de relva e folhas caídas. Não podia acreditar que, ainda naquela manhã, acordara no palácio de Peleu. A pequena clareira na entrada, as paredes brilhantes da caverna eram mais cheias de vida do que aquele palácio esbranquiçado jamais fora.

A voz de Quíron se fez ouvir, assustando-me.

— Devo dizer-lhe que sua mãe me mandou uma mensagem, Aquiles.

Senti os músculos do braço de meu companheiro tensos contra mim. Minha garganta se contraiu.

— Ah, e o que disse ela? — As palavras de Aquiles eram cuidadosas, neutras.

— Que se o filho exilado de Menécio o seguisse, eu deveria impedi-lo de permanecer em sua presença.

Sentei-me totalmente desperto. A voz de Aquiles ecoou displicentemente pela caverna:

— Ela explicou o motivo?

— Não.

Fechei os olhos. Ao menos não seria humilhado diante de Quíron com a história do que ocorrera na praia. Contudo isso era um frágil consolo.

Quíron prosseguiu:

— Sem dúvida, você sabia o que ela pensava do assunto. Não gosto de ser enganado.

Minhas faces ficaram rubras. Ainda bem que estava escuro. A voz do centauro soava mais rude do que antes.

Limpei a garganta, subitamente áspera e seca.

— Sinto muito — ouvi-me dizer. — Não foi culpa de Aquiles. Vim por conta própria. Ele ignorava que eu o faria. Não pensei... — interrompi-me. — Achei que ela não ficaria sabendo.

— Tolice de sua parte. — O rosto de Quíron desaparecia na sombra.

— Quíron... — começou Aquiles, ousadamente.

O centauro ergueu a mão.

— Como é comum, a mensagem chegou hoje de manhã, antes que vocês aparecessem. Assim, a despeito de sua insensatez, não fui enganado.

— Então você já sabia? — perguntou Aquiles. Eu não teria falado com tanta desenvoltura.

— E já decidiu? Ignorará a mensagem?

A voz de Quíron demonstrou certo desconforto.

— Ela é uma deusa, Aquiles, e, além disso, é sua mãe. Você faz tão pouco caso assim dos desejos dela?

— Eu a respeito, Quíron. Porém, neste caso, ela está errada. — Apertava tanto as mãos que eu podia ver seus tendões, mesmo na penumbra.

— E está errada por que, Pelida?

Observei-o na sombra, meu estômago se revirava. Não sabia o que ele iria dizer.

— Ela acha que... — hesitou por um segundo e eu quase prendi a respiração. — Ela acha que Pátroclo é um mortal e, portanto, indigno de ser meu companheiro.

— E você, o que acha? — pressionou Quíron, no tom de quem ignorava

totalmente a resposta.

— Que ele é digno.

Meu rosto ardia. Aquiles, cerrando as mandíbulas, replicara sem nenhuma hesitação.

— Entendo. — O centauro virou-se para mim: — E você, Pátroclo? Julga-se digno?

Engoli em seco.

— Não sei se sou digno. Mas quero ficar aqui. — Parei e senti minha garganta secar de novo. — Por favor.

Fez-se um silêncio. E então Quíron disse:

— Quando trouxe vocês aqui, eu ainda não havia resolvido o que iria fazer. Tétis costuma achar muitas coisas erradas; às vezes, com razão, outras vezes, não.

Sua voz continuava indecifrável. Esperança e desespero lutavam dentro de mim.

— Ela é jovem e tem os preconceitos de sua raça. Eu sou mais velho e gabo-me de poder decifrar um homem com mais clareza. Não faço objeções a que Pátroclo seja seu companheiro.

Meu alívio foi tamanho que me senti vazio por dentro, como se meu corpo houvesse sido atravessado por uma tempestade.

— Ela não vai ficar nada satisfeita, mas já enfrentei a cólera dos deuses antes. — Fez uma pausa. — Bem, está tarde e é hora de vocês dormirem.

— Obrigado, mestre Quíron — disse Aquiles, com voz franca e vigorosa. Levantamo-nos, mas eu ainda hesitava.

— Quero apenas... — apontei para Quíron. Aquiles compreendeu e desapareceu na caverna.

Virei-me para encarar o centauro.

— Partirei, se causar problemas.

O silêncio foi tão longo que pensei não ter sido ouvido. Contudo ele falou, por fim:

— Não vá perder com tanta facilidade o que ganhou hoje.

Ele me desejou boa-noite, e eu fui para junto de Aquiles no fundo da caverna.

# Capítulo 9

Na manhã seguinte, despertei aos suaves sons que Quíron fazia preparando o desjejum. O catre me pareceu macio; tinha dormido bem, profundamente. Espreguicei-me e quase levei um susto ao dar com Aquiles ainda adormecido ao meu lado. Observei-o por um momento, com suas faces róseas e sua respiração tranquila. Alguma coisa me pungiu, logo abaixo da pele; mas nesse instante Quíron me saudou do outro lado da caverna e eu lhe devolvi o cumprimento, um tanto envergonhado. E aquilo foi esquecido.

Depois de comer, acompanhamos Quíron em sua labuta. Era um trabalho fácil, agradável: colher frutas, pegar peixes para o almoço, preparar armadilhas para codornizes. O começo de nossos estudos, se assim podemos chamá-los. Pois Quíron gostava de ensinar não por lições, mas na prática. Quando as cabras que perambulavam pelas encostas adoeciam, aprendíamos a misturar purgativos para seus estômagos em mau estado; e, quando saravam, a fazer cataplasmas para combater seus carrapatos. Quando despenquei numa ravina, fraturando um braço e cortando um joelho, aprendemos a aplicar talas, higienizar feridas e ministrar ervas contra infecção.

Durante uma caçada, depois de acidentalmente espantarmos uma codorniz de seu ninho, ele nos ensinou a deslizar em silêncio e a decifrar os indícios de uma trilha. Então, ao deparar com um animal, saberíamos a melhor maneira de disparar a flecha ou a pedra para provocar uma morte rápida.

Se ficássemos com sede e não tivéssemos um odre, ele nos diria tudo sobre as plantas cujas raízes conservam boa dose de umidade. Quando

um freixo da montanha caiu, aprendemos carpintaria, retirando as cascas, lixando e cortando a madeira. Fiz um cabo de machado e Aquiles fez uma haste de lança; Quíron nos assegurou que logo forjaríamos as lâminas para esses instrumentos.

De manhã e à tarde, nós o ajudávamos com a comida, batendo o leite grosso para a coalhada e o queijo ou limpando o peixe. Aquele era um trabalho que nunca, na qualidade de príncipes, nos fora permitido fazer antes; agora nos entregávamos a ele com entusiasmo. Seguindo as instruções de Quíron, nós víamos deslumbrados a manteiga se formar diante de nossos olhos e os ovos de faisão fritar e endurecer nas rochas aquecidas pelo fogo.

Um mês depois, ao desjejum, Quíron nos perguntou o que mais desejávamos aprender.

— Aquilo — respondi, apontando os instrumentos na parede. *Para cirurgias*, dissera ele. Quíron descreveu-os um por um.

— Cuidado. Esta lâmina é muito afiada. Uso-a quando há carne podre que precisa ser cortada fora. Pressionem a pele em volta da ferida e ouvirão um estalido.

Instruiu-nos em seguida a retraçar os ossos em nossos próprios corpos, deslizando a mão sobre as vértebras proeminentes das costas um do outro. Com o dedo em riste, ia mostrando a localização dos órgãos por baixo da pele.

— Um ferimento em qualquer deles pode ser fatal. Porém, aqui, a morte é mais rápida. — O dedo pressionou a leve concavidade da têmpora de Aquiles. Estremeci ao vê-lo tocar aquele local, que tão precariamente protegia a vida de meu companheiro. Fiquei aliviado quando passamos a outros assuntos.

À noite, deitamo-nos sobre a relva macia diante da caverna e Quíron nos mostrou as constelações, contando suas histórias. Andrômeda curvada diante das mandíbulas do monstro marinho e Perseu pronto a

defendê-la; o cavalo imortal, Pégaso, provido de asas e nascido do sangue que escorrera do pescoço cortado da Medusa. Também nos falou de Héracles, de seus trabalhos e da loucura que o acometeu. Não reconhecendo a esposa e os filhos, agarrou-os e matou-os, tomando-os por inimigos.

Aquiles perguntou:

— Por que ele não conseguiu reconhecer a esposa?

— Por causa da natureza da loucura — explicou Quíron. Sua voz era mais profunda que o habitual. Ele conhecera aquele homem, lembrei-me. Conhecera sua esposa.

— Mas como enlouqueceu?

— Os deuses resolveram puni-lo — disse Quíron.

Aquiles sacudiu a cabeça impaciente.

— Para ela, no entanto, o castigo foi pior. Não se fez justiça nesse caso.

— Lei nenhuma obriga os deuses a serem justos, Aquiles — sentenciou Quíron. — E talvez o maior dos males, no fim de contas, seja ficar na terra quando um ente querido se foi. Não acha?

— Sim, talvez — admitiu Aquiles.

Eu ouvia sem nada dizer. Os olhos de Aquiles faiscavam à luz das chamas, a face nitidamente desenhada contra as sombras oscilantes. Eu a reconheceria disfarçada ou em plena escuridão, pensei; eu a reconheceria mesmo se estivesse louco.

— Muito bem — disse Quíron. — Já lhes contei a lenda de Asclépio e o modo como desvendou os segredos da cura?

Ele havia contado, mas queríamos ouvi-la de novo, a história de como o herói, filho de Apolo, poupara a vida de uma serpente. Essa lambera suas orelhas e limpara-as em sinal de gratidão para que ele pudesse escutá-la sussurrando-lhe os mistérios das ervas.

— Mas foi você quem, na verdade, ensinou-lhe a cura — objetou Aquiles.

— Sim.

— E não se importa com o fato de a serpente ter ficado com todo o crédito?

Os dentes de Quíron cintilaram por entre a barba negra. Ele sorriu.

— Não, Aquiles, não me importo.

Em seguida, meu companheiro tocou a lira, enquanto Quíron e eu ouvíamos. A lira de minha mãe. Aquiles a trouxera consigo.

— Se eu soubesse que você a tinha trazido... — disse-lhe no primeiro dia, quando ele me mostrou a lira. — Quase não vim por não querer me separar dela.

Aquiles sorriu.

— Agora sei como arrastá-lo para qualquer parte.

O sol se pôs atrás dos cumes do Pélion. Estávamos felizes.

O TEMPO PASSAVA DEPRESSA no Monte Pélion, com os dias se sucedendo idilicamente. O ar da montanha agora era frio de manhã, quando nos levantávamos, e só se aquecia timidamente à luz tênue que se filtrava por entre as folhas esmaecidas. Quíron nos forneceu casacos de pele e dependurou mantas de couro na entrada da caverna para mantê-la quente. Durante o dia, buscávamos lenha para as fogueiras de inverno ou salgávamos carne para conservá-la. Os animais ainda não se haviam retirado para seus covis, mas logo o fariam, garantiu-nos Quíron. Bem cedo, observávamos admirados a folhagem coberta pela geada. Só conhecíamos a neve por intermédio dos bardos e das histórias; nunca a tínhamos visto.

Certa manhã, eu acordei e percebi que Quíron havia saído. Não era um fato incomum. Ele muitas vezes se levantava antes de nós para ordenhar as cabras ou colher frutas para o desjejum. Saí também para não

perturbar o sono de Aquiles e sentei-me na clareira, à espera do centauro. As cinzas da fogueira da noite anterior estavam brancas e frias. Sem nada para fazer, aticei-as com uma vara, atento aos rumores da mata. Uma codorniz piava nas moitas e um pombo emitiu seu chamado queixoso. Ouvi um estalido, provocado pelo vento ou pelo andar incauto de algum animal. Logo eu teria mais lenha para reanimar o fogo.

Pressenti algo de estranho e um arrepio percorreu minha espinha. Primeiro, a codorniz silenciou, depois o pombo. As folhas se aquietaram e a brisa cessou, mas nenhum animal se moveu no mato. O silêncio lembrava uma respiração contida. Ou uma lebre encolhida à sombra de um falcão. Eu podia sentir minhas veias latejando sob a pele.

Pode ser — pensei — mais uma das pequenas mágicas, dos pequenos milagres de Quíron, como esquentar água ou acalmar animais.

— Quíron? — chamei. Minha voz era débil, trêmula. — Quíron?

— Não sou Quíron.

Virei-me. Tétis estava de pé na orla da clareira, a pele branca e o cabelo negro brilhantes como o raio. A túnica parecia colar-se a seu corpo e faiscava como escama de peixe. Minha respiração morreu em minha garganta.

— Você não devia estar aqui — disse ela. Sua voz soando como o casco de um navio chocando-se contra rochas pontiagudas.

Ela deu um passo à frente, e a relva parecia murchar sob seus pés. Era uma ninfa marinha, por isso as coisas da terra não a amavam.

— Sinto muito — balbuciei numa voz que parecia uma folha seca arranhando minha garganta.

— Você foi avisado — prosseguiu ela. O negro de seus olhos parecia me penetrar, bloqueando minha garganta. Não conseguiria gritar nem se quisesse.

Ouvi um barulho às minhas costas e em seguida a voz de Quíron rompendo o silêncio:

— Saudações, Tétis!

O calor voltou à minha pele e consegui respirar de novo. Quase corri na direção de Quíron. Porém o olhar de Tétis me mantinha ali imóvel, preso ao chão. Sem dúvida, ela poderia me agarrar, se desejasse.

— Está assustando o garoto — disse Quíron.

— Ele não pertence a este lugar — sibilou ela. Seus lábios estavam vermelhos como sangue recém-derramado.

A mão do centauro pousou firme em meu ombro.

— Pátroclo — disse ele —, volte já para a caverna. Falarei com você depois.

Levantei-me, ainda receoso, mas obedeci.

— Você tem convivido muito com mortais, Centauro — ouvi-a dizer antes que as mantas de couro se fechassem atrás de mim. Encostei-me à parede da caverna; minha garganta estava seca e ardia.

— Aquiles — murmurei.

Ele abriu os olhos e, antes que eu continuasse, já se postou ao meu lado.

— Sente-se bem?

— Sua mãe está aqui — eu disse.

Percebi o enrijecer dos músculos sob sua pele.

— Ela o feriu?

Sacudi a cabeça. Não disse a ele que, pela minha impressão, ela parecera ansiosa para fazer isso. Ou que sem dúvida o faria, caso Quíron não houvesse aparecido.

— Preciso ir — disse ele. As mantas de couro se afastaram para lhe dar passagem e em seguida se fecharam novamente.

Eu não conseguia ouvir o que estava sendo dito na clareira. As vozes eram baixas ou talvez eles tivessem ido conversar em outra parte. Esperei, traçando espirais com o dedo no chão de terra. Não mais temia por mim mesmo. Quíron decidira ficar comigo e era mais velho que

Tétis, já adulto quando os deuses ainda balançavam em seus berços, quando ela não passava de um ovo no ventre do mar. Entretanto, havia algo mais, menos fácil de distinguir. Uma perda ou um desgaste que, eu receava, a presença da deusa pudesse acarretar.

Era quase meio-dia quando voltaram. Observei primeiro o rosto de Aquiles, seus olhos e o traçado de sua boca. Não percebi nada, exceto talvez um leve sinal de cansaço. Sentou-se no catre ao meu lado.

— Estou faminto — disse ele.

— E deveria estar mesmo — ponderou Quíron. — Já passa muito da hora do almoço.

Logo Quíron se pôs a preparar a comida, indo e vindo pela caverna com a maior desenvoltura, apesar de seu tamanho.

Aquiles se virou para mim.

— Está tudo bem — confidenciou. — Ela só queria conversar comigo. Ela queria me ver.

— E voltará para conversar com ele — atalhou Quíron. E, como se lesse meu pensamento, acrescentou: — Nada mais natural. É sua mãe.

*É uma deusa, antes de tudo*, pensei.

Entretanto, durante a refeição, meu medo desapareceu. Receara um pouco que ela contasse a Quíron sobre o dia na praia, mas ele continuava nos tratando a ambos do mesmo jeito e Aquiles agia como sempre. Fui me deitar — se não tranquilo, ao menos aliviado.

Ela apareceu mais vezes depois, como Quíron previra. Aprendi a perceber sua aproximação — um silêncio que caía como uma cortina — e, nessas ocasiões, ficava ao lado de Quíron na caverna. As visitas demoravam pouco e resolvi não perturbá-las. Porém sempre era um alívio quando ela partia.

Veio o inverno e o rio se congelou. Aquiles e eu deslizávamos sobre sua superfície escorregadia. Mais tarde, fazíamos buracos no gelo e descíamos linhas de pesca por eles. Era o único alimento fresco de que dispúnhamos; as florestas estavam vazias, exceto pelos ratos e alguma marta ocasional.

A neve caiu, conforme previra Quíron. Deitávamos no chão e deixávamos que os flocos nos cobrissem, soprando-os com o nosso hálito até se derreterem. Não tínhamos botas nem mantos, apenas os casacos de pele fornecidos por Quíron, mas nos deliciávamos com o calor da caverna. O próprio Quíron agora usava uma sobreveste felpuda, feita, segundo ele, de pele de urso.

Contávamos os dias a partir da primeira nevasca, registrando-os com entalhes numa pedra.

— Quando chegarem a cinquenta — disse Quíron —, o gelo do rio começará a trincar. — Na manhã do quinquagésimo dia, ouvimos um som estranho, como o de uma árvore caindo. Uma rachadura dividia a superfície gelada quase de uma margem à outra.

— Agora, a primavera não tarda — disse Quíron.

Pouco depois disso, a relva começou a crescer de novo e os esquilos emergiram magros e esfomeados de suas tocas. Seguimos seu exemplo, passando a tomar o desjejum ao ar livre, na atmosfera fresca da primavera. Foi numa dessas ocasiões que Aquiles perguntou ao centauro se nos ensinaria a lutar.

Não sei por qual motivo essa ideia lhe ocorreu na ocasião. Talvez o inverno passado dentro da caverna, com pouco exercício; ou a visita da mãe, uma semana antes. Talvez nenhuma das duas coisas.

*— Você nos ensinará a lutar?*

Houve uma pausa tão rápida que quase pensei tê-la imaginado, antes de Quíron responder:

— Se vocês quiserem, eu os ensinarei.

Mais tarde, ele nos levou para uma clareira perto do cume. Deu-nos lanças sem ponta e espadas de treinamento, que guardava em algum canto da caverna. Pediu que cada um de nós mostrasse suas habilidades. Encenei, lentamente, os bloqueios, ataques e movimentos de pés que aprendera em Fítia. Ao lado, bem no canto de minha visão, os membros de Aquiles se agitavam indistintamente. Quíron trouxera uma vara de bronze com a qual de vez em quando detinha nossos movimentos para testar nossas reações.

Aquilo durou muito tempo e meus braços começavam a doer de tanto brandir a espada. Por fim, Quíron interrompeu o exercício. Bebemos sofregamente de nossos odres e estiramo-nos na relva. Eu respirava com dificuldade. Aquiles não.

Quíron postou-se em silêncio à nossa frente.

— Bem, o que achou? — Aquiles parecia ansioso e lembrei-me de que Quíron era apenas a quarta pessoa que o vira lutar.

Eu esperava que Quíron respondesse qualquer coisa, menos aquilo.

— Não há nada que eu possa lhe ensinar. Já sabe tudo o que Héracles sabia e muito mais. Você é o maior guerreiro de sua geração e de todas as gerações até hoje.

O rubor invadiu o rosto de Aquiles. Embaraço, prazer ou ambos — era-me impossível dizer.

— Os homens ouvirão falar de sua destreza e desejarão que lute por eles em suas guerras. — Fez uma pausa. — Que resposta lhes dará?

— Não sei — disse Aquiles.

— É uma resposta aceitável, por enquanto. Porém não será nada satisfatória daqui a algum tempo — Quíron disse.

Houve um silêncio e senti a tensão no ar à nossa volta. O rosto de Aquiles, pela primeira vez desde que chegáramos, parecia contraído e solene.

— E quanto a mim? — eu perguntei.

Os olhos escuros de Quíron pousaram em mim.

— Você jamais ganhará fama como guerreiro. Isso o surpreende?

O tom sincero, de certo modo, aliviava a dureza das palavras.

— Não — respondi com franqueza.

— No entanto, não está além de suas forças tornar-se um bom soldado. Quer aprender isso?

Pensei nos olhos esgazeados do menino, na rapidez com que seu sangue se derramara pelo chão. Pensei em Aquiles, o maior guerreiro de sua época. Pensei em Tétis, que o tiraria de mim se pudesse.

— Não — respondi.

E aquele foi o fim do nosso aprendizado militar.

A PRIMAVERA PASSOU E CHEGOU O VERÃO, e os bosques ficaram mais quentes, mais cheios de vida, repletos de caça e frutas. Aquiles completou 14 anos, e mensageiros de Peleu vieram trazer-lhe presentes. Era estranho vê-los ali, trajando os uniformes e as cores do palácio. Seus olhos passeavam por mim, por Aquiles e principalmente por Quíron. Os mexericos eram bem-vindos na corte e eles seriam recebidos como reis na volta. Respirei aliviado quando recolheram seus baús vazios e partiram.

Os presentes vinham a calhar: cordas de lira e túnicas novas, feitas com a mais fina lã, além de um arco e flechas com pontas de ferro. Tateamos o metal, aquelas extremidades aguçadas que nos garantiriam o jantar por algum tempo.

Outras coisas eram menos úteis: mantos cravejados de ouro que denunciariam a presença do dono a cinquenta passos de distância e um cinto ornamentado de pedrarias pesado demais para ser prático em qualquer ocasião. Veio também um xairel ricamente enfeitado, próprio

para adornar a montaria de um príncipe.

— Espero que isso não seja para mim — resmungou Quíron, franzindo o cenho. Cortamos a peça em retalhos para fazer compressas, ataduras e buchas; o material áspero era excelente para tirar manchas de sujeira e comida.

Naquela tarde, deitamo-nos na grama diante da caverna.

— Já faz quase um ano que viemos — murmurou Aquiles. A brisa era fresca sobre nossa pele.

— Nem parece — respondi. Eu estava meio sonolento, os olhos perdidos no azul mortiço do céu vespertino.

— Sente saudade do palácio?

Pensei nos presentes de seu pai, nos servos de olhares oblíquos, nos mexericos que iriam espalhar pela corte.

— Não — eu disse.

— Eu também não — disse ele. — Pensei que iria sentir, mas não sinto.

Os dias e os meses se sucediam. Passaram-se dois anos.

# Capítulo 10

Estávamos na primavera e tínhamos 15 anos. Os gelos do inverno haviam durado mais que o usual e era agradável sair de novo para a luz do sol. Tiramos as túnicas e nossa pele estremecia à passagem da brisa leve. Eu não ficara tão completamente nu durante todo o inverno; fizera frio demais para prescindirmos de nossas peles e nossos mantos, exceto quando nos lavávamos rapidamente na rocha oca que nos servia de banheira. Aquiles estirava os membros entorpecidos pela longa permanência no interior da caverna. Passáramos a manhã nadando e caçando na floresta. Meus músculos estavam agradavelmente cansados, felizes por entrar de novo em ação.

Observei-o. Além da superfície crespa do rio, não havia espelhos no Monte Pélion, de modo que eu só conseguia me avaliar pelas mudanças notadas em Aquiles. Seus membros continuavam esguios, mas agora eu já via neles os músculos ondeando sob a pele quando se movimentava. Também seu rosto se tornara mais marcante, seus ombros estavam mais largos.

— Parece mais velho — disse eu.

Ele parou e se virou para mim.

— Eu?

— Sim — confirmei. — E eu?

— Venha cá — disse ele. Levantei-me e caminhei ao seu encontro. Olhou-me por um momento.

— Sim — disse finalmente.

— Quanto? — Eu queria saber. — Muito?

— Seu rosto está diferente — respondeu ele.

— Onde?

Aquiles tocou minha mandíbula e percorreu-a com a ponta do dedo.

— Aqui. Seu rosto ficou maior. — Ergui a mão para averiguar eu mesmo a diferença, mas não notei nenhuma, apenas osso e pele. Ele pegou minha mão e desceu-a até minha clavícula. — Isto aqui também está maior. E isto. — Seu dedo tocou de leve a protuberância macia em meu pescoço. Engoli em seco e senti seu dedo se deslocar com o movimento.

— Onde mais? — perguntei.

Aquiles apontou para a trilha de pelos finos e escuros que, do peito, me desciam para o ventre.

Ele parou, e meu rosto começou a arder.

— Isso basta — disse eu, de maneira um tanto abrupta. Sentei-me de novo na relva e ele recomeçou seus exercícios de alongamento. A brisa revolvia seus cabelos e o sol acariciava sua pele dourada. Estirei-me de costas e deixei que o astro rei acariciasse também a minha.

Depois de algum tempo, Aquiles parou e veio sentar-se ao meu lado. Ficamos contemplando a relva, as árvores e os brotos que começavam a despontar.

Sua voz soou distante, quase indiferente:

— Você não ficaria insatisfeito com sua nova aparência, penso eu.

De novo meu rosto ardeu. Porém nada mais dissemos a respeito.



Íamos completar 16 anos. Logo os mensageiros de Peleu apareceriam com os presentes. Logo os frutos amadureceriam e cairiam em nossas mãos. Aquele seria o último ano de nossa infância; a partir daí, nossos pais nos considerariam homens e passaríamos a usar não apenas túnicas, mas também capas e armaduras. Um casamento seria arranjado para Aquiles

e eu próprio poderia ter uma esposa, se quisesse. Pensei de novo nas servas com seus olhos vagos. Lembrei-me dos fragmentos de conversa sobre seios, ancas e cópulas que entreouvira dos meninos.

*Ela é macia como creme.*

*Quando você estiver no meio daquelas coxas, esquecerá seu próprio nome.*

As vozes dos rapazinhos, de rostos afogueados, vibravam de excitação. No entanto, quando eu tentava imaginar as cenas que descreviam, minha mente se esquivava como um peixe temeroso da isca.

Outras imagens brotavam em seu lugar. A curva de um pescoço inclinado sobre a lira, cabelos cintilando ao fogo da lareira, mãos de tendões esguios. Passávamos juntos o dia inteiro e eu não tinha como escapar: o perfume dos óleos que ele usava nos pés, os vislumbres de pele quando ele se vestia... Procurava desviar os olhos e evocar aquele dia na praia, a frieza em suas pupilas e a pressa com que se afastara de mim. E sempre lembrava-me de sua mãe.

Comecei a sair sozinho ao amanhecer, quando Aquiles ainda dormia, ou à tarde, quando ele se exercitava no arremesso de lança. Levava comigo uma flauta, mas raramente a tocava. Em vez disso, escolhia uma árvore em que me recostar e aspirava o aroma penetrante dos ciprestes que descia do alto da montanha.

Devagar, como se quisesse fugir à minha própria vigilância, minha mão deslizava para o meio das coxas. Era vergonhoso aquilo que eu fazia e mais vergonhosos ainda os pensamentos que o ato despertava. Mas pior seria que me ocorressem no interior da gruta de quartzo-rosa, com Aquiles ao meu lado.

Às vezes, era difícil voltar depois para a caverna.

— Por onde andou? — perguntava então Aquiles.

— Por aí... — respondia eu, apontando vagamente em qualquer direção.

Ele concordava com um aceno de cabeça, mas eu sabia que notava o

rubor em minhas faces.



O VERÃO FICOU MAIS QUENTE e buscávamos o frescor do rio, cujos borrifos descreviam arcos de luz quando chapinhávamos na água ou nadávamos. As pedras do leito, recobertas de musgo, eram frias sob meus pés. Gritávamos, assustando os peixes, que fugiam para seus buracos de lama ou para as águas mais calmas contra a corrente. O gelo que ainda restara na primavera se fora; eu me estendia de costas e deixava que a corrente me levasse. Gostava da sensação que os raios de sol provocavam em meu ventre e do frescor da água em minhas costas. Aquiles flutuava ao meu lado ou nadava contra o fluxo lento do rio.

Quando nos cansávamos dessa brincadeira, segurávamos os galhos baixos de um salgueiro e nos erguíamos a meio corpo da água. Naquele dia, com as pernas balançando, tentamos nos desalojar um ao outro empurrando-nos com os pés para subir primeiro no galho. Num impulso, larguei meu galho e agarrei-o pelo torso suspenso. Ele emitiu uma exclamação de surpresa. Lutamos assim por um momento, rindo, meus braços segurando-o firmemente. Ouviu-se então um estalido e o galho se partiu, lançando-nos ao rio. A água se fechou sobre nós, mas continuamos lutando, mãos contra peles escorregadias.

Voltamos à superfície, arquejantes, impetuosos. Ele saltou sobre mim e afundamos novamente. Sempre presos um ao outro, subíamos para respirar e afundávamos outra vez.

Por fim, com os pulmões ardendo, as faces rubras por permanecer muito tempo sob a água, arrastamo-nos para a margem e lá nos deixamos cair sobre o tapete de relva e ervas pantanosas. Nossos pés se afundavam na lama fria da margem. A água ainda pingava de seus cabelos e eu acompanhava os filetes descendo por seus braços e seu

peito.



Na manhã de seu décimo sexto aniversário, eu acordei cedo. Quíron me mostrara, na encosta mais distante do Pélion, uma figueira cujos frutos já começavam a amadurecer, os primeiros da estação. Aquiles não sabia de sua existência, garantiu-me o centauro. Acompanhei a evolução dos frutos dia após dia, vendo seu verde escurecer e sua polpa inchar, prenhe de sementes. Agora eu os colheria para o desjejum de Aquiles.

Não era o meu único presente. Encontrei um pedaço de freixo bem seco e comecei a entalhar secretamente suas camadas macias. Depois de quase dois meses, uma forma emergiu: um menino tocando lira, a cabeça erguida para o céu, a boca entreaberta como se cantasse. Tinha agora a peça comigo, enquanto caminhava.

Os figos pendiam suculentos e pesados da árvore; sua polpa curva afundava ao toque dos meus dedos — mais dois dias e ficariam muito maduros. Recolhi-os numa travessa de madeira e levei-os com o maior cuidado para a caverna.

Aquiles estava sentado à porta com Quíron, tendo aos pés uma nova caixa enviada por Peleu, que ainda não abrira. Seus olhos se arregalaram quando recebeu os figos. Já estava de pé, remexendo avidamente na travessa, antes que eu a depositasse ao seu lado. Comemos até não mais poder, nossos dedos e queixos ficaram melados de doçura.

A caixa de Peleu encerrava mais túnicas e cordas de lira; dessa vez, porém, havia para seu décimo sexto aniversário um manto tingido com a caríssima púrpura extraída da concha *murex*. Era um manto de príncipe, de futuro rei, e percebi que o presente lhe agradara. Assentaria bem nele, sem dúvida, e a púrpura pareceria mais rica em contraste com o dourado de seus cabelos.

Quíron também deu presentes: um cajado para caminhadas e uma nova bainha de punhal. Por fim, entreguei-lhe a estátua. Ele a examinou, correndo os dedos pelas pequenas marcas deixadas por minha faca.

— É você — falei, sorrindo tolamente.

Aquiles ergueu os olhos e havia neles o brilho da satisfação.

— Eu sei — ele disse.



Uma noite, não muito depois, permanecemos até altas horas ao redor das brasas da fogueira. Aquiles ficara fora boa parte da tarde — Tétis aparecera e retivera-o por mais tempo que de costume. Agora, tocava a lira de minha mãe. A música era suave e luminosa como as estrelas sobre nossas cabeças.

Ouvi, perto de mim, Quíron bocejar e acomodar-se melhor nas pernas dobradas. Um instante depois, a lira emudeceu e a voz de Aquiles soou alto na escuridão:

— Está cansado, Quíron?

— Eu estou.

— Então vamos deixá-lo descansar.

Em geral, ele não tinha tanta pressa para se recolher nem costumava falar por mim; mas eu próprio me sentia fatigado e não me opus. Levantou-se, deu boa-noite a Quíron e caminhou até a caverna. Espreguicei-me, aproveitei mais alguns momentos da fogueira e o segui.

Dentro da caverna, Aquiles já estava deitado, depois de lavar o rosto na fonte. Lavei-me também, sentindo a água fria em minha testa.

— Você ainda não me perguntou sobre a visita de minha mãe — disse ele.

— Como ela está? — perguntei.

— Ela está bem. — Era a resposta de sempre. Por isso, às vezes, eu não

lhe perguntava nada.

— Ótimo. — Atirei um pouco de água ao rosto, para retirar a espuma de sabão. Nós mesmos o fabricávamos com azeite de oliva, cujo aroma ainda permanecia nele; rico e amanteigado.

Aquiles continuou:

— Ela disse que não pode nos ver aqui.

— Como? — estranhei, pois não esperava que ele insistisse no assunto.

— Não pode nos ver aqui. No Pélion.

Havia certa tensão em sua voz. Virei-me para ele.

— O que você quer dizer?

Seus olhos passearam pelo teto.

— Ela disse... Eu lhe perguntei se nos observava aqui. — A voz de Aquiles estava estridente. — Ela disse... Ela disse que não.

Fez-se silêncio na caverna. Só se ouvia o murmúrio da água escorrendo lentamente.

— Oh! — exclamei.

— Eu queria lhe dizer porque... — ele se calou. — Porque pensei que gostaria de saber. Ela... — Aquiles hesitou de novo. — Ela não ficou nada satisfeita com a minha pergunta.

— Ela não ficou nada satisfeita... — repeti. Sentia-me aturdido, minha mente remoía sem cessar suas palavras. *Não pode nos ver*. Percebi que ia ficando congelado junto à fonte, a toalha suspensa à altura do queixo. Com muito esforço, despi-me e fui para a cama. Algo selvagem despertou em mim e me inundou de esperança e terror.

Puxei as cobertas e deitei-me no catre já aquecido por sua pele. Seus olhos continuavam fixos no teto.

— Você... gostou da resposta? — arrisquei, finalmente.

— Sim — disse ele.

Ficamos calados por um momento, em meio àquele silêncio tenso e palpitante. Geralmente, à noite, contávamos histórias e anedotas um para

o outro. O teto, lá em cima, trazia o desenho das estrelas e, quando nos cansávamos de tagarelar, apontávamos para elas: — Órion — dizia eu, acompanhando seu dedo. — As Plêiades.

Porém, nessa noite, nada disso aconteceu. Cerrei os olhos e esperei por longos minutos até supor que ele já havia adormecido. Então eu me virei para observá-lo.

Aquiles estava deitado de lado, olhando para mim. Eu não o ouvira se mexer. *Nunca o ouço.* Permanecia completamente imóvel, naquela imobilidade que era só dele. Respirei fundo e senti a superfície lisa do travesseiro entre nós.

Ele se inclinou para mim.

Nossas bocas se aproximaram, entreabertas, e a doçura tépida de sua garganta invadiu a minha. Eu não conseguia pensar, não conseguia fazer nada exceto sorver cada alento seu, cada movimento suave de seus lábios. Era o êxtase.

Eu tremia receoso de afugentá-lo. Ignorava o que ele queria que eu fizesse. Beijei-lhe o pescoço e toda a extensão do peito, que tinha gosto de sal. Aquiles se intumescia, parecendo amadurecer como um fruto ao meu toque. Cheirava a amêndoas e terra. Apertou-se contra mim, esmagando-me os lábios.

Ele permanecia imóvel enquanto eu o acariciava — macio como o veludo das pétalas. Eu conhecia bem sua pele dourada, a curva de seu pescoço e de seus cotovelos. Conhecia suas reações de prazer. Nossos corpos se estreitavam como mãos.

As cobertas se enroscaram ao meu lado e Aquiles as jogou para longe. O ar espicaçou minha pele, fazendo-a estremecer. O corpo dele se recortava contra o desenho dos astros; a estrela Polar fulgia em seu ombro. A mão de Aquiles deslizou sobre meu ventre, que arfava descompassadamente. Apertava-me com delicadeza, como se apalpasse o mais suave dos tecidos, e meus quadris se erguiam ao seu toque. Puxei-

o para mim, cada vez mais trêmulo. Ele também tremia como se houvesse corrido durante muito tempo por longa distância.

Acho que pronunciei seu nome. Esse ecoou em mim como se fosse um junco suspenso ao vento. Não havia tempo, apenas nossas respirações.

Tomei seus cabelos entre meus dedos. Tudo dentro de mim se revolvia, meu sangue pulsava a cada movimento de sua mão. Ele comprimia o rosto contra o meu, mas ainda assim eu tentava puxá-lo para mais perto. *Não pare*, eu disse.

Aquiles não parou. A sensação foi aumentando até que um grito rouco escapou de minha garganta e o prazer agudo me comprimiu arquejante contra ele.

Ainda não era tudo. Minha mão desceu, encontrou a sede de seu prazer. Aquiles cerrou os olhos. Eu podia sentir o ritmo que o deliciava pela respiração entrecortada, pelo arquejar anelante. Meus dedos ligeiros acompanhavam o compasso cada vez mais acelerado de seus gemidos. Suas pálpebras tinham a cor da alvorada; seu corpo rescendia a terra e chuva. A boca de Aquiles se abriu num grito inarticulado; estávamos tão juntos que senti o jorro quente contra mim. Ele estremeceu e ficamos imóveis.

Aos poucos, como um crepúsculo que descia, fui me dando conta de meu suor, da umidade das cobertas e do líquido que escorria entre nossos ventres. Separamo-nos, nossos rostos intumescidos pela ardência dos beijos. Um cheiro quente e doce vagava pela caverna, como o de frutas ao sol. Nossos olhares se cruzaram, mas nada falamos. O medo brotou em mim, repentino e agudo. Era o momento de maior perigo e a tensão me invadiu diante da ideia de que ele pudesse lamentar o ocorrido.

— Nunca pensei... — ele disse. Depois se calou. Não havia nada no mundo mais importante para mim do que ouvir aquilo que ele calara.

— O quê? — tentei instigá-lo. *Se for alguma coisa ruim, que seja dita logo.*

— Nunca pensei que iríamos... — hesitava a cada palavra e eu não podia censurá-lo por isso.

— Eu também jamais havia pensado — confessei.

— Está arrependido? — As palavras lhe escaparam de uma só vez.

— Não — eu disse.

— Eu também não — disse ele.

Houve um silêncio então, e eu não me sentia incomodado com a umidade das cobertas e com meu suor. O olhar de Aquiles, verde mesclado com ouro, era decidido. A segurança foi me dominando e alojou-se em minha garganta. *Jamais o deixarei. As coisas serão assim para sempre, enquanto ele o desejar.*

Se eu tivesse palavras para dizer isso, diria; mas nenhuma me pareceu grandiosa o suficiente para externar aquela verdade pujante.

Como se lesse meus pensamentos, Aquiles estendeu a mão. Não precisei olhar; seus dedos estavam gravados em minha memória, esguios e estriados como pétalas, fortes, ágeis e certeiros.

— Pátroclo — murmurou ele. Ele sempre fora melhor que eu com as palavras.



NA MANHÃ SEGUINTE, acordei com o ânimo leve, o corpo transpirando calor e bem-estar. Depois da ternura, avolumou-se a paixão; ficáramos serenamente estendidos, fruindo uma noite de sonhos que se arrastava. Agora, vendo-o mexer-se ao meu lado com a mão sobre meu ventre, orvalhado e recolhido como uma flor ao amanhecer, a excitação me dominou de novo. Lembrei-me subitamente das coisas que dissera e fizera, dos ruídos que emitira. Receei que a magia se tivesse desfeito, que a luz, entrando pela caverna, transformasse tudo em pedra. Então ele acordou — os lábios formando uma saudação meio sonolenta e a mão

ainda buscando o aperto da minha. Continuamos deitados até que a luz da manhã inundou a caverna e Quíron nos chamou.

Comemos e fomos nos banhar no rio. Saboreei o milagre de poder contemplá-lo livremente, de deleitar-me com o jogo de luzes sobre seus membros e a curva de suas costas quando ele mergulhou. Depois, estiramo-nos na margem, revisitando com visão nova as curvas de nossos corpos. Esta, essa, aquela... Éramos como deuses na alvorada do mundo e nossa alegria chegou a um ponto tal que só conseguíamos perceber um ao outro.



Se Quíron percebeu alguma mudança, não disse nada. Porém eu não podia deixar de ficar preocupado.

— Você acha que ele se enfurecerá?

Estávamos no bosque de oliveiras do lado norte da montanha. Ali, as brisas eram ainda mais doces, frescas e puras como água da fonte.

— Acho que não — respondeu ele, pousando a mão em minha clavícula, a linha que gostava de percorrer com o dedo.

— Mas poderia. Sem dúvida, já deve saber a esta altura. Deveríamos dizer algo?

Não era a primeira vez que aquilo me ocorria. Discutíramos o assunto em várias ocasiões, em tom conspiratório.

— Se você quiser... — Era o que já havia dito antes.

— E se ele ficar irritado conosco?

Ele se pôs a refletir. Eu gostava dessa sua atitude. Não importava quantas vezes eu houvesse perguntado, ele sempre respondia como se fosse a primeira vez.

— Acho que não ficará. — Nossos olhares se encontraram. — Isso importa? Não vou parar. — Sua voz estava quente de desejo. Um arrepio

me percorreu a pele.

— Mas ele pode contar a seu pai. *Ele* ficará furioso — ponderei.

Disse isso em tom quase de desespero. Agora minha pele queimava e em breve eu não conseguiria mais refletir.

— E daí? — A primeira vez que ele proferira coisa semelhante, eu ficara chocado. Ainda que seu pai se enfurecesse, Aquiles continuaria fazendo o que desejava... Isso eu não podia entender ou sequer imaginar. Ouvi-lo falar assim me afetava como uma droga. E eu nunca me cansava de ouvi-lo.

— E quanto à sua mãe?

Quíron, Peleu, Tétis: a trindade de meus terrores.

Ele deu de ombros.

— E o que poderia ela fazer? Raptar-me?

*Poderia me matar*, pensei. Porém não disse nada. A brisa era suave demais, o sol tépido demais para que semelhante pensamento fosse comunicado.

Ele me observou por um instante.

— Você se preocuparia se eles se irritassem?

*Sim.* Ficaria apavorado se Quíron me repreendesse. A desaprovação sempre calara fundo em mim; eu não conseguia ignorá-la como Aquiles. Porém não permitiria que ela nos separasse, se chegássemos a esse ponto.

— Não — eu disse por fim.

— Ótimo — disse ele.

Baixei a mão para afastar as madeixas de sua têmpora. Aquiles cerrou os olhos. Contemplei seu rosto, inclinado para o sol. A delicadeza de suas feições fazia-o às vezes parecer bem mais novo. Tinha os lábios túrgidos e rubros.

Ele abriu os olhos e disse:

— Cite um herói que tenha sido feliz.

Pensei um pouco. Héracles enlouquecera e chacinara a família; Teseu

perdera a noiva e o pai; os filhos de Jasão e a segunda esposa foram assassinados pela primeira; Belerofonte matara a Quimera, mas ficou aleijado ao cair do dorso de Pégaso.

— Não conseguiria. — Ele sentou-se inclinado para a frente.

— Não, não conseguiria.

— Sei disso. Os deuses não permitem que sejamos famosos *e* felizes. — Franziu o cenho. — Vou lhe contar um segredo.

— Conte-me. — Eu adorava quando ele se comportava assim.

— Eu serei o primeiro. — Segurou minha mão e pousou-a na sua. — Jure.

— Por que eu devo jurar?

— Porque você é a razão. Jure.

— Eu juro — murmurei perdido nas cores luminosas de seu rosto, na chama de seus olhos.

— Juro — ecoou ele.

Permanecemos imóveis por um momento, nossas mãos se tocando. Ele riu.

— Acho que agora comeria o mundo inteiro cru!

Uma trombeta soou em algum ponto das encostas abaixo de nós. Um som abrupto e rude, como um alarme. Antes que eu pudesse falar ou me mexer, Aquiles já estava de pé e arrancara a faca da bainha presa à coxa. Era apenas uma faca de caça, mas para ele bastava. Enrijeceu-se, ficou completamente imóvel, ouvindo com todos os seus sentidos semidivinos.

Eu também tinha uma faca. Devagar, saquei-a e me levantei. Ele se postara entre mim e o som. Eu não sabia se devia me colocar a seu lado com minha própria arma em riste. Acabei não o fazendo. Fora uma trombeta de soldado — e a luta, como dissera Quíron francamente, era o dom dele, não o meu.

A trombeta soou novamente. Ouvimos o ruído de dois pés sobre a relva. *Um homem.* Talvez estivesse perdido, talvez em perigo. Aquiles deu

um passo em direção ao som. Como se respondesse, a trombeta soou outra vez — e uma voz ecoou pela montanha:

— Príncipe Aquiles!

Estremecemos.

— Aquiles! Estou à procura do príncipe Aquiles!

Pássaros esvoaçaram das árvores, fugindo do barulho.

— Vem da parte de seu pai — sussurrei. Somente um arauto real saberia onde nos procurar.

Aquiles assentiu, mas parecia estranhamente relutante em responder. Eu imaginava o ritmo acelerado de seu pulso; um instante antes, ele estava pronto para matar.

— Aqui! — gritei com as mãos em concha sobre a boca.

O barulho cessou por um segundo.

— Onde?

— Consegue seguir minha voz?

Conseguiu, mas com dificuldade. Passou-se algum tempo antes que ele surgisse na clareira. Tinha as faces cheias de arranhões e a túnica palaciana úmida de suor. Ajoelhou-se com uma graça forçada, ressentida. Aquiles baixou a faca, embora ainda a segurasse firmemente.

— Sim?

Sua voz era fria.

— Seu pai o chama. Há assuntos importantes que devem ser tratados em sua casa.

Fiquei imóvel também, como Aquiles um momento antes. Se continuássemos exibindo aquela postura ameaçadora, talvez não precisássemos ir.

— Que tipo de assunto? — perguntou Aquiles.

O homem se recuperara um pouco. Lembrou-se então de que falava com um príncipe.

— Perdoe-me, meu senhor, mas pouco sei a respeito. Mensageiros

foram enviados de Micenas a Peleu com notícias. Seu pai discursará esta noite ao povo e quer que você esteja lá. Tenho cavalos ao pé da montanha.

Houve um instante de silêncio. Julguei que Aquiles fosse recusar. Mas, por fim, ele disse:

— Pátroclo e eu teremos de arrumar nossa bagagem.

No caminho de volta para a caverna, onde Quíron nos aguardava, especulamos sobre as notícias. Micenas estava bem ao sul e seu rei era Agamêmnon, que gostava de se chamar "pastor de homens". Dizia-se que o seu exército era o maior de todos entre os nossos reinos.

— Seja o que for, ficaremos lá apenas por uma ou duas noites — tranquilizou-me Aquiles. Eu concordei — grato por ouvi-lo dizer aquelas palavras. *Só alguns dias*.

Quíron nos esperava.

— Escutei a gritaria — disse ele. Aquiles e eu, que o conhecíamos bem, percebemos desaprovação em sua voz. O centauro não gostava que a paz de sua montanha fosse perturbada.

— Meu pai mandou me chamar — comunicou Aquiles —, mas apenas por esta noite. Espero voltar logo.

— Estou vendo — disse Quíron. Parecia maior que o usual, os cascos cravados na relva brilhante, os flancos castanhos banhados pela luz do sol. Perguntei-me se sentiria nossa falta. Nunca o vira em companhia de outro centauro. Indagáramos sobre isso uma vez e sua face se contorcera: "Bárbaros", foi tudo o que disse.

Juntamos nossos pertences. Eu tinha pouca coisa para levar — algumas túnicas, uma flauta. Aquiles não tinha muito mais — suas roupas, pontas de lança que fabricara e a estátua que eu esculpira para ele. Pusemos tudo em alforjes de couro e fomos nos despedir de Quíron. Aquiles, sempre mais ousado, abraçou o centauro, no ponto onde o flanco de cavalo dava lugar à carne humana. O mensageiro, esperando às nossas

costas, virou-se para sair.

— Aquiles — disse Quíron —, você se lembra de quando lhe perguntei o que faria caso os homens o convocassem para lutar?

— Sim — respondeu Aquiles.

— Pois reflita sobre sua resposta — disse Quíron. Um frio me percorreu a espinha, mas eu não tinha tempo para pensar no assunto. Quíron já se virava em minha direção:

— Pátroclo — chamou ele. Adiantei-me e o centauro pousou a mão, larga e quente como o sol, em minha cabeça. Senti-lhe o cheiro todo especial, misto de cavalo, suor, ervas e floresta. Sua voz era calma. — Agora, você não desiste com tanta facilidade como antes — ele disse.

Eu não sabia o que replicar a isso, de modo que apenas murmurei: — Obrigado.

Ele esboçou um sorriso.

— Fique bem. — E a enorme mão se afastou, deixando minha cabeça gelada em sua ausência.

— Estaremos de volta em breve — repetiu Aquiles.

Os olhos de Quíron eram sombrios na luz da tarde que caía.

— Velarei por vocês — disse ele.

Pusemos os alforjes ao ombro e deixamos a clareira. O céu já havia ultrapassado o meridiano e o mensageiro se mostrava impaciente. Descemos a encosta às pressas e montamos os cavalos que esperavam por nós. A sela me parecia desconfortável depois de tantos anos em que só andara a pé — e cavalos sempre me enervavam. Quase esperava ouvi-los falar, mas é claro que isso eles não podiam fazer. Voltei-me para contemplar o Pélion; talvez avistasse a caverna de quartzo-rosa ou o próprio Quíron. Porém já estávamos longe. Fixei-me na estrada e deixei-me levar para Fítia.

# Capítulo 11

Os últimos raios de sol reluziam no poente quando passamos pelo marco de pedra que indicava os terrenos do palácio. Ouvíamos os brados cada vez mais altos dos guardas e o som de uma trombeta. Subimos a colina e o palácio surgiu diante de nós, tendo ao fundo o espelho do mar.

De pé na soleira, inesperada como um raio, apareceu Tétis. Seus cabelos brilhavam negros contra o mármore branco do palácio. O vestido era escuro, da cor do oceano tormentoso, tons de púrpura mesclados com laivos espessos de cinza. Guardas se postavam nas imediações e também Peleu, mas não olhei para eles. Só via a deusa e a linha de sua mandíbula, que parecia uma lâmina recurva.

— Sua mãe — sussurrei para Aquiles. Podia jurar que os olhos dela relampejaram em minha direção como se tivesse me ouvido. Engoli em seco e obriguei-me a avançar. *Ela não vai me ferir. Quíron garantiu que isso não irá acontecer.*

Era estranho vê-la ali, entre mortais; fazia todos, guardas e Peleu, parecerem pálidos e doentios, embora a pele dela é que fosse branca como marfim. Estava bem afastada de todos, perfurando o céu com sua estatura sobrenatural. Os soldados baixavam os olhos, de medo e por deferência.

Aquiles saltou do cavalo e eu fiz o mesmo. Tétis abraçou-o e percebi que os guardas recuavam um passo. Perguntavam-se sem dúvida qual a sensação que a pele dela transmitia; e estavam felizes por não saber.

— Filho de minhas entranhas, carne de minha carne, Aquiles — saudou-o ela. Essas palavras não foram ditas em voz alta, mas ainda

assim ecoaram pelo pátio. — Bem-vindo ao lar.

— Obrigado, mãe — disse Aquiles. Percebia que ela o reivindicava. Como todos nós. Cabia ao filho cumprimentar primeiro o pai; as mães vinham em segundo lugar, se tanto. Ela, porém, era uma deusa. Peleu comprimiu os lábios, mas não disse nada.

Quando ela o soltou, Aquiles foi cumprimentar o pai.

— Seja bem-vindo, meu filho — disse Peleu. Sua voz parecia frágil em comparação com a da esposa divina. Estava também mais velho. Ficáramos fora três anos.

— Seja bem-vindo também, Pátroclo.

Todos se voltaram para mim e ensaiei uma reverência. Estava ciente do olhar de Tétis, que me devorava e fazia minha pele arder, como se eu tivesse mergulhado no oceano após atravessar um espinheiro. Fiquei aliviado quando Aquiles falou:

— Quais são as notícias, pai?

Peleu relanceou o olhar para os guardas. Boatos e especulações deviam estar pululando pelos corredores.

— Não as divulguei ainda e só o farei quando todos estiverem reunidos. Esperávamos por você. Venha, vamos começar.

Nós o seguimos ao interior do palácio. Eu queria conversar com Aquiles, mas não me atrevi; Tétis caminhava logo atrás de nós. Os servos se desviavam dela, tomados de espanto. *A deusa.* Seus pés não faziam nenhum ruído ao pisar o chão de pedra.



A GRANDE SALA DE JANTAR estava atulhada de mesas e bancos. Servos corriam de um lado para o outro com travessas de comida e taças para misturar o vinho, cheias até as bordas. Na frente da sala, via-se um tablado elevado. Era ali que Peleu se sentaria, ao lado da esposa e do filho. Três lugares.

Enrubesci. Mas o que poderia esperar?

Mesmo em meio ao barulho dos preparativos, a voz de Aquiles se fez ouvir bem alto.

— Pai, eu não estou vendo um lugar para o Pátroclo. — Minhas faces ficaram ainda mais vermelhas.

— Aquiles... — comecei num murmúrio. *Não importa*, queria dizer. *Vou me sentar com os homens; está tudo bem*. Mas ele me ignorou.

— Pátroclo é meu companheiro, ao qual me liguei por juramento. Seu lugar é ao meu lado.

Os olhos de Tétis faiscaram. Eu podia sentir-lhes o calor. Vi a recusa estampada em seus lábios.

— Muito bem — disse Peleu. Acenou para um servo e um lugar foi preparado para mim, felizmente no extremo oposto do lugar onde Tétis se sentara. Procurando me fazer o menor possível, segui Aquiles até nossas cadeiras.

— Ela agora vai me odiar — eu disse.

— Ela já o odeia — ponderou Aquiles com um leve sorriso.

Isso não me tranquilizou.

— Por que ela veio? — sussurrei. Somente algo verdadeiramente importante a teria tirado de suas cavernas no fundo do mar. A antipatia de Tétis por mim não era nada perto do que eu percebia em seu rosto quando olhava Peleu.

Aquiles balançou a cabeça.

— Não sei. É estranho. Não os vejo juntos desde que eu era criança.

Lembrei-me das últimas palavras de Quíron a Aquiles: *reflita sobre sua resposta.*

— Quíron acha que serão notícias de guerra.

Aquiles estremeceu.

— Mas há sempre guerra em Micenas. Não vejo por que deveriam nos convocar.

Peleu se sentou e um arauto emitiu três sons curtos em sua trombeta. O sinal para que a refeição começasse. Normalmente, levava tempo para que os homens se reunissem; demoravam-se na arena, só se apresentavam depois de terminar de vez o que estavam fazendo. Porém, agora irrompiam como uma enchente após o rompimento dos gelos do inverno. Sem demora, encheram a sala, procurando seus lugares e tagarelando sem parar. Percebi, em suas vozes, uma certa urgência, uma excitação crescente. Ninguém acenava para os criados ou repelia a pontapés um cão faminto. Só falavam do homem de Micenas e das notícias que havia trazido.

Tétis tomou assento. Não lhe ofereceram nem prato nem faca: os deuses só se alimentam de néctar e ambrosia, do aroma de nossas oferendas queimadas e do vinho que derramamos em seus altares. Coisa estranha, naquele lugar ela não ficava muito em evidência, quando lá fora simplesmente resplandecia. Os móveis pesados e toscos de algum modo a deixavam menor.

Peleu se levantou. Todos fizeram silêncio, mesmo nos bancos aos fundos. Ele ergueu sua taça.

— Recebi um comunicado de Micenas, dos filhos de Atreu, Agamêmnon e Menelau. — Os últimos ruídos e murmúrios cessaram por completo. Até os servos pararam. Eu nem respirava. Por baixo da mesa, Aquiles pressionava sua perna contra a minha.

— Houve um crime. — Peleu fez outra pausa, como se medisse as palavras. — A esposa de Menelau, a rainha Helena, foi raptada de seu palácio em Esparta.

*Helena!* Os homens cochichavam nervosamente uns com os outros. Desde o casamento, a fama de sua beleza crescera ainda mais. Menelau construíra, em torno do palácio, grossas muralhas com dupla camada de pedras; durante dez anos treinara soldados para defendê-las. Contudo, apesar de tantos cuidados, ela fora raptada. *Quem teria sido o responsável?*

— Menelau hospedou embaixadores enviados pelo rei Príamo de Troia. O chefe era o filho de Príamo, o príncipe Páris, e foi ele quem cometeu o crime. Tirou a rainha de Esparta de seu quarto enquanto o rei dormia.

Um rugido de indignação irrompeu. Somente um oriental desonraria assim a gentileza de seu anfitrião. Todos sabiam como essa gente se inundava de perfumes e se corrompia na ociosidade. Um verdadeiro herói a arrebataria às claras, pela força de sua espada.

— Agamêmnon e Menelau apelam para os homens da Hélade a fim de que naveguem até o reino de Príamo e a resgatem. Troia é próspera e pode ser facilmente tomada, afirmam eles. Quem lutar voltará para casa rico e famoso.

Aquilo fora dito com propriedade. Reputação e riqueza eram os motivos pelos quais nosso povo sempre matara.

— Pediram que eu enviasse um grupo de homens de Fítia e concordei. — Esperou que o murmúrio arrefecesse e acrescentou: — Mas não forçarei nenhum homem que não queira ir. E não comandarei, eu mesmo, o exército.

— Quem o comandará, então? — gritou alguém.

— Isso ainda não foi decidido — informou Peleu. Entretanto eu vi que ele relanceava os olhos para seu filho.

*Não*, pensei. Minha mão agarrava com força a borda da cadeira. *Ainda não*. Do outro lado da mesa, o rosto de Tétis estava frio e imóvel, os olhos distantes. *Ela sabia que isso iria acontecer*, compreendi. *E quer que o filho parta.* Agora, Quíron e a caverna rósea pareciam irremediavelmente longínquos — um idílio de infância. Calculei, de súbito, o peso das palavras do centauro: o mundo iria dizer que a guerra era o destino para o qual nascera Aquiles. Que suas mãos e seus pés velozes tinham sido feitos para isto apenas: a ruína das poderosas muralhas de Troia. Aquiles seria lançado no meio de milhares de lanças troianas e todos aplaudiriam triunfantes suas mãos manchadas de sangue.

Peleu acenou para Fênix, seu amigo mais antigo, que estava em uma das primeiras mesas.

— O chefe Fênix anotará os nomes dos que quiserem combater.

Ouviu-se um arrastar de bancos enquanto os homens começavam a se erguer. Porém Peleu levantou o braço.

— Há mais uma coisa. — Mostrou um pedaço de pano coberto de marcas escuras. — Antes de Helena se casar com o rei Menelau, teve inúmeros pretendentes. Parece que eles juraram protegê-la, não importando quem lhe conseguisse a mão. Agamêmnon e Menelau agora exigem que esses homens cumpram seu juramento e devolvam-na ao marido legítimo. — E passou o pano ao arauto.

Arregalei os olhos. *Um juramento*. Em minha mente, formou-se a imagem de um braseiro e de um esguicho de sangue da garganta cortada de um cordeiro branco. Um salão majestoso, repleto de homens distintos.

O arauto ergueu o pano. A sala pareceu tremer e meus olhos não conseguiam se focalizar em nada. Começou a leitura.

*Antenor.*

*Eurípilo.*

*Macaonte.*

Reconheci muitos dos nomes. Todos nós reconhecemos. Eram os heróis e reis de nossa época. Porém significavam mais que isso para mim. Eu os vira numa sala de pedra cheia de fumaça.

*Agamêmnon.* O vislumbre de uma barba negra e espessa; um homem soturno, de olhos apertados, vigilantes.

*Odisseu.* A cicatriz em torno da panturrilha, rosada como uma gengiva.

*Ájax.* Duas vezes maior que qualquer homem na sala, com o imenso escudo às costas.

*Filoctetes*, o arqueiro.

*Menecíada.*

O arauto se interrompeu por um instante e ouvi o murmúrio: *quem?*

Meu pai não se destacara nos anos que se seguiram ao meu exílio. Sua fama diminuíra; seu nome fora esquecido. E quem o conhecia nunca ouvira falar que tivesse um filho. Continuei sentado, imóvel, receando cair se me mexesse. *Estou condenado a essa guerra.*

O arauto limpou a garganta.

*Idomeneu.*

*Diomedes.*

— É você? Esteve lá? — Aquiles se voltara para me encarar. Sua voz era baixa, quase inaudível, mas mesmo assim temi que alguém a tivesse ouvido.

Assenti com um movimento de cabeça. Minha garganta estava seca demais para palavras. Só pensara no perigo que Aquiles corria, numa maneira de mantê-lo a salvo, se possível. Não considerara sequer minha própria situação.

— Escute, de qualquer forma, aquele não é mais seu nome. Não diga nada. Pensaremos numa solução. Vamos consultar Quíron. — Aquiles nunca tinha falado daquele jeito, uma palavra atropelando a seguinte. Sua pressa me trouxe de volta à realidade, pelo menos em parte, e percebi seus olhos fixos nos meus. Sacudi novamente a cabeça.

A lista de nomes prosseguia, despertando lembranças. Três mulheres no tablado — uma delas, Helena. Uma pilha de presentes, a expressão carrancuda de meu pai. A pedra sob meus joelhos. Pensara ter sonhado aquela cena. No entanto, não fora um sonho.

Quando o arauto terminou, Peleu se despediu dos homens. Eles formavam um só corpo, arrastando os bancos no afã de chegar até Fênix para se alistar. Peleu se virou para nós.

— Venham. Quero conversar com vocês dois.

Olhei para Tétis, temendo que ela viesse também. Porém, ela já havia partido.

Sentamo-nos diante da lareira de Peleu. Ele nos ofereceu vinho levemente diluído em água. Aquiles recusou. Eu peguei o copo, mas não bebi. O rei estava em sua velha cadeira de espaldar alto, a mais próxima do fogo, coberta de almofadas. Não tirava os olhos de Aquiles.

— Chamei-o na esperança de que quisesse comandar este exército.

Estava dito. O fogo crepitava na lenha verde.

Aquiles encarou o pai.

— Ainda não terminei meu aprendizado com Quíron.

— Ficou no Pélion mais tempo que eu, que qualquer outro herói antes.

— Isso não significa que devo correr em auxílio dos filhos de Atreu toda vez que perdem suas esposas.

Pensei que Peleu fosse sorrir, mas me enganei.

— Não duvido de que Menelau esteja desorientado com a perda da mulher, mas quem mandou o mensageiro foi Agamêmnon. Ele tem visto Troia prosperar e se fortalecer há anos; agora, quer saqueá-la. A tomada dessa cidade é uma façanha digna de nossos maiores heróis. Muita glória será conquistada por quem velejar com ele.

Aquiles apertou os lábios.

— Haverá outras guerras.

Peleu não chegou a concordar, mas percebi que acatava a veracidade dessas palavras.

— E quanto a Pátroclo? Ele foi chamado a servir.

— Já não é o filho de Menécio. Não está ligado pelo juramento.

O religioso Peleu arqueou as sobrancelhas.

— Isso me parece um subterfúgio.

— Não acho. — Aquiles levantou o queixo. — O juramento foi desfeito quando o pai dele o deserdou.

— Não quero ir — balbuciei.

Peleu nos observou por um momento e depois disse:

— Não me cabe decidir esta questão. Deixo-a a seu critério.

Senti certo alívio da tensão. Ele não iria me expor.

— Aquiles, pessoas estão vindo aqui para falar-lhe, reis enviados por Agamêmnon.

Pela janela, ouvi o murmúrio lento do mar contra a praia. Podia sentir o cheiro do sal.

— Vão pedir que eu lute — disse Aquiles. Não era uma pergunta.

— Vão, sim.

— Quer que eu os receba?

— Quero.

Fez-se de novo silêncio. E então Aquiles continuou:

— Não vou desonrá-los, nem a você. Ouvirei seus motivos. Mas garanto-lhe que não me convencerão.

Vi que Peleu ficou um tanto surpreso com a segurança com que o filho falara, mas não decepcionado.

— Também isso não me cabe decidir — disse em tom afável.

A lenha crepitou de novo, expelindo sua seiva.

Aquiles se pôs de joelhos e Peleu pousou a mão em sua cabeça. Eu me acostumara a ver Quíron fazer isso, e a mão do rei parecia mirrada em comparação com a dele, cheia de veias ressequidas. Às vezes, era difícil lembrar que ele fora um guerreiro, que vivera em companhia de deuses.

O QUARTO DE AQUILES estava como o havíamos deixado, exceto por meu catre, que fora removido em nossa ausência. Eu fiquei feliz; era uma desculpa aceitável, caso alguém perguntasse por que dividíamos a cama. Abraçamo-nos e calculei quantas noites eu permanecera acordado naquele quarto, amando-o em silêncio.

Depois, Aquiles se aproximou mais de mim para um último sussurro

sonolento:

— Se você tiver de ir, saiba que irei com você. — Adormecemos.

# Capítulo 12

Acordei com os olhos vermelhos piscando para o sol. Estava congelado, meu ombro direito exposto às brisas da janela que se abria para o mar. O espaço ao meu lado estava vazio, mas o travesseiro conservava a forma de Aquiles e as cobertas exalavam nosso cheiro.

Eu passara tantas manhãs sozinho naquele quarto, enquanto ele visitava a mãe, que não estranhei sua ausência. Meus olhos se fecharam e mergulhei de novo nos meandros do sonho. O tempo passou, o sol ardia no peitoril da janela. Os pássaros estavam despertos, assim como os servos e até os homens. Ouvia suas vozes na praia e na sala de exercícios, o ruído das tarefas domésticas. Sentei-me na cama. As sandálias de Aquiles estavam reviradas ao lado da cama, esquecidas. Aquilo não era incomum; ele ia descalço a muitos lugares.

Saíra para o desjejum, pensei. E não quisera me acordar. Metade de mim desejava permanecer no quarto até que ele voltasse, mas isso seria covardia. Agora eu tinha um lugar ao seu lado e não permitiria que os olhares dos servos me incomodassem. Veste a túnica e fui ao encontro dele.

Ele não estava no grande refeitório cheio de servos atarefados que retiravam os pratos e as travessas de sempre. Não estava na sala de conselho de Peleu, de paredes recobertas com tapetes púrpura e armas dos antigos reis de Fítia. Não estava no quarto onde costumava tocar lira. O baú onde guardávamos os instrumentos jazia abandonado no meio do

recinto.

E também não estava lá fora, entre as árvores nas quais gostávamos de subir em outros tempos. Nem na praia, junto às rochas escarpadas onde esperava sua mãe. Não o vi no campo de exercícios, onde homens suados entrechocavam suas espadas de madeira.

Não preciso dizer que o pânico me tomou como uma coisa viva, fugidia e surda à razão. Meus passos se aceleraram. Percorri a cozinha, o porão, as despensas repletas de ânforas de azeite e vinho. Não o encontrei.

Ao meio-dia, fui até o quarto de Peleu. Pode-se medir a intensidade de meu desespero pelo fato de eu ter ousado fazer isso: jamais falara ao velho a sós. Os guardas postados à porta me detiveram quando tentei entrar. O rei descansava, disseram, estava sozinho e não queria ver ninguém.

— Mas Aquiles... — balbuciei, esforçando-me para não dar vexame e satisfazer a curiosidade que vi nos olhos deles.

— O príncipe está aí?

— O rei está sozinho — repetiu um dos guardas.

Resolvi então procurar Fênix, o idoso conselheiro que cuidara de Aquiles quando criança. O medo quase me paralisava a caminho de seu quarto, um espaço exíguo bem no centro do palácio. Ele tinha diante de si umas tabuinhas de argila onde estavam registradas as marcas feitas pelos homens na noite anterior, angulosas e entrecruzadas, confiando suas armas à guerra contra Troia.

— O príncipe Aquiles... — balbuciei com a voz embargada pelo pânico. — Eu não consigo encontrá-lo.

Ele ergueu a cabeça, um tanto surpreso. Não me ouvira entrar; sua audição era ruim; e quando seus olhos cruzaram meu olhar, percebi que eram opacos, recobertos de catarata.

— Então Peleu não lhe contou — disse ele em tom suave.

— Não. — Minha língua parecia pedra dentro da boca, tão grande que eu mal conseguia deslocá-la para falar.

— Sinto muito — murmurou ele amavelmente.

— Está com a mãe. Ela o levou ontem à noite, enquanto você dormia. Eles partiram. Ninguém sabe para onde.

Mais tarde, percebi as linhas vermelhas que minhas unhas haviam cavado em minhas palmas. *Ninguém sabe para onde.* Para o Olimpo, talvez, aonde eu não poderia segui-lo. Para a África, para a Índia. Para alguma aldeia onde jamais me ocorreria procurá-lo.

As mãos gentis de Fênix me conduziram de volta ao meu quarto. Minha mente saltava em desespero de um pensamento a outro. Voltaria para junto de Quíron a fim de obter conselho. Iria para o campo, gritando seu nome. Tétis devia tê-lo drogado ou enganado. Por vontade própria ele não partiria.

Caminhando pelo quarto, imaginei a cena: a deusa debruçada sobre nós, fria e branca diante do calor de nossos corpos adormecidos. Seus dedos mergulhando na pele de Aquiles enquanto o levantava, seu pescoço tem a cor da prata à luz da lua que entra pela janela. O corpo dele jaz sobre o ombro de Tétis, adormecido ou encantado. Ela o leva de mim como um soldado que carrega um cadáver. É forte; apenas com uma mão, impede-o de cair.

Não me perguntei por que ela o arrebatou. Eu sabia. Ela desejava separar-nos. Era a primeira oportunidade que tinha desde nosso regresso da montanha. Irritei-me por termos sido tão tolos. Sem dúvida, ela faria aquilo; como eu pudera supor que gozávamos de plena segurança? Como a proteção de Quíron se estenderia até ali, onde ele jamais estivera?

Tétis o conduziria para as cavernas do oceano e lhe ensinaria a odiar os mortais. Sustentá-lo-ia com o alimento dos deuses e cauterizaria o sangue humano em suas veias. Iria moldá-lo numa figura a ser pintada em

vasos, a ser cantada em versos por suas façanhas diante de Troia. Eu o imaginava revestido de uma armadura negra, coberto por um elmo escuro que só deixaria à mostra seus olhos, com grevas de bronze protegendo seus pés. Eu o vejo com uma lança em cada mão, e ele não me reconhece.

O tempo se dobrou sobre si mesmo, fechou-se sobre mim, sepultou-me. Lá fora, a lua se avolumou até ficar cheia. Dormi pouco e comi menos ainda; a dor me imobilizava no leito como uma âncora. Somente a lembrança animadora de Quíron me devolveu as forças. *Você agora não desiste tão facilmente quanto antes.*

Procurei Peleu. Ajoelhei-me diante dele num tapete de lã brilhante, entretecida de púrpura. Ele ia falar, mas fui mais rápido. Uma de minhas mãos envolveu-lhe os joelhos e a outra subiu para tocar seu queixo. A postura do suplicante. Era um gesto que eu já vira muitas vezes, mas nunca executara. Estava agora sob a proteção dele. Peleu devia me tratar com desvelo, segundo a lei dos deuses.

— Diga-me onde ele está — eu pedi.

O rei não se moveu. Eu podia ouvir as batidas de seu coração contra o peito. Ignorava até então a que ponto uma súplica acarretava intimidade, proximidade. Suas costelas eram agudas sob meu queixo; a pele de suas pernas afinara e se distendera por causa da idade.

— Eu não sei — ele disse, e suas palavras ecoaram pela câmara e assustaram os guardas. Senti seus olhares cravados em minhas costas. Suplicantes eram raros em Fítia; Peleu era um rei bom demais para que medidas tão desesperadas fossem necessárias.

Apertei-lhe o queixo, puxando seu rosto contra o meu. Ele não resistiu.

— Não acredito em você — eu disse.

Passou-se um momento.

— Deixem-nos — ordenou Peleu aos guardas. Eles bateram os pés impacientes, mas obedeceram. Ficamos sós.

Peleu se inclinou até junto de minha orelha e sussurrou:

— Ciros.

Um lugar, uma ilha. Aquiles.

Quando nos erguemos, meus joelhos doíam como se tivesse estado prosternado por muito tempo. Talvez tivesse. Não sei quantos minutos se passaram enquanto permanecemos naquela comprida sala dos reis de Fítia. Nossos olhos estavam agora no mesmo nível, mas os dele evitavam os meus. Respondera à minha pergunta porque era um rei piedoso, porque eu a fizera como suplicante e porque os deuses assim o exigiam. Não agiria de modo diferente. O ar entre nós estava carregado, pesado, como que imbuído de cólera.

— Eu vou precisar de dinheiro — disse-lhe. Nem sei de onde vieram essas palavras. Nunca falara assim antes a ninguém. Porém nesse momento eu nada mais tinha a perder.

— Procure Fênix. Ele o dará a você.

Acenei de leve com a cabeça. Deveria ter feito mais; deveria ter me ajoelhado de novo, agradecido sua condescendência, esfregado a fronte naquele tapete caríssimo. Não o fiz. Peleu foi até a janela; o mar ficava oculto pela curva da casa, mas podíamos ouvi-lo, o silvo distante das ondas contra a areia.

— Pode ir — disse-me ele. Queria se mostrar frio e distante, concluí; um rei aborrecido com seu súdito. Porém tudo o que escutei foi seu cansaço.

Acenei de novo e parti.

O OURO QUE FÊNIX me deu bastaria para duas viagens de ida e volta a Ciros. O capitão do navio ficou embasbacado quando o pus em suas mãos. Seus olhos faiscaram, calculando o valor da quantia e o que poderia comprar

com ela.

— Pode me levar?

Minha ansiedade aborreceu-o. Não gostava de perceber desespero naqueles que embarcavam; pressa e liberalidade escondiam crimes. Porém a quantidade de ouro venceu sua objeção. Relutante, acabou por concordar, entre resmungos, e mandou-me para minha cabine.

Eu nunca estivera no mar antes e fiquei surpreso com a lentidão da viagem. O barco era um grande cargueiro bojudo que fazia o giro das ilhas levando lã, azeite e móveis do continente para os reinos distantes. A cada noite, tocávamos um porto diferente para nos reabastecer de água e descarregar mercadoria. Durante o dia, eu ficava de pé na proa vendo as ondas sendo cortadas pelo negro casco alcatroado de nossa embarcação, atento a sinais de terra. Em outra ocasião, tudo aquilo me encantaria: os nomes das partes do navio, adriça, mastro, popa; a cor da água; o cheiro puríssimo dos ventos. Entretanto, mal prestava atenção a essas coisas. Só pensava na pequena ilha flutuando em algum lugar à minha frente e no rapaz de belos cabelos que lá esperava encontrar.



A BAÍA DE CIROS era tão pequena que não a vi senão depois de contornarmos a orla rochosa da ilha, ao sul, e já estarmos quase dentro. Nosso barco se espremeu por entre os braços estreitos que a fechavam e os marinheiros se debruçaram na amurada, segurando o fôlego e de olhos fixos nos paredões que nos ladeavam. Uma vez dentro da baía, as águas eram calmas e os marinheiros precisaram remar pelo restante do trajeto. Manobra difícil: não tive nenhuma inveja do capitão.

— Chegamos — disse ele, mal-humorado. Eu já me dirigia para o passadiço.

Um paredão rochoso se erguia a pique à minha frente. Degraus

cavados na pedra serpenteavam até o palácio, então comecei a subir. No alto, havia algumas árvores mirradas e cabras; o palácio, modesto e de aparência tristonha, era feito de pedra e madeira. Não fosse a única construção à vista, eu jamais o tomaria por uma residência real. Cheguei à porta e entrei.

O saguão era estreito e escuro; o ar, saturado com cheiro de cozinha. No fundo, viam-se dois tronos vazios. Alguns guardas matavam o tempo nas mesas, jogando dados. Ergueram a cabeça ao me ver.

— O que quer? — perguntou um deles.

— Vim ver o rei Licomedes — respondi. Elevei o queixo para acharem que eu era um homem de alguma importância. Vestia a melhor túnica que trouxera — pertencente a Aquiles.

— Eu vou — disse um dos guardas aos camaradas. Atirou ruidosamente o dado e saiu. Peleu jamais toleraria esse descaso; tratava bem seus homens e deles esperava muito em troca. Tudo naquele salão parecia gasto e cinzento.

O homem voltou.

— Venha — disse ele. Eu o segui com o coração aos pulos. Estudara bem o que iria dizer. Estava pronto.

— Aqui. — O guarda mostrou uma porta aberta e voltou para seus dados.

Cruzei a soleira. Dentro, sentada diante dos últimos resquícios de um fogo, estava uma jovem mulher.

— Sou a princesa Deidâmia — apresentou-se ela. A voz soou clara e um tanto infantil pela estridência, vibrante após o silêncio do saguão. A jovem tinha o nariz arrebitado e a face aguda como a de uma raposa. Era bonita e sabia disso.

Recompus-me e fiz uma reverência.

— Sou estrangeiro e conto com a benevolência de seu pai.

— Por que não com a minha benevolência? — Sorriu, inclinando de

leve a cabeça. Ela era surpreendentemente pequena: de pé, mal chegaria ao meu peito.

— Meu pai é velho e doente. Faça o seu pedido a mim e procurarei atendê-lo. — Afetou uma postura majestosa, posicionando-se de modo que a luz da janela a iluminasse por trás.

— Estou à procura de meu amigo.

— Como?! — Suas sobrancelhas se arquearam. — E quem é ele?

— Um jovem — respondi cautelosamente.

— Entendo. Temos alguns deles aqui. — O tom era brincalhão, autoconfiante. Seus cabelos negros lhe caíram pelas costas em cachos espessos. Sacudiu a cabeça para balançá-los e sorriu de novo para mim.

— Talvez deva começar dizendo-me seu nome.

— Quirônida — disse eu. *Filho de Quíron.*

A jovem franziu o nariz ante a estranheza desse nome.

— Quirônida. E...?

— Procuro um amigo que deve ter chegado aqui há cerca de um mês. É de Fítia.

Alguma coisa perpassou por seus olhos, se é que não imaginei isso.

— E por que o procura? — quis saber a princesa. Seu tom agora não era tão amistoso quanto antes.

— Trago uma mensagem para ele. — Teria sido bem melhor ser conduzido à presença do rei velho e doente. Os olhos dela cintilavam como mercúrio, sempre à espera de algo novo. Ela me constrangia.

— Hum! Uma mensagem. — Sorriu recatadamente, tocando o queixo com a unha pintada. — Uma mensagem para um amigo. E por que eu deveria lhe dizer se conheço ou não esse rapaz?

— Porque é uma princesa poderosa e eu sou seu humilde suplicante. — Ajoelhei-me.

Essa atitude lhe agradou.

— Bem, talvez eu conheça o tal rapaz. Ou talvez não! Pensarei a

respeito. Você ficará para o jantar e aguardará minha decisão. Se tiver sorte, até dançarei para você com minhas mulheres. — Levantou subitamente a cabeça. — Já ouviu falar das mulheres de Deidâmia?

— Lamento dizer que não.

Ela fez uma careta de decepção.

— Todos os reis mandam suas filhas para cá para que sejam educadas. Só você não sabe disso.

Curvei a cabeça em sinal de pesar.

— Passei minha vida inteira nas montanhas e ainda não vi quase nada do mundo.

Ela franziu de leve o cenho e em seguida apontou para a porta:

— Então até o jantar, Quirônida.

Passei a tarde no pátio empoeirado do palácio. Esse se erguia no ponto mais alto da ilha, recortado contra o azul do céu, e a vista dali era bonita, apesar da sordidez do local. Sentei-me e procurei recordar tudo o que já ouvira a respeito de Licomedes. Era conhecido como um rei afável, mas fraco e de recursos limitados. A Eubeia, a oeste, e a Jônia, a leste, cobiçavam suas terras havia muito tempo; era de crer que logo uma delas lhe declarasse guerra, a despeito da aridez de suas costas. E, se soubessem que na verdade quem governava era uma mulher, isso aconteceria mais cedo ainda.

Quando o sol se pôs, voltei ao saguão. Tochas haviam sido acesas, mas elas só pareciam aumentar ainda mais a penumbra. Deidâmia, com um diadema de ouro cintilando nos cabelos, conduziu um ancião até a sala. Vinha encurvado e tão coberto de mantos que eu não podia adivinhar sequer onde seu corpo começava. Ela o acomodou num trono e gesticulou com firmeza para uma serva. Eu permanecia a distância, entre os guardas e alguns outros homens cuja função ainda não conseguira determinar. Conselheiros? Primos? Tinham todos a mesma aparência gasta do resto da sala. Só Deidâmia era diferente, com suas faces rosadas

e seus cabelos exuberantes.

Uma serva apontou para as mesas e os bancos desconjuntados; e eu me sentei. O rei e a princesa não nos fizeram companhia; permaneceram em seus tronos ao fundo da sala. A comida chegou — bastante substanciosa na verdade —, mas eu só tinha olhos para a porta de entrada. Estava indeciso quanto a me fazer notar ou não. Teria ela se esquecido de mim?

Mas então ela se levantou e voltou o rosto para as mesas.

— Forasteiro do Pélion — disse ela —, de agora em diante, não mais poderá dizer que nunca ouviu falar das mulheres de Deidâmia. Ela acenou novamente com o braço ornado de pulseiras. Um grupo de mulheres entrou, não menos que vinte, falando baixo umas com as outras, com seus cabelos repuxados para trás, cobertos de brocados. Postaram-se na área central vazia que, finalmente percebi, era um espaço de dança. Alguns homens apareceram com flautas e tambores, um deles com uma lira. Deidâmia não parecia à espera de nenhuma resposta minha nem preocupada com o fato de eu tê-la ouvido ou não. Desceu os degraus do trono e foi para junto das mulheres, requisitando uma das mais altas como par.

A música começou. Os passos eram difíceis, mas as dançarinas os executavam com destreza. A despeito de mim mesmo, fiquei impressionado. Os vestidos rodopiavam, com as joias tilintando em seus pulsos e tornozelos enquanto as mulheres descreviam círculos. Sacudiam a cabeça ao rodopiar como cavalos indomáveis.

Deidâmia era a mais bela, sem dúvida. Com sua coroa dourada e seus cabelos soltos, chamava atenção movendo elegantemente os pulsos no ar. Ao contemplar aquele rosto afogueado de prazer, pareceu-me que seu brilho ia se tornando cada vez mais intenso. Sorria para o seu par como se o cortejasse. Ora desviava o olhar da mulher, ora se aproximava dela como para provocá-la com o toque. Curioso, inclinei a cabeça para ver melhor a jovem com quem ela dançava, mas a profusão de vestes brancas

a escondia.

A música chegou ao fim e as dançarinas pararam. Deidâmia conduziu-as em linha um passo à frente para que recebessem os aplausos. Sua parceira se manteve ao seu lado de cabeça baixa. Fez a reverência juntamente com as outras e endireitou-se.

Devo ter emitido algum som, pois o ar escapou violentamente de minha garganta. Foi pouco, mas bastou. Os olhos da jovem se fixaram em mim.

Várias coisas aconteceram então ao mesmo tempo. Aquiles — pois era ele — soltou a mão de Deidâmia e correu alegremente em minha direção, arremessando-me para trás com a força de seu abraço. Deidâmia gritou "Pirra!" e se desfez em lágrimas. Licomedes, que não estava tão senil quanto a filha me fizera acreditar, pôs-se imediatamente em pé.

— Pirra, o que significa isso?

Eu mal conseguia ouvir. Aquiles e eu nos abraçamos; nossos corpos se estreitavam, aliviados quase ao ponto da insensatez.

— Minha mãe — balbuciou ele —, minha mãe, ela...

— Pirra! — A voz de Licomedes enchia a sala, abafando os soluços incontroláveis da filha. Falava a Aquiles, logo percebi. *Pirra*. Cabelos de fogo.

Aquiles ignorou-o; Deidâmia soluçou ainda mais alto. O rei, revelando uma ponderação que me surpreendeu, correu os olhos pelo resto da corte, para os homens e as mulheres.

— Fora! — ele ordenou. Os presentes obedeceram com relutância, lançando olhares pelas costas.

— Agora, nós — disse Licomedes, dando um passo à frente. Pude ver seu rosto pela primeira vez: pele amarelada, barba grisalha mais parecendo um tosão encardido. Os olhos, porém, eram argutos.

— Quem é este homem, Pirra?

— Ninguém! — Deidâmia agarrou o braço de Aquiles e puxou-o.

Porém Aquiles respondeu quase imediatamente, com frieza:

— Meu esposo.

Comprimi os lábios para não ficar boquiaberto como um peixe.

— Não! Não é verdade! — gritou Deidâmia, assustando os pássaros pousados nas vigas do teto. Algumas penas flutuaram até o chão. Ela poderia ter dito mais, porém o choro forte impedia-a de falar com clareza.

Licomedes virou-se para mim como se buscasse apoio de homem para homem.

— Senhor, isso é verdade?

Aquiles apertava meus dedos.

— Sim! — eu disse.

— Não! — gritou a princesa.

Aquiles ignorou o salto que ela deu em sua direção e, inclinando graciosamente a cabeça diante de Licomedes, falou:

— Meu esposo veio me buscar e agora posso deixar esta corte. Sou grato por sua hospitalidade. Então ele fez uma mesura. Notei, com uma parte obscura e desconhecida de minha mente, que ele executara o gesto com muita elegância.

Licomedes ergueu o braço para nos deter.

— Primeiro, temos de consultar sua mãe. Foi ela que a entregou a mim para ser educada. Ela sabia sobre seu esposo?

— Não! — gemeu Deidâmia novamente.

— Filha! — Licomedes franziu a testa de um modo que lembrava sua filha. — Pare com essa cena. Deixe Pirra ir.

O rosto da jovem estava vermelho e inchado por causa das lágrimas; seu peito arfava.

— Não! — Virou-se para Aquiles. — Ele está mentindo! Ele me traiu! Monstro! *Apathes! Impiedoso*.

Licomedes estremeceu. Os dedos de Aquiles continuavam

pressionando os meus. Ela usara a forma masculina do adjetivo.

— Mas o que vem a ser isso? — exclamou Licomedes lentamente.

O rosto de Deidâmia empalidecera, mas ela levantou o queixo em desafio e sua voz não tremeu.

— Ele é um *homem* — ela disse. E completou: — Estamos casados.

— O quê?! — Licomedes engasgou.

Eu não conseguia falar. A mão de Aquiles era a única coisa que me mantinha preso à terra.

— Não faça isso — disse Aquiles virando-se para ela. — Por favor!

Ela pareceu enfurecer-se ainda mais.

— *Farei*, sim! — E, dirigindo-se ao pai, disse: — Você é um tolo! Eu era a única que sabia! Eu sabia! — Golpeou o peito com força. — E agora contarei a todos. Aquiles! — Gritou como se quisesse fazer esse nome atravessar as paredes de pedra e chegar aos próprios deuses. — Aquiles! Aquiles! Contarei a todos!

— Você não contará. — As palavras soaram frias e agudas como uma lâmina e calaram imediatamente os gritos da princesa.

*Conheço essa voz*. Virei-me.

Tétis estava de pé na soleira. Sua face refulgia como o centro branco-azulado de uma chama. Olhos escuros e fundos. Mais alta do que eu jamais a vira. O cabelo luxuriante como sempre e o traje magnífico; mas havia nela, agora, algo de selvagem, como se uma tormenta invisível rugisse à sua volta. Parecia uma Fúria, um demônio sedento de sangue humano. Meus cabelos se eriçaram e até Deidâmia se calou.

Por um instante, ficamos apenas olhando pasmos para ela. Então Aquiles ergueu a mão e arrancou o véu que lhe cobria a cabeça. Desfez o laço do vestido à altura do peito, abriu-o e expôs o tórax viril. A luz bailava sobre sua pele, dourando-a.

— Basta, mãe — ele disse.

Uma espécie de espasmo contraiu as feições da deusa. Temi que fosse

agredi-lo. Porém ela apenas o contemplou com aqueles olhos negros e impassíveis.

Aquiles se voltou então para Licomedes:

— Minha mãe e eu o enganamos; por isso lhe peço desculpas. Sou o príncipe Aquiles, filho de Peleu. Ela não queria que eu partisse para a guerra e escondeu-me aqui, como se fosse uma de suas filhas adotivas.

Licomedes engoliu em seco e não disse nada.

— Agora, podemos ir — falou Aquiles gentilmente.

Essas palavras tiraram Deidâmia de seu transe.

— Não! — exclamou, levantando de novo a voz. — Não pode! Sua mãe pronunciou sobre nós as palavras sacramentais e estamos casados. Você é meu marido.

Ouvia-se na sala a respiração entrecortada de Licomedes. Ele só parecia enxergar Tétis.

— Isso é verdade? — ele perguntou.

— É — respondeu a deusa.

Senti o peito oprimido por um peso que parecia ter caído de uma altura enorme. Aquiles se virou para mim como se fosse dizer alguma coisa. Porém sua mãe se antecipou.

— Agora você está ligado a nós, rei Licomedes. Continuará abrigando Aquiles aqui e não revelará quem ele é. Em troca, sua filha poderá um dia reivindicar um marido glorioso. — Seus olhos se dirigiram para um ponto acima da cabeça de Deidâmia e baixaram novamente. Então ela acrescentou: — Ela não conseguiria melhor arranjo do que este.

Licomedes esfregou o pescoço, como se quisesse alisar as rugas.

— Não tenho escolha — murmurou ele. — Como você sabe.

— E se eu não me calar? — perguntou Deidâmia, com as faces coradas. — Você e seu filho me destruíram. Deitei-me com ele, como me pediu, e minha honra se perdeu. Reivindico-o agora, diante da corte, como recompensa.

*Deitei-me com ele.*

— Você é uma menina tola — zombou Tétis. Cada palavra feria como o corte de um machado, incisiva e cruel. — Pobre e desprezível, uma inocente útil. Não merece meu filho. Controle-se ou eu a conterei.

Deidâmia recuou um passo, com os olhos arregalados, os lábios sem cor. Suas mãos tremiam. Levou uma delas ao ventre e apertou o tecido, como para criar ânimo. Lá fora, além dos penhascos, ouvíamos as ondas tormentosas fustigando os rochedos, na ânsia de esmigalhá-los.

— Estou grávida — murmurou a princesa.

Eu tinha os olhos fixos em Aquiles quando ela disse isso e vi o horror em seu rosto. Licomedes emitiu um gemido de dor.

Senti um vazio no peito, agora frágil como uma casca de ovo. *Basta*. Talvez tenha dito isso — ou apenas pensado. Soltei a mão de Aquiles e caminhei em direção à porta. Creio que Tétis me deu passagem; eu a empurraria caso não o fizesse. Sozinho, caminhei na escuridão.

— Espere! — gritou Aquiles. Ele precisou de mais tempo para me alcançar do que deveria; eu notei isso desconsoladamente. *O vestido deve restringir seus movimentos.* Ele me agarrou pelo braço.

— Solte-me — disse eu.

— Por favor, espere. Deixe-me explicar. Eu não queria fazer aquilo. Minha mãe... — estava quase sem fôlego, quase arquejando. Nunca o vira tão agitado.

— Ela levou a jovem ao meu quarto. Induziu-me a fazer o que eu não queria. Disse... disse... — não conseguia encontrar as palavras. — Disse que, se eu a obedecesse, ela revelaria a você meu esconderijo.

O que Deidâmia pensou que fosse acontecer, perguntei-me, quando fizera as mulheres dançarem para mim? Será que ela supôs realmente

que eu não o reconheceria? Pois se poderia reconhecê-lo por um toque, por seu cheiro! Poderia reconhecê-lo mesmo estando cego — somente pelo ruído de sua respiração ou pelo som de seus passos. Poderia reconhecê-lo na morte, no fim do mundo.

— Pátroclo. — Ele envolveu meu rosto com a mão. — Está me ouvindo? Por favor, diga alguma coisa.

Eu não conseguia deixar de imaginar a pele dela colada à dele, os seios túrgidos e as ancas sinuosas de Deidâmia. Evoquei os longos dias em que padeci sua ausência, mãos vazias e ociosas sondando o vazio como aves bicando a terra árida.

— Pátroclo?

— Você fez isso por nada.

O tom desalentado de minha voz o fez recuar um passo. Contudo o que se poderia esperar de mim senão desalento?

— O que você quer dizer?

— Sua mãe não me disse onde você estava. Quem me disse foi Peleu.

O rosto de Aquiles empalideceu, suas feições ficaram tensas.

— Ela não lhe disse?

— Não. Pensou mesmo que ela o faria? — Minhas palavras soaram mais sarcásticas do que eu pretendia.

— Sim — murmurou ele.

Eu poderia ter dito milhares de coisas, censurando-o por sua ingenuidade. Ele sempre fora crédulo demais; na vida, nunca se deparara com quase nada que lhe despertasse o medo ou a suspeita. Antes de nos tornarmos amigos, eu cheguei a odiá-lo por ser assim e uma fagulha desse sentimento crepitou em meu peito, ameaçando transformar-se de novo em chamas. Qualquer outro perceberia que Tétis só almejava seus próprios desígnios. Como pudera Aquiles ser tão ingênuo? Palavras mordazes ferviam em minha boca.

Porém, quando tentei proferi-las, percebi que isso seria impossível.

Suas faces estavam rubras de vergonha e a pele embaixo de seus olhos adquirira um tom de cansaço. A confiança fazia parte dele tanto quanto suas mãos e seus pés miraculosos. E, a despeito de meu sofrimento, eu não queria que ela desaparecesse, não queria vê-lo desconfiado e inseguro como o resto de nós — por nada neste mundo.

Ele me olhava fixamente, tentando ler minha expressão como um sacerdote que perscruta augúrios para proferir um oráculo. Eu percebia, em seu rosto, a tênue ruga que denunciava extrema concentração.

Algo então se fundiu dentro de mim, como a superfície gelada do Apidano na primavera. Eu vira o modo como ele olhava para Deidâmia, ou melhor, o modo como não olhava. Era o mesmo olhar que lançava aos meninos em Fítia, distante e vazio. Jamais, uma vez sequer, me fitara daquela maneira.

— Perdoe-me — insistiu ele. — Eu não queria. Ela não era você. Eu não... Eu não gostei.

Ouvir aquilo apagou os últimos resquícios da dor que me afligia desde o instante em que Deidâmia gritara seu nome. Minha garganta se contraiu ante a iminência das lágrimas.

— Não há nada a perdoar — disse eu.



Tarde da noite, voltamos ao palácio. O grande saguão estava às escuras e na lareira só restavam brasas. Aquiles havia arrumado seu vestido o melhor que pudera, mas o tecido continuava meio solto; ele o mantinha seguro ao peito, para o caso de encontrarmos algum guarda desperto.

A voz veio das sombras, assustando-nos.

— Vocês voltaram... — A luz da lua não chegava até o trono, mas vislumbramos ali a silhueta de um homem coberto de peles. A voz era mais profunda e arrastada do que antes.

— Voltamos — disse Aquiles. Percebi sua breve hesitação antes de responder. Não esperava reencontrar o rei tão cedo.

— Sua mãe foi embora, não sei para onde. — O rei fez uma pausa, como se aguardasse uma resposta.

Aquiles não disse nada.

— Minha filha, sua esposa, está no quarto chorando. Ainda tem esperança de que você volte para ela.

Senti em Aquiles uma pontada de culpa. Suas palavras saíram hesitantes; aquele era um sentimento ao qual não estava habituado.

— É pena que ela alimente semelhante esperança.

— De fato — concordou Licomedes.

Permanecemos em silêncio por um instante. E então o rei, respirando fundo, disse com voz cansada:

— Suponho que seu amigo precise de um quarto.

— Se não se importar — disse Aquiles, cautelosamente.

Licomedes riu baixinho.

— Não, príncipe Aquiles, eu não me importo. — Outro momento de silêncio. Ouvi o rei erguer uma taça, beber e pousá-la novamente na mesa.

— Você deve dar seu nome à criança. Compreende isso? — Era o que esperara no escuro para dizer, coberto de peles e junto ao resquício de fogo.

— Compreendo — disse Aquiles calmamente.

— Jura que o fará?

Houve uma pausa curtíssima. Senti pena do pobre rei. E fiquei aliviado quando Aquiles respondeu:

— Juro.

O ancião emitiu um som que parecia um suspiro. Mas suas palavras, quando se fizeram ouvir, eram formais; voltara a ser um rei.

— Tenham os dois uma boa noite.

Fizemos uma reverência e saímos.

Nas entranhas do palácio, Aquiles encontrou um guarda para nos mostrar as dependências dos hóspedes. A voz que usou foi aguda e estridente, sua voz de mulher. Percebi os olhos do guarda examinando-o cuidadosamente, detendo-se na bainha esfarrapada do vestido, no cabelo desalinhado. Virou-se e me dirigiu um largo sorriso.

— Por aqui, senhora — disse ele.



Nas histórias, os deuses têm o poder de alterar o curso da lua quando bem entendem e de dar a uma noite a duração de muitas noites. Tal foi aquela, uma sequência infinita de horas. Bebemos à farta, sedentos de tudo quanto perdêramos nas semanas em que estivemos separados. Só quando o céu começou a clarear é que me lembrei do que ele dissera a Licomedes na grande sala. Esquecera tudo no torvelinho provocado pela gravidez de Deidâmia, por seu casamento, por nosso reencontro.

— Sua mãe estava tentando escondê-lo para que não fosse lutar?

Ele assentiu.

— Ela não quer que eu parta para Troia.

— Por quê? — Até então, eu pensara que Tétis queria fazer dele um guerreiro.

— Não sei. Diz que sou muito jovem. Que ainda não é hora.

— E foi... foi ideia dela? — Apontei para o vestido em frangalhos.

— É claro. Eu mesmo não pensaria em tal coisa. — Fez uma careta e sacudiu os cabelos, ainda penteados como os de uma mulher. Tinha vergonha, sim, mas não extrema como sucederia a qualquer outro rapaz. Aquiles não temia o ridículo; nunca o conhecera. — De qualquer modo, estarei livre depois que o exército partir.

Eu ainda procurava uma resposta.

— Então não foi por minha causa que ela o raptou?

— Deidâmia foi por sua causa, creio eu. — Fitou as mãos por um momento. — O resto foi por causa da guerra.

# Capítulo 13

Os dias seguintes se passaram tranquilamente. Comíamos em nosso próprio quarto e ficávamos horas longe do palácio, explorando a ilha e repousando à sombra exígua das árvores mirradas. Tínhamos de ser cuidadosos; Aquiles não podia correr muito, escalar com muita destreza, manejar uma lança. Entretanto, ninguém nos seguia e havia muitos lugares em que era possível esquecer esse disfarce.

No extremo da ilha, descobrimos uma praia deserta, pedregosa, mas duas vezes mais longa que nossas pistas de corrida. Aquiles deu um grito de satisfação quando a viu e arrancou logo o vestido. Vi-o disparar por aquela extensão como se ela fosse chão plano.

— Conte para mim — gritou ele por cima do ombro. Comecei a bater na areia para marcar o tempo.

— Quanto? — perguntou Aquiles já na extremidade da praia.

— Treze — respondi.

— Ainda estou me aquecendo — ele disse.

Na vez seguinte, a contagem chegou a onze. E na última, a nove. Ele se sentou ao meu lado, levemente sem fôlego, com as faces rubras de alegria. Havia me contado de seus dias como mulher, as longas horas de tédio forçado que só as danças aliviavam um pouco. Agora livre, distendeu os músculos como um felino do Pélion, orgulhoso da própria força.

À noite, porém, tínhamos de voltar à grande sala do palácio. Relutante, Aquiles punha de novo o vestido e arrumava o cabelo. Às vezes, escondia-o sob uma touca, como fizera na primeira noite; cabelos louros eram incomuns o bastante para chamar a atenção de marinheiros e

mercadores que transitavam pelo porto. Se seus mexericos chegassem aos ouvidos de alguém suficientemente astuto... era bom nem pensar.

Uma mesa era posta para nós na frente da sala, perto dos tronos. Ali comíamos os quatro, Licomedes, Deidâmia, Aquiles e eu. Às vezes, um ou dois conselheiros se juntavam a nós, às vezes, não. Essas refeições se passavam quase sempre em silêncio; eram puramente formais, para calar boatos e manter a ficção de Aquiles como minha esposa e pupila do rei. Os olhos de Deidâmia dardejavam sobre ele, na esperança de que lhe desse atenção. Porém ele nunca fazia isso. "Boa noite", dizia com sua voz de mulher enquanto nos sentávamos; e nada mais. Sua indiferença era palpável e eu percebia, no belo rosto da princesa, as emoções desencontradas da vergonha, da mágoa e da cólera. Nessas ocasiões, olhava para o pai, como se esperasse sua interferência. No entanto Licomedes ia devorando seus bocados sem dizer nada.

Às vezes, ela me surpreendia observando-a; então, em seu rosto crispado, os olhos se estreitavam. Pousava a mão no ventre, possessivamente, como para banir qualquer esperança que eu me atrevesse a alimentar. Supunha talvez que eu pudesse zombar dela, alardeando meu triunfo. Ou que a odiasse. Não sabia que, centenas de vezes, quase implorei a Aquiles para tratá-la com mais gentileza. *Não precisa humilhá-la tanto assim.* Contudo, o que faltava a Aquiles não era gentileza, mas sim interesse. Seu olhar passava pela jovem como se ela não estivesse lá.

Certa feita, ela tentou se dirigir a ele com voz trêmula de esperança.

— Você está bem, Pirra?

Ele continuou mordiscando a comida com sua elegância habitual. Havíamos planejado levar lanças para o extremo da ilha, após a refeição, e fisgar peixes à luz da lua. Aquiles mal continha a impaciência. Precisei dar-lhe um toque por baixo da mesa.

— Que foi? — perguntou-me.

— A princesa quer saber se você está bem.

— Ah! — Olhou-a de relance e, voltando-se de novo para mim disse:

— Sim, estou bem.



Com o correr dos dias, Aquiles habituou-se a acordar cedo para treinar com a lança logo ao começo do dia. Escondêramos armas numa caverna distante e ali ele treinava antes de reassumir sua identidade feminina no palácio. Às vezes, ia ao encontro da mãe e sentava-se numa das rochas escarpadas de Ciros, com os pés balançando sobre o mar.

Numa dessas manhãs em que Aquiles estava ausente, ouvi uma forte batida na porta.

— Sim? — perguntei. Mas os guardas já estavam entrando. Sua aparência era mais formal que nunca, empertigados e de lança em punho. Achei estranho vê-los sem seus dados.

— Você vem conosco — disse um deles.

— Por quê? — Eu mal havia saído da cama e ainda me sentia sonolento.

— Ordem da princesa.

Outro guarda me agarrou pelos pulsos e me arrastou em direção à porta. Eu ia esboçar um protesto quando o primeiro se inclinou sobre mim e, de olhos fixos nos meus, sussurrou:

— É melhor não resistir. — E encostou o polegar na ponta da lança, numa ameaça teatral.

Não achei que eles fossem realmente me ferir, mas também não desejava ser empurrado pelos corredores do palácio.

— Está bem — concordei.



Eu não conhecia aqueles corredores estreitos por onde estavam me levando. Iam dar nas dependências das mulheres, longe dos cômodos principais, uma sucessão de cubículos onde as irmãs de criação de Deidâmia viviam e dormiam. Ouvi risos por trás das portas e o zunido ininterrupto das lançadeiras. Aquiles dissera que, ali, o sol não entrava pelas janelas e não havia brisa. Passara quase dois meses naquela colmeia; eu mal podia imaginar como.

Por fim, chegamos diante de uma larga porta de madeira, mais nobre que as outras. O guarda bateu, abriu-a e empurrou-me para dentro. Ouvi-a fechar-se com estrondo às minhas costas.

Deidâmia, sentada ereta numa cadeira revestida de couro, olhava-me. Vi uma pequena mesa a seu lado e uma arca a seus pés; afora isso, o quarto estava vazio.

Ela deve ter planejado tudo, pensei. Sabia que Aquiles saíra.

Como não havia onde me sentar, eu permaneci de pé. O chão de pedra era frio e eu estava descalço. Havia outra porta menor, que devia conduzir ao dormitório.

Ela continuou me observando com seus olhos faiscantes como os de um pássaro. Não me ocorreu nada de inteligente a dizer, por isso o que me escapou foi uma tolice:

— Você queria falar comigo.

Ela franziu o nariz com desdém.

— Sim, Pátroclo. Eu quero falar com você.

Esperei, mas ela não disse mais nada, apenas me observava; um dedo tamborilando no braço da cadeira. Seu vestido estava mais frouxo que de costume; ela não o prendera na cintura, como sempre fazia para realçar a silhueta. Trazia os cabelos soltos e puxados para trás na altura das têmporas por dois pentes de marfim cinzelados. Balançou levemente a cabeça e sorriu.

— Engraçado, você nem mesmo é bonito. É, na verdade, um tipo muito comum.

À semelhança do pai, tinha o hábito de fazer uma pausa como se aguardasse resposta. Senti-me enrubescer. *Preciso dizer alguma coisa.* Limpei a garganta.

Ela me fuzilou com o olhar.

— Não lhe dei licença para abrir a boca. — Sustentou meu olhar por um momento, para se certificar de que eu não desobedeceria, e prosseguiu:

— Acho tudo isso muito engraçado. Olhe para você. — Levantou-se e seus passos rápidos devoraram a distância entre nós. — Seu pescoço é curto. Seu peito é franzino como o de um menino. — Fez um gesto de desdém com os dedos em minha direção. — E esse rosto! — Contraiu as feições numa careta. — Medonho. Minhas mulheres concordam. Até meu pai concorda. — Os lábios rubros de Deidâmia se entreabriram revelando seus dentes muito brancos. Eu nunca estivera tão perto dela. Sentia um perfume doce, como o da flor do acanto; àquela distância, notei que seu cabelo não era inteiramente preto, mas entremeado de fios em tons cambiantes de castanho vivo.

— E então? O que tem a dizer? — Pousou as mãos nos quadris.

— Você não me deu licença para falar — retruquei.

A cólera invadiu seu rosto.

— Não se faça de idiota — sibilou.

— Eu não... — comecei.

Ela me esbofeteou. Sua mão era pequena, mas tinha uma força surpreendente. Minha cabeça girou com violência para o lado. A pele ardeu e meu lábio começou a latejar no ponto onde um dos anéis dela me atingira. Eu não era agredido assim desde os tempos de criança. Em geral, não se espancavam os meninos, mas alguns pais às vezes faziam isso para mostrar-lhes seu desprezo. O meu, por exemplo. O gesto de

Deidâmia me chocou; não teria podido abrir a boca mesmo sabendo o que dizer.

Ela arreganhou os dentes para mim, como que me desafiando a revidar. Quando concluiu que eu não o faria, o triunfo se estampou em seu rosto.

— Covarde. Tão covarde quanto feio. E meio imbecil também, segundo ouvi dizer. Não consigo entender! Não faz sentido que ele... — interrompeu-se abruptamente e um dos cantos de sua boca pendeu como se tivesse sido puxado pelo anzol de um pescador. Virou-me as costas e calou-se. Decorreu um instante. Sua respiração era lenta, contida para não revelar que chorava. Eu conhecia o truque, já o aplicara algumas vezes. — Odeio você — disparou ela, mas sua voz era pastosa e sem vigor. Certa piedade brotou em mim, arrefecendo o calor de minhas faces. Eu sabia quão difícil é suportar a indiferença.

Ela soluçou e levou rapidamente a mão ao rosto para enxugar as lágrimas.

— Vou partir amanhã — disse por fim. — Isso deve deixá-lo feliz. Meu pai quer que meu confinamento comece o mais cedo possível. A seu ver, a vergonha recairá sobre mim caso a gravidez seja notada antes de se saber que me casei.

Confinamento. Senti a amargura em sua voz quando ela proferiu essa palavra. Algum casebre num ponto remoto das terras de Licomedes. Lá, não poderia dançar nem conversar com as amigas. Ficaria isolada, apenas com a serva e seu ventre cada vez mais intumescido.

— Sinto muito — murmurei.

Deidâmia não respondeu. Admirei a curva suave de suas costas sob o tecido diáfano. Dei um passo em sua direção e parei. Gostaria de tocá-la, acariciar seus cabelos para que se sentisse um pouco reconfortada. Mas isso, vindo de mim, não a reconfortaria. Minha mão pendeu ao lado do corpo.

Ficamos ali parados por algum tempo, só com o ruído de nossa respiração enchendo o espaço. Quando ela se voltou, seu rosto estava vermelho de tanto chorar.

— Aquiles não se importa comigo. — Sua voz tremia levemente. — Mesmo sendo eu sua esposa, grávida de um filho seu. Sabe... por que isso acontece?

Era uma pergunta pueril, como por que a chuva cai ou por que o movimento do mar nunca cessa. Eu me sentia muito mais velho do que ela, embora não o fosse.

— Eu não sei — respondi baixinho.

A expressão de Deidâmia mudou.

— Mentira. Você é o motivo. Velejará com ele e eu ficarei aqui.

Eu sabia, até certo ponto, o que significa estar só. E como a fortuna alheia nos fere como um aguilhão. Porém nada podia fazer.

— Preciso ir — disse eu da maneira mais gentil que consegui.

— Não! — Deidâmia, de um salto, bloqueou minha passagem. Suas palavras ecoaram pelo quarto. — Não pode! Chamarei os guardas se tentar. Direi... direi que você me atacou.

A piedade que senti por ela me desarmou. Mesmo se os chamasse e eles acreditassem naquela mentira, não poderiam ajudá-la. Eu era o companheiro de Aquiles e invulnerável.

Esses sentimentos devem ter se estampado em meu semblante; ela recuou como se estivesse arrependida, e seu rosto recuperou as cores.

— Você ficou furioso por ele ter me desposado, por ter se deitado comigo. Sentiu ciúmes. E com razão. — Levantou o queixo, como sempre fazia. — E isso não aconteceu uma vez só.

*Aconteceu duas vezes.* Aquiles me contara. Deidâmia supunha ter poder para interpor uma barreira entre nós, mas não tinha nenhum.

— Sinto muito — repeti. Que mais poderia eu dizer? Aquiles não a amava; não a amaria nunca.

Como se ouvisse meus pensamentos, a face de Deidâmia se crispou. Lágrimas caíram ao chão, enegrecendo gota a gota a pedra cinzenta.

— Deixe-me chamar seu pai — sugeri. — Ou uma das mulheres.

Ela me fitou.

— Por favor — ela implorou. — Por favor, não me deixe.

Tremia como um recém-nascido. Antes, suas mágoas tinham sido sempre leves e sempre havia alguém para consolá-la. Agora havia apenas aquele recinto, de paredes nuas e com uma só cadeira, que encerrava sua dor.

Quase sem querer, aproximei-me dela. Deidâmia emitiu um breve suspiro, como uma criança adormecida, e caiu abandonada em meus braços. Suas lágrimas umedeceram minha túnica; estreitei as curvas de sua cintura sentindo a pele tépida e macia de seus braços. Aquiles devia ter feito a mesma coisa, talvez. Mas Aquiles agora parecia estar bem longe; seu brilho não se harmonizava com aquele ambiente escuro e despojado. A face de Deidâmia, quente como se estivesse febril, comprimia meu peito. Tudo o que eu podia ver dela era o alto de sua cabeça, as volutas e o emaranhado de seus cabelos negros, com o escalpo branco por baixo.

Depois de algum tempo, os soluços cessaram e ela me apertou mais contra si. Senti-lhe as mãos passeando por minhas costas, toda a extensão de seu corpo encostada ao meu. A princípio, não compreendi. Depois, sim.

— Você não quer isso — disse eu. Tentei dar um passo atrás, mas ela me segurava com firmeza.

— Quero, sim. — Havia em seus olhos um ardor que quase me assustou.

— Deidâmia... — procurei dar à voz o tom com que demovera Peleu. — Os guardas estão aí fora. Você não pode...

Mas ela agora parecia calma e segura.

— Não nos perturbarão.

Minha garganta estava seca de pânico.

— Aquiles deve estar à minha procura.

Ela esboçou um sorriso triste.

— Não procurará aqui. — E, pegando minha mão, disse: — Venha.

Levou-me para o quarto. Aquiles, a meu pedido, falara sobre suas noites juntos. Não lhe foi penoso fazer isso: nada entre nós era proibido. Deidâmia, dissera ele, tinha o corpo pequeno e acetinado como o de uma criança. Ela fora ao quarto dele à noite, em companhia de Tétis, e deitara-se a seu lado na cama. Aquiles temera machucá-la; mas tudo foi muito suave e em silêncio. Ele se atrapalhara para descrever o cheiro intenso, a umidade entre as coxas dela. "Pegajoso como azeite", foi o que disse. E, quando o pressionei, balançou a cabeça. "Na verdade, não consigo me lembrar. Estava escuro e eu não via quase nada. Queria que aquilo terminasse logo." "Acariciou meu rosto." "Senti a sua falta."

A porta se fechou atrás de nós e ficamos sozinhos naquele quarto modesto. As paredes eram cobertas de tapeçarias, e as lajes do chão, de grossas peles de carneiro. Via-se uma cama perto da janela, para aproveitar a pouca brisa que entrava.

Ela puxou o vestido por cima da cabeça e jogou-o ao chão.

— Você me acha bonita? — perguntou.

Fiquei aliviado com a simplicidade da pergunta e respondi:

— Sim.

O corpo dela era realmente pequeno e delicado, com uma intumescência quase imperceptível no ventre, onde a criança se formava. Meus olhos foram atraídos para aquilo que nunca tinham visto — uma diminuta mancha aveludada, de pelos negros levemente eriçados. Ela acompanhou meu olhar e, pegando minha mão, guiou-a para aquele ponto, que irradiava um calor de brasas.

A pele sobre a qual meus dedos deslizavam era quente e macia, tão

frágil que receei magoá-la com meu toque. Minha outra mão subiu para acariciar-lhe a face, a suavidade embaixo de seus olhos. Nesses, o que eu via era terrível: nem esperança nem prazer, apenas determinação.

Quase fugi. Mas não conseguiria ver seu rosto outra vez desmanchado de dor e decepção — mais um rapaz que não lhe dava o que ela queria. Assim, embora trêmulo, permiti que suas mãos me levassem para a cama, me guiassem por entre suas coxas, onde a pele tenra se dividia, exsudando gotas quentes e lentas. Senti alguma resistência e quis me afastar; ela, porém, sacudiu decididamente a cabeça. Seu rosto miúdo transpirava concentração, as mandíbulas cerradas como se sentisse dor. Foi um alívio para nós quando, por fim, a pele se afrouxou e abriu caminho — quando deslizei para dentro da tepidez que me envolvia.

Não nego que não estivesse excitado. Uma tensão cada vez mais forte me invadia. Era uma sensação estranha, difusa, bem diferente de meus desejos intensos e definidos por Aquiles. Deidâmia pareceu se ressentir dessa minha reação morna. *Mais indiferença*. Por isso, forcei os movimentos, emiti gemidos de prazer, pressionei o peito contra o dela num pretenso arroubo de paixão, achatando-lhe os seios pequeninos e tenros sob meu peso.

Então ela recuperou o ânimo e, num ímpeto repentino, empurrava-me e puxava-me cada vez mais rápida e violentamente, os olhos brilhando de triunfo à medida que o ritmo de minha respiração se acelerava. E então, percebendo a lenta subida da maré dentro de mim, suas pernas leves, mas firmes, me entrelaçaram, aprisionando-me em suas entranhas e absorvendo o espasmo de meu prazer.

Ficamos estendidos, recobrando o fôlego, lado a lado, mas sem nos tocarmos. Sua face estava sombria e distante, seu corpo parecia estranhamente rijo. Eu tinha a mente ainda enevoada pelo clímax, mas estendi a mão para acariciá-la. Pelo menos isso eu poderia lhe oferecer.

Ela, porém, se afastou de mim e se pôs de pé, com os olhos atentos;

embaixo deles, a pele estava escura como hematomas. Começou a se vestir, de costas para mim, e suas nádegas arredondadas em forma de lira como que me fitavam em sinal de reprovação. Eu ignorava qual fora o seu desejo; só sabia que não o satisfizera. Levantei-me também e vesti a túnica. Gostaria de tocá-la, acariciar-lhe o rosto; mas seus olhos me mantinham a distância, agudos e frios. Abriu a porta. Desalentado, atravessei a soleira.

— Espere. — Sua voz soou áspera. Voltei-me. — Diga-lhe adeus por mim. — E fechou a porta, colocando entre nós a escuridão e a distância.



Quando reencontrei Aquiles, abracei-o com alívio pela alegria que brotou entre nós, por estar liberto da tristeza e do sofrimento de Deidâmia.

Mais tarde, quase me convenci de que nada acontecera, de que tudo fora um sonho vívido extraído das descrições de Aquiles e do excesso de imaginação. Porém isso não era verdade.

# Capítulo 14

Deidâmia partiu na manhã seguinte, como dissera. "Foi visitar uma tia", informou Licomedes à corte, num tom de voz impessoal. Ninguém ousou fazer perguntas. Ela ficaria longe até o nascimento da criança, a quem Aquiles daria seu nome.

As semanas seguintes me pareceram estranhamente longas. Aquiles e eu passávamos o maior tempo possível fora do palácio, e nossa alegria, tão explosiva por ocasião do reencontro, fora substituída pela impaciência. Queríamos ir embora, retomar nossas vidas no Pélion ou em Fítia. Sentíamo-nos furtivos e culpados na ausência da princesa; os olhares da corte sobre nós eram agora ainda mais insolentes, mais insuportáveis. Licomedes franzia o cenho toda vez que nos via.

E havia a guerra. Mesmo na remota e esquecida Ciros, recebíamos notícias sobre ela. Os antigos pretendentes de Helena tinham honrado seu juramento e sangue nobre era o que não faltava no poderoso exército de Agamêmnon. Dizia-se que ele fizera o que ninguém antes conseguira: unir nossos reinos divididos em torno de uma causa comum. Eu me lembrava bem dele: um semblante austero e sombrio, peludo como o de um urso. Aos meus olhos de criança de 9 anos, seu irmão Menelau fora o que mais se destacara, com seus cabelos ruivos e sua voz jovial. Agamêmnon, porém, sendo mais velho e tendo exércitos maiores, chefiaria a expedição contra Troia.

Era manhã e nem parecia que o inverno estava chegando ao fim. No sul, as folhas não haviam caído e a geada não toldava o ar da manhã. Sentamo-nos num penhasco de onde se avistava toda a extensão do horizonte, de olhos atentos aos navios e aos fugazes dorsos cinzentos dos

golfinhos. Atirávamos seixos e debruçávamo-nos na borda para vê-los deslizar ao longo do paredão a pique. Estávamos num ponto tão elevado que sequer ouvíamos o som de sua queda nas rochas lá embaixo.

— Gostaria de ter aqui a lira de sua mãe — disse ele.

— Eu também. — Porém ela fora deixada em Fítia juntamente com o restante dos pertences de Aquiles. Ficamos em silêncio por um momento, evocando a doçura de suas cordas.

Ele se inclinou para a frente. — Que é aquilo?

Eu olhei. O sol estava agora num ponto diferente do horizonte por ser inverno e parecia incidir sobre meus olhos de todos os ângulos.

— Não sei — respondi, mirando a região enevoada onde o mar se confundia com o céu. Havia ali uma pequena mancha que poderia ser um navio ou um reflexo do sol na água. — Se for um navio, teremos notícias — disse eu, sentindo outra vez aquele aperto no estômago. Temia o tempo todo ficar sabendo que andavam à procura do último pretendente de Helena, o perjuro. Eu era jovem, na época; não me ocorreu que nenhum líder gostaria de ver espalhado o boato de que alguém não atendera ao seu apelo.

— É um navio, com certeza — disse Aquiles.

A mancha agora estava bem próxima; o navio devia avançar a grande velocidade. As cores brilhantes da vela iam se destacando mais e mais do cinza-azulado do mar.

— Não é um barco mercante — comentou Aquiles. Os barcos mercantes só usavam velas brancas, práticas e baratas; era preciso ser rico para gastar tintas preciosas com tais coisas. Os mensageiros de Agamêmnon possuíam velas vermelhas e púrpura, símbolos tomados à realeza oriental. As daquele navio eram amarelas, ornadas com padrões em preto.

— Conhece o desenho? — perguntei.

Aquiles sacudiu a cabeça.

Vimos o navio penetrar na estreita baía de Ciros e encostar-se ao cais arenoso. Uma tosca âncora de pedra desceu pela amurada e logo depois o passadiço foi baixado. Estávamos longe demais para ver muita coisa além das cabeças escuras dos homens que caminhavam pelo convés.

Tínhamos ficado fora por mais tempo do que devíamos. Aquiles se levantou e arrumou o lenço sobre os cabelos agitados pelo vento. Ajeitei as dobras de seu vestido para que pendessem mais graciosamente dos ombros, ajustando também o cinto e os laços; já não era tão estranho vê-lo naqueles trajes. Quando terminamos, Aquiles se inclinou para me beijar. Seus lábios nos meus eram macios e fiquei excitado. Ele percebeu a expressão em meus olhos e sorriu. "Mais tarde", prometeu; e, virando-se, tomou o caminho do palácio. Permaneceria nos aposentos das mulheres, entre teares e vestidos, até que o mensageiro se fosse.

Minha cabeça começou a latejar acima dos olhos. Fui para meu quarto frio e escuro, com os postigos fechados ao sol do meio-dia, e dormi.

Uma batida na porta me acordou. Um servo, talvez; ou Licomedes. De olhos ainda fechados, convidei:

— Entre.

— Um pouquinho tarde para isso, não acha? — disse uma voz. O tom era divertido e um tanto seco. Abri os olhos e sentei-me. Um homem estava de pé na soleira. Era robusto e musculoso, com uma barba rente de filósofo, castanho-escura e entremeada de fios levemente ruivos. Sorriu, mostrando as linhas cavadas em torno da boca por muitos outros sorrisos semelhantes. Era um gesto fácil para ele, pronto e revelador de larga experiência. Algo naquele sorriso pressionou minha memória.

— Lamento perturbá-lo. — A voz era agradável, bem agradável.

— Não tem importância — eu disse cautelosamente.

— Esperava trocar algumas palavras com você. Posso me sentar? — apontou para uma cadeira com a larga palma estendida. O pedido fora feito com polidez; e, apesar de minha inquietude, não havia motivo para

recusá-lo.

Assenti e ele puxou a cadeira. Tinha as mãos ásperas e calosas; não estariam deslocadas manejando o arado, mas as maneiras do homem transpiravam nobreza. Para ganhar um pouco de tempo, corri a abrir os postigos, na esperança de arejar o cérebro da névoa do sono. Não podia imaginar por que alguém quereria perder minutos preciosos comigo. A menos que viesse cobrar-me o juramento. Virei-me para encará-lo.

— Quem é você? — perguntei.

O homem riu.

— Boa pergunta. Fui excessivamente grosseiro invadindo assim o seu quarto. Sou um dos capitães do grande rei Agamêmnon. Percorro as ilhas para falar a jovens promissores como você — inclinou de leve a cabeça em minha direção — sobre a possibilidade de se juntarem ao nosso exército contra Troia. Tem notícias da guerra?

— Tenho ouvido falar — eu respondi.

— Ótimo. — Sorriu de novo e estendeu as pernas. A luz mortiça caiu sobre elas, revelando uma cicatriz rosada que percorria a carne morena da panturrilha direita, do calcanhar ao joelho. *Uma cicatriz rosada.* Meu estômago se revirou como se eu estivesse debruçado sobre o penhasco mais alto de Ciros, sem nada embaixo exceto a longa queda até o mar. Ele estava mais velho agora, maior e em plena posse de suas forças. *Odisseu*.

Ele disse algo que não ouvi. Retornei àquele dia na corte de Tíndaro, rememorando os olhos negros e argutos do homem, a que nenhum detalhe escapava. Será que ele me reconhecia? Fitei seu rosto, mas tudo o que vi foi uma ligeira contração de expectativa. *Ele quer uma resposta.* Tentei sufocar o medo.

— Sinto muito — confessei —, mas não ouvi. O que disse?

— Está interessado em se juntar a nós na luta?

— Não creio que me queiram com vocês. Não sou um soldado muito bom.

Sua boca se retorceu num esgar irônico.

— Engraçado... Ninguém parece ser, quando faço o convite. — O tom era leve; uma pilhéria compartilhada, não uma admoestação.

— Qual é o seu nome?

— Quirônida — respondi, procurando me mostrar o mais despreocupado possível.

— Quirônida — repetiu ele. Tentei ver em seu rosto algum sinal de desconfiança, mas não vi nenhum. A tensão em meus músculos diminuiu um pouco. Sem dúvida, o homem não me reconhecera. Eu mudara bastante desde que tinha 9 anos.

— Pois bem, Quirônida, Agamêmnon promete honra e fortuna a todos os que lutarem por ele. A campanha deve ser curta; você estará de volta à sua casa no próximo outono. Ficarei por aqui alguns dias e espero que examine a proposta. — Pousou as mãos nos joelhos com determinação e levantou-se.

— Isso é tudo? — Eu esperava uma longa tarde de persuasão e pressão.

Ele sorriu, quase afetuosamente.

— Sim, isso é tudo. Presumo que nos veremos ao jantar?

Concordei com um aceno de cabeça. Ele fez menção de sair e parou.

— Quer saber de uma coisa? É curioso, mas... acho que já o vi antes.

— Duvido — apressei-me a dizer. — Não o estou reconhecendo.

Ele me estudou por um momento e depois deu de ombros.

— Creio que o confundi com outro jovem. Sabe como é... quanto mais velhos ficamos, menos nos lembramos. — Coçou devagar a barba.

— Quem é o seu pai? Talvez eu o conheça.

— Não passo de um exilado.

Ele assumiu uma expressão de simpatia.

— Lamento ouvir isso. De onde é?

— Da costa.

— Norte ou sul?

— Sul.

O homem sacudiu a cabeça, pesaroso.

— Pois eu jurava que fosse do norte. Algum lugar perto da Tessália, digamos. Ou Fítia. Você arredonda as vogais, como fazem por lá.

Engoli em seco. Em Fítia, as consoantes eram mais duras que em qualquer outra parte e as vogais, mais abertas. Pareciam-me feias até eu ouvir Aquiles falar. Não percebera quanto desse sotaque havia adquirido.

— Eu... eu não sabia disso — murmurei. Meu coração pulsava acelerado. Se ao menos ele fosse embora logo...

— Receio que o meu problema sejam as informações inúteis. — De novo, o sorriso leve; estava outra vez zombeteiro. — Então não deixe de me procurar caso decida se unir a nós. Ou se conhecer algum outro jovem promissor com quem eu possa conversar. — E a porta se fechou atrás dele.



A SINETA PARA O JANTAR soou e logo os corredores se encheram de servos carregados de pratos e cadeiras. Quando entrei na sala, meu visitante já estava lá, na companhia de Licomedes e outro homem.

— Quirônida — disse Licomedes ao perceber minha chegada —, este é Odisseu, senhor de Ítaca.

— Graças aos deuses por existirem anfitriões — disse Odisseu. — Lembrei-me de que não lhe disse meu nome.

*E eu não perguntei, pois já sabia.* Fora um equívoco, mas não irreparável.

— Você é um rei? — Meus olhos se arregalaram e pus-me de joelhos, na mais perfeita atitude de obediência que pude encenar.

— Na verdade, é apenas um príncipe — disse uma voz pachorrenta. — Eu, sim, sou rei.

Meus olhos se cruzaram com os do terceiro homem; eram de um castanho tão claro que pareciam amarelados — e penetrantes. Tinha a barba negra e curta, que ressaltava a obliquidade de suas faces.

— Este é Diomedes, rei de Argos — apresentou Licomedes. — Um camarada de Odisseu.

E outro pretendente de Helena, embora dele eu só recordasse o nome.

— Senhor — murmurei, inclinando-me à sua frente. Não tive tempo de temer o reconhecimento: ele já me dera as costas.

— Bem — disse Licomedes, apontando para a mesa. — Vamos comer?

Juntaram-se a nós vários conselheiros de Licomedes e fiquei aliviado por desaparecer entre eles. Odisseu e Diomedes ignoraram-nos quase o tempo todo, absorvidos na conversa com o rei.

— E como está Ítaca? — perguntou Licomedes, polidamente.

— Está bem, obrigado — respondeu Odisseu. — Deixei lá minha esposa e meu filho, ambos com boa saúde.

— Pergunte-lhe sobre a esposa. Odisseu adora falar sobre ela. Já lhe contou como se conheceram? É sua história favorita — espicaçou Diomedes, num tom de voz velado. Os homens em volta pararam de comer e se viraram para eles.

Licomedes relanceou o olhar para um e outro e condescendeu:

— Como foi que se conheceram, príncipe de Ítaca?

Se Odisseu estava tenso, não o demonstrou.

— Gentileza sua perguntar. Quando Tíndaro procurou um marido para Helena, acorreram pretendentes de todos os reinos. Estou certo de que se lembra disso.

— Eu já era casado — explicou Licomedes. — Não fui.

— É claro. E estes eram muito jovens, penso eu. — Lançou-me um sorriso e virou-se de novo para o rei.

— Entre todos, tive a sorte de chegar primeiro. O rei me convidou para jantar com a família: Helena, sua irmã Clitemnestra e a prima delas,

Penélope.

— Convidou! Então rastejar em meio aos arbustos para espiá-las é ser convidado? — zombou Diomedes.

— Estou certo de que o príncipe de Ítaca não faria tal coisa — assegurou Licomedes, de cenho franzido.

— Mas fiz, infelizmente, embora aprecie muito sua confiança em mim. — Deu um largo sorriso para Licomedes. — Na verdade, foi Penélope quem me apanhou. Disse que estivera me observando por mais de uma hora e sem dúvida teria se aproximado antes mesmo que eu me escondesse atrás do espinheiro. Naturalmente, a coisa foi um tanto embaraçosa, mas Tíndaro por fim veio me pedir para ficar. À mesa, percebi que Penélope era duas vezes mais esperta que suas primas e tão bonita quanto elas. Assim...

— Tão bonita quanto Helena? — interrompeu Diomedes. — Por isso ela já tinha 20 anos e continuava solteira?

A voz de Odisseu era harmoniosa.

— Estou certo de que você não pediria a um homem para comparar desfavoravelmente sua esposa com outra mulher — respondeu.

Diomedes revirou os olhos e recostou-se, limpando os dentes com a ponta da faca.

Odisseu se dirigiu novamente a Licomedes: — Assim, durante nossa conversa, quando ficou claro que Penélope me favorecia...

— Não por sua aparência, certamente — riu Diomedes.

— Certamente — concordou Odisseu. — Ela me perguntou que presente de casamento eu daria à minha noiva. Uma cama de casal da mais fina azinheira, respondi em tom galante. Mas isso não lhe agradou. "Uma cama de casal não deve ser feita de madeira morta e seca, mas de algo verde e vivo", disse ela. "E se eu conseguisse fazer essa cama?", perguntei, "você me aceitaria?". E ela...

O rei de Argos emitiu um suspiro de enfado.

— Não aguento mais essa história de sua cama de casal.

— Então talvez não devesse ter sugerido que eu a contasse.

— Ou talvez você devesse contar histórias novas para não me encher a paciência e não me matar de tédio.

Licomedes parecia chocado; obscenidades eram para quartos de fundos ou arenas de ginástica, não para jantares. Odisseu, porém, apenas sacudiu a cabeça melancolicamente.

— Na verdade, os homens de Argos vão ficando cada vez mais bárbaros com o passar dos anos. Licomedes, mostremos a este rei um pouco de civilização. Eu gostaria de ver, ao menos de passagem, as famosas dançarinas de sua ilha.

Licomedes estremeceu.

— Sim — murmurou. — Eu não havia pensado... — interrompeu-se e recomeçou, no tom mais afável que conseguiu encontrar: — Se quiserem...

— Nós queremos — apressou-se a dizer Diomedes.

— Está bem. — O velho relanceou o olhar alternadamente pelos dois homens. Tétis lhe ordenara que mantivesse as mulheres longe dos visitantes, mas recusar despertaria suspeitas. Limpou a garganta e decidiu: — Vamos chamá-las, então. Acenou com firmeza para uma serva, que saiu imediatamente da sala. Eu mantinha os olhos no prato para que não percebessem o medo em minhas feições.

As mulheres, convocadas de surpresa, entraram na sala ainda fazendo os últimos ajustes nas vestes e nos cabelos. Aquiles estava entre elas — a cabeça cuidadosamente coberta e os olhos baixos, por modéstia. Virei-me ansiosamente para Odisseu e Diomedes, mas nenhum dos dois parecia ter prestado atenção nele.

As jovens tomaram seus lugares e a música começou. Elas iniciaram a complicada série de passos. Era um espetáculo bonito, mas não totalmente, por causa da ausência de Deidâmia, que era a melhor de

todas.

— Qual delas é a sua filha? — perguntou Diomedes.

— Não está aqui, rei de Argos. Foi visitar parentes.

— Que pena... — resmungou Diomedes. — Achei que era aquela ali. — Apontou para uma garota no final da fila, baixa e morena; parecia-se um pouco com Deidâmia e seus quadris eram particularmente graciosos, ondeando sob as dobras vaporosas do vestido.

Licomedes limpou a garganta.

— É casado, meu senhor?

Diomedes deu um meio sorriso.

— Por enquanto. — Seus olhos não desgrudavam das mulheres.

Quando a dança terminou, Odisseu se pôs em pé e falou alto para que as moças ouvissem:

— Estamos sinceramente honrados por sua apresentação; nem todas as pessoas podem dizer que viram as dançarinas de Ciros. Como sinal de nossa admiração, trouxemos presentes para vocês e para o rei.

Um murmúrio de excitação. Objetos luxuosos nem sempre chegavam a Ciros; ninguém ali tinha dinheiro para adquiri-los.

— Vocês são muito gentis. — O rosto de Licomedes estava inundado de satisfação genuína; não contara com tamanha generosidade. Os servos, a um sinal de Odisseu, trouxeram baús e começaram a esvaziá-los sobre as mesas. Vi o brilho da prata, as cintilações do vidro e das pedras preciosas. Todos os presentes, homens e mulheres, se inclinaram para aquele tesouro, ávidos por examiná-lo.

— Por favor, peguem o que desejarem — disse Odisseu. As jovens se aproximaram rapidamente das mesas e começaram a manusear as peças brilhantes: perfumes em esguios frascos de vidro vedados com gotas de cera; espelhos com punhos de marfim cinzelados; pulseiras de fios de ouro retorcidos; fitas de um púrpura e um vermelho intensos. Entre tudo aquilo havia algumas coisas que pensei serem destinadas a Licomedes e

seus conselheiros: escudos com revestimento de couro, hastes de lança com entalhes e espadas prateadas em bainhas flexíveis de pelica. Os olhos de Licomedes tinham sido atraídos por um desses objetos como o peixe pela isca. Odisseu permanecia ao lado, presidindo benevolentemente o ato.

Aquiles, mais atrás, rondava lentamente em torno das mesas. Parou para verter algumas gotas de perfume nos pulsos delicados e deslizou os dedos pelo cabo liso de um espelho. Debruçou-se a fim de ver melhor um par de brincos, pedras azuis engastadas em fios de prata.

Um movimento ao fundo da sala me chamou atenção. Diomedes cruzara o recinto e falava a um de seus servos, que fez um aceno de cabeça e saiu pela grande porta dupla. Fosse o que fosse, não devia ser importante; Diomedes parecia sonolento, com as pálpebras pesadas, e entediado.

Olhei de novo para Aquiles. Agora ele levava os brincos às orelhas, admirando-os por todos os lados, franzindo os lábios e exibindo uma faceirice de mulher. Aquilo o divertia; os cantos de sua boca estavam encurvados. Passeou o olhar pela sala e deteve-o em mim por um instante. Eu não consegui me conter e sorri.

Uma trombeta soou alto, em tom de alarme. Vinha lá de fora, uma nota sustentada seguida por três toques curtos: o sinal para desastre grave e iminente. Licomedes se ergueu de um salto e as cabeças dos guardas se viraram para a porta. Garotas gritavam e se agarravam umas às outras, deixando cair seus tesouros no chão com um ruído de vidro estilhaçado.

Todas, menos uma. Antes que o último toque emudecesse, Aquiles agarrara uma das espadas prateadas e arrancara-a da bainha de pelica. A mesa bloqueava seu caminho para a porta; ele saltou sobre ela como um raio e, com a outra mão, agarrou de passagem uma lança. Pousou do outro lado ainda com as armas erguidas, seguras com uma força que mulher alguma — e homem algum — jamais teria. *O maior guerreiro de*

*sua geração*.

Olhei para Odisseu e Diomedes e fiquei horrorizado ao vê-los sorrir.

— Saudações, príncipe Aquiles — disse Odisseu. — Estávamos à sua procura.

Fiquei paralisado enquanto os rostos da corte de Licomedes registravam as palavras do visitante — viravam-se para Aquiles e ficavam estarrecidos. Por um segundo, Aquiles não se moveu. Depois, lentamente, baixou as armas.

— Mestre Odisseu — ele disse. Sua voz me surpreendeu pela calma. — Mestre Diomedes. — Inclinou polidamente a cabeça, de príncipe para príncipe. — Estou honrado por ter sido objeto de tamanho esforço. — Era uma boa resposta, cheia de dignidade e sem o menor sinal de zombaria. Agora, seria difícil para eles humilhá-lo.

— Creio que desejam falar comigo? Num instante, estarei com vocês. — Pousou a espada e a lança cuidadosamente na mesa. Com dedos ligeiros, desatou o lenço da cabeça e arrancou-o. Seus cabelos agora à mostra brilhavam como bronze polido. Os homens e as mulheres da corte de Licomedes, escandalizados, cochichavam uns com os outros, sem desviar os olhos da figura de Aquiles.

— Isto poderá ajudar? — perguntou Odisseu, tirando uma túnica de alguma caixa ou de um alforje. Jogou-a para Aquiles, que a apanhou no ar.

— Obrigado — disse Aquiles. A corte observava fascinada enquanto ele a desdobrava e a enfiava pela cabeça.

Odisseu se virou para a frente da sala e disse:

— Licomedes, poderá nos ceder uma sala, por favor? Temos muito a conversar com o príncipe de Fítia.

O rosto do rei Licomedes era uma máscara inexpressiva. Eu sabia que ele estava pensando em Tétis e no castigo que o aguardava. Ele não respondeu.

— Licomedes! — A voz de Diomedes era aguda e urgente como um golpe.

— Sim — balbuciou Licomedes. Tive pena dele. Tive pena de todos nós. — Sim, por ali. — E apontou para uma porta.

Odisseu assentiu com um gesto de cabeça e acrescentou:

— Obrigado. — Então se dirigiu para a porta confiantemente, como se não duvidasse de que Aquiles o seguiria.

— Depois de você — Diomedes sorriu maliciosamente. Aquiles hesitou e seus olhos se voltaram para mim de relance.

— Ah, sim — acrescentou Odisseu por cima do ombro —, pode trazer o príncipe Pátroclo, se quiser. Temos negócios com ele também.

# Capítulo 15

Na sala, só havia alguns tapetes gastos e quatro cadeiras. Procurei me sentar empertigado contra o espaldar reto de madeira, como convém a um príncipe. Aquiles tinha o semblante tomado de emoção e seu pescoço latejava.

— Foi uma armadilha — acusou ele.

Odisseu nem de leve pareceu perturbado.

— Você se mostrou astuto ao esconder-se; precisávamos nos mostrar mais astutos ainda para encontrá-lo.

Aquiles arqueou as sobrancelhas com altivez principesca.

— Pois bem, vocês me encontraram. Que esperam de mim?

— Que venha conosco para Troia — disse Odisseu.

— E se eu não quiser?

— Então contaremos sobre isto para todos. — E Diomedes ergueu do chão o vestido que Aquiles despira.

Aquiles enrubesceu como se houvesse recebido uma ofensa. Uma coisa era envergar trajes femininos por necessidade; outra bem diferente era permitir que o mundo ficasse sabendo disso. Nossa gente reservava os piores nomes para homens que agiam como mulheres; vidas já tinham sido ceifadas por causa de insultos desse tipo.

Odisseu levantou uma mão conciliadora.

— Aqui somos todos nobres e não vamos chegar a tais extremos. Creio que tem boas razões para concordar. Fama, por exemplo. Você conquistará muita fama se lutar por nós.

— Haverá outras guerras.

— Não como esta — interrompeu Diomedes —, que será a maior de

nossa história, lembrada em cânticos e poemas por gerações. Você é louco se não percebe isso.

— Não percebo nada, exceto um marido enganado e um Agamêmnon ardendo em cobiça.

— Então está cego. Haverá heroísmo maior do que lutar pela honra da mulher mais bela do mundo contra a cidade mais poderosa do Oriente? Nem Perseu nem Jasão poderiam alegar que suas façanhas foram maiores. Héracles mataria a esposa de novo pela oportunidade de nos acompanhar. Conquistaremos a Anatólia inteira até a Arábia. Figuraremos em histórias pelos séculos que virão.

— Pensei terem dito que seria uma campanha fácil, que estaríamos de volta no próximo outono — arrisquei. Tinha de fazer alguma coisa para deter a torrente inesgotável de suas palavras.

— Eu menti — confessou Odisseu, dando de ombros. — Não faço ideia de quanto tempo a guerra irá durar. Porém durará menos com sua ajuda. — Olhou para Aquiles. Seus olhos negros se avolumavam como a maré contra a qual é inútil nadar. — Os filhos de Troia são célebres pela destreza em combate e a morte deles erguerá nossos nomes até as estrelas. Se não forem, perderão a chance da imortalidade. Ficarão para trás, ignorados. Envelhecerão no esquecimento.

Aquiles franziu o cenho.

— Você não pode prever isso.

— Na verdade, posso. — Recostou-se na cadeira. — Tenho a sorte de conhecer um pouco os deuses. — Sorriu à lembrança de alguma calamidade divina. — E eles acharam por bem dividir comigo uma profecia a seu respeito.

Eu devia ter sabido que Odisseu não viria trazendo por única moeda a chantagem deslavada. As histórias o chamavam de *polytropos*, o homem dos muitos rodeios. O medo tinha em minha boca o sabor de cinzas.

— Que profecia? — perguntou Aquiles em voz pausada.

— Se você não for a Troia, sua divindade fenecerá por desuso. Sua força diminuirá. Na melhor das hipóteses, será como Licomedes, envelhecendo numa ilha esquecida e apenas com mulheres para sucedê-lo. Ciros logo será conquistada por um reino vizinho, isso você sabe tão bem quanto eu. Não o matarão; por que o fariam? Ele poderá viver o resto de seus dias num canto, comendo o pão que umedecerão para ele, senil e solitário. Quando morrer, o povo perguntará: *de quem estão falando?*

Essas palavras encheram o cômodo, rarefazendo a atmosfera a ponto de quase não conseguirmos mais respirar. Uma vida daquelas seria horrível.

Mas a voz de Odisseu era implacável.

— Ele é conhecido hoje apenas porque sua história se mescla à de vocês. Se forem a Troia, sua fama será tão grande que um homem entrará na lenda para sempre apenas por ter-lhes passado um copo. Vocês...

As portas se escancararam numa furiosa chuva de lascas de madeira. Tétis parou no umbral, ardente como uma chama viva. Sua divindade se derramou sobre nós, ofuscando nossos olhos e enegrecendo os portais estilhaçados. Eu sentia aquele influxo comprimindo-me os ossos, sugando o sangue de minhas veias como se quisesse me esgotar. Acovardei-me como se acovardam os mortais.

A barba escura de Odisseu estava impregnada de fragmentos da porta em ruínas. Ele se levantou.

— Saudações, Tétis.

O olhar da deusa pousou sobre ele como o da serpente sobre a presa e sua pele refulgiu. O ar em volta de Odisseu parecia tremer levemente, como por influência do calor ou da brisa. Diomedes, no chão, afastou-se para o lado. Cerrei as pálpebras para não ver a explosão.

Fez-se silêncio e por fim abri os olhos. Odisseu continuava lá, ileso. Os pulsos de Tétis iam ficando brancos. Já não me ofuscava.

— A donzela de olhos cinzentos sempre foi gentil comigo — disse Odisseu em tom de desculpa. — Ela sabe por que estou aqui; ela abençoa e corrobora meu desígnio.

Era como se eu houvesse perdido parte de sua conversa. Esforcei-me por acompanhá-la. A donzela de olhos cinzentos — a deusa da guerra e das artes bélicas. Dizia-se que prezava a astúcia acima de tudo.

— Atena não tem nenhum filho a perder — sibilou Tétis. Suas palavras ficaram suspensas no ar.

Odisseu não retrucou, somente virou-se para Aquiles e disse:

— Pergunte a ela — disse-lhe —, pergunte a sua mãe o que ela sabe.

Da garganta de Aquiles saiu um som que quebrou o silêncio do quarto. Ele fitou os olhos escuros da mãe.

— O que ele diz é verdade?

As últimas chamas haviam se extinguido nela; só o mármore permanecia.

— É verdade. Porém ele não contou tudo, não contou o pior. — As palavras soavam plácidas como se tivessem sido proferidas por uma estátua. — Se você for a Troia, jamais regressará. Morrerá lá, muito jovem.

O rosto de Aquiles empalideceu.

— Isso é certo?

Era o que todos os mortais perguntavam primeiro — chocados, descrentes, temerosos. *Não haverá exceção para mim?*

— É certo.

Se naquele momento ele olhasse para mim, eu me descontrolaria. Começaria a chorar e não pararia mais. Porém seus olhos estavam fixos na mãe.

— Que devo fazer? — ele murmurou.

Um ligeiro tremor perpassou o rosto ainda impassível da deusa.

— Não me peça para decidir — disse ela. E desapareceu.



Não consigo me lembrar do que dissemos depois aos dois homens, de como os deixamos ou de quando voltamos para nosso quarto. Lembro-me, sim, da pele de Aquiles colada às faces, da palidez intensa de sua fronte. Seus ombros, em geral tão firmes e imponentes, pareciam descaídos. A dor se avolumou dentro de mim, abalando-me. *Sua morte.* Eu mesmo quase morria só de pensar nisso, mergulhando fundo num céu negro, sombrio.

*Você não deve ir.* Ensaiei dizer essas palavras várias vezes. Porém tudo o que fiz foi tomar-lhe as mãos firmemente entre as minhas; estavam frias, imóveis.

— Acho que não suportaria isso — disse ele, por fim. Ele fechou os olhos como se não quisesse ver cenas horríveis. Eu sabia que não estava falando de sua morte, mas do pesadelo que Odisseu descrevera; a perda de seu brilho, o esmaecimento de sua graça. Aquiles exultava com a própria destreza, com a tremenda vitalidade que exibia à flor da pele. Se não fosse miraculoso e radiante, o que seria ele? Quem seria Aquiles senão alguém destinado à fama?

— Não me importarei — disse eu. As palavras saíam com dificuldade de minha boca. — O que quer que você se torne não terá importância para mim. Nós estaremos juntos.

— Eu sei — ele murmurou sem olhar para mim.

Sim, ele sabia — mas isso não bastava. O sofrimento era tão grande que ameaçava transpirar por meus poros. Quando Aquiles morresse, todas as coisas doces, belas e brilhantes seriam sepultadas com ele. Abri a boca, mas já era tarde.

— Eu irei — disse ele. — Irei a Troia.

A cintilação rósea de seus lábios, a chama verde de seus olhos. Naquele rosto não havia nenhuma marca de expressão, nenhum sinal de ruga ou envelhecimento; tudo era mocidade, primavera, ouro e viço. A Morte

invejosa beberia seu sangue e rejuvenesceria.

Ele me observava, seus olhos eram profundos como a terra.

— Você irá comigo? — ele perguntou.

A dor infinita do amor e da aflição. Talvez, em outra vida, eu houvesse recusado, cortado os cabelos e chorado, obrigando-o a enfrentar sozinho sua escolha. Porém nesta, não. Ele velejaria para Troia e eu o seguiria até na morte.

— Sim — murmurei. — Sim.

O alívio se estampou em seu rosto e ele me abraçou. Deixei-o me segurar, deixei-o encostar seu corpo ao meu tão estreitamente que nada podia passar entre nós.

As lágrimas afluíram e desceram. Acima de nós, as constelações giravam e a lua empreendia lentamente sua jornada estafante. Ficamos deitados, tristes e insones, enquanto as horas passavam.



Quando amanheceu, ele se levantou rapidamente.

— Preciso contar à minha mãe — ele disse. Estava pálido, com olheiras. Parecia mais velho. O pânico despertou em mim. *Não vá*, eu queria dizer. Porém ele já havia vestido a túnica e partido.

Continuei deitado, tentando não pensar nos minutos que se arrastavam. Na véspera, tivéramos muitos deles; agora, cada um era uma gota de sangue precioso que se perdia.

O quarto se tornou cinzento, depois branco. A cama era fria, grande demais sem Aquiles. Eu não ouvia som nenhum e aquele silêncio me assustava. *É como um túmulo*. Levantei-me e friccionei os membros para despertá-los, procurando deter a histeria iminente. *Todos os dias serão assim sem ele.* Senti um aperto no peito, como o de um grito sufocado. *Todos os dias, sem ele.*

Saí do palácio desesperado, ansioso para calar meus pensamentos. Cheguei ao pé dos rochedos, dos enormes penhascos de Ciros que se alteiam sobre o mar, e comecei a subir. Os ventos me açoitavam, as pedras borrifadas de água eram escorregadias, mas a tensão e o perigo me davam coragem. Subi cada vez mais, buscando o pico mais traiçoeiro, que antes teria muito medo de alcançar. Minhas mãos, arranhadas pelas rochas pontiagudas, sangravam. Meus pés deixavam manchas de sangue por onde passavam. No entanto era uma dor vulgar e por isso mesmo bem-vinda. Suportá-la era tão fácil que chegava a ser risível.

Alcancei o cume, um amontoado irregular de grandes pedras à beira do abismo, e ali me postei. Uma ideia me ocorrera enquanto subia, ousada e insistente.

— Tétis! — gritei em meio ao vento impetuoso, o rosto voltado para o mar. — Tétis!

O sol agora estava alto no céu; o encontro dos dois já devia ter - terminado havia muito tempo. Respirei fundo pela terceira vez.

— Não pronuncie de novo o meu nome.

Virei-me para olhá-la e perdi o equilíbrio. Os seixos rolaram sob meus pés e o vento me empurrou. Agarrei-me a uma proeminência e firmei-me. Ergui os olhos.

Sua pele estava mais pálida que o usual, lembrando os primeiros gelos do inverno. Os lábios repuxados deixavam entrever os dentes.

— Você é um tolo — zombou ela. — Desça. Sua morte insensata não o salvará.

Eu não era tão corajoso quanto pensava; encolhi-me ante a malícia que se desenhava em seu semblante. Entretanto, obriguei-me a falar, a perguntar o que queria saber.

— Quanto tempo ele viverá?

Tétis emitiu um som estranho, como o uivo de uma foca. Só um

instante depois eu percebi que aquilo era uma gargalhada.

— Por quê? Quer se preparar para a ocasião? Ou impedi-la? — o desdém transparecia em seu rosto.

— Sim — respondi. — Se puder.

De novo, o som estranho.

— Por favor — implorei, ajoelhando-me. — Por favor, diga-me!

Talvez fosse porque me ajoelhei. O som emudeceu e ela me examinou por um instante.

— A morte de Heitor acontecerá primeiro — disse Tétis. — É tudo o que me foi dado saber.

*Heitor.*

— Obrigado — murmurei.

Seus olhos se estreitaram e sua voz sibilou como água jogada sobre brasas.

— Não ouse me agradecer. Vim por outro motivo.

Esperei. Seu rosto estava branco como uma placa de marfim.

— Não será fácil como ele pensa. Os Fados prometem fama, mas até que ponto? Ele tem de preservar ciosamente sua honra. É confiante demais. Os homens da Grécia — frisou bem as palavras — são como cães disputando um osso. Não cedem facilmente a preeminência aos demais. Farei o que for possível. Você também. — Relanceou o olhar por meus braços compridos e meus joelhos pontudos. — Não vá desgraçá-lo. Você entendeu?

*Você entendeu?*

— Sim — respondi com sinceridade. A fama de Aquiles deveria valer a vida que ele pagaria por ela. Uma ligeira lufada de vento agitou a orla do vestido de Tétis e pressenti que ela estava prestes a desaparecer, a voltar para as sombrias cavernas do mar. Alguma coisa me deu coragem.

— Heitor é um bom soldado?

— O melhor de todos — respondeu ela. — Com exceção de meu filho.

Olhou à direita, onde começava o abismo.

— Ele está vindo — ela disse.



Aquiles surgiu à borda do penhasco e caminhou em minha direção. Logo ele percebeu o rubor em meu rosto.

— Ouvi você conversando — disse ele.

— Conversava com sua mãe — eu disse.

Ajoelhou-se e colocou meu pé em seu colo. Delicadamente, começou a tirar as lascas de pedra de minhas feridas, limpando-as da sujeira e do pó. Rasgou uma tira da barra de sua túnica e pressionou-a com firmeza para estancar o sangue.

Minha mão pousou sobre a sua.

— Você não deve matar Heitor — eu disse.

Aquiles ergueu os olhos, seu belo rosto emoldurado pelo ouro dos cabelos.

— Minha mãe lhe contou o resto da profecia?

— Sim.

— E você acha que ninguém, além de mim, pode matar Heitor?

— Acho — eu disse.

— Você pretende roubar o tempo dos Fados?

— Sim.

— Ah! — Um sorriso furtivo perpassou-lhe o rosto; ele sempre amara o desafio. — Bem, mas por que eu deveria matá-lo? Ele não me fez nada!

Pela primeira vez, senti um resquício de esperança.



Partimos naquela mesma tarde; não havia mais razão para ficar. Sempre

obediente aos costumes, Licomedes apareceu para nos dizer adeus. Assumimos os três uma atitude formal; Odisseu e Diomedes já tinham ido para o navio. Escoltados por eles, voltaríamos a Fítia, onde Aquiles reuniria suas próprias tropas.

Restava só mais uma coisa a ser feita ali e eu sabia que Aquiles não desejava fazê-la.

— Licomedes, minha mãe me pediu para lhe comunicar seus desejos.

Um leve tremor percorreu o semblante do ancião, mas ele sustentou o olhar do genro.

— É sobre seu filho? — ele perguntou.

— Sim, é.

— E o que ela deseja? — perguntou o rei, em tom de cansaço.

— Criá-lo. Minha mãe... — Aquiles hesitou ante a expressão no rosto do velho rei. — Bem, a criança será um menino, segundo ela. Quando desmamar, ela virá buscá-lo.

Silêncio. Então, Licomedes cerrou os olhos. Pensava na filha, privada ao mesmo tempo do marido e do filho.

— Eu preferia que você jamais tivesse vindo — ele disse.

— Lamento muito — disse Aquiles.

— Deixem-me — balbuciou o ancião.

Nós obedecemos.



O NAVIO EM QUE EMBARCAMOS era veloz, bem construído e tinha uma tripulação experiente. A tripulação trabalhava com competência e agilidade, o cordame chegava a brilhar com suas fibras novas e os mastros pareciam frescos como árvores vivas. A figura de proa era magnífica, a mais bela que eu já vira: uma mulher alta, de cabelos e olhos negros, as mãos postas à altura do peito em atitude de contemplação. Era

bonita, porém de uma beleza serena — mandíbula delicada, cabeleira recolhida exibindo um pescoço esguio. Havia sido pintada com esmero; cada matiz de luz e sombra fora perfeitamente reproduzido.

— Estão admirando minha esposa, pelo que vejo. — Odisseu se juntou a nós junto à amurada, onde descansou seus antebraços musculosos. — Ela não queria posar para o artista, a quem tive de pedir que a seguisse sem ser notado. Acho que a obra ficou realmente boa.

Um casamento por amor, raro como os cedros do Oriente. Essa circunstância quase me fez simpatizar com ele. Entretanto já tinha visto muitos de seus sorrisos.

Aquiles perguntou, polidamente:

— Qual é o nome dela?

— Penélope — ele disse.

— Este navio é novo? — perguntei por minha vez. Se ele queria falar da esposa, eu queria saber de outras coisas.

— Inteiramente. Cada pedacinho de madeira, da melhor que Ítaca pode fornecer. — Com sua mão larga, bateu na amurada como bateria no flanco de um cavalo.

— Gabando-se outra vez de seu navio novo? — Diomedes se aproximara. Tinha o cabelo preso atrás com uma tira de couro, o que fazia seu rosto parecer ainda mais afilado.

— Estou.

Diomedes cuspiu na água.

— O rei de Argos está hoje mais eloquente que de costume — comentou Odisseu.

Aquiles não havia, como eu, assistido ao jogo daqueles dois antes. Seus olhos iam de um ao outro, um leve sorriso encurvando-lhe os cantos dos lábios.

— Diga-me — prosseguiu Odisseu —, você acha que esse seu humor ferino se deve ao fato de seu pai ter devorado os miolos daquele homem?

— Como?! — espantou-se Aquiles, boquiaberto.

— Não conhece a história do poderoso Tideu, rei de Argos, devorador de cérebros?

— Ouvi falar dele. Mas nada sobre... cérebros.

— Pensei em mandar pintar a cena em nossos pratos — disse Diomedes.

No salão do palácio, eu tomara Diomedes pelo cão de Odisseu. Porém havia algo de especial entre os dois, um certo prazer em se espicaçarem mutuamente que só se admite entre iguais. Lembrei-me de que, segundo alguns rumores, Diomedes também era um favorito de Atena.

Odisseu fez uma careta.

— Acho que não jantarei em Argos tão cedo.

Diomedes riu. Não era um som dos mais agradáveis.

Os reis, inclinados sobre a amurada, contavam e recontavam histórias: de outras viagens, de guerras, de competições vencidas em jogos no passado distante. Aquiles se mostrou um ouvinte insaciável, fazendo pergunta após pergunta.

— Onde arranjou isto? — apontava para a cicatriz na perna de Odisseu.

— Ah! — Odisseu esfregou as mãos. — Eis uma história que vale a pena contar. Porém antes preciso ir ter com o capitão. — Apontou para o sol, que já baixava no horizonte. — Logo teremos de parar para pernoitar.

— Eu irei. — Diomedes se afastou da amurada e endireitou o corpo. — Eu já ouvi essa história quase tantas vezes quanto a da cama de casal.

— Quem perde é você — gritou-lhe Odisseu. E, virando-se para nós, disse: — Não liguem para ele. Sua esposa é uma megera, e isso estraga o humor de qualquer um. Já a minha...

— Juro — replicou Diomedes da outra extremidade do navio — que, se você terminar essa frase, eu o atirarei pela borda e terá de nadar até Troia.

— Estão vendo? — Odisseu balançou a cabeça. — Mau humor.

Aquiles riu encantado com os dois. Parecia ter se esquecido da parte que desempenharam em seu desmascaramento e de tudo o que acontecera a seguir.

— O que eu estava dizendo mesmo?

— A cicatriz — apressou-se a lembrar Aquiles.

— Ah, sim, a cicatriz. Quando eu tinha 13 anos...

Observei Aquiles, enredado pelas palavras daquele homem. *Ele é muito confiante.* Eu, porém, não queria ser um corvo pousado em seu ombro o tempo todo, predizendo-lhe desgraças.

O sol baixou ainda mais no horizonte e nos aproximamos da costa escura onde ergueríamos acampamento. O navio penetrou no porto e os marinheiros o atracaram no cais para passarmos a noite. Desembarcaram-se comida, camas e tendas para os príncipes.

Ficamos nas instalações montadas para nós, uma tenda diante da qual fora acesa uma fogueira.

— Está tudo bem por aqui? — Odisseu viera para conversar um pouco conosco.

— Muito bem — respondeu Aquiles com seu sorriso fácil e honesto. — Obrigado.

Odisseu devolveu-lhe o sorriso, seus dentes eram brancos contra o negro da barba.

— Ótimo. Uma tenda é suficiente, creio eu. Ouvi dizer que vocês preferem partilhar... quartos e camas.

O rubor e a surpresa tingiram meu rosto. Ouvi, ao lado, Aquiles conter o fôlego.

— Ora, vamos, não há motivo para vergonha. Isso é muito comum entre meninos. — Coçou o queixo, observando-nos. — Embora, na verdade, já não sejam meninos. Que idade vocês têm?

— Não é verdade — gritei. O sangue em minhas faces aqueceu minhas palavras, que ecoaram alto na praia.

Odisseu franziu o cenho.

— Verdade é aquilo em que os homens acreditam, e eles acreditam nisso a respeito de vocês. Talvez, porém, estejam enganados. Deixem para trás esse boato quando forem para a guerra.

A voz de Aquiles soou tensa e irritada:

— Nada disso é da sua conta, príncipe de Ítaca.

Odisseu ergueu os braços.

— Minhas desculpas, se eu o ofendi. Vim apenas desejar-lhes boa-noite e assegurar-me de que nada lhes falta. Príncipe Aquiles, Pátroclo. — Inclinou a cabeça e voltou para sua tenda.

Entramos na nossa em silêncio. Eu já tinha me perguntado quando isso aconteceria. Como Odisseu havia dito, muitos meninos se tornam amantes. Porém tais coisas acabam quando ficam mais velhos, a menos que se trate de escravos ou garotos de aluguel. Nossos conterrâneos gostam de conquistar; eles não confiam num homem que tenha sido ele próprio conquistado.

*Não o desgrace*, ordenara a deusa. E em parte se referia àquilo.

— Talvez ele esteja certo — arrisquei.

Aquiles levantou a cabeça, estremecendo.

— Não é o que você pensa.

— Eu quis dizer... — crispei os dedos. — De qualquer modo, eu estaria com você. No entanto posso dormir fora, para que as coisas não fiquem tão óbvias. Não preciso comparecer às suas assembleias. Eu...

— Nada disso. Os homens de Fítia não se importarão. E os outros podem tagarelar à vontade. Ainda assim, serei o *Aristos Achaion*.

*O Melhor dos Gregos.*

— Sua honra pode ficar manchada.

— Que fique. — Seu queixo se empinou em desafio. — São todos loucos se pensam que minha glória aumenta ou diminui por causa disso.

— Mas Odisseu...

Seus olhos, verdes como folhas de primavera, encontraram os meus.

— Pátroclo, já lhes dei muito. Isto eu não lhes darei.

Não havia mais nada a dizer.



No dia seguinte, com o vento sul impulsionando nossa vela, fomos encontrar Odisseu na proa.

— Príncipe de Ítaca — saudou Aquiles. Sua voz era formal, sem resquícios dos sorrisos infantis da véspera. — Gostaria que me falasse de Agamêmnon e dos outros reis. Preciso conhecer os homens aos quais vou me juntar e os príncipes que irei combater.

— Muito prudente, príncipe Aquiles. — Se Odisseu notou alguma mudança, não fez comentários. Levou-nos para os bancos ao pé do mastro, sob a grande vela enfunada. — Então, por onde começamos? — Aparentemente distraído, esfregou a cicatriz da perna, mais nítida à luz do dia, nua e enrugada. — Há Menelau, cuja esposa nós vamos resgatar. Depois que Helena o escolheu, e Pátroclo pode lhe contar sobre isso, ele se tornou rei de Esparta. Tem fama de bom homem, corajoso em combate e estimado por todos. Muitos reis aderiram à sua causa e não apenas os que estavam ligados por juramento.

— Quais? — indagou Aquiles.

Odisseu contou-os nos dedos das largas mãos de camponês: — Meríones, Idomeneu, Filoctetes, Ájax. Os dois Ájax, o maior e o menor. — Um desses era o homem gigantesco que eu vira na sala de Tíndaro, empunhando um escudo. O outro, não conhecia. — O velho rei Nestor de Pilos também estará lá.

Esse nome eu já ouvira: velejara com Jasão na mocidade, em busca do Velo de Ouro. Nessa época, já havia passado muito da idade de combater, mas levara para a guerra seus filhos e seus conselhos.

Aquiles continuava atento, com os olhos sombrios.

— E os troianos?

— Príamo, é claro, rei de Troia. Diz-se que tem cinquenta filhos, todos criados de espada na mão.

— Cinquenta filhos?

— E cinquenta filhas. É conhecido como homem piedoso e muito amado pelos deuses. Os filhos se destacam por mérito próprio... Páris, o predileto da deusa Afrodite, é célebre por sua beleza. Mesmo os mais jovens, que ainda não chegaram aos 10 anos, ganharam fama de extrema ferocidade. Troilo é um deles, penso eu. Há um primo de origem divina que também luta por sua causa, Eneias, filho da própria Afrodite.

— E quanto a Heitor? — Os olhos de Aquiles não se desgrudavam de Odisseu.

— Primogênito e herdeiro de Príamo, favorito de Apolo. O mais vigoroso defensor de Troia.

— Como ele é?

Odisseu deu de ombros.

— Não sei. Dizem que é alto, mas isso é o que se diz de todos os heróis. Você o conhecerá antes de mim; portanto, você é que me contará.

Os olhos de Aquiles se estreitaram.

— Por que diz isso?

Odisseu simulou uma careta.

— Como Diomedes sem dúvida diria, não passo de um soldado competente, apenas isso. Meus talentos são outros. Se encontrasse Heitor no campo de batalha, não voltaria para dar notícias dele. Com você, é claro, as coisas são diferentes. Ganhará a mais alta fama por matá-lo.

Minha pele enregelou.

— Talvez eu o mate, mas não tenho motivos para matá-lo — retrucou Aquiles friamente. — Ele não me fez nenhum mal.

Odisseu riu como se aquilo fosse uma pilhéria.

— Se todo soldado só matasse quem o tivesse ofendido pessoalmente, Pelida, não teríamos guerras. — Arqueou uma sobrancelha. — Embora essa talvez não seja uma má ideia. Em nosso mundo, eu é que deveria ser o *Aristos Achaion*, e não você.

Aquiles não respondeu. Olhava pela borda do navio as ondas ao longe. A luz incidia sobre seu rosto, fazendo-o brilhar.

— Você não me contou nada sobre Agamêmnon — observou por fim.

— Nosso poderoso rei de Micenas — disse Odisseu, recostando-se de novo. — Prole orgulhosa da casa de Atreu. Seu bisavô, Tântalo, era filho de Zeus. Mas sem dúvida você já ouviu essa história.

Todos conheciam o eterno suplício de Tântalo. Tendo cobiçado os poderes dos deuses, esses o puniram mergulhando-o no poço mais profundo dos reinos infernais. Ali, padece fome e sede perpétuas, com comida e bebida quase ao alcance das mãos.

— Sim, ouvi falar dele. Mas nunca soube qual foi seu crime — disse Aquiles.

— Pois bem, nos tempos do rei Tântalo, todos os nossos reinos eram do mesmo tamanho e os governantes viviam em paz. Porém Tântalo, insatisfeito com seu quinhão, começou a tomar as terras dos vizinhos pela força. Seu território dobrou uma, duas vezes, e Tântalo não se contentava. O sucesso tornou-o orgulhoso e, tendo superado todos os homens que encontrara, quis superar os próprios deuses. Não com armas, pois homem algum pode se equiparar a eles em batalha. Mas com embustes. Queria provar que os deuses não sabem tudo, como alegam.

— Ele chamou, pois, seu filho Pélops e perguntou-lhe se poderia contar com a ajuda dele. "É claro", respondeu Pélops. O pai sorriu e sacou da espada. Com um único golpe, cortou-lhe a garganta. Depois, picou o cadáver em pedaços, espetou-os e levou-os ao fogo.

Meu estômago revirou à ideia do ferro trespassando a carne morta do rapaz.

Odisseu continuou:

— Quando as carnes estavam assadas, Tântalo foi falar com seu pai, Zeus, no Olimpo. "Pai", disse ele, "preparei um repasto para homenageá-lo e a todos os seus parentes. Porém apresse-se, pois a carne ainda está tenra e fresca." Os deuses adoram festas e correram ao salão de Tântalo. No entanto, quando chegaram, o aroma da carne assada, normalmente tão delicioso, repugnou-lhes. Zeus não tardou a saber o que havia acontecido. Agarrou Tântalo, pelas pernas e atirou-o ao Tártaro, para que ali sofresse sua eterna punição.

O céu estava claro, o vento fresco; mas, fascinado pela narrativa de Odisseu, eu me sentia como se estivéssemos à volta de uma fogueira, com a noite descendo sobre nós.

— Zeus então costurou os pedaços do menino e soprou nele uma nova vida. Pélops, embora fosse apenas uma criança, tornou-se rei de Micenas. Era um bom governante, ilustre pela piedade e pela sabedoria; no entanto, inúmeras calamidades assolavam seu reino. Dizem alguns que os deuses haviam amaldiçoado a estirpe de Tântalo, condenando todos os seus descendentes à violência e à desgraça. Os filhos de Pélops, Atreu e Tieste, nasceram com a mesma ambição do avô. Seus crimes, como os dele, foram terríveis e sanguinolentos. Uma filha violentada pelo pai, um filho cozido e devorado, tudo fruto de sua amarga rivalidade pelo trono.

— Somente agora, graças a Agamêmnon e Menelau, a fortuna dessa família começa a mudar. Foram-se os tempos de guerra civil, e Micenas prospera sob o governo justo de Agamêmnon. Ele conquistou merecida fama por sua habilidade com a lança e sua firmeza no comando. Sorte nossa tê-lo como comandante supremo.

Achei que Aquiles já não estivesse mais ouvindo. Porém ele se virou para nós, de cenho franzido, e disse:

— Todos nós somos comandantes supremos.

— Sem dúvida — concordou Odisseu. — Mas iremos todos combater o

mesmo inimigo, não é? Vinte generais no campo de batalha poderiam representar o caos e a derrota. — Sorriu. — Você sabe como nos damos bem: acabaríamos por nos trucidar uns aos outros em vez de destruir os adversários. O sucesso, numa guerra como esta, só acontece quando os homens se unem num propósito único, canalizando suas forças para um golpe de lança e não para um milhar de picadas de agulha. Você chefiará os homens de Fítia, e eu, os de Ítaca; mas tem de haver alguém que faça uso das habilidades de cada um de nós. — Apontou elogiosamente para Aquiles. — Por mais notáveis que elas sejam.

Aquiles ignorou o elogio. O sol poente lançava sombras em seu rosto, onde os olhos eram frios e duros.

— Vim por vontade própria, príncipe de Ítaca. Acatarei as instruções de Agamêmnon, mas não suas ordens. Gostaria que você entendesse bem isso.

Odisseu balançou a cabeça.

— Os deuses nos protejam de nós mesmos! Ainda não entramos em combate e já estamos brigando por honrarias!

— Eu não...

Odisseu levantou a mão.

— Acredite-me, Agamêmnon sabe muito bem quanto você é importante para sua causa. Foi ele o primeiro a querer que se juntasse a nós. Será recebido no exército com toda a pompa que possa desejar.

Não fora exatamente aquilo que Aquiles tencionara dizer, mas quase. Fiquei aliviado quando o vigia anunciou terra à vista.



Naquela noite, após o jantar, Aquiles estirou-se na cama.

— Que acha dos homens que vamos conhecer?

— Eu não sei.

— Estou feliz por Diomedes ter ido embora.

— Eu também.

Deixáramos o rei na ponta norte da Eubeia, onde aguardaria que seu exército chegasse de Argos.

— Não confio nele.

— Acho que logo saberemos quem são — disse Aquiles.

Ficamos em silêncio por um momento, pensando no assunto. Lá fora, a chuva começava a cair de leve sobre o teto da tenda.

— Odisseu previu que haverá tempestade esta noite.

Tempestade no Egeu, que vem e vai subitamente. Nosso barco estava ancorado em segurança e no dia seguinte teríamos de novo bom tempo.

Aquiles me fitava.

— Seu cabelo nunca fica assentado aqui. — Tocou minha cabeça, atrás da orelha. — Acho que nunca lhe disse quanto gosto disso.

Minha pele formigou no lugar onde ele pusera a mão.

— Nunca — eu disse.

— Mas deveria. — Sua mão deslizou para o V na base de minha garganta, sentindo-lhe a pulsação. — E quanto a isto? Já lhe contei o que penso a respeito?

— Não — eu respondi.

— Mas e quanto a isto, já lhe contei? — Sua mão percorreu os músculos do meu peito, aquecendo minha pele. — Contei, não?

— Quanto a isto, sim. — Contive um pouco a respiração ao dizer essas palavras.

— E quanto a isto? — Sua mão pousou sobre meu quadril e desceu pela coxa. — Contei?

— Contou.

— E o que dizer disto? Ah, isto eu não esqueceria. — Tinha um sorriso felino. — Diga-me que não esqueci.

— Você não esqueceu.

— E há isto também. — Agora sua mão era incansável. — Tenho certeza de que lhe contei.

Fechei os olhos.

— Conte-me de novo — eu pedi.



Mais tarde, Aquiles se deitou ao meu lado. A tempestade de Odisseu desabara e o tecido grosseiro, aos lados da tenda, se agitava ao seu impacto. Eu ouvia o rumor ininterrupto das ondas se chocando contra a praia. Aquiles se mexeu e o ar se mexeu com ele, espalhando o doce aroma de almíscar que exalava de seu corpo. Pensei: *É isto o que vou perder*. E também: *Prefiro matar-me a perder isto*. E ainda: *Quanto tempo ainda temos?*

# Capítulo 16

Chegamos a Fítia no dia seguinte. O sol acabara de ultrapassar o meridiano quando Aquiles e eu nos postamos junto à amurada para olhar.

— Vê aquilo? — perguntou ele.

— O quê? — Como sempre, seus olhos eram mais aguçados que os meus.

— O porto. Parece estranho.

Quando nos aproximamos, descobrimos o que era. Estava apinhado de gente que se agitava com impaciência, esticando os pescoços em nossa direção. E o som: a princípio, parecia vir das ondas ou da marcha do navio cortando-as — um bramido impetuoso. Porém foi aumentando a cada golpe de nossos remos, até percebermos que eram vozes e depois palavras incansavelmente repetidas: *Príncipe Aquiles! Aristos Achaion!*

Quando o barco tocou o cais, centenas de mãos se agitaram no ar e centenas de bocas se abriram numa saudação em uníssono. Todos os outros ruídos — o baque do passadiço contra a rocha, os gritos dos marinheiros — foram abafados. Contemplávamos surpresos aquele espetáculo.

Foi então, talvez, que nossa vida mudou. Não em Ciros, não no Pélion, mas ali, quando começamos a entender a grandeza que, agora e sempre, acompanharia Aquiles aonde quer que fosse. Ele escolhera ser uma lenda, e aquele era o início. Hesitou e eu lhe toquei a mão de modo que ninguém percebesse o gesto.

— Vá — apressei-o. — Eles esperam por você.

Aquiles desceu o passadiço, com o braço erguido para saudar a

multidão, que gritou ainda mais alto. Receei que invadissem o navio, mas soldados se adiantaram para abrir espaço entre a massa.

Aquiles se virou para mim e disse alguma coisa. Não ouvi, mas compreendi: *Venha comigo*. Concordei e avançamos. De ambos os lados, a multidão irrompia contra a barreira de soldados. Na extremidade da ala, Peleu esperava por nós. Tinha o rosto molhado de lágrimas e não fazia nenhum esforço para enxugá-las. Ele abraçou Aquiles e segurou-o por um bom tempo antes de soltá-lo.

— Nosso príncipe voltou! — Sua voz era mais profunda do que outrora me parecera, sonora e ecoando acima do rumor da multidão. Todos se calaram para ouvir as palavras de seu rei.

— Diante de vocês, dou as boas-vindas ao meu filho extremamente amado, herdeiro único deste reino. Ele os levará para Troia coberto de glória e regressará envolto em triunfo.

Mesmo ali, sob o sol, senti minha pele congelar. *Ele não regressará*. Porém Peleu ainda não sabia disso.

— É homem feito e de estirpe divina. *Aristos Achaion*!

Não havia tempo para pensar no assunto. Os soldados batiam nos escudos com o cabo da lança; as mulheres gritavam; os homens aplaudiam. Observei o rosto de Aquiles: estava impressionado, mas não descontente. Notei que sua postura havia mudado: ombros para trás e pés firmemente plantados no chão. Parecia mais velho e até mais alto. Inclinou-se para dizer algo ao ouvido do pai, que não consegui escutar. Uma carruagem nos esperava; subimos e contemplamos a multidão que enchia a praia.

No palácio, criados e servos atarefados iam e vinham à nossa volta. Comemos e bebemos apressadamente o que nos deram e em seguida fomos levados ao pátio, onde 2.500 homens nos aguardavam. Ao ver-nos, ergueram seus escudos quadrados e brilhantes como carapaças, numa saudação ao novo comandante. De tudo, o que parecia mais estranho era

justamente isto: o fato de Aquiles ser seu chefe agora. Esperava-se que conhecesse todos aqueles homens, seus títulos, suas armas e histórias. *Ele já não pertence apenas a mim.*

Nem mesmo eu poderia dizer se Aquiles estava nervoso. Observava-o saudando os guerreiros, dizendo-lhes palavras altissonantes que os faziam empertigar-se ainda mais. Sorriam, admirando cada polegada de seu miraculoso príncipe: o cabelo brilhante, as mãos mortíferas, os pés ágeis. Pendiam para ele como flores para o sol, absorvendo seu fulgor. Foi como sentenciara Odisseu: Aquiles tinha luz suficiente para transformar todos em heróis.



Nunca estávamos sós. Aquiles era sempre requisitado para alguma tarefa: sua opinião sobre desenhos de velas e figuras de proa, suas recomendações sobre suprimentos e listas de recrutas. Fênix, o velho conselheiro de Peleu, nos acompanhava, mas sempre havia perguntas para Aquiles responder. Quantos? Quanto? Quem serão os subcomandantes? Ele fazia o possível e depois anunciava: "O resto fica por conta da experiência de Fênix". Ouvi uma serva suspirar às minhas costas. Belo e gentil, as duas coisas.

Aquiles sabia que eu pouco tinha a fazer ali. Seu rosto, quando se voltava para mim, sempre parecia pedir desculpas. Ele fazia questão de colocar as tabuinhas onde eu pudesse vê-las e solicitava minha opinião. No entanto eu não lhe facilitava as coisas — permanecia na sombra, indiferente e silencioso.

Mesmo assim, não podia escapar totalmente. Por cada janela entrava o alarido dos soldados que se exibiam, treinavam e poliam as armas. Eram os mirmidões, como tinham começado a se chamar — *homens-formigas*, um antigo apelido honroso. Outra coisa que Aquiles teve de me explicar:

a lenda de Zeus criando os primeiros habitantes de Fítia a partir de formigas. Eu os via marchar, perfilar-se em formações barulhentas; eu os via sonhar com os despojos que trariam, com a vitória. Para nós, não havia tais sonhos.

Comecei a me esquivar. Sempre achava um pretexto que me permitisse ficar para trás quando os criados o requisitavam: uma coceira na perna, um cordão da sandália desatado. Sem perceber, eles prosseguiam, dobravam um corredor e me deixavam repentinamente, abençoadamente só. Eu enveredava por aquele labirinto que conhecia tão bem havia anos e chegava aliviado ao nosso quarto vazio. Ali, estirava-me no chão frio de pedra e fechava os olhos. Só pensava em como tudo aquilo acabaria para ele: na ponta de uma lança ou espada ou sob as rodas de um carro? O jorro violento, sem fim, de sangue do seu coração.

Uma noite, na segunda semana, enquanto jazíamos ainda sonolentos, perguntei-lhe:

— O que vai dizer a seu pai sobre a profecia?

As palavras soaram estridentes no silêncio da meia-noite. Ele não respondeu imediatamente, contudo por fim disse:

— Acho que não vou contar para ele.

— Nunca?

Aquiles sacudiu a cabeça na sombra.

— Ele não pode fazer nada. Isso só lhe causaria aflição.

— E quanto à sua mãe? Ela talvez lhe conte.

— Não — garantiu Aquiles. — Essa foi uma das coisas que, em nosso último dia em Ciros, me prometeu não fazer.

Franzi o cenho. Só agora ele me falava sobre isso.

— E as outras coisas, quais foram?

Percebi que Aquiles hesitava. Porém nunca mentíamos um para o outro; nunca.

— Pedi-lhe que o protegesse — disse ele. — Depois.

Fitei-o, com a boca seca.

— E o que sua mãe respondeu?

Outro silêncio. Em seguida, tão pausadamente que pude imaginar o rubor envergonhado em suas faces, ele murmurou:

— Respondeu que não.

Mais tarde, depois que ele dormiu, permaneci acordado e vigilante sob as estrelas, pensando em tudo aquilo. Saber que ele fizera o pedido me aquecia — expulsava parte do frio dos últimos dias no palácio, quando Aquiles era solicitado a cada momento e eu não.

Quanto à resposta da deusa, pouco me importava. Não precisaria dela. Não planejava viver depois que Aquiles se fosse.



Seis semanas se passaram — as seis semanas necessárias para organizar soldados, equipar a frota, reunir provisões e roupas para toda a duração da guerra — um ano, talvez dois. Cercos sempre são longos.

Peleu insistia em que Aquiles só levasse o melhor. Gastou uma pequena fortuna na armadura, suficiente para equipar mais de seis homens. Incluía peitorais de bronze batido, gravados com imagens de - leões e uma fênix rediviva, grevas de couro espesso com braçadeiras de ouro, capacetes com cimeiras de crina de cavalo, uma espada de prata forjada, dezenas de lanças e dois carros de rodas leves. Para esses, havia quatro parelhas de cavalos, inclusive o par que os deuses haviam dado a Peleu por ocasião de seu casamento. Chamavam-se Xanto e Bálio (Dourado e Malhado), cujos olhos reviravam de impaciência quando não estavam livres para galopar. Deu-nos também um cocheiro, um rapaz mais novo que nós, mas rijamente constituído e, segundo se dizia, habilíssimo com cavalos bravios. Seu nome era Automedonte.

Por fim, uma longa lança de freixo novo, polida até brilhar como chama

acinzentada. Presente de Quíron, disse Peleu entregando-a ao filho. Debruçamo-nos sobre ela, passeando os dedos pela superfície lisa como para sentir a presença do centauro. Objeto tão primoroso devia ter custado semanas de trabalho a Quíron; começara-o, sem dúvida, quase no mesmo dia em que partimos. Conhecia o destino de Aquiles ou apenas suspeitava do que estava por vir? Sozinho em sua caverna de paredes rosadas, ele tivera algum vislumbre da profecia? Talvez houvesse apenas presumido — na amargura do hábito de treinar garotos após garotos em música e medicina, que depois eram entregues à violência.

Contudo, aquela magnífica lança não fora fabricada com sentimento amargo, mas com amor. Sua forma só serviria para a mão de Aquiles, o peso de sua haste não estava à altura das forças de ninguém mais. E, embora a ponta fosse aguçada e mortal, a madeira deslizava sob nossos dedos como o braço delgado e escorregadio de uma lira.



Enfim, chegou o dia da partida. Nosso navio era belo, mais belo até que o de Odisseu — brilhante e fino como uma lâmina, construído para fender airosamente as águas. Calava fundo no mar, carregado de suprimentos de todos os tipos.

E era apenas a capitânia. Atrás dele, outros 49, verdadeira cidade de madeira, cortavam garbosamente as ondas do porto de Fítia. Suas reluzentes figuras de proa eram um bestiário de animais, ninfas e criaturas que mesclavam essas duas naturezas; seus mastros se erguiam tão alto quanto os troncos de onde provinham. Na frente de cada navio, um de nossos recém-nomeados capitães saudava os que subiam a bordo.

Aquiles embarcou primeiro — seu manto púrpura agitado pela brisa marinha —, depois Fênix e em seguida eu, envergando um manto novo

feito especialmente para mim e amparando os passos incertos do ancião. O povo, do convés de seus próprios navios, acenava jubiloso para nós e os soldados. À nossa volta, gritavam-se os augúrios finais: de glória e de ouro arrancado e trazido da próspera cidade de Príamo.

Peleu se postou na beira do cais, com uma mão levantada em sinal de despedida. Fiel à palavra dada, Aquiles não lhe falara sobre a profecia, apenas o estreitara ao peito como para colá-lo à própria pele. Eu também abracei aqueles membros trêmulos e mirrados. Pensei: *É assim que Aquiles será quando ficar velho.* Mas então me lembrei: ele nunca vai ser velho.

As pranchas do navio estavam pegajosas por causa da resina que ainda não secara de todo. Debruçamo-nos na amurada para o derradeiro adeus, sentindo contra nossos ventres a madeira aquecida pelo sol. Os marinheiros levantaram a âncora, incrustada de craca, e soltaram as velas. A seguir, tomaram seus lugares nas bancadas de remos que ladeavam o convés como cílios, esperando a ordem. Os tambores soaram, os remos subiram e desceram, levando-nos para Troia.

# Capítulo 17

Contudo, primeiro Áulis. Áulis, um dedo de terra com costas de extensão suficiente para abrigar todos os nossos navios de uma só vez. Agamêmnon ordenara que seu poderoso exército se reunisse num único porto antes de zarpar. Um símbolo, talvez: a força visível da Grécia Ofendida.

Após cinco dias percorrendo as águas revoltas da costa da Eubeia, chegamos à última curva do sinuoso estreito — e lá estava Áulis. Surgiu de repente, como se um véu tivesse sido levantado: a baía repleta de vasos de todas as cores, tamanhos e formas, a praia coberta por um tapete movediço de milhares e milhares de homens. Para além, os tetos de lona das tendas estendiam-se até o horizonte, com flâmulas brilhantes assinalando os pavilhões dos reis. Nossos homens impeliram com mais força os remos, guiando-nos para o último lugar vazio no cais congestionado — grande o bastante para nossa frota inteira. As âncoras desceram de cinquenta popas.

Trombetas ressoaram. Os mirmidões dos outros barcos já haviam desembarcado. Perfilhavam-se agora na orla da praia, com suas túnicas brancas esvoaçantes. A um sinal que não percebemos, começaram a entoar, 2.500 homens em uníssono, o nome de seu príncipe: *A-qui-les!* De todos os pontos da praia, cabeças se voltaram em nossa direção: espartanos, argivos, micênios e os demais. A notícia logo correu a multidão: *Aquiles chegou*.

Quando os marinheiros baixaram o passadiço, vimos todos eles, reis e soldados, se reunindo. Eu não conseguia distinguir os rostos dos príncipes a distância, mas reconhecia as flâmulas que os escudeiros

empunhavam à sua frente: a bandeira amarela de Odisseu, a azul de Diomedes, e a maior, mais fulgurante de todas, um leão em campo de púrpura, o símbolo de Agamêmnon e Micenas.

Aquiles olhou para mim, a respiração suspensa; a multidão ruidosa de Fítia nada era em comparação com aquilo. Mas ele estava pronto, percebi-o no modo como ergueu o peito, no verde audaz de seus olhos. Avançou até o passadiço e parou no alto. Os mirmidões continuavam a gritar e agora não eram os únicos; outros na multidão se haviam juntado a eles. Um chefe mirmidão de peito largo levou as mãos em concha à boca: "Príncipe Aquiles, filho de Peleu e da deusa Tétis. *Aristos Achaion!*".

Como em resposta, a atmosfera mudou. Raios de sol incidiram sobre Aquiles, descendo por seus cabelos e suas costas, transformando sua pele em ouro. Pareceu maior de repente, e sua túnica, amarrotada pela viagem, recompôs-se até brilhar, branca e imaculada como uma vela. Seus cabelos, absorvendo a luz, eram uma chama flutuante.

Os homens ofegaram; novos aplausos se ouviram. *Tétis*, eu pensei. Não podia ser ninguém mais. Ela fazia com que cada polegada da pele de Aquiles ostentasse o fulgor da divindade. Ajudando o filho, aumentava-lhe a glória penosamente conquistada.

Pude ver o esboço de um sorriso nos cantos da boca de Aquiles. Gostava daquilo, fruía o culto da multidão. Não sabia, confessou-me depois, o que estava acontecendo. Porém não questionou nada; o fato não o intrigara.

Abriram-se caminhos para ele em meio à multidão até o lugar onde os reis haviam se reunido. Cada príncipe que chegava tinha de se apresentar a seus pares e ao novo comandante; agora era a vez de Aquiles. Ele desceu o passadiço e, atravessando a multidão que se comprimia, estacou a uns dez passos dos reis. Eu fiquei um pouco atrás.

Agamêmnon nos esperava. Tinha o nariz curvo e pontiagudo como o bico de uma águia e seus olhos brilhavam com uma inteligência sôfrega.

Era robusto e de peito largo, seus pés se plantavam firmemente no chão. Parecia em pleno vigor da idade, mas também um tanto cansado — mais velho que os 40 anos que tinha. À direita dele, no lugar de honra, postavam-se Odisseu e Diomedes. À esquerda, seu irmão Menelau, rei de Esparta — a causa da guerra. Os cabelos de um vermelho intenso, que eu vira na sala de Tíndaro, estavam agora ligeiramente grisalhos. Como o irmão, era alto e robusto, os ombros fortes como um jugo de bois. Os olhos escuros e o nariz aquilino da família pareciam nele menos acentuados, mais equilibrados. Trazia um leve sorriso no rosto que, ao contrário do de Agamêmnon, era bonito.

Dos demais, o único rei que pude identificar com certeza foi o velho Nestor, queixo coberto por uma barba rala e branca, olhos argutos na face marcada pelos anos. Era o homem mais idoso ainda vivo, dizia-se, o precavido sobrevivente de incontáveis tribulações, batalhas e aventuras. Governava a faixa arenosa de Pilos, a cujo trono se agarrava teimosamente enquanto suas dezenas de filhos iam envelhecendo e ele engendrava outros com seus lombos famosos e incansáveis. Dois desses é que carregavam suas armas, abrindo espaço para ele na frente, entre os outros reis. Olhava-nos com a boca aberta, o hálito agitando excitadamente sua barbicha emaranhada. Nestor gostava de comoções.

Agamêmnon deu um passo à frente. Abriu os braços num gesto de boas-vindas e ficou majestosamente na expectativa das reverências, da submissão e dos votos de lealdade a que tinha direito. Era a vez de Aquiles se ajoelhar e apresentá-los.

Aquiles não se ajoelhou. Não fez nenhuma saudação ao grande rei, não inclinou a cabeça nem lhe deu presentes. Continuou de pé, com o queixo orgulhosamente erguido, diante de todos.

Agamêmnon cerrou as mandíbulas; parecia ridículo ali, de braços abertos, e sabia disso. Observei Odisseu e Diomedes; os olhos deles enviavam mensagens agressivas. À nossa volta, fez-se um silêncio

incômodo. Os homens trocavam olhares.

Cruzei as mãos atrás das costas enquanto acompanhava o jogo de Aquiles. Seu rosto parecia talhado em pedra ao enviar ao rei de Micenas esta advertência tácita: *Você não manda em mim.* O silêncio continuava — penoso e contido — como o de um cantor se preparando para emitir o agudo final.

Então, no momento em que Odisseu se adiantava para intervir, Aquiles falou:

— Sou Aquiles, filho de Peleu, de estirpe divina, o melhor dos gregos. Vim para lhe assegurar a vitória. — Um momento de silêncio e os homens gritaram sua aprovação. O orgulho nos dominava — heróis nunca são modestos.

O olhar de Agamêmnon era sombrio. Porém lá estava Odisseu, a mão caída com força sobre o ombro de Aquiles, amarrotando o tecido da túnica enquanto sua voz ecoava pelos ares:

— Agamêmnon, Pastor de Homens, trouxemos o príncipe Aquiles para oferecer-lhe aliança. — Seu olhar dizia a Aquiles: *ainda é tempo*. Mas Aquiles apenas sorriu e deu um passo à frente, libertando-se da mão de Odisseu.

— Vim de livre e espontânea vontade para ajudar sua causa — disse em voz bem alta. — E, voltando-se para a multidão em derredor: — Para mim será uma honra lutar ombro a ombro com tantos guerreiros nobres de nossos reinos.

Outra ovação, estridente e demorada, que pareceu levar minutos infindáveis para esmorecer. Por fim, com sua expressão pétrea, Agamêmnon falou, revelando uma paciência duramente conquistada, longamente praticada:

— Sem dúvida, tenho o melhor exército do mundo. E dou-lhe as boas-vindas, jovem príncipe de Fítia. — Seu sorriso era irônico. — Foi pena ter demorado tanto a vir.

A insinuação era clara, mas Aquiles não teve oportunidade de replicar. Agamêmnon já retomara a palavra, sua voz pairava sobre a multidão:

— Homens da Grécia, nós já protelamos demais nossa partida. Amanhã velejaremos para Troia. Voltem a seus acampamentos e preparem-se. — Virou-se com ar decidido e caminhou pela praia.

Os reis de seu círculo mais íntimo seguiram-no, dispersando-se pelos navios — Odisseu, Diomedes, Nestor, Menelau e outros. Alguns, porém, ficaram para cumprimentar o novo herói: Eurípilo da Tessália e Antíloco de Pilos, Meríones de Creta e o médico Podalírio. Homens vindos das regiões mais remotas de nossas terras em busca de glória ou para cumprir seu juramento. Muitos lá estavam havia meses, esperando que o exército se completasse. Após tamanho tédio, diziam olhando furtivamente para Aquiles, acolheriam de bom grado qualquer divertimento inofensivo. Sobretudo à custa de...

— Príncipe Aquiles — interrompeu Fênix —, por favor, desculpe minha intromissão. Mas sem dúvida gostará de saber que seu acampamento já está sendo preparado. — Havia em sua voz uma nota severa de desaprovação; ali, porém, diante de todos, ele não iria se permitir admoestações.

— Obrigado, valoroso Fênix — agradeceu Aquiles. — Se nos derem licença...

Sim, sim, é claro que eles dariam. Voltariam mais tarde ou no dia seguinte. Trariam seu melhor vinho e nós o beberíamos juntos. Aquiles apertou a mão de todos, prometendo que ficaria à espera.



No acampamento, os mirmidões aglomeravam-se à nossa volta, dispondo bagagens, alimentos, estacas e lonas. Um homem de libré se aproximou e fez uma reverência — um dos arautos de Menelau. O rei não pudera vir,

o que lamentava, mas o enviara em seu lugar para nos dar as boas-vindas. Aquiles e eu nos entreolhamos. Aquilo era diplomacia astuta — não nos tornáramos amigos de seu irmão, de modo que Menelau não viera em pessoa. No entanto, alguma consideração era preciso mostrar para com o melhor dos gregos.

— Um homem que joga dos dois lados — sussurrei para Aquiles.

— Um homem que não pode se permitir me ofender caso queira sua esposa de volta — sussurrou ele em resposta.

— Gostariam de dar um passeio? — perguntou o arauto.

— Sim — respondemos em nosso tom mais altaneiro. — Gostaríamos.

O acampamento principal era um caos estonteante, um movimento confuso — flâmulas tremulando, roupas em varais, tendas, corpos apressados de milhares e milhares de homens. Ao longe deslizava o rio, com sua antiga marca de nível agora bem mais alta na margem, depois da chegada dos exércitos. Mais além, a praça do mercado, a ágora, com seu altar e seu pódio improvisados. Por fim, as latrinas — buracos largos e escancarados, cheios de gente.

Aonde quer que fôssemos, éramos observados. Eu não tirava os olhos de Aquiles, esperando a qualquer momento que Tétis de novo lhe tornasse os cabelos mais brilhantes e os músculos mais avantajados. Mas, se o fez, não notei; a graça que agora via nele era toda sua: simples, despojada, gloriosa. Acenava para os homens que se viravam para ele, sorrindo e saudando-os de passagem. Eu ouvia as palavras murmuradas por aqueles soldados de barbas cerradas, dentes partidos e mãos calosas: *Aristos Achaion*. Teria Aquiles a aparência prometida por Odisseu e Diomedes? Acreditariam que aqueles membros esguios poderiam enfrentar um exército de troianos? Um rapaz de 16 anos seria mesmo nosso maior guerreiro? E por toda parte, adivinhando as perguntas, eu percebia também as respostas. Sim, acenavam eles uns para os outros,

sim, sim.

# Capítulo 18

Acordei naquela noite com a respiração ofegante. Estava banhado de suor e a tenda me pareceu insuportavelmente abafada. Ao meu lado, Aquiles dormia — a pele quase tão úmida quanto a minha.

Saí ansioso pela brisa do mar. Mas também lá fora a atmosfera era pesada e densa. Estranhamente, tudo estava em silêncio. Eu não ouvia sequer o farfalhar das tendas ou o estalido de uma armadura suspensa. Até o mar emudecera, como se as ondas não mais castigassem a praia. Para além da arrebentação, ele parecia liso como um espelho de bronze polido.

Não havia vento, logo percebi. E isso era estranho. O ar à minha volta não se movia, eu não escutava o menor sussurro de uma corrente. Lembro-me de que pensei: se continuar assim, nós não navegaremos amanhã.

Lavei o rosto e fiquei aliviado com o frescor da água, depois voltei para junto de Aquiles e para um sono inquieto, agitado.

Na manhã seguinte, a mesma coisa. Acordo numa poça de suor, com a pele enrugada e ressecada. Bebo sofregamente a água que Automedonte nos traz. Aquiles desperta, passa a mão pela testa suada, franze o cenho, sai e volta.

— Não há vento.

Assinto com um aceno de cabeça.

— Não partiremos hoje.

Nossos homens são remadores esforçados, mas nem eles conseguirão manter a jornada de um dia. Precisamos de vento para chegar a Troia.

Mas o vento não vem. Não hoje, não esta noite nem no dia seguinte. Agamêmnon é obrigado a aparecer no mercado e anunciar mais um adiamento. Logo que o vento retornar, partiremos — promete ele.

Mas o vento não retorna. Sentimos calor o tempo todo e o ar se parece com labaredas que nos chamuscam os pulmões. Nunca pensáramos que a areia pudesse ser tão escaldante, que nossas cobertas fossem tão ásperas. Os temperamentos se aquecem e as brigas se repetem. Aquiles e eu passamos a maior parte do tempo no mar, em busca do minguado conforto que ele oferece.

Os dias vão passando e nossos semblantes refletem a preocupação. Duas semanas sem vento não é um fenômeno natural, mas Agamêmnon não toma providências. Por fim, Aquiles desabafa:

— Falarei com minha mãe. — Permaneço na tenda, suando e aguardando enquanto ele sai à procura de Tétis. Ao voltar, ele anuncia:

— É culpa dos deuses. — A mãe, porém, não dirá nem poderá dizer que deuses são esses.

Vamos ao encontro de Agamêmnon. A pele do rei está vermelha por causa das queimaduras de sol e ele se irrita com tudo — com o vento, a impaciência do exército, as explicações que lhe dão do contratempo. Aquiles diz:

— Você sabe que minha mãe é uma deusa.

Agamêmnon quase mostra os dentes para responder. Odisseu pousa uma mão conciliatória em seu ombro.

— Ela diz que a calmaria não é natural. É uma mensagem dos deuses.

Agamêmnon não gosta nada do que ouve; lança-nos um olhar furioso e nos dispensa.

Mais um mês se passa — um mês interminável de sono febril e dias abafados. O rosto dos homens transpira cólera, mas as brigas cessaram —

está quente demais para isso. Limitam-se a ficar estirados na sombra e a se odiar mutuamente.

Outro mês. Penso que todos nós estamos na iminência de enlouquecer, de sufocar ao peso da atmosfera imóvel. Por quanto tempo isso durará? É uma sensação horrível: o céu inclemente que dardeja sobre nosso exército, o calor insuportável que absorvemos a cada respiração. Mesmo Aquiles e eu, sozinhos na tenda com as centenas de jogos que inventamos para afastar o tédio, sentimo-nos inúteis e fartos. Quando isso terminará?

Finalmente, uma notícia. Agamêmnon falou com o sumo sacerdote Calcante. Nós o conhecemos — é pequeno, tem uma barba irregular e grisalha. Um homem feio, de rosto anguloso como o de uma doninha e com o hábito de passar a língua pelos lábios antes de falar. Mais feio que tudo, porém, são os olhos azuis, faiscantes. Ao vê-los, as pessoas estremecem. Tais coisas são de mau agouro: ele teve sorte de não o sacrificarem logo depois de nascer.

Segundo Calcante, a deusa Ártemis é que foi ofendida por nós, embora ele ignore o motivo. Sugere a prescrição usual: um sacrifício de grande porte. O gado é então reunido e mistura-se o vinho com mel. Durante a reunião seguinte, no acampamento, Agamêmnon anuncia que convidou sua filha para presidir o ritual. Ela é sacerdotisa de Ártemis, a mulher mais jovem a ser ungida para esse ofício; talvez consiga serenar a cólera da deusa.

Entretanto corre outro boato: essa filha virá de Micenas não apenas para oficiar a cerimônia, mas também para desposar um dos reis. Casamentos são sempre propícios, agradáveis aos deuses; é possível que isso também ajude.

Agamêmnon convoca Aquiles e a mim para que compareçamos a sua tenda. Seu rosto está convulso, inchado, o rosto de alguém que não tem dormido. Seu nariz continua vermelho por causa das queimaduras. A seu

lado, senta-se Odisseu, frio como sempre.

Agamêmnon pigarreia e inicia.

— Príncipe Aquiles, eu o chamei aqui para lhe apresentar uma proposta. Talvez tenha ouvido dizer que... — interrompe-se, pigarreia novamente. — Tenho uma filha, Ifigênia. Gostaria que fosse sua esposa.

Ficamos pasmos. Aquiles abre e fecha a boca.

Odisseu toma a palavra:

— Agamêmnon lhe oferece uma grande honra, príncipe de Fítia.

Aquiles gagueja, numa atitude rara de insegurança.

— Sim, e agradeço-lhe por isso. — Relanceia o olhar para Odisseu e adivinho o que está pensando: "E Deidâmia?". Aquiles já é casado e Odisseu sabe disso muito bem.

O rei de Ítaca faz um leve sinal de cabeça, que Agamêmnon não percebe. Devemos fingir que a princesa de Ciros não existe.

— Estou honrado por ter me escolhido — diz Aquiles, ainda hesitante. Seus olhos piscam inquisitivamente para mim.

Odisseu vê — Odisseu vê tudo.

— Infelizmente, vocês só terão uma noite juntos antes que Ifigênia regresse. Mas, é claro, muita coisa pode acontecer numa noite. — Sorri. Só ele o faz.

— Acho que será um bom casamento. — Agora, fala mais devagar. — Bom para nossas famílias, bom para os soldados. — Evita nossos olhares.

Aquiles espera minha resposta; dirá não se eu quiser. O ciúme me espicaça, mas de leve. *Será apenas uma noite*, penso. *Dar-lhe-á posição e influência, reconciliando-o com Agamêmnon. Não significa muita coisa*. Faço um ligeiro aceno, como o de Odisseu.

Aquiles estende a mão.

— Eu aceito, Agamêmnon. Ficarei orgulhoso por chamá-lo de sogro.

Agamêmnon aperta a mão do jovem. Observo seus olhos: estão frios e quase tristes. Vou me lembrar disso mais tarde.

Agamêmnon pigarreia pela terceira vez e diz:

— Ifigênia — diz ele — é uma boa moça.

— Não duvido — diz Aquiles. — Para mim, será uma honra tê-la como esposa.

Agamêmnon concorda, dispensa-nos e viramo-nos para sair. *Ifigênia*. Um nome cadenciado, o som dos cascos de uma cabra nas rochas, rápido, vivo, encantador.



Dias depois, ela chegou com uma guarda de micênios austeros — homens mais idosos, já incapacitados para a guerra. Quando seu carro se aproximou do acampamento pela estrada pedregosa, os homens acorreram para observar. Fazia tempo que a maioria deles não punha os olhos numa mulher. Admiraram a curva de seu pescoço, a delicadeza de seus tornozelos, a maneira com que alisava gentilmente as dobras do traje de noiva. Trazia nos olhos castanhos um brilho de excitação; vinha desposar o melhor dos gregos.

A cerimônia ocorreria em nossa praça improvisada, sobre uma plataforma de madeira quadrada na qual se erguera um altar. O carro, agora mais perto, desfilou diante dos homens apressadamente reunidos. Agamêmnon estava de pé na plataforma, flanqueado por Odisseu e Diomedes; Calcante também comparecera. Aquiles, como convém aos noivos, aguardava ao lado.

Ifigênia desceu delicadamente do carro e subiu à plataforma. Era muito jovem, ainda não tinha 14 anos; um misto de atitude hierática e vivacidade infantil. Lançou os braços à volta do pescoço do pai e acariciou-lhe os cabelos. Sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido e riu. Não pude ver o rosto dele, mas seus dedos pareciam crispados nos ombros esguios da filha.

Odisseu e Diomedes se adiantaram — todo sorrisos e mesuras — dando-lhe as boas-vindas. Ela respondeu de maneira graciosa, mas impaciente. Continuava buscando o noivo que lhe haviam prometido. Encontrou-o facilmente e seu olhar caiu sobre os cabelos dourados de Aquiles. Sorriu contente com o que vira.

Com seu olhar, Aquiles avançou ao seu encontro até a beira da plataforma. Poderia tê-la tocado então e notei que estendia a mão para os dedos afilados da jovem, lisos como conchas polidas pelo mar.

Então ela cambaleou de repente. Lembro-me de Aquiles franzindo a testa. Lembro-me dele tentando segurá-la.

Porém Ifigênia não estava caindo, mas, sim, sendo empurrada em direção ao altar, nos fundos. Ninguém vira Diomedes se mover, mas sua mão agarrava firmemente o pescoço delgado da jovem e forçava-a contra a superfície de pedra. A jovem, paralisada, não conseguia lutar, não conseguia sequer perceber o que estava acontecendo. Agamêmnon sacou alguma coisa do cinto, que brilhou ao sol quando a brandiu.

A lâmina deslizou pela garganta da vítima e o sangue espirrou sobre o altar, encharcando-lhe as vestes. Assombrada, ela tentou falar, mas não conseguiu. Seu corpo se contorcia violentamente, mas as mãos do rei a mantinham deitada. Por fim, os estertores foram diminuindo e os estremecimentos cessaram; e ela ficou imóvel.

Agamêmnon tinha as mãos tingidas de sangue. E foi ele que quebrou o silêncio:

— A deusa foi apaziguada.

Quem sabe o que poderia ter acontecido então? O ar estava pesado com o cheiro de ferro e sal da morte da jovem. Sacrifícios humanos eram uma abominação banida de nossas terras havia muito tempo. A própria filha! Estávamos horrorizados e indignados; a violência crescia em nós.

Então, antes que começássemos a nos mover, algo tocou nossos rostos. Paramos hesitantes, e ele veio de novo. Suave, fresco, com o aroma do

mar. Um murmúrio correu as fileiras dos homens. *Vento. O vento chegara*. Mandíbulas se descontraíram, músculos se relaxaram. *A deusa foi apaziguada.*

Aquiles parecia acorrentado a seu lugar na plataforma. Peguei-o pelo braço e empurrei-o em meio à massa na direção de nossa tenda. Seus olhos tinham um brilho selvagem, seu rosto estava salpicado pelo sangue da jovem. Umedeci uma toalha e tentei limpá-lo, mas ele segurou minha mão.

— Eu poderia tê-lo detido — murmurou. A palidez de seu rosto era intensa; sua voz, rouca. — Estava bem perto. Poderia tê-la salvado.

Sacudi a cabeça.

— Você não sabia o que estava acontecendo.

Aquiles escondeu o rosto nas mãos e não disse nada. Abracei-o e murmurei-lhe todas as frases consoladoras que pude encontrar.



Depois de lavar as mãos e trocar as roupas manchadas de sangue, Agamêmnon nos convocou novamente para que nos reuníssemos no mercado. Ártemis, disse ele, ficara contrariada com o derramamento de sangue que aquele exército iria perpetrar. Exigira pagamento adiantado por isso — e do mesmo tipo. Vacas não bastavam. Uma sacerdotisa virgem era necessária, sangue humano por sangue humano; a filha mais velha do chefe seria a melhor oferenda.

Ifigênia sabia de tudo, assegurou ele, e concordara com o sacrifício. A maioria dos homens não estivera suficientemente perto para notar o pânico em seus olhos. Preferiram acreditar na mentira de seu comandante.

Cremaram-na naquela mesma noite com madeira de cipreste, a árvore de nossos deuses infernais. Agamêmnon ofereceu cem pipas de vinho

para a celebração; navegaríamos para Troia logo à primeira maré da manhã seguinte. Em nossa tenda, Aquiles mergulhou num sono exausto, a cabeça pousada em meu colo. Massageei-lhe a fronte, observando os tremores de seu rosto adormecido. A um canto, jazia sua túnica nupcial ensanguentada. Olhando para ela, olhando para ele, meu peito se confrangia. Era a primeira morte que Aquiles presenciava. Retirei sua cabeça de meu colo e levantei-me.

Lá fora, os homens cantavam e gritavam — cada vez mais bêbados. Na praia, as chamas da pira subiam alto, alimentadas pela brisa. Fui deixando para trás fogueiras e soldados cambaleantes: eu sabia aonde estava indo.

Havia guardas na entrada da tenda, mas curvados, meio adormecidos.

— Quem é você? — perguntou um deles, levantando-se. Passei por ele e entrei.

Odisseu se virou. Estava sentado a uma pequena mesa, com o dedo sobre um mapa. Ao lado, uma refeição pela metade.

— Bem-vindo, Pátroclo. Está tudo bem, eu o conheço — acrescentou para o guarda que gaguejava desculpas atrás de mim. Esperou até que o homem saísse. — Achei mesmo que viria.

— Você diria isso, não importa o que pensasse — repliquei desdenhosamente.

Ele esboçou um meio sorriso.

— Sente-se, por favor. Já estou terminando a minha refeição.

— Você deixou que a matassem — disparei.

Ele aproximou uma cadeira da mesa.

— O que o leva a supor que eu poderia impedi-los?

— Você impediria, se fosse sua filha. — Tive a sensação de que meus olhos lançavam faíscas. Eu desejava queimá-lo.

— Não tenho filha. — Partiu um pedaço de pão, mergulhou-o no

molho e comeu-o.

— Sua esposa, então. E se tivesse sido ela?

Ele me fitou.

— O que você quer que eu diga? Que não faria aquilo?

— Sim.

— Eu não faria. Mas talvez seja por isso que Agamêmnon é o rei de Micenas e eu governe apenas Ítaca.

As respostas vinham fáceis para ele. Sua paciência me irritava.

— A morte dela recaiu sobre sua cabeça.

Sua boca se retorceu.

— Está me atribuindo poder demais, Pátroclo. Sou apenas um conselheiro, não um general.

— Mentiu para nós.

— Sobre o casamento? Sim. Era a única maneira de Clitemnestra permitir que a jovem viesse. — *A mãe, em Argos.* Perguntas me vieram à cabeça, mas eu conhecia aquele truque de Odisseu. Não deixaria que ele me desviasse de minha cólera. Apontei-lhe um dedo em riste.

— Você o desonrou.

Aquiles ainda não havia pensado naquilo. Estava abatido demais pela morte da jovem. Mas eu pensara. Eles o haviam desonrado com seu embuste.

Odisseu fez um gesto displicente com a mão.

— Os homens já se esqueceram da participação dele em tudo isso. Esqueceram-se quando o sangue da jovem correu.

— Para você, é muito conveniente pensar assim.

Ele encheu um copo de vinho e bebeu.

— Você está furioso e com razão. Mas por que veio me procurar? Não segurei a faca nem a garota.

— Houve sangue — rugi. — Espirrou nele, em seu rosto. Em sua boca. Pode imaginar o mal que isso fez a Aquiles?

— Ele lamenta não ter podido impedi-lo.

— É claro — gritei. — Ele nem conseguiu dizer nada.

Odisseu deu de ombros.

— Ele tem bom coração. Qualidade admirável, sem dúvida. Se isso aliviar sua consciência, diga-lhe que coloquei Diomedes naquele lugar de propósito. Para que, quando Aquiles percebesse, já fosse tarde demais.

Odiei-o a tal ponto que não consegui dizer nada.

Ele se inclinou para a frente na cadeira.

— Posso lhe dar um conselho? Se você é mesmo amigo dele, ajude-o a deixar para trás esse coração mole. Aquiles vai a Troia para matar homens, não para resgatá-los. — Seus olhos escuros me observavam como uma corrente veloz. — Ele é uma arma, um matador. Não se esqueça disso. Você pode usar uma lança como um cajado, mas isso não mudará a natureza da lança.

Essas palavras me tiravam o fôlego, me faziam gaguejar.

— Ele não é...

— É, sim. O melhor que os deuses jamais fizeram. E já passa da hora de Aquiles saber quem é. Você também. Se não quiser guardar nada do que eu disse, guarde isso. Não estou sendo maldoso.

Eu não era páreo para ele e suas palavras, que se cravavam em mim como espinhos impossíveis de arrancar.

— Você está errado — eu disse.

Ele não respondeu; apenas me acompanhou com o olhar enquanto eu me virava e me afastava em silêncio.

# Capítulo 19

Partimos no dia seguinte bem cedo, com o resto da frota. Da popa de nosso navio, a praia de Áulis parecia estranhamente deserta. Só as latrinas e os restos cobertos de cinzas da pira de Ifigênia ficaram para assinalar nossa passagem. Eu acordara Aquiles logo ao amanhecer com as notícias de Odisseu — de que ele não teria podido ver Diomedes a tempo. Ouviu-me com ar distante, os olhos vermelhos, apesar de ter dormido muito. Em seguida, disse apenas:

— Bem, de qualquer maneira, ela está morta.

Pôs-se a caminhar pelo convés atrás de mim. Tentei mostrar-lhe algumas coisas — os golfinhos que deslizavam ao nosso lado, as nuvens pesadas de chuva no horizonte —, mas ele continuava distante e parecia não me escutar. Mais tarde, encontrei-o sozinho, de cenho franzido, treinando esquivas e golpes de espada.

Todas as noites, tocávamos um porto diferente; nossos barcos não eram feitos para jornadas longas, para submersão prolongada. Os únicos homens que víamos eram os nossos próprios, de Fítia, e os argivos de Diomedes. A frota se dispersava para que cada ilha não fosse obrigada a dar abrigo ao exército inteiro. Eu estava certo de que não era coincidência o fato de o rei de Argos nunca nos deixar. *Será que eles pensam que vamos fugir?* Fazia o possível para ignorá-lo e ele sem dúvida ficava contente em nos deixar em paz.

As ilhas pareciam todas iguais aos meus olhos — altos penhascos riscados de branco, praias pedregosas que arranhavam os cascos de nossos navios com suas unhas de calcário. Muitas eram inóspitas, o mato disputando espaço com oliveiras e ciprestes. Aquiles mal notava

qualquer delas. Debruçava-se sobre a armadura e polia-a até que brilhasse como chama.

No sétimo dia, chegamos a Lemnos, diante da embocadura estreita do Helesponto. Era mais baixa que a maioria de nossas ilhas, cheia de pântanos e lagos estagnados, cobertos de ninfeias. À beira de uma delas, um pouco distante do acampamento, nos sentamos. Besouros sobrevoavam a superfície e olhos bulbosos nos espiavam por entre a vegetação aquática. Estávamos a apenas dois dias de viagem de Troia.

— Como foi quando você matou aquele garoto?

Fitei-o. A face de Aquiles estava na sombra, os cabelos caindo em volta dos olhos.

— Como foi? — perguntei.

Ele assentiu, observando a água como se quisesse lhe sondar a profundidade.

— Como foi a cena?

— É difícil de descrever. — Ele me apanhara de surpresa. Fechei os olhos, tentando me lembrar. — O sangue não tardou a correr, disso me recordo bem. Eu não podia acreditar que houvesse tamanha quantidade num corpo. A cabeça dele estava quebrada, deixando entrever uma parte do cérebro. — Esforcei-me para conter a náusea, mesmo depois de tanto tempo. — Não me esqueço do som de seu crânio contra a pedra.

— Ele estrebuchou? Como fazem os animais?

— Não fiquei para ver.

Aquiles permaneceu em silêncio por um momento.

— Meu pai me aconselhou, certa vez, a pensar neles como animais. Nos homens que eu matar.

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas fechei-a de novo. Ele continuava de olhos fixos na superfície da água.

— Não creio que possa fazer isso — confessou Aquiles. Singelamente, como era seu jeito.

As palavras de Odisseu me pressionavam, pesando sobre minha língua. *Bom*, foi o que gostaria de ter dito. Mas que poderia eu saber? Não precisava conquistar minha imortalidade com a guerra. Calei-me.

— Não consigo deixar de ver aquilo — disse Aquiles em voz baixa. — A morte dela.

Eu também não conseguia. O jorro de sangue, o espanto e a aflição em seus olhos.

— Nem sempre será assim — surpreendi-me a dizer. — Ela era uma menina inocente. Agora você irá combater homens, guerreiros que o matarão se não os golpear primeiro.

Ele se virou para mim, o olhar atento.

— Você, porém, não lutará mesmo que o ataquem. Odeia essas coisas. — Se outra pessoa tivesse dito tais palavras, soariam como um insulto.

— Porque não tenho a habilidade necessária — expliquei.

— Não acredito que esse seja o único motivo.

Seus olhos estavam verdes e castanhos como uma floresta; mesmo à luz mortiça eu podia perceber neles os tons dourados.

— Talvez não — disse eu por fim.

— Mas você me perdoará?

Eu peguei sua mão e segurei-a.

— Não preciso perdoá-lo. Você não pode me ofender. — Eram palavras impulsivas, mas eu as pronunciei com a máxima convicção de meu coração.

Ele olhou por um momento nossas mãos juntas. Em seguida, a dele se desprendeu da minha e se agitou tão rapidamente que não pude acompanhá-la. Levantou-se com alguma coisa esguia e comprida, semelhante a uma peça de roupa molhada, pendendo de seus dedos. Olhei perplexo para aquilo, sem compreender.

— *Hydros* — disse Aquiles. Cobra-d'água. Era castanho-escura e sua cabeça chata estava torcida para o lado. O corpo ainda estremecia nas

convulsões da morte.

Senti-me sem forças. Quíron nos fizera memorizar suas tocas e cores. Aquela vivia na água. Fácil de irritar. Picada mortal.

— Nem sequer a vi — gaguejei. Ele jogou aquela coisa no mato, onde ficou estirada, escura e com o seu focinho rombudo. Aquiles lhe quebrara o pescoço.

— Nem precisava — disse. — Eu vi.



Ele se acalmou um pouco depois disso. Já não ficava andando pelo convés, com o olhar distante. Eu, porém, sabia que não esquecera Ifigênia. Aquele episódio ainda pesava sobre nós dois. Aquiles agora trazia sempre uma lança consigo. Atirava-a para o alto e pegava-a de novo — várias e várias vezes.

Aos poucos, a frota foi se reunindo. Alguns navios haviam percorrido uma rota mais longa, pelo sul, contornando a ilha de Lesbos. Outros, tomando o caminho direto, já nos aguardavam perto de Sigeu, a noroeste de Troia. E outros ainda, como nós, chegaram após costear a Trácia. Unidos de novo, concentramo-nos diante de Tênedos, a ilha bem próxima do extenso litoral troiano. Gritando de navio para navio, transmitimos a ordem de Agamêmnon: os reis formariam a linha de frente e seus homens se aglomerariam na retaguarda. As manobras de aproximação foram caóticas: houve três colisões e remos batiam contra o casco de outros barcos.

Por fim, nos organizamos — com Diomedes à nossa esquerda e Meríones à nossa direita. Os tambores rufaram e a linha de navios avançou, remada por remada. Agamêmnon ordenara que fôssemos devagar a fim de manter a linha e o ritmo, como um corpo único. Porém nossos reis ainda não estavam suficientemente acostumados a obedecer a

ordens alheias e cada qual ansiava pela honra de ser o primeiro a chegar a Troia. O suor escorria pelo rosto dos remadores enquanto seus líderes os apressavam a poder de chicote.

Permanecíamos na proa, com Fênix e Automedonte, vendo a costa se aproximar. Aquiles, desinteressado, atirava e apanhava sua lança. Os remadores agora pautavam seus movimentos pelo ruído repetitivo que ela fazia na palma da mão dele.

Cada vez mais perto, já distinguíamos algumas coisas em terra: árvores altas e montanhas que se projetavam do verde-acinzentado indistinto da paisagem. Ultrapassáramos Diomedes e estávamos um navio à frente de Meríones.

— Há homens na praia — disse Aquiles. Apertou os olhos. — E armados.

Antes que eu pudesse abrir a boca, de algum ponto da frota soou uma trompa e outras lhe responderam. O alarme. O vento nos trouxe o eco distante de gritos. Pensáramos que iríamos surpreender os troianos, mas eles já sabiam de nossa chegada. Estavam à nossa espera.

Ao longo de toda a linha, os remadores imobilizavam os remos na água para retardar a aproximação. Os homens na praia eram sem dúvida nenhuma soldados, todos com os trajes vermelho-escuros da casa de Príamo. Um carro disparava diante das fileiras, levantando a areia da praia. O homem que o conduzia usava um capacete com crina de cavalo, e mesmo a distância nós podíamos perceber os contornos musculosos de seu corpo. Era grande, sim, mas não tanto quanto Ájax ou Menelau. Sua força provinha do porte, dos ombros quadrados perfeitamente simétricos, da linha reta de suas costas que lembrava uma seta apontada para o céu. Aquele não era um príncipe leviano, dado ao vinho e à libertinagem, como se pensava que fossem todos os orientais. Aquele era um homem que se movia como se os deuses o estivessem observando: havia nobreza e precisão em todos os seus gestos. Não podia ser outro

senão Heitor.

Saltou do carro, gritando para a tropa. Vimos lanças se levantarem e flechas se encaixarem nos arcos. Ainda estávamos fora de seu alcance, mas a maré nos puxava a despeito dos remos imobilizados, tornando inúteis as âncoras. Ouviram-se gritos por toda a linha, na maior confusão. Agamêmnon não dera novas ordens; devíamos manter a posição e não desembarcar.

— Já estamos quase ao alcance de suas flechas — comentou Aquiles. Não parecia assustado com isso, embora à nossa volta crescesse o pânico e se ouvisse o som de passos apressados pelo convés.

Olhei para a costa que se aproximava cada vez mais. Heitor desaparecera; havia subido à praia em direção a outro destacamento de seu exército. Porém agora havia outro homem diante de nós, um capitão revestido de armadura de couro e com um elmo que só lhe deixava descoberta a barba. Retesou a corda do arco quando a linha de navios chegou mais perto. Não era uma arma tão grande quanto a de Filoctetes, mas pouco lhe ficava atrás. Mirou bem e preparou-se para matar seu primeiro grego.

Não conseguiu. Nem percebi Aquiles se mover, mas ouvi: um zunido no ar, seu arquejo. A lança já voava sobre o trecho de água entre nosso convés e a praia. Era apenas uma demonstração. Ninguém conseguiria arremessar uma lança por metade da distância percorrida por uma flecha. Ela cairia muito antes do alvo.

Mas não caiu. A ponta negra se encravou no peito do arqueiro, arremessando-o para trás e para baixo. Sua flecha vibrou inofensiva no ar, disparada por dedos já inertes. O homem tombou na areia e não se mexeu mais.

Nos navios ao nosso lado, os que tinham visto tudo gritaram e soaram suas trompas em triunfo. A notícia correu a linha dos barcos gregos de ponta a ponta: o primeiro sangue fora derramado por nós, pelo príncipe

de Fítia, semelhante aos deuses.

Aquiles estava impassível, quase sereno. Não parecia um homem que acabara de realizar um milagre. Na praia, os troianos agitavam suas armas e gritavam palavras ásperas, numa língua estranha. Um grupo se ajoelhara em volta do arqueiro caído. Ouvi, ao meu lado, Fênix murmurar alguma coisa para Automedonte, que saiu correndo. Um instante depois, ele voltou com um punhado de lanças. Aquiles pegou uma sem sequer olhá-la, ergueu-a e atirou-a. Dessa vez, observei-o bem, a curva graciosa de seu braço, a projeção de seu queixo. Não parava — como faz a maioria dos homens — para mirar ou escolher o alvo. Já sabia qual era o destino do disparo. Na praia, outro homem tombou.

Agora estávamos bem perto e setas começaram a chover de ambos os lados. Muitas caíam na água, outras perfuravam mastros e cascos. Alguns homens gemeram alto em nossa linha; outros tantos caíram nas fileiras inimigas. Aquiles, calmamente, apanhou um escudo das mãos de Automedonte.

— Fique atrás de mim — disse ele. Foi o que fiz. Quando uma flecha veio em nossa direção, ele a afastou com o escudo. E pegou outra lança.

Os soldados iam ficando cada vez mais agressivos — suas setas e lanças coalhavam a água. Em algum ponto da linha, Protesilau, príncipe de Fílaca, saltou rindo a amurada de seu navio e começou a nadar para a praia. Talvez houvesse bebido; talvez seu sangue estivesse inflamado por esperanças de glória; talvez ansiasse por superar o príncipe de Fítia. Uma lança arremessada pelo próprio Heitor atingiu-o e a espuma à sua volta tingiu-se de vermelho. Foi o primeiro dos gregos a morrer.

Nossos homens desceram cordas, ergueram grandes escudos para se proteger das flechas e começaram a avançar para a praia. Os troianos se dispunham em boa ordem, mas o terreno não lhes oferecia nenhuma defesa natural e nós os superávamos em número. A uma ordem de Heitor, apanharam seus camaradas caídos e se retiraram. No entanto,

uma coisa eles tinham deixado claro: não seriam fáceis de matar.

# Capítulo 20

Alcançamos a praia e arrastamos os primeiros navios para a areia. Batedores foram enviados à frente a fim de observar se os troianos não preparavam uma nova emboscada e guardas permaneceram vigilantes. Por mais calor que fizesse, ninguém despiu a armadura.

Sem demora, enquanto muitos navios ainda congestionavam o porto às nossas costas, determinou-se a localização do acampamento de cada reino. O espaço destinado aos homens de Fítia era no ponto mais distante da praia, longe de onde se instalaria o mercado, longe de Troia e dos outros reis. Lancei um rápido olhar a Odisseu; fora ele quem demarcara os lugares. Seu rosto estava tranquilo e indecifrável como sempre.

— Até onde deveremos ir? — perguntou Aquiles. Com a mão em pala sobre os olhos, perscrutava o norte. A praia parecia não ter fim.

— Até onde a areia termina — explicou Odisseu.

Aquiles fez um sinal para nossos navios na praia e os chefes mirmidões se prepararam para nos seguir, afastando-se dos outros barcos. O sol caía sobre nós — parecia ali mais luminoso, talvez por efeito da brancura da areia. Caminhamos até onde medrava uma extensão de grama em forma de crescente, fechando nosso futuro acampamento pelos lados e por trás. No alto, via-se uma floresta que avançava para o leste, em direção a um rio de águas cintilantes. Ao sul, Troia era uma mancha no horizonte. Se a escolha se devera a Odisseu, tínhamos de lhe ser gratos: era, de longe, o melhor lugar para um acampamento, oferecendo verde, sombra e quietude.

Deixamos os mirmidões sob a direção de Fênix e voltamos ao acampamento principal. Por onde passávamos, víamos a mesma

atividade frenética: homens arrastando barcos para a praia, montando tendas e descarregando suprimentos. Demonstravam uma energia febril, uma maníaca firmeza de propósito. Lá estávamos, por fim.

No caminho, atravessamos o acampamento do famoso primo de Aquiles, o gigantesco Ájax, rei da ilha de Salamina. Já o tínhamos visto de longe, em Áulis, e ouvido certos rumores: rachara as tábuas do convés de seu navio ao caminhar, carregara um boi nas costas por uma milha. Agora tirava do barco sacos enormes. Os músculos mais pareciam protuberâncias rochosas.

— Filho de Télamon! — saudou Aquiles.

O gigante se virou. Com dificuldade, reconheceu o rapaz inconfundível postado à sua frente. Seus olhos se estreitaram e logo uma polidez cerimoniosa os suavizou.

— Pelida! — respondeu com voz rouca. Depositou no chão o fardo que carregava e ofereceu-lhe uma mão com calos do tamanho de azeitonas. Senti um pouco de pena de Ájax. Não fosse Aquiles, ele seria o *Aristos Achaion*.

De volta ao acampamento principal, subimos à colina que marcava o limite entre a areia e a relva a fim de contemplar o motivo de nossa vinda: Troia. Estava separada de nós por um extenso gramado e emoldurada por dois rios largos e lentos. Mesmo àquela distância, suas muralhas de pedra brilhavam, refletindo os raios inclementes do sol. Imaginamos vislumbrar a cintilação dos famosos portões Ceias, cujos gonzos de bronze, dizia-se, tinham a altura de um homem.

Mais tarde, eu veria aquelas muralhas bem de perto, seus blocos de pedra talhados com esmero e perfeitamente ajustados — obra do deus Apolo, pelo que se contava. E, assombrado, me perguntaria como semelhante cidade poderia ser tomada. As muralhas, com efeito, eram altas demais para o alcance das torres de assédio e sólidas demais para o impacto das catapultas; nenhuma pessoa, em sã consciência, tentaria

subir por sua face inclinada, divinamente lisa.



Quando o sol já estava baixo no céu, Agamêmnon convocou a primeira reunião do conselho. Uma vasta tenda fora montada e provida de algumas filas de cadeiras em forma aproximada de semicírculo. Na frente, sentavam-se Agamêmnon e Menelau, flanqueados por Odisseu e Diomedes. Os reis foram chegando e tomando seus lugares um por um. Educados desde a infância na hierarquia, os menores ficavam com os lugares mais modestos, deixando as primeiras filas para seus pares mais famosos. Sem hesitar, Aquiles sentou-se bem na frente e acenou para que eu ocupasse o lugar a seu lado. Fiz isso, esperando que alguém objetasse e me mandasse sair. Mas então chegou Ájax com seu meio-irmão bastardo Teucro, acompanhado por Idomeneu com seu escudeiro e cocheiro. Aparentemente, os melhores tinham algumas regalias.

Ao contrário das reuniões contra as quais ouvíamos tantas queixas em Áulis (pomposas, inúteis, infindáveis), aquela tratava apenas de assuntos objetivos — latrinas, suprimentos e estratégia. Os reis foram divididos em grupo de ataque e grupo de diplomacia — não deveríamos, talvez, tentar ser civilizados primeiro? Surpreendentemente, Menelau foi o que mais defendeu o entendimento.

— Com prazer, irei tratar com eles — disse. — É minha especialidade.

— Para que percorremos um caminho tão longo, se você pretende convencê-los à rendição? — irritou-se Diomedes. — Eu deveria ter ficado em casa!

— Não somos selvagens — ponderou Menelau, resoluto. — Talvez eles se mostrem razoáveis.

— Porém, com toda probabilidade, não o farão. Por que perder tempo?

— Porque, rei de Argos, se a guerra vier depois de alguma diplomacia

ou adiamento, não pareceremos tanto os vilões. — Quem falava era Odisseu. — E isso significa que as cidades da Anatólia não se acharão tão obrigadas a acorrer em socorro de Troia.

— É a favor disso então, Ítaca? — perguntou Agamêmnon.

Odisseu sacudiu os ombros.

— Há muitas maneiras de começar uma guerra. Sempre achei que as incursões são um bom ponto de partida. Isso é quase tão eficiente quanto a diplomacia, porém mais lucrativo.

— Sim, incursões! — vociferou Nestor. — Temos de fazer uma demonstração de força antes de tomar qualquer outra medida!

Agamêmnon coçou o queixo e passeou o olhar pelos reis.

— Acho que Nestor e Odisseu estão certos. Incursões, primeiro. Depois, talvez seja o caso de enviarmos uma embaixada. Começaremos amanhã.

Não precisou dar mais nenhuma ordem. Incursões faziam parte da tática do assédio — não atacar a cidade, mas o território vizinho que a supria de alimentos. Matar quem resistisse, escravizar quem se submetesse. Assim, toda a comida ficava para os atacantes, que mantinham reféns as esposas e filhas dos defensores como penhor de sua lealdade. Os que sobreviviam buscavam refúgio na cidade. A população dessa crescia rapidamente e os distúrbios se multiplicavam. Vinha a doença — e, por fim, as portas tinham de se abrir, não em nome da honra, mas em consequência do desespero.

Achei que Aquiles poria objeções a essas medidas, declarando que não havia glória nenhuma em chacinar camponeses. Porém ele concordou como se aquele fosse seu centésimo assédio, como se nada mais tivesse feito na vida exceto liderar ataques.

— Só mais uma coisa: se houver ataque, não quero desordem. Teremos linhas, pelotões. — E Agamêmnon se agitou na cadeira, parecendo um tanto nervoso. E com razão: nossos reis eram melindrosos e aquela seria a

primeira distribuição das honras: o posto de cada um nas fileiras. O momento oportuno para rebeliões contra a autoridade suprema. Essa ideia, por si só, já o irritava e sua voz soou mais áspera. Era uma das muitas falhas daquele chefe: quanto mais precária sentia sua posição, mais intratável se tornava.

— Menelau e eu ocuparemos o centro, é claro. — Ouviu-se um ligeiro murmúrio de descontentamento, mas Odisseu se apressou a abafá-lo.

— Muito acertado, rei de Micenas. Assim, os ajudantes de campo poderão localizá-lo facilmente.

— Isso mesmo. — Agamêmnon sacudiu vigorosamente a cabeça, como se aquela houvesse sido a verdadeira razão. — À esquerda de Menelau estará o príncipe de Fítia. E à minha direita, Odisseu. Diomedes e Ájax comporão as alas. — Essas eram as posições mais perigosas, as que o inimigo procuraria contornar ou romper. Deviam, pois, ser mantidas a todo custo — e, por isso mesmo, podiam ser consideradas as mais prestigiosas.

— O resto, determinaremos por sorteio. — Quando o murmúrio cessou, Agamêmnon se pôs de pé.

— Está decidido. Começamos amanhã bem cedo.

O sol já declinava quando subimos a praia de volta ao nosso acampamento. Aquiles parecia contente. Um dos postos mais importantes seria o seu e sem que tivesse precisado disputá-lo. Ainda era cedo para o jantar, assim galgamos a colina coberta de relva que se erguia bem em frente ao amontoado de tendas, uma pequena língua de terra que emergia dos bosques. Paramos ali por um instante, observando o novo acampamento e o mar próximo. Os últimos raios de luz tremeluziam em seus cabelos; e a noite suavizava seu rosto.

Uma pergunta me espicaçava desde a batalha nos navios, mas eu não tivera tempo de fazê-la.

— Você os considera animais? Como seu pai disse?

Ele balançou a cabeça.

— De modo algum.

Sobre nossas cabeças, as gaivotas revoavam, aos gritos. Tentei imaginá-lo coberto de sangue e mortífero após sua primeira incursão, no dia seguinte.

— Está com medo? — perguntei. Ouviu-se o primeiro chamado do rouxinol nas árvores às nossas costas.

— Não — ele respondeu. — Foi para isso que nasci.



Acordei na manhã seguinte ao som das ondas do mar irrompendo contra a costa troiana. Aquiles ainda ressonava ao meu lado, por isso saí da tenda para deixá-lo dormir mais um pouco. Lá fora, o céu estava tão limpo quanto na véspera: o sol refulgia intensamente e as águas espelhavam grandes mantos de luz. Sentei-me. Gotas de suor escorriam por minha pele.

Em menos de uma hora, o ataque começaria. Eu adormecera e acordara pensando nisso. Discutíramos se eu deveria ir ou não. Muitos homens não iriam. Aquela era uma incursão de chefes, decidida para outorgar as primeiras honras aos melhores guerreiros. Seria a estreia de Aquiles num episódio de chacina real.

Sim, não se poderiam esquecer os homens tombados na praia, na véspera. Mas aquilo fora uma cena distante, sem sangue que pudéssemos ver. Haviam caído de maneira quase cômica, longe demais para que percebêssemos a dor em seus rostos.

Aquiles saiu da tenda, já envergando a armadura. Sentou-se ao meu lado e comeu o desjejum que estava à sua espera. Mal falamos.

Eu não tinha palavras para expressar o que estava sentindo. Nosso mundo era um mundo de sangue e de honra conquistada com sangue: só

covardes não lutavam. Para um príncipe, não havia escolha. Guerrear e vencer ou guerrear e sucumbir. Até Quíron mandara uma lança ao seu pupilo.

Fênix, já de pé, organizava os mirmidões que o acompanhariam até a beira do mar. Seria o primeiro combate que travariam e ansiavam por ouvir a voz do líder. Aquiles se levantou e acompanhei-o com os olhos enquanto se aproximava deles — o modo como as fivelas de bronze de sua túnica emitiam reflexos de fogo, o modo como o manto púrpura realçava o dourado de seus cabelos ao sol. Contemplando aquele porte de herói, eu mal podia crer que, ainda na noite anterior, estivéramos cuspindo caroços de azeitona um no outro por cima dos pratos de queijo trazidos por Fênix — e que gritamos gostosamente quando ele acertara um, úmido e ainda com fragmentos do fruto, em minha orelha.

Enquanto falava, ele brandia a lança de ponta escura como pedra ou água turva. Senti pena de outros reis que, com gestos inseguros ou nervosos, tinham de impor sua autoridade ou nem conseguiam firmá-la. Aquiles, porém, agia com desenvoltura; e os homens, como se aquilo fosse uma bênção, encaravam-no do mesmo modo que encarariam um sacerdote.

Em seguida, ele veio se despedir de mim. Agora tinha de novo a estatura normal e empunhava a lança descontraidamente, quase com displicência.

— Vai me ajudar a vestir o resto da armadura?

Assenti e segui-o até a tenda fria, passando pela pesada abertura de lona que se fechou atrás de nós como uma lâmpada que se apaga. Fui lhe entregando as peças de couro e metal que ele pedia — com as quais cobriu o alto das coxas, os braços, o ventre. Eu o observava afivelando aqueles apetrechos um por um. O couro duro comprimia sua carne tenra, que eu na véspera percorrera com os dedos. Estendi a mão como para afrouxar as fivelas, libertá-lo. Mas não o fiz. Os homens aguardavam.

Entreguei-lhe a última peça, o elmo com crina de cavalo, que ele ajustou sobre as orelhas deixando à mostra apenas uma pequena porção do rosto. Inclinou-se para mim, revestido de bronze, cheirando a suor, couro e metal. Fechei os olhos e senti seus lábios nos meus — a única parte dele ainda macia. E então, o herói se foi.

Sem Aquiles, a tenda subitamente me pareceu bem menor — apertada e rescendendo às mantas de peles penduradas nas paredes. Estendi-me na cama e fiquei ouvindo suas ordens aos soldados, o patear e o resfolegar dos cavalos. Por último, o estalido das rodas de seu carro levando-o para longe. Pelo menos, eu não temia por sua segurança. Enquanto Heitor vivesse, ele não morreria. Fechei os olhos e adormeci.



Acordei com o nariz dele se esfregando no meu, pressionando-o insistentemente enquanto eu me debatia para afugentar os sonhos. Tinha um cheiro forte, estranho, e por um momento quase me revoltei contra aquela criatura inclinada sobre mim e apertando a face contra a minha. Mas então ele se agachou e era Aquiles de novo, os cabelos úmidos e escurecidos, como se todo o sol da manhã houvesse desertado dele. Colavam-se a seu rosto e suas orelhas, pendendo lisos e molhados sob o capacete.

Ele estava coberto de sangue, manchas vívidas que ainda não haviam secado por completo. Meu primeiro pensamento foi de terror — de que ele tivesse sido ferido e agora sangrasse mortalmente.

— Onde o atingiram? — perguntei. Meus olhos percorreram-no todo, em busca da fonte da hemorragia. Porém aqueles borrifos não pareciam provir de nenhuma parte. Aos poucos, meu cérebro ainda enevoado pelo sono foi compreendendo. O sangue não era dele.

— Não conseguiram chegar perto o suficiente para me ferir — explicou

Aquiles. Havia uma nota de orgulhoso triunfo em sua voz. — Eu ignorava como a coisa seria fácil. Um nada. Você devia ter visto aquilo. Os homens me aplaudiram depois. — Falava como em sonho. — Eu não errava nunca. Sim, você devia ter visto.

— Quantos? — perguntei.

— Doze.

Doze homens que nada tinham a ver com Páris, Helena ou qualquer de nós.

— Camponeses? — Havia um pouco de amargura em minha voz, que pareceu fazê-lo recair em si.

— Estavam armados — apressou-se a dizer. — Eu não mataria um homem indefeso.

— E quantos você acha que matará amanhã?

Ele percebeu a censura em minha voz e desviou os olhos. A dor estampada em seu rosto me afligiu e senti-me envergonhado. Para onde fora minha promessa de perdoá-lo? Eu conhecia seu destino e decidira acompanhá-lo a Troia mesmo assim. Não havia mais lugar para objeções simplesmente porque minha consciência começara a atormentar-me.

— Desculpe-me — murmurei. Pedi-lhe então que me relatasse o acontecido com todos os pormenores, tal qual sempre fazíamos entre nós. E ele o fez minuciosamente. O modo como sua primeira lança perfurara o rosto de um inimigo e saíra do outro lado com fragmentos de carne pendentes da ponta. Como o segundo homem tombara com o tórax trespassado, ficando a lança presa às costelas quando Aquiles tentara retirá-la. A aldeia cheirava horrivelmente quando a deixaram, um odor de lama e metal, as moscas já se preparando para pousar.

Eu não perdia uma palavra, procurando imaginar que se tratava apenas de uma história. Que os homens dos quais ele falava eram meras figuras negras pintadas num vaso decorativo.



Agamêmnon postou guardas para vigiar Troia o tempo todo, todos os dias. Esperávamos que alguma coisa acontecesse logo — um ataque, uma embaixada, uma demonstração de força. Porém a cidade mantinha suas portas fechadas, de modo que as incursões continuaram. Habituei-me a dormir de dia para que à noite não estivesse cansado quando Aquiles retornasse; ele sentia grande necessidade de conversar nessas ocasiões, de contar-me os mínimos detalhes sobre rostos, ferimentos, movimentações de homens. E eu queria estar bem desperto para escutar, digerir as imagens sanguinolentas, pintá-las de maneira vaga e quase imperceptível no vaso da posteridade. Esperava assim aliviá-lo e fazer com que voltasse a ser Aquiles novamente.

# Capítulo 21

Com as incursões, vieram as recompensas. Era um de nossos costumes: conceder prêmios, reivindicar espólios. Cada homem podia se apossar do que conquistasse — a armadura tirada de um cadáver, o colar arrancado do pescoço de uma viúva. O resto, porém — ânforas, vasos, tapetes —, ia formar uma pilha alta no estrado para posterior distribuição.

O que se levava em conta não era tanto o valor do objeto, mas a honra de obtê-lo. A porção concedida equivalia ao posto no exército. A primeira quota era usualmente para o melhor soldado, mas Agamêmnon se intitulara o número um, vindo em seguida Aquiles. Fiquei surpreso ao ver que Aquiles somente sacudiu os ombros.

— Todos sabem que o melhor sou eu. Isso só provoca a inveja de Agamêmnon. — Estava certo, é claro. E tudo ficava ainda mais agradável quando os homens nos aplaudiam, ao pé de nossa pilha de tesouros, e ignoravam Agamêmnon. Só seus micênios é que o saudavam.

Depois de Aquiles vinha Ájax, Diomedes, Menelau e Odisseu, cabendo por fim a Cebríones apenas capacetes de madeira e taças de metal ordinário. Não raro, contudo, quando um homem se portava bem numa jornada, o general podia lhe conceder um prêmio particularmente valioso, antes até de chamar o primeiro. Assim, até mesmo Cebríones acalentava lá suas esperanças.



Na terceira semana, viu-se uma jovem de pé no tablado em meio às espadas, aos tapetes e às peças de ouro. Era bonita, de pele morena,

cabelos negros e lustrosos. No alto da mandíbula, uma contusão provocada por um punho. À luz do crepúsculo, seus olhos também pareciam feridos, sombreados como que por cosmético egípcio. O vestido, na altura do ombro, estava rasgado e manchado de sangue. Suas mãos estavam amarradas.

Os homens se reuniram apressadamente. Sabiam o que significava a presença da jovem: Agamêmnon nos dava permissão para ter prostitutas, viúvas de guerreiros abatidos e escravas sexuais. Até então, mulheres eram violentadas no campo e ali deixadas. Em nossas próprias tendas, o arranjo seria bem mais conveniente.

Agamêmnon subiu ao tablado, devorando a garota com os olhos e sorrindo de leve. Ele era conhecido — como toda a casa de Atreu — pelos apetites irrefreáveis. Não sei o que me deu então, mas agarrei Aquiles pelo braço e falei-lhe ao ouvido:

— Leve-a.

Ele se virou para mim, com olhos arregalados de surpresa.

— Tome-a como prêmio. Antes que Agamêmnon o faça. Por favor.

Ele hesitou, mas só por um segundo.

— Homens da Grécia! — Deu um passo à frente, ainda de armadura, ainda borrifado de sangue. — Grande rei de Micenas!

Agamêmnon voltou-se para ele, de cenho franzido.

— Pelida?

— Quero esta jovem para mim, como prêmio de guerra.

No fundo do tablado, Odisseu ergueu uma sobrancelha. Os homens à nossa volta começaram a murmurar. Aquela exigência era incomum, mas não absurda: em qualquer outro exército, Aquiles seria o premiado. A irritação fez brilhar os olhos de Agamêmnon. Li os pensamentos em seu rosto; ele não gostava de Aquiles, mas ali não lhe convinha ser rude. A garota era bonita; haveria outras, porém.

— Eu concedo seu desejo, príncipe de Fítia. Ela é sua.

A multidão aprovou aos gritos — queria que seus comandantes fossem generosos, que seus heróis se mostrassem audazes e viris.

Os olhos da moça acompanharam a mudança de situação com um brilho de inteligência. Quando percebeu que viria conosco, suspirou aliviada, com o olhar fixo em Aquiles.

— Meus homens ficarão aqui para apanhar o resto que me pertence. A jovem virá comigo agora.

Risos e assobios de aprovação dos homens. O corpo inteiro da moça tremia ligeiramente, como o de um coelho perseguido por um falcão.

— Venha — ordenou Aquiles. Viramo-nos para partir. De cabeça baixa, ela nos acompanhou.



De volta ao acampamento, Aquiles empunhou sua faca e a cabeça da jovem se agitou um pouco, tomada de medo. Ele ainda estava coberto com o sangue da batalha do dia; a aldeia dela é que fora atacada.

— Deixe comigo — pedi. Aquiles me passou a faca e recuou um tanto embaraçado. — Vou libertá-la — disse eu.

De perto, notei quão negros eram seus olhos, da cor da terra mais rica, e grandes em seu rosto em forma de amêndoa. Ela ora fitava a lâmina, ora a mim. Pensei nos cães assustados que já vira — encolhidos nos cantos.

— Não, não — apressei-me a dizer. — Não a machucaremos. Vou apenas soltá-la.

Ela nos olhou horrorizada. Só os deuses sabem como interpretou minhas palavras. Era uma camponesa da Anatólia que talvez jamais tivesse ouvido falar grego. Adiantei-me para pousar uma mão tranquilizadora em seu braço. Ela recuou como se esperasse um golpe. Li o medo em suas pupilas, o medo do estupro ou de coisa pior.

Não pude suportar aquilo. Só uma coisa me ocorreu. Virei-me para Aquiles, agarrei-o pela túnica e beijei-o.

Quando o soltei, a jovem nos observava. Olhava-nos fixamente.

Apontei para as cordas e a faca.

— Tudo bem?

Ela hesitou um momento. Então, devagar, estendeu as mãos.



Aquiles saiu para consultar Fênix sobre a possibilidade de conseguirmos outra tenda. Levei a jovem até a colina rodeada de relva e pedi que se sentasse enquanto eu preparava uma compressa para seu rosto machucado. Cautelosa, de olhos baixos, ela se submeteu. Apontei para sua perna — havia um comprido corte ao longo da canela.

— Posso ver isto? — perguntei por gestos. A jovem não respondeu, mas permitiu com relutância que eu segurasse sua perna, limpasse a ferida e a atasse firmemente com bandagens. Acompanhava cada movimento de minhas mãos e nunca me olhava diretamente nos olhos.

Depois, levei-a para a nova tenda recém-montada. Ela pareceu estranhar aquilo e hesitou em entrar. Ergui a lona e mostrei-lhe o que havia lá dentro: comida, cobertas, um pote de água e algumas roupas limpas. Ainda desconfiada, a jovem entrou. Deixei-a lá, de olhos arregalados, admirada com tudo.



No dia seguinte, Aquiles partiu para outra incursão. Passei o tempo percorrendo as imediações do acampamento, recolhendo madeira flutuante e refrescando os pés na água. Não perdia de vista a tenda nova a um canto. Nada mais víramos da jovem: a tenda permanecia fechada

como Troia. Por várias vezes, pensei em chamá-la.

Finalmente, ao meio-dia, avistei-a na entrada. Estava me observando, meio oculta atrás da lona. Quando percebeu que eu a olhava, voltou-se rapidamente e entrou.

— Espere! — gritei.

Ela parou. A túnica que vestia — uma das minhas — descia-lhe abaixo dos joelhos e fazia-a parecer muito jovem. Que idade teria? Eu não fazia a menor ideia.

Caminhei em sua direção.

— Olá! — cumprimentei-a. Ela pousou em mim seus grandes olhos. Amarrara os cabelos atrás da cabeça, pondo à mostra a linha delicada das faces. Era mesmo muito bonita.

— Dormiu bem? — Eu não sabia por que estava lhe falando. Talvez para reconfortá-la. Ouvira certa vez Quíron dizer que conversamos com os bebês para acalmá-los.

— Pátroclo — eu disse apontando para o meu peito. Ela me olhou e virou o rosto.

— Pá-tro-clo — repeti lentamente. A jovem não respondeu, não fez nenhum movimento; seus dedos agarravam com força a lona da tenda. Senti vergonha. Estava assustando a pobrezinha.

— Vou deixá-la à vontade — eu disse. Inclinei a cabeça e fiz menção de partir.

Ela disse alguma coisa, mas tão baixo que não consegui ouvir. Eu parei.

— Como?

— Briseida — repetiu ela, apontando para si mesma.

— Briseida? — perguntei. Ela assentiu muito tímida.

Aquilo foi o começo.

Descobri que a jovem sabia um pouco de grego. Algumas palavras que o pai aprendera e lhe ensinara ao ter notícia de que o exército se aproximava: *piedade*, *sim*, *por favor*, *o que deseja?* — entre outras. Um pai ensinando à filha como ser escrava.

Durante o dia, praticamente só nós dois permanecíamos no acampamento. Sentávamo-nos na praia e trocávamos algumas frases. Consegui ler sua expressão primeiro, a serenidade pensativa de seus olhos, os sorrisos fugazes que ela encobria com a mão. A princípio, não podíamos falar sobre muitas coisas, o que, entretanto, não me incomodava. Era agradável ficar ali ao lado daquela jovem, as ondas rolando amistosamente sobre nossos pés. Às vezes, a situação me trazia à lembrança minha mãe, mas os olhos de Briseida cintilavam de perspicácia, ao contrário dos dela.

Costumávamos passear à tarde em volta do acampamento e eu ia lhe mostrando coisas cujo nome ela ignorava. As palavras se atropelavam a tal ponto que não raro tínhamos de recorrer a complicadas pantomimas. *Preparar a ceia, tive um pesadelo.* Mesmo quando minhas imitações eram canhestras, Briseida as entendia, traduzindo-as numa série de gestos tão precisos que eu podia sentir o cheiro da comida na panela. Eu ria muito de sua habilidade e ela me pagava com seu sorriso velado.

As incursões continuaram. Invariavelmente, Agamêmnon subia ao tablado cheio dos despojos do dia e avisava: "Nenhuma notícia". Nenhuma notícia queria dizer: nada de soldados, nada de sinais, nada de sons vindos da cidade. Ela se mantinha teimosamente quieta no horizonte, fazendo-nos esperar.

Os homens se consolavam de outras maneiras. Depois de Briseida, apareciam uma ou duas jovens no tablado quase todos os dias. Eram

camponesas de mãos calejadas e narizes vermelhos, afeitas a trabalhos duros sob o sol. Agamêmnon e os outros reis requisitaram seus quinhões. Agora eram vistas por toda parte, transitando entre as tendas, lavando seus longos vestidos pregueados — que trajavam quando haviam sido capturadas. Serviam frutas, queijos e azeitonas, trinchavam carnes e enchiam copos de vinho. Sentadas na areia, poliam armaduras, prendendo-as com as pernas. Algumas até teciam, desemaranhando habilmente os fios da lã dos carneiros que rapinávamos em nossas incursões.

À noite, prestavam outros serviços, e eu me encolhia todo ouvindo os gritos que chegavam até nosso canto do acampamento. Procurava não pensar em suas aldeias incendiadas e em seus pais mortos, mas essa imagem era difícil de afastar. As incursões estavam estampadas no rosto das garotas, vestígios marcantes de sofrimento que mantinham seus olhos perpetuamente assustadiços e úmidos. E contusões também, feitas por punhos ou cotovelos, formando às vezes círculos perfeitos — o coto das lanças nas frontes e têmporas.

Eu mal suportava vê-las entrando no acampamento para serem partilhadas. Pedia que Aquiles fosse requisitá-las, que trouxesse o maior número possível, enquanto os homens zombavam dele por sua voracidade, seu insaciável priapismo. "Eu nem sabia que você gostava de mulheres", ironizava Diomedes.

As garotas eram levadas, primeiro, à presença de Briseida, que, no doce idioma anatoliano, as tranquilizava. Tomavam banho e recebiam roupas novas, indo depois juntar-se às outras na tenda. Montamos uma maior, para acolher a todas: oito, dez, onze garotas. Quase sempre, Fênix e eu é que falávamos com elas. Aquiles se mantinha a distância. Sabia que o tinham visto matar seus irmãos, amantes e pais. Certas coisas não se esquecem.

Aos poucos, foram ficando menos receosas. Teciam, tagarelavam em

sua língua materna, ensinavam umas às outras as palavras que aprendiam de nós — palavras úteis como “queijo”, “água” ou “lã”. Não eram tão vivazes quanto Briseida, mas acumularam um vocabulário suficiente para conversar conosco.

Briseida sugeriu que eu passasse algumas horas com elas diariamente, para lhes dar lições. Porém essas se revelaram mais difíceis do que eu pensara: as garotas eram reservadas, entreolhavam-se e não sabiam bem como encarar minha súbita aparição em suas vidas. De novo, foi Briseida quem as livrou do medo e conseguiu que as aulas fossem mais elaboradas; sempre tinha uma palavra de explicação ou um gesto esclarecedor. Seu grego agora estava bastante razoável e eu cada vez mais deixava as coisas aos seus cuidados. Ensinava melhor que eu e era mais divertida. Sua mímica nos fazia rir a todos: um lagarto sonolento, dois cães brigando. Eu gostava de ficar com elas até tarde, até ouvir o barulho do carro e o ressoar distante do bronze; então, voltava para saudar Aquiles.

Parecia fácil, nesses momentos, esquecer que a guerra de fato ainda não havia começado.

# Capítulo 22

Por mais bem-sucedidas que fossem as incursões, não passavam de incursões. Os homens abatidos eram camponeses e comerciantes da vasta rede de aldeias que abastecia a poderosa cidade — não soldados. Nos conselhos, as mandíbulas de Agamêmnon pareciam ainda mais cerradas e os homens se mostravam irrequietos: quando teremos a luta que nos fora prometida?

Logo, garantiu Odisseu. Ressaltou o fluxo constante de refugiados em Troia, que agora já devia estar superlotada. Gente faminta rondava o palácio, tendas improvisadas invadiam as ruas. Era simples questão de tempo, assegurou-nos.

Como se conjurada por sua profecia, uma bandeira tremulou sobre as muralhas de Troia já no dia seguinte, convidando-nos a parlamentar. O soldado de vigia correu para a praia a fim de avisar Agamêmnon: o rei Príamo se dispunha a receber uma embaixada.

A essa notícia, o acampamento se alvoroçou. Agora, alguma coisa aconteceria. Devolveriam Helena ou lutaríamos por ela em campo aberto.

O conselho dos reis enviou Menelau e Odisseu, as escolhas óbvias. Os dois homens partiram ao amanhecer em seus fogosos corcéis, escovados a ponto de brilhar e ricamente ornamentados. Nós os vimos atravessando a planície troiana coberta de relva e se confundindo ao longe com o cinza-escuro das muralhas.

Aquiles e eu esperamos em nossas tendas, procurando imaginar o que iria acontecer. Nossos embaixadores veriam Helena? Páris dificilmente ousaria ocultá-la, mas dificilmente ousaria também mostrá-la ao marido. Menelau fora ostensivamente desarmado; talvez não confiasse em seu

autocontrole.

— Sabe por que ela o escolheu? — perguntou-me Aquiles.

— Menelau? Não. — Lembrei-me do rosto do rei na sala de Tíndaro, exuberante de saúde e bom humor. Era belo, mas não o mais belo ali presente. Era poderoso, mas havia outros mais ricos e mais célebres pelas façanhas. — Ele levou presentes caros. E a irmã de Helena já estava casada com seu irmão. Isso pode ter influenciado.

Aquiles ponderou minha resposta — ele mantinha um braço dobrado sob a cabeça.

— Acha que ela veio com Páris de livre e espontânea vontade?

— Se veio, não confessará isso a Menelau.

— Hum! — Tamborilou um dedo no peito, refletindo. — Mas deve tê-lo acompanhado porque quis. O palácio de Menelau parece uma fortaleza. Se ela tivesse resistido ou gritado, alguém ouviria. Não ignorava que o marido viria atrás dela, ao menos por uma questão de honra. E que Agamêmnon agarraria a oportunidade, invocando o juramento.

— Eu não teria pensado nisso.

— Você não se casou com Menelau.

— Então acha mesmo que ela veio de propósito? Para provocar a guerra? — Semelhante possibilidade me deixou chocado.

— Talvez. Ela era conhecida como a mulher mais bela de nossos reinos. Agora dizem que é a mulher mais bela do mundo. — E então cantou em seu mais gracioso tom de falsete: — Mil naus velejaram por Helena.

Mil era o número que os bardos de Agamêmnon já tinham começado a usar. Mil; 186 não soariam bem num verso.

— Talvez ela realmente tenha se apaixonado por Páris.

— Ou estivesse entediada. Após dez anos preso em Esparta, eu também desejaria fugir.

— Pode ser que Afrodite tenha parte nisto.

— E se aqueles dois a trouxerem de volta?

Examinamos essa possibilidade.

— Acho que Agamêmnon atacaria de qualquer maneira.

— Eu também. Eles já nem sequer a mencionam.

— Exceto quando discursam aos homens.

Ficamos em silêncio por um momento.

— E você, qual dos pretendentes escolheria?

Dei-lhe um empurrão e ele riu.



Eles voltaram ao anoitecer. Sozinhos. Odisseu foi prestar contas da missão ao conselho enquanto Menelau se deixava cair numa cadeira, silencioso. O rei Príamo os recebera com cortesia, oferecendo-lhes uma recepção na sala do trono. Depois, postara-se à sua frente, ladeado por Páris e Heitor, tendo atrás seus outros 48 filhos.

— "Sabemos por que vieram" — começou ele —, "mas a própria senhora não quer voltar e colocou-se sob nossa proteção. Nunca me recusei a defender uma mulher e não será agora que vou mudar de atitude."

— Muito espertos — interrompeu Diomedes. — Acharam um meio de justificar sua culpa.

Odisseu continuou:

— Respondi-lhes que, se essa era sua decisão, não havia mais o que discutir.

Agamêmnon se levantou, sua voz soava grandiosa.

— Com efeito, não há. Tentamos a diplomacia e não fomos atendidos. Nossa única linha de ação honrosa é a guerra. Amanhã, alcançarão a glória que merecem. Todos vocês.

Ele continuou falando, mas eu não ouvi mais nada. *Todos vocês*. O medo me dominou. Por que não pensara naquilo? Sem dúvida, esperava-se que

eu também lutasse. Estávamos em guerra e ninguém poderia se omitir. Sobretudo o companheiro do *Aristos Achaion*.

Naquela noite, quase não dormi. As lanças encostadas às paredes da tenda pareciam absurdamente compridas e meu cérebro se esforçava para evocar algumas lições — como empunhá-las, como me esquivar. Os Fados nada haviam dito a meu respeito — nada sobre quanto eu iria viver. Acordei Aquiles, em pânico.

— Eu estarei lá — ele me prometeu.



Ainda no escuro, pouco antes do amanhecer, Aquiles ajudou-me a vestir a armadura. Grevas, manoplas, couraça e, sobre ela, um peitoral de bronze. Tudo aquilo parecia mais uma carga que uma proteção, apertando-me o queixo quando eu andava, travando-me os braços, pesando sobre mim insuportavelmente. Ele garantiu que eu logo me acostumaria. Não acreditei. Saindo da tenda para o sol da manhã, senti-me ridículo, como alguém que experimentasse as roupas de um irmão mais velho. Os mirmidões esperavam, pilheriando excitados uns com os outros. Juntos, encetamos a longa marcha pela praia até o ponto onde se reunira o enorme exército. Minha respiração era curta e entrecortada.

Podíamos ouvir os homens antes de avistá-los; fanfarrices, armas se entrechocando, sons de trombetas. Então a praia terminou, revelando um mar eriçado de guerreiros distribuídos em quadrados perfeitos. Cada um ostentava o pendão do líder. Só um espaço continuava vazio: um espaço privilegiado, reservado para Aquiles e seus mirmidões. Marchamos até lá e nos perfilhamos, Aquiles na frente e, ladeando-me, duas linhas de capitães. Na retaguarda, fileira após fileira de orgulhosos homens de Fítia em suas armaduras brilhantes.

À nossa frente, estendia-se a vasta planície rasa de Troia, que terminava

nos enormes portões e nas torres da cidade. Em sua base, uma barreira escura se erguia contra nós, um borrão de cabeças escuras e escudos polidos que refletiam o sol. “Fique atrás de mim”, disse Aquiles, virando-se. Assenti com um leve aceno de cabeça e o elmo se agitou em torno de minhas orelhas. O medo crescia em minhas entranhas, uma taça de pânico cada vez mais cheia que ameaçava transbordar a qualquer instante. As grevas machucavam os ossos dos meus pés; a lança me pesava no braço. Soou uma trombeta e meu peito se confrangeu. Agora. Era agora.

Numa massa barulhenta, estrepitosa, iniciamos uma carreira desabalada. Lutávamos assim: uma carga violenta contra o centro das forças inimigas. Com ímpeto suficiente, podíamos desse modo desbaratar sem demora suas hostes.

Nossas linhas logo se desfizeram, pois alguns tentavam ultrapassar os outros na corrida, sedentos de glória, cada qual ávido por ser o primeiro a matar um troiano de verdade. A meio caminho, já não avançávamos por fileira, nem mesmo por reino: os mirmidões, em grande parte, se desviaram como uma nuvem para a esquerda, indo se misturar aos espartanos de Menelau com seus longos cabelos penteados e perfumados para a batalha.

Corri o mais que pude; a armadura balançava sobre meu corpo, minha respiração tornava-se cada vez mais difícil. O chão ressoava ao choque de milhares de pés, um som trovejante que ia ficando cada vez mais alto. A poeira levantada quase nos cegava. Eu não conseguia avistar Aquiles. Não conseguia sequer distinguir o homem ao meu lado. Não podia fazer nada a não ser segurar firmemente o escudo e continuar correndo.

As linhas de frente se chocaram, produzindo um estrondo numa chuva de estilhaços, lascas de bronze e sangue. Uma massa convulsa de homens e gritos tragando fileira após fileira como o monstro Caribdes. Eu via as bocas se contorcendo, mas não escutava nada. Só o que havia ali era o

ruído de escudos contra escudos, de bronze contra madeira despedaçada.

Um espartano que me ladeava tombou subitamente com o peito trespassado por uma lança. Tentei descobrir quem a arremessara, mas só vi uma confusão de corpos. Ajoelhei-me ao lado do espartano para cerrar-lhe os olhos, para proferir uma prece curta, e quase vomitei ao perceber que ele ainda estava vivo, fitando-me aterrorizado.

Um barulho bem perto de mim — levantei a cabeça e avistei Ájax brandindo seu gigantesco escudo como uma clava, esmigalhando cabeças e corpos. Atrás dele, ouvi o ranger das rodas de um carro troiano e o rapazinho que o conduzia se virou de lado, mostrando os dentes como um cão. Odisseu passou correndo, na tentativa de capturar os cavalos. O espartano agarrava-se a mim, seu sangue escorria por minhas mãos. A ferida era profunda; não havia nada a fazer. Suspirei aliviado quando, finalmente, a luz de seus olhos se apagou. Fechei-os com dedos trêmulos.

Olhei estonteado para meus pés; o chão parecia dançar diante de mim como ondas. Meus olhos não conseguiam focalizar nada; havia muito movimento, lampejos de sol, vislumbres de armaduras, de corpos.

Aquiles surgiu como que do nada. Vinha coberto de sangue e resfolegante, a face rubra, a lança avermelhada quase até a empunhadura. Sorriu para mim e, virando-se, atacou um grupo de troianos. O chão estava coalhado de cadáveres, pedaços de armadura, lanças e rodas de carros — mas ele não tropeçou uma só vez. Era a única coisa, no campo de batalha, que não se inclinava alucinantemente como o convés escorregadio de um barco, deixando-me enjoado.

Não matei ninguém; sequer tentei. Ao fim da manhã, de horas e horas de caos nauseante, eu mal conseguia enxergar e minha mão doía de tanto apertar o cabo da lança — embora a tivesse usado mais como apoio do que como arma. O elmo parecia empurrar aos poucos minhas orelhas para dentro do crânio.

Sentia-me como se houvesse corrido milhas e milhas, embora, olhando

para baixo, tenha descoberto que meus pés haviam descrito o mesmo círculo infindavelmente, calcando o mesmo trecho de grama seca como se fosse um palco de dança. O terror constante me esgotara, mas mesmo assim parecia que eu estivera o tempo todo mergulhado numa calmaria, num bolsão vazio onde nenhum homem penetrara para me ameaçar.

A medida de meu entorpecimento e de minha vertigem pode ser dada pelo fato de só no meio da tarde eu perceber que Aquiles era o responsável por minha proteção. Seu olhar não se desviava de mim, sentindo de um modo quase sobrenatural o momento em que os olhos de um soldado se escancaravam para o alvo fácil que eu representava. Antes que o homem tomasse uma segunda respiração, ele o abatia.

Aquiles era um prodígio: lança após lança voava de sua mão, que ele arrancava facilmente dos corpos estendidos para mirar novos alvos. Vezes sem conta vi seu pulso girar, expondo o branco da face interna, aqueles ossos em forma de flauta que se projetavam elegantemente. Minha própria lança jazia esquecida no chão, enquanto eu o admirava. Já nem via a fealdade da morte, os cérebros, os ossos esmigalhados que mais tarde lavaria de minha pele e meus cabelos. Tudo o que via era a beleza de Aquiles, seus membros sinuosos, o movimento rápido de seus pés.



Finalmente, o crepúsculo veio e nos lançou de volta, claudicantes e exaustos, para nossas tendas, onde cuidaríamos dos mortos e feridos. Um bom dia, disseram os reis, dando tapinhas nas costas um do outro. Um começo auspicioso. Amanhã faremos tudo de novo.

Fizemos tudo de novo, e de novo. A luta se estendeu por uma semana, depois por um mês. E então por dois meses.

Era uma guerra estranha. Não se ganhava território, não se faziam

prisioneiros. Lutava-se pela honra, homem contra homem. Com o tempo, estabeleceu-se um padrão: combatíamos civilizadamente sete dias em dez, reservando os outros para festas e funerais. Nesses dias, nada de incursões, nada de ataques surpresa. Os líderes, antes certos de uma vitória rápida, iam se resignando a uma campanha demorada. Os exércitos se equiparavam, podiam vir a campo dia após dia sem que nenhum se mostrasse notoriamente mais forte. Isso se dava em parte porque soldados afluíam de todas as regiões da Anatólia com o objetivo de ajudar os troianos e conquistar fama. Nosso povo não era o único sedento de glória.

Aquiles triunfava. Corria pressuroso ao combate e sorria em plena luta. Não era o morticínio que lhe agradava — logo constatara que um adversário isolado não era páreo para ele. Nem dois. Nem três. Não se alegrava com essa carnificina e poderia abater o dobro se lhe aprouvesse. O que o excitava eram as investidas impetuosas, as tropas fendendo contra ele. Ali, cercado de vinte espadas erguidas, ele podia finalmente, verdadeiramente *lutar*. Exultava com a própria força, como um cavalo de corrida que estivesse durante muito tempo preso e que de súbito recebesse liberdade para disparar. Com uma graça febril, inacreditável, enfrentava dez, quinze, vinte homens. *Enfim, estou fazendo o que realmente sei fazer.*

Eu não precisava ir com ele todas as vezes, como receara. Quanto mais a guerra se arrastava, menos importante parecia arrancar cada grego de sua tenda. Eu não era um príncipe, constrangido a preservar a honra a todo custo. Eu não era um soldado que devia acatar ordens nem um herói cuja habilidade fazia falta. Era um exilado, um homem sem condição nem prestígio. Se Aquiles achava melhor me deixar para trás, isso era com ele apenas.

Minhas saídas a campo diminuíram para cinco dias, depois três, depois um dia por semana. Finalmente, só quando Aquiles me chamava. O que

não era frequente. Às vezes, ele gostava de ir sozinho, para agir e realizar feitos por conta própria. Outras, porém, aborrecia-se da solidão e me convocava para acompanhá-lo, para afivelar a couraça rescendendo a suor e sangue e caminhar sobre corpos a seu lado. Em suma, para dar testemunho de suas façanhas.

Certa vez, enquanto o observava, percebi um quadrado de terreno aonde os soldados não iam. Ficava perto de Aquiles e, quando redobrei a atenção, revelou relutantemente seu segredo: uma mulher, branca como a morte, mais alta que os homens encarniçados à sua volta. Por mais que o sangue jorrasse, não conspurcava seu vestido cinza-claro. Os pés descalços pareciam não tocar a terra. Não ajudava o filho; isso não era necessário. Apenas o observava, como eu, com seus grandes olhos negros. Eu não conseguia decifrar aquele semblante; podia transpirar prazer, dor ou nada.

Exceto quando se virou e me viu. Seu rosto se contorceu de desgosto e seus lábios revelaram os dentes. Ela sibilou como uma víbora e desapareceu.

No campo, eu me mantinha ao lado de Aquiles. Distinguia soldados inteiros, não apenas partes de corpos, carnes esfoladas, bronze. Às vezes, abrigado no porto que sua proteção me oferecia, chegava até a me deslocar pelas fileiras, procurando os outros reis. Bem perto se postava Agamêmnon, hábil lanceiro, sempre atrás da massa de seus micênios bem disciplinados. Assim protegido, gritava ordens e arremessava dardos. Não se pode negar que fosse muito bom nisso: tinha de evitar as cabeças de vinte homens à sua frente.

Diomedes, ao contrário do chefe, era intrépido. Lutava como um animal selvagem, atacando com dentes à mostra, com golpes curtos que antes retalhavam — que perfuravam carnes. Depois, como um lobo, inclinava-se sobre o cadáver e despojava-o, atirando peças de ouro e bronze para dentro de seu carro, antes de voltar ao combate.

Odisseu empunhava um escudo leve e enfrentava os adversários agachado como um urso, mantendo a lança baixa em sua mão bronzeada. Examinava o inimigo com olhos faiscantes, procurando acompanhar a vibração de seus músculos com o objetivo de antever como e de onde a lança viria. Depois que ela passava inofensiva a seu lado, de um salto, atingia o inimigo a curta distância, como se arpoasse um peixe. Sua armadura estava sempre empapada de sangue ao fim do dia.

Agora, eu já conhecia os troianos também. Páris, de seu carro veloz, disparava setas ao acaso. Seu rosto, mesmo comprimido pelo elmo, era cruelmente belo, de ossos tão delicados quanto os dedos de Aquiles. Seus quadris estreitos se apoiavam nos lados do carro com a altivez habitual e seu manto vermelho caía-lhe dos ombros em dobras profusas. Não admira que fosse o favorito de Afrodite: era tão vaidoso quanto ela.

De longe, apenas entrevisto em meio às fileiras movediças, avistei Heitor. Estava sempre só, estranhamente isolado no espaço que os outros homens lhe concediam. Capaz e firme, ele calculava cada movimento com prudência. Suas mãos eram grandes e rudes; às vezes, quando nosso exército recuava, nós o víamos lavar o sangue que as cobria, a fim de deixá-las limpas para orar. Um homem que continuava amando os deuses — embora seus irmãos e primos se perdessem por causa deles —, que lutava bravamente pela família e não pela glória vã. Então as fileiras se cerravam e ele desaparecia.

Nunca tentei me aproximar de Heitor; nem Aquiles, que cuidadosamente evitava sua figura apenas avistável para atacar outros troianos, outros batalhões. Depois, quando Agamêmnon lhe perguntava quando enfrentaria o príncipe de Troia, ele esboçava seu mais ingênuo, mais intrigante sorriso, e dizia: “Heitor por acaso me fez algum mal?”.

# Capítulo 23

Num dia festivo, logo após nosso desembarque em Troia, Aquiles se levantou ao amanhecer.

— Aonde vai? — perguntei-lhe.

— Ver minha mãe — ele disse e saiu da tenda sem que eu pudesse dizer mais nada.

Sua mãe. Uma parte de mim esperara, infantilmente, que ela não nos seguisse até ali. Que a dor a mantivesse a distância. Mas isso, é claro, não aconteceu. A costa da Anatólia não era menos conveniente que a da Grécia. E a dor só tornava suas visitas mais longas. Aquiles saía cedo e só voltava quando o sol se aproximava do zênite. Sobre que assunto conversaria ela durante tanto tempo? Alguma catástrofe divina — era o meu receio. Alguma ordem celeste que o arrancaria de mim.

Briseida às vezes me acompanhava na espera.

— Quer ir até o bosque? — ela perguntava então. A suave doçura de sua voz e o fato de querer me consolar bastavam para me dar forças. E uma caminhada com ela até o bosque sempre me acalmava. Ela parecia conhecer todos os segredos daquele lugar, tal como Quíron — onde se ocultavam os cogumelos, onde os coelhos tinham suas tocas. Começara até a me ensinar o nome nativo de árvores e plantas.

Por fim, sentávamo-nos no cume que dominava o acampamento, para que eu pudesse vigiar o retorno de Aquiles. Certo dia, ela colheu uma pequena cesta de coentro; o cheiro fresco das folhas verdes pairava à nossa volta.

— Tenho certeza de que em breve ele retornará — disse a jovem. Suas palavras eram como couro novo, densas e precisas, ainda não

desgastadas pelo uso. E, como eu não respondi, ela perguntou: — Onde Aquiles fica por tanto tempo?

Por que Briseida não poderia saber? Aquilo não era nenhum segredo.

— A mãe dele é uma deusa — contei. — Uma ninfa do mar. Aquiles sempre vai encontrá-la.

Eu esperava que ficasse perplexa ou assustada, mas ela apenas aquiesceu.

— Achei mesmo que ele fosse... alguma coisa. Não se move... — fez uma pausa. — Ele não se move como um ser humano.

— E como é que um ser humano se move? — perguntei divertido.

— Como você.

— Desajeitadamente, então.

Briseida não conhecia a palavra. Encenei-a para fazê-la rir. Porém ela sacudiu a cabeça veementemente.

— Não. Você não é assim. Não foi o que eu quis dizer.

Não pude ouvir sua explicação, pois naquele momento Aquiles apareceu no topo da colina.

— Imaginei que iria encontrá-los aqui — disse ele. Briseida, desculpando-se, voltou para a tenda. Aquiles deitou-se no chão, apoiando a cabeça nos braços.

— Estou faminto — disse ele.

— Tome. — Dei-lhe o resto do queijo que trouxera para o almoço. Ele comeu com gosto. — O que conversou com sua mãe? — perguntei um pouco nervoso. As horas que Aquiles passava com ela não eram segredo para mim, mas nada tinham a ver com minha pessoa.

Ele emitiu uma espécie de suspiro.

— Anda preocupada comigo.

— Por quê? — Não me agradava a ideia de vê-la preocupada com ele; eu é que devia me preocupar.

— Diz que os deuses estão se estranhando, brigando e tomando

partido na guerra. Eles me prometeram fama, mas minha mãe não sabe se muita ou pouca.

Aquilo era um problema novo, no qual eu ainda não havia pensado. Porém, é claro, nossas histórias estavam repletas de personagens. O grande Perseu e o modesto Peleu. Héracles e o quase esquecido Hilas. Alguns mereceram um poema épico inteiro; outros, apenas um verso.

Ele se sentou, envolvendo os joelhos com as mãos.

— Talvez ela tema que outra pessoa, e não eu, mate Heitor — desabafou.

Outro receio. A vida de Aquiles parecia agora ainda mais curta.

— Quem ela acha que poderia fazer isso?

— Não sei. Ájax tentou e não teve êxito. Diomedes também. São os melhores depois de mim. Não consigo pensar em mais ninguém.

— E quanto a Menelau?

Aquiles sacudiu a cabeça.

— Nunca. Ele é corajoso e forte, mas só isso. Iria se chocar com Heitor como a água contra a rocha. Não, terá de ser eu e ninguém mais.

— Não fará isso — arrisquei, tentando fazer com que a frase não soasse como uma súplica.

— Não. — Silenciou por um instante. — Mas posso ver a cena. O que é estranho! Como um sonho. Vejo-me arremessando a lança, vejo-o tombar. Corro para o corpo e ponho-lhe um pé em cima.

O temor cresceu em meu peito. Respirei fundo, para sufocá-lo.

— E depois?

— Depois tudo é mais estranho ainda. Olho para seu sangue e sinto que minha morte está próxima. No sonho, porém, não me preocupo. O que sinto acima de tudo é alívio.

— Acha que isso possa ser uma profecia?

A pergunta pareceu trazê-lo de volta à realidade. Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Não deve significar nada. Um simples devaneio.

Obriguei-me a falar num tom de voz tão indiferente quanto o dele.

— Tem razão, sem dúvida. Afinal, Heitor nunca fez mal nenhum a você.

Aquiles sorriu como eu desejara que sorrisse.

— Sim — disse finalmente. — Já ouvi isso.



DURANTE AS LONGAS HORAS da ausência de Aquiles, eu saía do nosso acampamento em busca de companhia, de algo para me ocupar. As notícias de Tétis me inquietaram: querelas entre os deuses, a prodigiosa fama de Aquiles em perigo. Não sabia o que pensar daquilo e as perguntas se atropelavam em meu cérebro até me deixar quase louco. Eu precisava de distração, de algo tangível, real. Um dos homens apontou-me a tenda branca dos médicos e disse:

— Se está procurando alguma coisa para fazer, eles sempre precisam de ajuda. — Lembrei-me das mãos pacientes de Quíron, dos instrumentos dependurados nas paredes de quartzo-rosa da caverna. Entrei.

No interior da tenda reinava a penumbra e um denso aroma adocicado de almíscar misturava-se ao cheiro metálico do sangue. Num dos cantos estava o médico Macaonte — barbado, de queixo forte, peito desnudo para facilitar sua tarefa, uma velha túnica amarrada ao acaso na cintura. Tinha a pele mais escura que a maioria dos gregos, apesar do tempo que passava lá dentro, e seu cabelo, também por uma questão prática, fora cortado bem curto para não lhe cair sobre os olhos. Agora examinava a perna de um homem ferido, tateando cuidadosamente a ponta de uma flecha encravada na carne. Do outro lado da tenda, seu irmão Podalírio acabara de vestir a armadura. Disse alguma coisa de passagem a Macaonte e saiu. Sabia-se que preferia o campo de batalha ao hospital,

embora trabalhasse em ambos.

Macaonte dirigiu-se a mim, sem erguer os olhos:

— Não deve estar muito ferido, se consegue permanecer de pé por tanto tempo.

— Não — eu respondi. — Vim para... — interrompi a frase ao ver a ponta da flecha ser extraída e o soldado suspirar de alívio.

— Então? — Era a voz de um homem atarefado, mas não descortês.

— Precisa de ajuda?

Ele emitiu um som que tomei por assentimento.

— Sente-se e pegue os remédios para mim — disse, ainda sem erguer os olhos. — Obedeci e apanhei os pequenos frascos espalhados pelo chão, alguns leves, com remédios à base de ervas, outros pesados, com unguentos. Cheirei-os e me lembrei: alho e mel contra infecções, papoula para sedação e milefólio para coagulação do sangue. Dezenas de ervas que me faziam evocar os dedos pacientes do centauro e o doce aroma de folhas verdes da caverna rosada.

Eu ia lhe passando aqueles que ele me pedia, enquanto admirava sua habilidade — uma pitada de sedativo no lábio superior do paciente, para este aspirar e lamber, uma porção de unguento para debelar a infecção e depois as bandagens para proteger a ferida. Macaonte aplicou na perna do homem uma camada de cera de abelha aromatizada e finalmente ergueu a cabeça, com ar cansado.

— Pátroclo, não? Estudou com Quíron? Você é bem-vindo aqui.

Lá fora, um alvoroço, vozes alteradas e gritos de dor. Macaonte acenou em direção à porta.

— Estão nos trazendo mais um. Você se encarrega dele.

Os soldados, homens de Nestor, deitaram seu camarada numa maca vazia, ao canto da tenda. Fora atingido no ombro direito por uma flecha de ponta farpada. Sua face estava coberta por uma camada de suor pegajoso e ele mordera o lábio quase a ponto de parti-lo em dois para

não gritar. A respiração era arquejante, os olhos reviravam em pânico. Resisti ao impulso de chamar Macaonte — que estava ocupado com outro homem que começara a gemer — e apanhei uma toalha para enxugar-lhe o rosto.

A flecha atravessara a parte mais grossa do ombro, como uma agulha terrível. Eu teria de partir a extremidade emplumada e puxar a haste sem dilacerar ainda mais a carne ou deixar fragmentos que pudessem inflamar a ferida.

Rapidamente, ministrei-lhe a poção de papoula e casca de salgueiro que Quíron me ensinara a usar para deixá-lo tranquilo e imune à dor. Ele não conseguia segurar o copo, por isso aproximei-o de seus lábios segurando-lhe a cabeça e apoiando-a para que não sufocasse. Espuma, suor e sangue empapavam minha túnica.

Procurei ocultar o pânico que me dominava e parecer seguro. O ferido devia ser aproximadamente um ano mais velho que eu: Antíloco, um dos filhos de Nestor, jovem de feições doces que amava extremosamente o pai.

— Tudo vai acabar bem — assegurei-lhe várias vezes, para confortá-lo ou a mim próprio, não sei ao certo.

O problema era a haste da flecha. Normalmente, um médico a pegaria por uma ponta antes de puxá-la. Mas não havia como pegá-la sem machucá-lo ainda mais, pois apenas uma porção pequena se projetava do ombro. Não podia ficar ali nem ser tirada por causa das plumas. Que fazer?

Às minhas costas, um dos soldados que o haviam trazido permanecia de pé na entrada. Acenei-lhe por cima do ombro.

— Uma faca, rápido. A mais afiada que encontrar. — Eu próprio me surpreendi com o tom autoritário de minha voz e a obediência instantânea que ele provocou. O soldado voltou com uma lâmina curta e afiada, própria para cortar carne e ainda com manchas de sangue seco.

Limpou-a na túnica antes de entregá-la a mim.

O rosto do rapaz agora estava descontraído, a língua pendendo frouxa da boca. Debrucei-me sobre ele e segurei a haste da flecha pela extremidade emplumada. Com a outra mão, comecei a cortar a madeira aos poucos, do modo mais delicado possível para não machucar o ombro do paciente. Ele arquejava e resmungava perdido na névoa que a poção provocara.

Continuei cortando. Minhas costas doíam. Censurei-me por ter colocado sua cabeça em meus joelhos e não encontrar uma posição melhor. Por fim, a extremidade emplumada se desprendeu, deixando apenas uma lasca que a faca logo aparou. Finalmente.

Mais uma dificuldade: retirar a haste pelo outro lado do ombro. Num momento de inspiração, derramei o remédio anti-inflamatório na madeira, esperando que assim deslizasse com mais facilidade e não provocasse infecção. Em seguida, pouco a pouco, fui puxando a haste. Depois do que me pareceram horas, a extremidade lascada emergiu, ensopada de sangue. Num último esforço, cobri a ferida com ataduras, firmando-as numa espécie de laço a tiracolo.

Mais tarde, Podalírio me explicou que eu fizera uma loucura procedendo daquela maneira, cortando tão devagar e naquele ângulo — um puxão forte, disse ele, e a extremidade se partiria. Caso a ferida se abrisse mais e alguns fragmentos permanecessem dentro, azar: havia outros homens necessitando de atenção. Mas Macaonte viu que a ferida no ombro cicatrizou sem infeccionar e com pouca dor; confiou-me o próximo caso de ferimento a flecha, passou-me uma lâmina afiada e ficou me observando atentamente.



Eram tempos estranhos. Sobre nós, a cada segundo, pairava o terror do

destino de Aquiles, enquanto cresciam cada vez mais os rumores sobre uma guerra entre os deuses. Entretanto nem mesmo eu conseguia preencher cada minuto com o medo. Alguém já me dissera que quem mora perto de uma cachoeira acaba por não ouvir mais seu barulho — da mesma forma, aprendi a viver ao lado da impetuosa torrente da fatalidade que aguardava Aquiles. Os dias corriam e ele continuava vivo. Os meses corriam e eu às vezes chegava ao fim do dia sem ter olhado para o precipício de sua morte. O milagre de um ano, depois dois.

Os outros, aparentemente, também sentiam uma tranquilidade similar. Nosso acampamento agora era uma espécie de família reunida em torno das chamas da fogueira do jantar. Quando a lua se erguia e as estrelas cintilavam na escuridão do céu, seguíamos para lá: Aquiles e eu, o velho Fênix e as mulheres — no início, apenas Briseida, mas depois um pequeno grupo de rostinhos já serenos pela recepção afetuosa que haviam tido. E também Automedonte, o mais jovem de nós, com 17 anos. Era um jovem calmo cuja força e habilidade víramos crescer à medida que aprendia a dominar os cavalos difíceis de Aquiles, rodando pelo campo de batalha com o garbo necessário.

Aquiles e eu achávamos muito agradável manter nosso próprio círculo familiar, fazendo o papel de adultos (que ainda não pensávamos ser) enquanto servíamos a carne e o vinho. Tão logo o fogo diminuía, limpávamos os fragmentos de comida que tinham ficado em nossos rostos e implorávamos pelas histórias de Fênix. Ele, receptivo, se inclinava então na cadeira. A luz das chamas fazia a ossatura de seu rosto parecer intrigante, délfica, algo que os áugures desejariam interpretar.

Briseida também contava histórias estranhas e que pareciam sonhos — contos de magia, de deuses encantados e mortais que topavam com eles por acaso; os deuses eram exóticos, meio homens, meio animais: divindades rústicas, muito diferentes dos seres superiores adorados nas cidades. Belos contos, narrados por sua voz melodiosa. Às vezes, eram

também engraçados: ela imitava um ciclope ou um leão bufando em busca de um homem escondido.

Depois, quando ficávamos sós, Aquiles recordava trechos dessas histórias, erguendo a voz e dedilhando algumas notas na lira. Como aqueles contos encantadores podiam se tornar facilmente canções! E eu me sentia satisfeito por Aquiles tê-la visto, por compreender por que eu passava meus dias com a jovem quando ele se ausentava. Briseida agora pertencia ao nosso grupo, pensei. Um membro de nosso círculo para sempre.



Numa dessas noites, Aquiles perguntou-lhe o que sabia de Heitor.

Briseida estava deitada de costas, apoiada nas mãos, com os cotovelos aquecidos pelo fogo. Porém, ao ouvi-lo, estremeceu de leve e sentou-se. Aquiles não lhe falava diretamente com muita frequência e ela agia da mesma maneira. Uma possível reminiscência do que acontecera em sua aldeia.

— Não sei muita coisa — disse Briseida. — Nunca o vi nem a nenhum outro membro da família de Príamo.

— Mas deve ter ouvido alguma coisa. — Aquiles se sentara também, inclinado para a frente.

— Muito pouca. Sei mais a respeito de sua esposa.

— Diga, então.

Ela aquiesceu e pigarreou discretamente como sempre fazia antes de começar uma história.

— Chama-se Andrômaca, filha única do rei Eécion da Cilícia. Contam que Heitor a ama mais que a qualquer coisa no mundo. Conheceu-a quando visitou o reino de Eécion para receber um tributo. Ela o recepcionou muito bem e entreteve-o durante a festa daquela noite.

Quando a festa terminou, pediu-a em casamento ao rei.

— Deve ser muito bonita.

— O povo diz que é bonita, mas não a mais bonita que Heitor poderia desposar. É conhecida pelo temperamento doce e por seu espírito gentil. A gente do campo gosta muito dela, porque com frequência lhes traz comida e roupas. Estava grávida, mas nada sei sobre seu filho.

— Onde é a Cilícia? — perguntei.

— No sul, ao longo da costa, não muito longe daqui a cavalo.

— Perto de Lesbos — disse Aquiles. Briseida confirmou.

Mais tarde, quando todos já haviam ido embora, ele me disse:

— Atacamos a Cilícia. Sabia disso?

— Não.

— Lembro-me de Eécion. — Sacudiu a cabeça. — Tinha oito filhos. Tentaram nos deter.

Adivinhei tudo pelo tom soturno de sua voz.

— Você os matou. — Uma família inteira chacinada.

Ele notou a expressão em meu rosto, embora eu tentasse disfarçá-la. Contudo, nunca mentia para mim.

— Sim.

Eu sabia que matava pessoas todos os dias; voltava coberto de sangue, crostas que esfregava da pele antes do jantar. Porém havia momentos, como agora, em que essa circunstância me aturdia: quando pensava nas muitas lágrimas que ele fizera derramar, durante todos os anos que já haviam passado. Também Andrômaca e Heitor choravam por causa dele. Nessas horas, Aquiles parecia bem distante de mim, embora estivesse tão perto que eu podia sentir o calor emanando de sua pele. Pousara as mãos no colo, calejadas pela lança, mas ainda bonitas. Não havia mãos mais delicadas nem mais mortíferas.

Lá em cima, a escuridão velava as estrelas. Eu podia sentir o peso do ar. Haveria tempestade naquela noite. A chuva ensoparia a terra até abrir-

lhe fendas. Desceria das montanhas, reunindo forças para varrer o que ficasse em seu caminho: animais, casas e homens.

*Ele é uma inundação*, pensei.

A voz de Aquiles quebrou o silêncio de meus pensamentos.

— Deixei um filho vivo — ele disse. — O oitavo. Para que sua linhagem não se perca.

Era estranho que aquela pequena gentileza passasse por piedade. Mas qual outro guerreiro teria feito o mesmo? Exterminar uma família inteira era motivo de vanglória, uma grande façanha que provava ser alguém poderoso o bastante para varrer um nome da face da Terra. Aquele sobrevivente geraria filhos; daria a eles o nome de sua família e lhes contaria sua história. Os mortos continuariam vivendo, ao menos na lembrança.

— Fico contente — disse eu, de alma leve.

A lenha na lareira se cobriu de cinzas.

— Coisa estranha — murmurou ele. — Eu sempre deixei claro que Heitor não me fez mal nenhum. Agora, porém, ele não pode dizer o mesmo de mim.

# Capítulo 24

Correram os anos e um soldado de Ájax começou a se queixar da duração da guerra. A princípio, ignoraram-no: o homem era muito feio e conhecido como rematado patife. Mas foi ficando cada vez mais eloquente. Quatro anos, dizia, e nada em troca! Onde estava o tesouro? Onde estavam as mulheres? Quando iríamos embora? Ájax deu-lhe uns bons golpes na cabeça, mas nem assim ele silenciou. Veem como somos tratados?

Aos poucos, suas críticas se espalharam de um acampamento a outro. A estação fora particularmente má, muito chuvosa e nada propícia à luta. Multiplicavam-se os ferimentos, as doenças de pele, as fraturas. Moscas de picada venenosa ocuparam tão completamente partes do acampamento que mais pareciam nuvens de fumaça.

Taciturnos e coçando-se, os homens passavam quase o tempo todo na ágora. No começo, nada faziam exceto juntar-se em pequenos grupos, murmurando. Depois o soldado que provocara tudo se reuniu a eles e suas vozes se alteraram.

*Quatro anos!*

*Como saber se Helena está mesmo lá? Alguém a viu?*

*Troia jamais se submeterá a nós.*

*Deveríamos todos, pura e simplesmente, parar de combater.*

Quando essas queixas chegaram aos ouvidos de Agamêmnon, ele ordenou que os descontentes fossem chicoteados. No dia seguinte, eram em dobro — e não poucos micênios.

Agamêmnon enviou um esquadrão armado para dispersá-los. Eles debandaram, mas voltaram depois que o esquadrão se foi. Em resposta, o

rei ordenou que uma falange se postasse na ágora o dia inteiro. Esse, porém, era um dever difícil de cumprir: com sol a pino, as moscas surgiam em maior quantidade ainda. À tarde, a falange estava minada pelas deserções e o número de amotinados havia aumentado.

Agamêmnon usou espiões para identificar os queixosos, que eram em seguida presos e chicoteados. Na manhã seguinte, centenas de homens se recusaram a lutar. Alguns alegaram doença, outros não deram desculpa nenhuma. A notícia se espalhou e mais homens de repente adoeceram. Amontoaram suas espadas e seus escudos no estrado e bloquearam a ágora. Quando Agamêmnon tentou romper suas fileiras, deram-se os braços e resistiram a pé firme.

Impedido de entrar em sua própria ágora, o rei ficou rubro de cólera. Seus dedos perderam a cor em torno do cetro que segurava — madeira dura reforçada com braçadeiras de ferro. Quando o homem à sua frente lhe cuspiu nos pés, Agamêmnon ergueu o cetro e golpeou-o rudemente na cabeça. Todos nós ouvimos o som de ossos esmigalhados. O homem tombou.

Não creio que Agamêmnon quisesse desferir uma pancada tão violenta. Ficou paralisado, olhando o corpo estendido no chão, incapaz de esboçar um gesto. Outro soldado se ajoelhou para remover o cadáver; metade do crânio fora esmagada pela força do golpe. A notícia percorreu as fileiras como o crepitar de um incêndio se propagando. Muitos sacaram de seus punhais. Ouvi Aquiles murmurar alguma coisa ao meu lado; em seguida, ele desapareceu.

No rosto de Agamêmnon, desenhava-se a compreensão cada vez mais clara de que cometera um erro. Deixara intempestivamente seus guardas leais para trás e agora estava cercado; não poderia contar com nenhuma ajuda, ainda que quisesse. Detive o fôlego, certo de que estava prestes a vê-lo morrer.

— Homens da Grécia!

Rostos surpresos se voltaram na direção do grito. Aquiles estava de pé sobre a pilha de escudos no tablado. Parecia um perfeito vencedor, belo e forte, seu semblante era sério.

— Vocês estão irritados — disse ele.

Isso chamou a atenção de todos. *Estavam*, sim, irritados. Não era comum um general admitir que suas tropas alimentassem um sentimento desses.

— Digam o que lhes incomoda — continuou Aquiles.

— Queremos ir embora! — A voz veio da última fileira. — Esta guerra é inútil!

— O comandante mentiu para nós!

Ouviu-se um murmúrio de aprovação.

— Já se passaram quatro anos! — Essas últimas palavras eram as mais coléricas de todas. Eu não podia contestá-las. Para mim, todo aquele tempo fora de abundância, tempo surrupiado às mãos de um destino ingrato. Porém, para eles, representava uma vida roubada de filhos e esposas, de famílias e lares.

— É seu direito questionar a situação — prosseguiu Aquiles. — Sentem que foram enganados. Prometeram-lhes a vitória.

— Sim!

Observei de relance o rosto de Agamêmnon, contraído de raiva. Contudo ele estava imobilizado entre a multidão, incapaz de libertar-se ou dizer qualquer coisa sem provocar tumulto.

— Vocês acham, por acaso — perguntou Aquiles —, que o *Aristos Achaion* trava combates perdidos?

Os homens não responderam.

— E então?

— Não — arriscou-se alguém.

Aquiles assentiu, com ar grave.

— Não. Eu não. E eu juro que estou aqui porque acredito na vitória.

Ficarei até o fim.

— Isso é muito bom para você. — Era outra voz. — Mas e quanto aos que desejam partir?

Agamêmnon abriu a boca para retrucar. Imagino o que teria dito: ninguém partirá! Desertores serão executados! Para a sorte dele, Aquiles foi mais rápido:

— Podem ir quando quiserem.

— Podemos? — A voz exprimia dúvida.

— Certamente. — Fez uma pausa, esboçando seu mais sincero, mais amigável sorriso. — Mas ficarei com a parte do tesouro que lhes toca quando tomarmos Troia.

Senti que a tensão diminuía e ouvi risos de aprovação. O príncipe Aquiles mencionara um tesouro a ser conquistado — e onde há cobiça, há esperança.

Aquiles percebeu a mudança que se operava nos homens. Ele disse:

— Já é tempo de voltarmos a campo. Os troianos devem estar imaginando que estamos com medo. — Sacou da espada e brandiu-a no ar. — Quem quer mostrar-lhes que estão errados?

Soaram gritos de aprovação, seguidos por um estrondo geral enquanto os homens retomavam suas armaduras e empunhavam suas lanças. Ergueram do chão o homem morto e levaram-no dali; todos concordavam em que sempre causara problemas. Aquiles desceu do tablado e passou por Agamêmnon com um simples aceno de cabeça. O rei de Micenas nada disse. Porém seus olhos ainda seguiram Aquiles por muito tempo.



Pouco depois dessa quase rebelião, Odisseu imaginou uma maneira de manter os homens ocupados o bastante para que não mais se

alvoroçassem: construir uma paliçada gigantesca em torno do acampamento. Devia se estender por dez milhas, segundo seus cálculos, a fim de proteger nossas tendas e nossos navios do lado da planície. Em sua base se cavaria um fosso eriçado de lanças.

Quando Agamêmnon anunciou o projeto, tive certeza de que os homens logo perceberiam a artimanha. Durante todos aqueles anos de guerra, jamais o acampamento estivera em perigo, por mais reforços que chegassem ao inimigo. Afinal, quem superaria Aquiles?

Porém Diomedes se adiantou, louvando o plano e assustando os homens com visões de ataques noturnos e fogo nos navios. Essa última cartada foi particularmente eficaz: sem as naus, não poderíamos voltar para casa. Ao final do discurso, os olhos de todos brilhavam ansiosos. Depois que saíram animadamente para os bosques, com seus machados e facões, Odisseu descobriu o soldado que iniciara o tumulto — Tersites — e espancou-o até deixá-lo inconsciente.

Esse foi o fim dos motins diante de Troia.



As coisas não tardaram a mudar — por causa do trabalho conjunto na paliçada ou do alívio de um perigo evitado. Todos nós, do soldado raso ao próprio comandante, começamos a ver Troia como uma espécie de lar. A invasão se transformara em ocupação. Antes, vivíamos como destruidores da terra e das aldeias atacadas; agora, edificávamos não apenas uma muralha, mas instalações de uma cidade: uma forja, um curral para o gado que rapinávamos nas fazendas vizinhas e mesmo uma oficina de oleiro. Nessa oficina, artesãos amadores trabalhavam para substituir a cerâmica que trouxéramos e que, em sua maioria, se quebrara ou trincara em consequência do uso continuado no acampamento. Tudo o que tínhamos era improvisado, roubado ou já servira para outros fins

antes. Só as armaduras dos reis permaneciam intactas, insígnias polidas e brilhantes.

Os homens também já não pareciam membros de dezenas de exércitos diferentes, mas compatriotas. Tendo deixado Áulis como cretenses, cipriotas ou argivos, agora eram simplesmente gregos — fundidos no mesmo molde diante da estranheza dos troianos, dividindo alimento, mulheres, roupas e histórias de batalha, já sem nenhuma distinção. Afinal, não fora sem motivo que Agamêmnon se gabara de poder unir todos os gregos. Essa camaradagem persistiria por muitos anos, um sentimento de solidariedade nem um pouco característico de nossos reinos ferozmente belicosos. Por uma geração inteira, não haveria guerras entre os homens que combateram em Troia.



Nem eu fiquei de fora. Durante esse tempo — seis, sete anos em que passei mais e mais horas na tenda de Macaonte do que com Aquiles em campo —, pude conhecer bem os outros homens. Todos acabavam tomando o rumo da tenda, nem que fosse por um dedo esmagado ou uma unha encravada. Até Automedonte, que apareceu cobrindo com um pano os restos sangrentos de uma feia pústula na mão. Homens se deitavam com mulheres escravas e traziam-nas para nós com seus ventres inchados. Púnhamos bebês no mundo sem parar e depois cuidávamos de suas doenças, à medida que cresciam.

Não conheci apenas soldados comuns: com o tempo, tive contato também com os reis. Nestor e seu xarope para a garganta, quente e adoçado com mel, que ele não dispensava ao final do dia; Menelau e o analgésico que tomava para suas dores de cabeça; Ájax e sua gastrite. Eu me comovia vendo que confiavam muito em mim, fitando-me com olhos esperançosos e ávidos de conforto; aprendi a gostar deles, por mais

teimosos que se mostrassem nos conselhos.

Ganhei certa reputação, certo prestígio no acampamento. Era procurado, conhecido pela agilidade de minhas mãos e por causar o mínimo de dor aos pacientes. Podalírio passava cada vez menos tempo na tenda — era eu quem lá ficava quando Macaonte saía.

Comecei a surpreender Aquiles ao cumprimentar todos aqueles homens quando vagávamos pelo acampamento. Agradava-me vê-los acenando de volta, apontando uma ferida que cicatrizara sem problemas.

Depois que eles se afastavam, Aquiles sacudia a cabeça.

— Não sei como consegue lembrar-se de todos eles. Juro que, para mim, parecem todos iguais.

Eu ria e apontava de novo para os homens.

— Aquele é Estênelo, o cocheiro de Diomedes. Aquele é Podarces, cujo irmão foi o primeiro a morrer, lembra-se?

— São muitos — suspirou Aquiles. — É mais fácil que eles se lembrem de mim.



Os rostos em volta de nossa lareira começaram a escassear, à medida que, uma após outra, as mulheres tomavam discretamente um mirmidão para amante e depois para marido. Já não precisavam de nosso fogo; tinham o seu próprio. Ficamos felizes. Gargalhadas no acampamento, gemidos de prazer à noite e mesmo o inchaço dos ventres — mirmidões rindo de satisfação — eram coisas bem-vindas, a borda dourada de sua felicidade que corria à nossa volta como um friso.

Com o tempo, apenas Briseida ficou. Nunca teve amante, a despeito de sua beleza e da corte de muitos mirmidões. Em vez disso, tornou-se uma espécie de tia, com sua doçura, suas poções de amor e sua disponibilidade para secar lágrimas. É assim que me lembro de nós em

nossas noites em Troia: Aquiles e eu lado a lado, Fênix sorrindo, Automedonte contando anedotas, Briseida com seu olhar discreto e seu riso pronto, cascateante.



Acordei cedo e senti no ar o primeiro sopro frio do outono. Era dia de festa, a colheita das primícias para o deus Apolo. Ao meu lado, o corpo de Aquiles estava quente, pesado de sono. A escuridão da tenda me permitia, ainda assim, vislumbrar os traços de seu rosto, o queixo forte e a curva suave dos olhos. Senti vontade de acordá-lo para ver aqueles olhos abertos. Já os vira milhares e milhares de vezes, mas nunca me cansava disso.

Minha mão deslizou suavemente por seu peito, sentindo-lhe os músculos. Agora estávamos ambos muito fortes, em consequência dos dias passados na tenda branca e no campo. Às vezes, eu mesmo me espantava com meu físico: parecia um homem-feito, grande como meu pai, embora bem mais esbelto.

Ele estremeceu ao meu toque e senti o desejo palpitar em mim. Puxei as cobertas para que pudesse contemplá-lo inteiro. Inclinei-me e pousei os lábios em sua pele, em beijos que desceram suavemente por seu ventre.

A aurora penetrou pelas aberturas da tenda, iluminando-a. Ele acordou e me reconheceu. Nossos membros se roçavam do modo como já haviam feito muitas vezes antes, sem que deixasse de ser novidade.

Algum tempo depois, nos levantamos e tomamos o desjejum. Abrimos a tenda para que o ar entrasse e fluísse agradavelmente por nossa pele úmida. Lá fora, os mirmidões iam e vinham em sua faina. Automedonte caminhava para a praia a fim de nadar. E o mar, tépido pelo sol do verão, parecia convidativo. Minha mão repousava familiarmente no joelho de Aquiles.

Ela não entrou pela porta. Apareceu ali, simplesmente, no centro da tenda, que pouco antes era um espaço vazio. Sustive o fôlego e recolhi a mão. Tolice minha, eu sabia. Ela era uma deusa; podia espiar-nos quando quisesse.

— Mãe — saudou-a Aquiles.

— Recebi um aviso. — As palavras jorraram intempestivas. A tenda estava na penumbra, mas a pele de Tétis era fria e luminosa. Eu distinguia cada polegada de seu rosto, cada dobra de seu manto resplandecente. Fazia muito tempo que não a via tão de perto; a última vez fora em Ciros. Eu mudara desde então; crescera em força e tamanho; minha barba precisava ser raspada periodicamente. Porém ela continuava a mesma. Sim, a mesma.

— Apolo está irado e procura um meio de prejudicar os gregos. Você vai sacrificar a ele hoje?

— Vou — disse Aquiles. Nós sempre observávamos as cerimônias, cortando gargantas e queimando carnes.

— Devem mesmo fazer isso — aconselhou ela. Seus olhos estavam fixos em Aquiles e nem pareciam ver-me. — Uma hecatombe. — A maior das oferendas, cem cabeças de bois ou carneiros. Só os mais ricos e poderosos podiam se permitir semelhante extravagância ritual. — Não importa o que os outros façam, realizem esse sacrifício. Os deuses tomaram partido e não convém irritá-los.

Levaríamos quase o dia inteiro para degolar todos aqueles animais e, durante uma semana, o acampamento cheiraria como um cemitério. No entanto, Aquiles concordou.

— Nós o faremos — ele prometeu.

Ela apertou os lábios, duas linhas vermelhas semelhantes às bordas de uma ferida.

— Há mais uma coisa — ela disse.

Mesmo com seus olhos me evitando, ela me assustava. Aonde quer que

fosse, levava consigo todo um universo de insegurança, portentos, divindades coléricas e perigos iminentes.

— O que é?

Tétis hesitou e o medo comprimiu minha garganta. O que fazia uma deusa interromper suas palavras devia ser realmente aterrador.

— Uma profecia. O melhor dos mirmidões morrerá antes que mais dois anos se passem.

O rosto de Aquiles estava impassível; absolutamente impassível.

— Já sabíamos disso — ele murmurou.

Ela sacudiu de leve a cabeça.

— Não. A profecia afirma que você estará vivo quando o fato acontecer.

Aquiles franziu o cenho.

— Qual é, em sua opinião, o significado disso?

— Não sei — respondeu Tétis. Seus olhos estavam bem abertos, como poços negros escancarados e prontos a tragá-lo, a puxá-lo para dentro de si. — Receio que se trate de um embuste. — Os Fados eram conhecidos por tecer esses enigmas, obscuros até a última peça se encaixar. Só então se tornavam dolorosamente claros.

— Fiquem atentos — ela recomendou. — Devem tomar muito cuidado.

— Tomaremos — garantiu Aquiles.

Tétis nem parecia ter percebido que eu estava ali, mas agora seus olhos me encontraram e seu nariz se franziu como se sentisse um cheiro desagradável. Voltou-se de novo para o filho:

— Ele não é digno de você. Nunca foi.

— Nesse ponto, discordamos — replicou Aquiles. Seu tom era de quem já dissera a mesma coisa muitas e muitas vezes. E provavelmente ele já havia dito isso.

Com uma imprecação surda, ela desapareceu.

— Está amedrontada — disse Aquiles.

— Sem dúvida. — Limpei a garganta, tentando livrá-la da apreensão

que ali se acumulara.

— Sabe quem é o melhor dos mirmidões? Depois de mim?

Avaliei mentalmente nossos capitães. Automedonte se tornara o valioso auxiliar de Aquiles no campo de batalha. Mas eu não achava que fosse o melhor.

— Não sei — disse por fim.

— Você acha que poderia ser meu pai? — ele perguntou.

Peleu era, lá longe, em Fítia, o homem que combatera ombro a ombro com Héracles e Perseu. Uma lenda pela devoção e pela coragem em sua época, mas talvez não nos séculos vindouros.

— Talvez — admiti ainda assim.

Permanecemos em silêncio por um momento. Finalmente, ele disse:

— Acho que logo saberemos.

— Não deve ser você. Pelo menos temos essa certeza.

Naquela tarde, realizamos o sacrifício que Tétis recomendara. Os mirmidões acenderam altas fogueiras rituais e eu segurei os baldes para o sangue enquanto Aquiles cortava garganta após garganta. Queimamos as coxas das vítimas com cevada e romãs, despejando depois o melhor vinho sobre as brasas. *Apolo está irado*, dissera ela. Um de nossos deuses mais poderosos, munido de setas rápidas como raios de sol, capazes de fazer parar instantaneamente o coração de um homem. Eu não era conhecido pela devoção, mas naquele dia implorei ao deus com um fervor que nada ficaria devendo ao do próprio Peleu. E quem quer que fosse o melhor dos mirmidões, orei também por ele.



Briseida pediu-me que lhe ensinasse a arte da medicina e prometeu, em troca, transmitir-me o conhecimento das ervas da região, indispensáveis ao suprimento sempre insuficiente de Macaonte. Concordei e passei

muitos dias agradáveis com ela na floresta, partindo ramos baixos de árvores, esmiuçando troncos velhos em busca de cogumelos macios e delicados como orelhas de criancinhas.

Às vezes, sua mão roçava acidentalmente a minha; ela me olhava e sorria; gotas de água pendiam de suas orelhas e seus cabelos como pérolas. Para maior comodidade, puxava o longo vestido acima dos joelhos, pondo à mostra pés fortes e firmes.

Num desses dias, paramos para almoçar. Degustamos pão e queijo, fatias de carne e água bebida na concha das mãos no regato. Era primavera e estávamos rodeados pela profusa fertilidade da Anatólia. Durante três semanas, a terra se cobriria de cores, brotos e pétalas. Depois, serenada a exuberância de seus impulsos, ela se aquietaria para abrir caminho ao verão. Era a minha época favorita do ano.

Eu devia ter adivinhado. Posso parecer estúpido por não haver percebido o que estava na iminência de acontecer. Contava uma história a Briseida — algo sobre Quíron, penso eu —, e ela ouvia arregalando os olhos negros como a terra em que nos sentávamos. Terminei, e Briseida ficou em silêncio. Aquilo não era incomum: muitas vezes não dizia mesmo nada. Estávamos bem perto um do outro, cabeças se tocando como se conspirássemos. Eu sentia o aroma da fruta que ela comera e do óleo de rosas que preparava para as outras jovens, ainda preso aos seus dedos. Ela me é tão cara, pensei. Seu semblante sério, aqueles olhos espertos... Imaginava-a criança, pele esfolada de tanto subir às árvores, membros esguios voando na corrida. Gostaria de tê-la conhecido nessa época, gostaria que houvesse vivido comigo na casa de meu pai e atirado seixos à água com minha mãe. Quase podia vê-la ali, pairando na orla de minhas lembranças.

Seus lábios tocaram os meus. Fiquei tão surpreso que não me mexi. Sua boca era macia e um pouco hesitante. Fechara ternamente os olhos. Pela força do hábito, meus lábios se abriram involuntariamente. Decorreu um

instante; a terra aos nossos pés, a brisa trazendo perfumes de flores. Em seguida, ela recuou; olhos baixos, à espera do julgamento. Meus ouvidos latejavam, mas não da forma como Aquiles os fazia latejar. Era algo mais semelhante à surpresa, ao medo de magoá-la. Segurei suas mãos.

Ela percebeu, finalmente — pelo modo como acariciei seus dedos, pelo modo como meu olhar pousou em seu rosto.

— Sinto muito — murmurou.

Sacudi a cabeça, sem saber o que dizer.

Seus ombros se expandiram como asas abertas.

— Sei que você o ama — disse, hesitando um pouco antes de cada palavra. — Eu sei. Mas pensava que... bem, alguns homens têm esposas e namorados.

Seu rosto parecia muito pequeno e tão triste que não pude mais permanecer em silêncio.

— Briseida — eu disse —, se um dia eu decidir ter uma esposa, será você.

— Mas você não quer ter uma esposa.

— Não — eu disse da maneira mais gentil possível.

Ela balançou de leve a cabeça e baixou os olhos novamente. Eu ouvia sua respiração entrecortada, percebia o ligeiro tremor em seu peito.

— Lamento — disse eu.

— Não deseja ter filhos? — ela perguntou.

A pergunta me surpreendeu. Eu mesmo ainda me sentia em parte criança, embora na minha idade muitos jovens já tivessem prole numerosa.

— Não acho que eu seria um bom pai — disse eu.

— Não acredito nisso — replicou ela.

— Não sei... e você?

Perguntei isso por acaso, mas as palavras calaram fundo e ela titubeou por um instante.

— Talvez — ela disse.

Descobri então, tarde demais, o que ela realmente estivera me perguntando. Enrubesci, constrangido por minha ingenuidade. E humilhado também. Abri a boca para dizer alguma coisa. Para lhe agradecer, talvez.

Porém ela já estava de pé, limpando o vestido.

— Vamos?

Não havia nada a fazer a não ser acompanhá-la.



Durante a noite, não pude deixar de remoer aquela ideia: Briseida e meu filho. Via-o com suas perninhas bamboleantes, seu cabelo negro e os grandes olhos da mãe. Via-me diante da lareira ao lado dela e do menino, brincando com um pedaço de madeira que eu entalhara. Porém faltava algo na cena; havia a dor de uma ausência. Onde estaria Aquiles? Morto? Ou nunca existira? Eu não podia viver uma vida daquelas. *Mas Briseida não me pedira isso*. Oferecera-me tudo: ela mesma, a criança e Aquiles.

Virei-me de frente para Aquiles e perguntei:

— Já pensou alguma vez em ter filhos?

Seus olhos estavam fechados, mas ele ainda não havia dormido.

— Já tenho um filho — ele respondeu.

Essa realidade me chocava todas as vezes que me ocorria. O filho com Deidâmia. Um menino, contara-lhe Tétis, chamado Neoptólemo. *Nova guerra.* Apelidado de Pirro por seus cabelos intensamente ruivos. Pensar nele me abalava — um pedaço de Aquiles vagando pelo mundo.

"Parece-se com você?", indaguei certa vez. Ele dera de ombros e respondera: "Não perguntei".

— Você tem vontade de vê-lo?

Aquiles sacudiu a cabeça.

— Minha mãe é que deve criá-lo. Estará melhor com ela.

Eu não pensava assim, mas achei que naquele momento seria inoportuno expressar minha opinião. Esperei que ele me perguntasse se eu gostaria de ter também um filho. No entanto ele não perguntou e sua respiração foi se tornando cada vez mais lenta. Sempre adormecia antes de mim.

— Aquiles?

— Humm!

— Você gosta de Briseida?

Ele franziu o cenho, ainda de olhos fechados.

— Se gosto dela?

— Quero saber se aprecia sua companhia, você sabe.

Seus olhos se abriram, mais atentos do que eu esperava.

— Que tem isso a ver com filhos?

— Nada. — Claro que eu obviamente estava mentindo.

— Ela quer ter um filho?

— Talvez — eu respondi.

— Comigo? — ele perguntou.

— Não — eu disse.

— Ótimo — E seus olhos se fecharam de novo. Decorreram alguns instantes e pensei que ele já tivesse adormecido. Mas de repente ele falou:

— Com você. Ela quer ter um filho com você.

Meu silêncio foi a resposta. Aquiles se sentou, deixando a coberta deslizar do peito.

— Ela está grávida? — ele perguntou.

Havia em sua voz uma tensão que eu nunca percebera antes.

— Não — eu disse.

Seus olhos perscrutaram os meus em busca de respostas.

— Você quer? — perguntou por fim. Vi o conflito em seu rosto. O ciúme lhe era desconhecido. Estava magoado, mas não sabia como falar a respeito. De repente, senti-me cruel por suscitar semelhante problema.

— Não — eu disse. — Acho que não. Não.

— Se você quiser, estará tudo bem. — Escolhia cada palavra, na tentativa de ser justo.

Pensei no menino de cabelos negros. Pensei em Aquiles.

— Está tudo bem agora — eu disse.

O alívio em seu semblante me encheu de ternura.



Tudo ficou um pouco estranho depois disso. Briseida queria me evitar, mas eu a procurava como sempre e prosseguimos em nossas caminhadas como fazíamos antes. Conversávamos sobre os boatos do acampamento e sobre medicina. Ela não mencionava esposas e eu não mencionava filhos. Ainda havia doçura em seus olhos quando me fitavam; e eu fazia o possível para retribuir.

# Capítulo 25

Um dia, no nono ano, uma jovem subiu ao tablado. Tinha uma contusão na face que se espalhava como vinho derramado em direção ao pescoço. Fitas tremulavam em seus cabelos — símbolos cerimoniais que a assinalavam como serva de um deus. Filha de sacerdote, disse alguém. Aquiles e eu nos entreolhamos.

Era bela, apesar da expressão de terror: grandes olhos castanhos num rosto arredondado, cabeleira escura e macia pendendo sobre as orelhas, talhe de menina. Enquanto a observávamos, seus olhos se encheram de lágrimas, poças escuras transbordando pelo rosto e pingando do queixo para o chão. Ela não as enxugou. Trazia as mãos amarradas às costas.

Quando os homens se reuniram, ela ergueu o rosto, contemplando o céu numa prece muda. Cutuquei Aquiles, que assentiu; mas antes de poder reclamá-la, Agamêmnon deu um passo à frente. Pousou a mão em seu ombro esguio e curvado.

— Esta é Criseida — disse ele —, e eu a tomo para mim. — Em seguida, a fez descer do tablado e conduziu-a brutalmente para sua tenda. Vi o sacerdote Calcante franzir o cenho e entreabrir a boca como para objetar. Porém ele não disse nada, e Odisseu finalizou o ordenamento.

Pouco menos de um mês depois, o pai da jovem apareceu caminhando pela praia com um bastão incrustado de ouro, de onde pendiam guirlandas. Usava a barba comprida dos sacerdotes da Anatólia, cabelos soltos, mas

enfeitados com fitas semelhantes às do bastão. O largo manto, cujas dobras se agitavam em torno de suas pernas, tinha faixas vermelhas e douradas. Atrás dele, acólitos vergavam ao peso de grandes baús de madeira. Apesar dos passos trôpegos, avançou sem se deter.

O pequeno cortejo passou pelas tendas de Ájax, Diomedes e Nestor — próximas à ágora — e aproximou-se do tablado. Quando Aquiles e eu fomos informados e acorremos, ultrapassando os retardatários, ele já havia se postado ali, de bastão erguido. E quando Agamêmnon e Menelau subiram ao tablado, avançando em sua direção, o sacerdote não deu a entender que os reconhecia e continuou de pé, orgulhoso, diante do tesouro trazido por seus subordinados. Agamêmnon se irritou com aquela ousadia, mas nada disse.

Finalmente, depois que grande número de homens já havia se reunido, atraídos de todos os cantos pela notícia, o sacerdote se virou para contemplar a multidão, passeando os olhos por reis e soldados rasos. Por fim, fixou-se nos dois filhos de Atreu, que se achavam diante dele.

Falou numa voz sonora e grave, própria para conduzir preces. Declinou seu nome, Crises, e, de bastão erguido, identificou-se como sumo sacerdote de Apolo. Em seguida, ele apontou para os baús — já abertos para exibir o ouro, as pedras preciosas e o bronze que refletiam o sol.

— Nada disso nos explica por que veio, sacerdote Crises — disse Menelau num tom que mal disfarçava a impaciência. Troianos não subiam ao tablado dos reis gregos para fazer discursos.

— Vim para resgatar minha filha Criseida — disse o sacerdote —, arrebatada ilicitamente de nosso templo pelo exército grego. Uma moça frágil, muito nova, com fitas no cabelo.

Os gregos resmungaram. Suplicantes portadores de resgates ajoelhavam-se e imploravam, não discorriam como reis ao proferir sentença num tribunal. No entanto, aquele era um sumo sacerdote, acostumado a

só se curvar diante de seu deus — era necessária alguma condescendência. O ouro que oferecia era abundante, duas vezes o preço da garota, e o favor de um sacerdote não era algo que se desprezasse. A palavra que ele empregara, *ilicitamente*, era cortante como uma lâmina, mas não podíamos negar que fosse apropriada. Até Diomedes e Odisseu pareciam concordar com isso, e Menelau respirou fundo como se fosse falar.

Porém Agamêmnon se adiantou; grande como um urso, os músculos do pescoço se retorcendo de cólera.

— É assim que fala um suplicante? Tem sorte por eu não matá-lo aqui mesmo. Sou o comandante deste exército — gabou-se — e não lhe dou licença para falar diante de meus homens. Minha resposta é: não. Não haverá resgate. Ela é meu prêmio e não a devolverei, nem agora nem nunca, em troca desta bagatela ou de qualquer outra que porventura traga. — Seus dedos se crisparam a poucas polegadas da garganta do suplicante. — Agora, suma-se. Que eu não o veja de novo em meus acampamentos, *sacerdote*, ou nem suas guirlandas o salvarão.

Crises cerrou as mandíbulas — de medo ou para calar uma resposta.- Seus olhos refletiam profunda amargura. Sem uma palavra, virou-se,- desceu do tablado e caminhou para a praia. Atrás dele arrastavam-se- seus acólitos com as arcas do tesouro.

Mesmo depois que Agamêmnon se retirou e os homens se puseram a tagarelar à minha volta, não despreguei os olhos da figura cada vez mais distante do sacerdote. Os que estavam na extremidade da praia disseram que ele chorava e brandia o bastão para o céu.

Naquela noite, deslizando entre nós como uma serpente rápida, silenciosa e sinuosa, a peste começou.

Quando acordamos na manhã seguinte, vimos as mulas encostadas à cerca, ofegantes, a baba escorrendo e os olhos revirados. No meio do dia, foram os cachorros — ganindo, tentando abocanhar o ar, as línguas cobertas por uma espuma avermelhada. À tarde, todos esses animais estavam mortos ou a ponto de morrer, estrebuchando em meio a uma poça de vômito sanguinolento.

Macaonte, Aquiles e eu íamos queimando um por um à medida que tombavam para livrar o acampamento de seus corpos pestilentos, de seus ossos que estalavam quando os atirávamos à pira. Quando regressamos, à noite, esfregamos nossos corpos com sal e depois nos banhamos com a água do riacho da floresta. Evitamos o Simoente e o Escamândrio, os grandes e sinuosos rios troianos onde os outros homens se lavavam e cuja água bebiam.

Na cama, mais tarde, discutimos em voz baixa o que estava acontecendo, ouvindo o estertor em nossos pulmões e sentindo o muco se acumular em nossas gargantas. Como preces apenas sussurradas, repetíamos os remédios que Quíron nos ensinara.

No dia seguinte, foram os homens. Dezenas deles, atacados pela doença, estendidos no chão com os olhos esbugalhados e úmidos, lábios dilacerados de onde escorriam filetes de saliva para o queixo. Macaonte, Aquiles, Podalírio e eu — eventualmente até Briseida — corríamos a fim de levar para bem longe os que caíam fulminados como que por flecha ou lança.

Na orla do acampamento, o retiro dos doentes se enchia cada vez mais. Dez, vinte e depois cinquenta — tiritantes, implorando por água, arrancando as roupas por causa do fogo que, diziam, queimava dentro deles. Por fim, sua pele trincava, abrindo rasgos como buracos num

cobertor velho, de onde escorria pus e sangue pastoso. Por fim, os violentos tremores cessavam e eles jaziam no lodo da última torrente: o conteúdo de seus intestinos, coagulado de sangue.

Aquiles e eu erguíamos pira após pira, queimando cada pedaço de madeira que encontrávamos. Finalmente, abandonamos a dignidade e o ritual pela urgência, atirando ao fogo não um, mas vários cadáveres de uma vez. Não tínhamos tempo sequer de ver suas carnes e seus ossos se misturarem e derreterem juntos.

Não tardou e a maioria dos reis veio nos prestar ajuda — Menelau primeiro, depois Ájax, que derrubava árvores com um só golpe, fornecendo combustível para as fogueiras incontáveis. Enquanto trabalhávamos, Diomedes se juntou aos homens e descobriu alguns que permaneciam em suas tendas, tremendo de febre e náuseas, escondidos pelos amigos que não queriam ainda enviá-los aos campos da morte. Agamêmnon não deixava sua tenda.

Passaram-se os dias e cada regimento, cada chefe já havia perdido dezenas de homens. Aquiles e eu observamos, com estranheza, ao cerrar pálpebras após pálpebras, que nenhum dos mortos era rei. Todos eram nobres de categoria inferior ou soldados rasos. Nenhuma mulher — foi o que também notamos. Olhávamos um para o outro, cheios de suspeita, que aumentava cada vez que um homem caía ao chão gemendo e comprimindo o peito, onde a peste o ferira como uma lança veloz.



Era a nona noite povoada de cadáveres, piras e nossos rostos salpicados de pus. Estávamos na tenda, ofegando de cansaço. Tiramos nossas roupas, que iriam para o fogo. Nossas suspeitas pareciam confirmadas de mil maneiras: aquela não era uma peste natural, a lenta disseminação ao acaso de uma doença. Era algo mais, um fenômeno repentino e

sobrenatural como o vento de Áulis. O desgosto de um deus.

Lembramo-nos de Crises e sua violenta indignação ante a blasfêmia de Agamêmnon, que desdenhara os códigos da guerra e do resgate justo. E nos lembramos, também, de quem ele servia: o deus da luz, da medicina e da peste.

Aquiles saiu da tenda quando a lua estava alta. Voltou pouco depois, com cheiro de mar.

— O que ela disse? — perguntei, sentando-me na cama.

— Que estamos certos.



No décimo dia da peste, seguidos pelos mirmidões, atravessamos a praia rumo à ágora. Aquiles subiu ao tablado e pôs as mãos em concha diante da boca para melhor se fazer ouvir. Abafando o crepitar das fogueiras, o lamento das mulheres e os gemidos dos moribundos, pediu que todos os homens do acampamento se juntassem.

Aos poucos, eles se aproximaram, piscando ao brilho do sol. Vinham pálidos, assustados, com medo das setas da peste que mergulhavam em seus peitos como pedras num rio e espalhavam sua podridão como ondas num lago. Aquiles observou-os enquanto se reuniam, envolto na armadura, a espada pendente do cinto, os cabelos cintilando como água derramada sobre bronze polido. Convocar uma reunião não era privilégio unicamente dos generais, mas isso ainda não tinha sido feito durante nossos dez anos em Troia.

Agamêmnon abriu caminho entre a multidão com seus micênios e subiu também ao tablado.

— O que é isto? — perguntou ele.

Aquiles saudou-o com polidez.

— Reuni os homens para falar a respeito da peste. Posso me dirigir a

eles?

Os ombros de Agamêmnon estavam curvados para a frente, num misto de vergonha e raiva; ele próprio deveria ter convocado a reunião muito tempo antes e sabia disso. Não podia recriminar Aquiles por fazê-lo agora, sobretudo diante dos homens. O contraste entre os dois nunca fora tão gritante: Aquiles descontraído e com pleno controle de si, ostentando uma naturalidade que desmentia as piras e os rostos encovados; Agamêmnon de feições contraídas como a mão de um avarento, tentando se impor a todos nós.

Aquiles esperou que todos se reunissem — reis e soldados. Em seguida, deu um passo à frente e sorriu.

— Reis — começou —, chefes, homens dos reinos gregos, como venceremos uma guerra se estamos sucumbindo à peste? Já passa da hora de descobrirmos o que fizemos para merecer a cólera de um deus.

Imprecações e sussurros rápidos; todos suspeitavam dos deuses. Não era de suas mãos que vinham os grandes males e as boas coisas? Entretanto, ouvir Aquiles falar com tamanha franqueza lhes dava alívio. Sua mãe era uma deusa e ele devia saber o que estava acontecendo.

Os lábios de Agamêmnon se retesaram, pondo à mostra seus dentes. Ele se aproximou de Aquiles como se quisesse arrancá-lo do tablado. Porém Aquiles sequer deu a entender que o via.

— Temos aqui um sacerdote, um homem próximo dos deuses. Não devemos pedir-lhe que fale?

Um frêmito de assentimento percorreu a multidão. Eu ouvia o tilintar do metal enquanto Agamêmnon, de punhos cerrados, agitava lentamente sua manopla.

Aquiles virou-se para o rei:

— Não foi o que me recomendou, Agamêmnon?

Os olhos de Agamêmnon se estreitaram. Não acreditava na generosidade; não acreditava em coisa alguma. Fitou Aquiles por um

instante, tentando adivinhar qual era a armadilha. Por fim, com maus modos, respondeu:

— Sim, recomendei. — E, fazendo um gesto rude para os micênios, disse:

— Tragam-me Calcante.

Eles o retiraram da multidão e o trouxeram para a frente do tablado. Estava mais feio que nunca com sua barba sempre rala, seus cabelos revoltos e empapados de suor repugnante. Tinha o hábito de passar a língua pelos lábios rachados antes de falar.

— Grande rei e príncipe Aquiles, vocês me apanharam desprevenido. Não creio que... — seus estranhos olhos azuis transitaram entre os dois homens. — Isto é, não esperava ter de falar diante de tanta gente. — A voz era melosa e furtiva como uma doninha esgueirando-se para fora da toca.

— Fale — ordenou Agamêmnon.

Calcante parecia estar paralisado; sua língua percorreu de novo os lábios, várias vezes.

Aquiles instigou-o com voz clara:

— Você, naturalmente, fez sacrifícios, não? Você fez preces?

— Eu... sim, é claro. Mas... — sua voz tremia. — Receio irritar alguém com o que vou dizer. Alguém muito poderoso e que não esquece facilmente um insulto.

Aquiles abaixou-se e pousou a mão no ombro encardido do trêmulo sacerdote, apertando-o com força.

— Calcante, estamos morrendo. Não é hora para ter medo. Quem aqui irá se irritar com suas palavras? Eu não, mesmo que me aponte como a causa da peste. Quem seria então? — Passeou o olhar pelos homens. Todos balançaram negativamente a cabeça.

— Você vê? Nenhum homem, em sã consciência, se atreveria a fazer mal a um sacerdote.

O pescoço de Agamêmnon se enrijeceu como cordas de navio. De repente, percebi como era estranho vê-lo sozinho. Sempre aparecia acompanhado por seu irmão, por Odisseu ou Diomedes. Porém agora esses homens aguardavam a distância, com o resto dos príncipes.

Calcante pigarreou.

— Os augúrios revelaram que quem está encolerizado é o deus Apolo.

Apolo. Esse nome percorreu a multidão como vento no calor do verão.

Os olhos de Calcante se voltaram para Agamêmnon e depois para Aquiles. Ele engoliu em seco e continuou:

— Ele está ofendido, segundo os presságios, por causa do tratamento dado a seu dedicado servo Crises.

Os ombros de Agamêmnon estavam rígidos.

Calcante prosseguiu:

— Para apaziguá-lo, a jovem Criseida deve ser devolvida sem resgate e o grande rei Agamêmnon terá de oferecer preces e sacrifícios. — A última palavra saiu como um jato, como se ele de repente houvesse ficado sem ar.

O rosto de Agamêmnon enrubescera com o choque. Parecia o cúmulo da arrogância e da estupidez não ter ele pressentido que cometera uma ofensa — mas não pressentira. O silêncio era tão profundo que eu julgava ouvir os grãos de areia rangendo aos nossos pés.

— Obrigado, Calcante — disse Agamêmnon, fazendo o ar estremecer com sua voz. — Obrigado por sempre nos trazer boas notícias. Da última vez, foi minha filha. Mate-a, você disse, pois irritou a deusa. Agora, procura humilhar-me diante do exército.

Ele correu o olhar pelos homens; sua face contorcida de raiva.

— Não sou seu general? Não me empenho em alimentá-los, vesti-los, honrá-los? Meus micênios não são o maior contingente do exército? A jovem me pertence, foi-me dada em partilha, e não a devolverei. Esqueceram-se por acaso de quem sou eu?

Fez uma pausa, como se esperasse que todos gritassem “Não, não!”. No entanto, ninguém gritou.

— Rei Agamêmnon — interveio Aquiles, dando um passo à frente. Sua voz era descontraída, quase zombeteira. — Ninguém decerto se esqueceu de que você é o comandante supremo desta hoste. Porém parece não se lembrar de que nós também, por direito próprio, somos reis, príncipes ou chefes de família. Somos aliados, não escravos. — Alguns homens expressaram sua concordância com gestos de cabeça; outros teriam gostado de fazê-lo. — Agora, enquanto morremos, você se queixa da perda de uma garota que deveria ter devolvido contra resgate há muito tempo. Nada diz sobre as vidas que pôs a perder nem da peste que fez surgir.

Agamêmnon emitiu um som inarticulado; a face rubra de cólera. Aquiles levantou a mão.

— Não pretendo desonrá-lo. Só quero pôr fim à peste. Mande a jovem de volta a seu pai, e tudo estará resolvido.

O rosto de Agamêmnon estava crispado pela raiva.

— Eu o entendo, Aquiles. Acha que, por ser filho de uma ninfa marinha, tem o direito de se exibir como grande príncipe onde quer que esteja. Você nunca soube qual é o seu lugar entre os homens.

Aquiles abriu a boca para replicar.

— Fique calado — ordenou Agamêmnon, as palavras vibraram como um chicote. — Não diga nem mais uma palavra ou se arrependerá.

— Ou me arrependerei? — O rosto de Aquiles estava impassível. Falava baixo, mas de maneira audível. — Não creio, grande rei, que você possa se permitir falar assim comigo.

— Está me ameaçando? — rugiu Agamêmnon. — Vocês o ouviram ameaçar-me?

— Não é uma ameaça. Que será de seu exército sem mim?

A expressão de Agamêmnon era de maldade.

— Você se valoriza demais — zombou ele. — Devíamos tê-lo deixado onde o encontramos; escondido atrás das saias de sua mãe. E de saia, você mesmo.

Os homens começaram a murmurar, confusos entre si.

As mãos de Aquiles estavam crispadas ao lado do corpo; ele mal conseguia se controlar.

— Você fala assim para desviar a atenção de sua pessoa. Se eu não houvesse convocado este conselho, por quanto tempo mais permitiria que seus homens morressem? Você pode me responder isso?

Agamêmnon gritava para encobrir-lhe a voz.

— Quando todos estes bravos se reuniram em Áulis, ajoelharam-se para me prestar lealdade. Todos, menos você. Acho que já toleramos demais sua arrogância. Passa da hora de fazer seu juramento — completou, imitando burlescamente Aquiles.

— Não preciso provar nada a você. A homem nenhum. — A voz de Aquiles era fria; mantinha o queixo erguido em sinal de desdém. — Estou aqui de livre e espontânea vontade, para sorte sua. Eu não me ajoelharei.

Era demais. Senti os homens se agitando à minha volta. Agamêmnon aproveitou-se disso como um pássaro agarrando um peixe.

— Vocês veem como ele é orgulhoso? — E, voltando-se para Aquiles: — Você não vai se ajoelhar?

O rosto de Aquiles estava rígido como pedra.

— Eu não vou.

— Então é um traidor deste exército e será punido de acordo. Seus prêmios de guerra passam ao meu poder até você mostrar obediência e submissão. Comecemos pela garota... chama-se Briseida, não? Ela substituirá a jovem que você me forçou a devolver.

O ar se imobilizou em meus pulmões.

— Ela é minha — disse Aquiles. Cada palavra retalhava como faca de

açougueiro. — Dada a mim por todos os gregos. Você não pode tomá-la. Se tentar, correrá perigo. Pense bem nisso, rei, para não se prejudicar.

A resposta de Agamêmnon veio rápida. Ele não podia se rebaixar diante da multidão. Nunca.

— Não tenho medo de você. Ficarei com a moça. — E, voltando-se para seus micênios, gritou:

— Tragam a garota.

Em torno de mim, os reis pareciam perplexos. Briseida era um prêmio de guerra, uma encarnação viva da honra de Aquiles. Tomando-a, Agamêmnon negava a plena medida de seu valor. Os homens resmungaram e pensei que iriam se opor. Porém ninguém abriu a boca.

Quando se virou, Agamêmnon não percebeu que Aquiles levara a mão ao cabo da espada. Minha respiração ficou suspensa. Eu sabia que ele era capaz de fazer aquilo, um único golpe no coração covarde do rei. Vi o conflito em seu rosto. Ainda não sei por que se deteve; talvez tenha pensado numa punição maior do que a morte para o culpado.

— Agamêmnon — disse ele. Estremeci ante a violência de sua voz. O rei se virou e Aquiles encostou um dedo em seu peito. O grande chefe não pôde reprimir uma exclamação de surpresa. — O que disse hoje provocou sua própria morte e a morte de seus homens. Não lutarei mais por você. Sem mim, eles sucumbirão. Heitor vai transformá-los em ossos e poeira sangrenta; ficarei contemplando esse espetáculo e rindo. Você há de me procurar implorando misericórdia, mas misericórdia é o que não terá. Todos morrerão, Agamêmnon, por causa do que acaba de fazer.

Lançou uma cusparada aos pés do rei. Em seguida, caminhou em minha direção e passou por mim — e eu, assombrado, voltei-me para ver os mirmidões às minhas costas, centenas de homens abrindo caminho entre a multidão e se dirigindo para suas tendas.

Atravessou velozmente a praia. Sua cólera ardia como fogo sob a pele. Tinha os músculos tão retesados que não ousei tocá-lo, temendo que arrebentassem como cordas de arco. Só parou quando chegou ao acampamento. Não se virou para falar aos homens. Agarrou a aba da entrada da tenda e rasgou-a antes de entrar.

Tinha a boca retorcida num feio esgar que eu jamais vira. Os olhos expediam uma chama selvagem.

— Eu vou matá-lo! — jurou ele. — Vou matá-lo! — Agarrou uma lança e partiu-a ao meio, provocando um estalido de madeira estilhaçada. Os pedaços caíram ao chão.

— Quase fiz isso lá — continuou. — E devia tê-lo feito. Como ele *ousa*? — Atirou um jarro para o lado, que se partiu em mil pedaços contra uma cadeira. — Os covardes! Viu como mordiam os lábios e não se atreviam a falar? Espero que Agamêmnon lhes tire todos os prêmios. Espero que os engula um por um.

Lá fora, ouviu-se uma voz hesitante:

— Aquiles?

— Entre — resmungou ele.

Automedonte apareceu, sem fôlego e gaguejando.

— Sinto perturbá-lo. Fênix me pediu que ficasse para ouvir e lhe contar o que aconteceu.

— E então? — perguntou Aquiles.

Automedonte estremeceu.

— Agamêmnon perguntou por que Heitor ainda está vivo. Disse que não precisa de sua ajuda. Que talvez você não seja... o que pensa ser. — Outra lança se partiu nas mãos de Aquiles. Automedonte engoliu em seco.

— Estão vindo buscar Briseida.

Aquiles virou as costas para mim de forma que eu não visse seu rosto.

— Deixe-nos — ordenou ao cocheiro. Automedonte saiu e ficamos sós.

Eles estavam vindo buscar Briseida. Levantei-me, de mãos crispadas. Sentia-me forte, indomável, como se meus pés atravessassem o chão até o outro lado do mundo.

— Temos de fazer alguma coisa — sugeri. — Podemos escondê-la. Nos bosques ou...

— Agora ele me pagará — rugiu Aquiles. Havia uma nota de triunfo em sua voz. — Que apareça para levá-la! Ele próprio se condenou.

— Que quer dizer?

— Preciso falar com minha mãe. — E virou-se para sair da tenda.

Segurei-lhe o braço.

— Não há tempo. Quando você voltar, eles já terão levado a moça. Precisamos tomar uma decisão agora mesmo!

Ele parou. Seus olhos eram estranhos, as pupilas estavam dilatadas e escuras fazendo com que o rosto ficasse menor. Parecia estar muito longe dali.

— Do que está falando?

Fitei-o, espantado.

— Briseida.

Ele olhou para trás; eu não conseguia acompanhar a emoção que palpitava em seus olhos.

— Eu não posso fazer nada por ela — disse enfim. — Se Agamêmnon escolheu esse caminho, deverá arcar com as consequências.

A sensação de estar mergulhando nas profundezas do oceano pesou sobre mim como pedra.

— Você não vai permitir que Agamêmnon a leve.

Ele olhou para o outro lado; não queria me encarar.

— A escolha foi dele. Eu o adverti sobre o que aconteceria caso persistisse em sua decisão.

— Você sabe bem o que ele fará com ela.

— A escolha foi dele — repetiu Aquiles. — Pretende despojar-me de minha honra? Pretende punir-me? Pois que o faça. — Seus olhos ardiam com um fogo interior.

— Então não vai ajudá-la?

— Não há nada que eu possa fazer — insistiu ele em tom definitivo.

Senti uma vertigem, como se houvesse bebido. Não conseguia falar nem pensar. Nunca ficara encolerizado com ele antes, não sei por quê.

— Briseida é uma de nós. Como pode deixar que Agamêmnon a leve? Onde está sua honra? Vai permitir que ele a violente?

De súbito, compreendi tudo. A náusea me dominou. Virei-me para a porta.

— Aonde você vai? — ele perguntou.

Minha voz soou áspera e selvagem.

— Preciso avisá-la. Ela tem o direito de saber o que você decidiu.



Paro diante de sua tenda. É pequena, fechada com mantas de couro.

— Briseida — ouço-me dizer.

— Entre! — Sua voz é afetuosa e alegre. Durante a peste, só tivemos oportunidade de conversar sobre o estritamente necessário.

Lá dentro, vejo-a sentada num banco com um pilão no colo. No ar, paira um forte aroma de noz-moscada. Briseida sorri.

A dor me aflige. Como dar-lhe a notícia?

— Eu... — não consigo ir adiante e me calo. Ela observa meu rosto e seu sorriso desaparece. Levanta-se devagar e vem para junto de mim.

— O que foi? — Ela encosta a pele fria de seu pulso em minha testa. — Está doente? E Aquiles, ele está bem? — A vergonha me domina. Porém não há lugar para a autopiedade. Os homens estão chegando.

— Algo aconteceu — digo. Minha língua parece inchada dentro da

boca; as palavras não saem naturalmente. — Aquiles falou hoje aos soldados. A peste é obra de Apolo.

— Foi o que pensamos. — Faz um aceno de cabeça, a mão pousada gentilmente na minha, para me reconfortar. Não sei como lhe dizer tudo.

— Agamêmnon não quis... Estava furioso... Ele e Aquiles se desentenderam. E Agamêmnon resolveu castigá-lo.

— Castigá-lo? Como?

Agora percebe algo em meus olhos. Seu rosto se torna sério, recolhido. Tenso.

— O que está acontecendo?

— Ele mandou homens. À sua procura.

Percebo em seus olhos o pânico, que ela, entretanto, tenta disfarçar. Seus dedos apertam os meus.

— Que acontecerá?

Minha vergonha queima, cauterizando cada nervo. É um pesadelo; espero, a cada momento, despertar aliviado. Mas não despertarei: é tudo verdade. Aquiles não a ajudará.

— Ele... — não posso continuar.

Mas é suficiente. Ela adivinha tudo. Sua mão direita se crispa nas dobras do vestido, amarrotado e gasto por causa do trabalho duro dos últimos nove dias. Arrisco algumas palavras de consolo — nós a tomaremos de volta, tudo acabará bem... — Mentiras, nada mais que mentiras. Ambos sabemos o que lhe acontecerá na tenda de Agamêmnon. Aquiles também sabe e, mesmo assim, abandona-a.

Minha cabeça se enche de imagens cataclísmicas, apocalípticas: anseio por terremotos, erupções, dilúvios. Só isso me parece terrível o bastante para calar minha ira e minha dor. Quero ver o mundo entornar como um cesto de ovos, despedaçados aos meus pés.

Uma trombeta soa lá fora. Ela leva a mão ao rosto para enxugar as lágrimas.

— Vá — ela diz baixinho. — Por favor.

# Capítulo 26

A distância, dois homens avançam em nossa direção pela longa faixa de praia, trajando a púrpura brilhante do acampamento de Agamêmnon estampada com seu símbolo heráldico. Sei quem são: Taltíbio e Euríbates, os principais mensageiros do rei, considerados homens discretos de seu círculo mais íntimo. O ódio me sobe à garganta. Gostaria que morressem.

Estão perto agora, depois de passar pelos imponentes guardas mirmidões, que fizeram retinir suas armaduras em sinal de ameaça. Estacam a dez passos de nós — o suficiente, talvez pensem, para escapar de Aquiles caso ele perca a cabeça. Começam a me ocorrer imagens perturbadoras: Aquiles saltando para lhes cortar a garganta, deixando-os flácidos como coelhos mortos na mão do caçador.

Taltíbio e Euríbates esboçam um cumprimento, arrastando os pés, com os olhos baixos. Finalmente, anunciam:

— Nós viemos para levar a jovem.

A resposta de Aquiles é fria e amarga, mas também ambígua. Procura conter a ira. Está dando mostras — eu sei — de gentileza e tolerância, mas ainda assim meus dentes rangem diante da serenidade de seu tom. Gosta de apresentar essa imagem, a do homem injustiçado, que aceita estoicamente o roubo de seu prêmio, um martírio para o acampamento inteiro deplorar. Ouço meu nome e vejo-os olhando para mim. Devo entregar-lhes Briseida.

Ela me espera. Tem as mãos vazias; não vai levar nada consigo.

— Sinto muito — digo em voz baixa. Ela não me garante que está tudo bem; não está. Inclina-se para mim e posso sentir a doçura tépida de seu

hálito. Seus lábios roçam os meus. Em seguida, ela dá um passo à frente.

Taltíbio pega-a por um braço, Euríbates pelo outro. Seus dedos pressionam com rudeza a pele da jovem. Arrastam-na apressadamente, ansiosos para se ver livres de nós. Ela tem de acompanhá-los, do contrário, cairá. Vira a cabeça para nos fitar e o desespero em seus olhos me deixa doente. Volto-me para Aquiles; talvez erga a cabeça, mude de ideia. Isso não acontece.

Agora já estão fora de nosso acampamento, andando depressa. Num instante, e não mais os distingo das outras silhuetas escuras que se desenham contra a areia — comendo, caminhando e tagarelando sobre seus reis brigões. A cólera me queima como as chamas de uma fogueira.

— Como pode deixá-la ir? — pergunto, ainda rangendo os dentes.

Seu rosto está inexpressivo, impenetrável, indecifrável como uma língua estrangeira. Ele diz apenas:

— Tenho de falar com minha mãe.

— Então vá — eu rosno.

Observo-o enquanto se afasta. Meu estômago queima como brasa; minhas palmas doem onde minhas unhas se cravaram nelas. *Não conheço este homem*, penso. Não é alguém que eu já tenha visto antes. A raiva que sinto por ele escalda como sangue. Jamais o perdoarei. Vem-me a vontade de destruir nossa tenda, quebrar a lira, apunhalar-me no ventre e sangrar até a morte. Quero ver seu rosto desolado de dor e arrependimento. Quero arrancar a fria máscara de pedra que ocultou o menino de outrora. Ele entregara Briseida a Agamêmnon sabendo muito bem o que lhe sucederia.

Acha agora que ficarei aqui esperando, impotente e submisso. Nada posso oferecer a Agamêmnon em troca da segurança da jovem. Não conseguiria demovê-lo, seria inútil suplicar-lhe. O rei de Micenas aguardou por muito tempo seu instante de triunfo. Não libertará Briseida. É como um lobo vigiando sua carniça. Havia lobos assim no

Pélion, capazes de caçar um homem quando esfomeados. “Se um deles o atacar”, recomendara Quíron, “dê-lhe algo que ele prefira a você.”

Só há uma coisa que Agamêmnon prefere a Briseida. Saco o punhal do cinto. Nunca gostei de sangue, mas agora não há outra saída.



Os guardas, surpresos, nem chegam a levantar suas armas. Um ainda teve presença de espírito para me segurar, mas cravo as unhas em seu braço e ele me solta. Seus rostos estão perplexos, desnorteados. Não sou apenas o bichinho de estimação de Aquiles? Se fosse um guerreiro, lutariam comigo, mas não sou. Quando concluem que precisam deter-me, já estou dentro da tenda.

A primeira coisa que vejo é Briseida. De mãos amarradas, encolhida a um canto. Agamêmnon, de costas para a entrada, conversa com ela.

Vira-se, irritado com a intrusão. Porém, quando põe os olhos em mim, seu rosto se ilumina de triunfo. Vim implorar, é o que pensa. Estou aqui para pedir misericórdia, como embaixador de Aquiles. Ou talvez vá fazer uma demonstração de raiva impotente, para seu divertimento.

Ergo o punhal e os olhos de Agamêmnon se dilatam. A mão desce em busca da arma em seu cinto e a boca se abre para chamar os guardas. Não tem tempo para emitir uma palavra. Golpeio meu pulso esquerdo. O corte é superficial, não suficientemente profundo. Golpeio de novo e dessa vez encontro a veia. O sangue espirra para todos os lados naquele espaço exíguo. Ouço o grito de horror de Briseida. O rosto de Agamêmnon fica salpicado de gotas vermelhas.

— Juro que as notícias que trago são verdadeiras — digo. — Juro-o por meu sangue.

Agamêmnon recua. O sangue e o juramento detêm sua mão; ele sempre foi supersticioso.

— Pois bem — replica num tom que pretende exibir dignidade —, que notícias são essas?

Sinto o sangue escorrer de meu pulso, mas nada faço para estancá-lo.

— Você corre um grande perigo — aviso.

Ele esboça um riso de escárnio.

— Está me ameaçando? Foi para isso que ele o enviou?

— Não. Ele não me enviou de modo nenhum.

Agamêmnon semicerra os olhos e percebo sua mente trabalhando, tentando ajustar as peças do enigma.

— Mas, sem dúvida, você veio com sua permissão.

— Não — repito.

Agora ele ouve atentamente.

— Aquiles sabe quais são suas intenções com relação à garota — declaro.

Com o canto do olho, vejo Briseida acompanhando nossa conversa, mas não a encaro. Meu pulso lateja e sinto o sangue quente inundar minha mão, depois escorrer. Deixo cair o punhal e pressiono com o polegar a veia, a fim de retardar a rápida drenagem de minhas forças.

— E então?

— Não adivinha por que ele sequer tentou impedi-lo de trazer a garota? — Meu tom é desdenhoso. — Poderia ter matado seus homens, todo o seu exército. Não acha que lhe seria fácil mantê-lo a distância?

O rosto de Agamêmnon está vermelho. Mas não o deixo falar.

— Aquiles permitiu que a tomasse. Sabe que não resistirá ao desejo de levá-la para a cama e que isso será sua ruína. Briseida pertence a ele, obtida por bons serviços prestados. Os homens se voltarão contra você, caso a violente, e os deuses também.

Falo lentamente de propósito e todas as palavras atingem o alvo como flechas certeiras. O que digo é verdade, embora Agamêmnon, cego de orgulho e luxúria, não o tivesse percebido. Briseida está com

Agamêmnon, mas ainda é o prêmio de Aquiles. Violá-la é violar o próprio Aquiles, é dirigir o maior dos insultos à sua honra. Ele poderá matá-lo por isso e até Menelau acharia esse ato justo.

— Você chegou ao limite de seu poder ao reivindicar a jovem. Os homens o permitiram porque Aquiles se mostrou petulante, mas não tolerarão que vá além.

Obedecemos aos nossos reis, mas apenas quando eles agem com justiça. Se o prêmio do *Aristos Achaion* não está seguro, o prêmio de ninguém está. Um rei que se comporta dessa maneira não consegue governar por muito tempo.

Agamêmnon não havia pensado nessas coisas. Agora, a verdade cai sobre ele em ondas, afogando-o. Desesperado, ele grita:

— Meus conselheiros nada me disseram sobre isso!

— Talvez ignorem o que pretende fazer. Ou talvez o fato sirva a seus próprios interesses. — Calo-me por um instante a fim de permitir que reflita sobre essas palavras.

— Quem comandará se você cair?

Agamêmnon sabe a resposta. Odisseu e Diomedes em parceria, com Menelau fazendo as vezes de figura decorativa. Começa a entender, finalmente, a importância do presente que eu lhe trouxe. Não chegaria onde está se fosse tolo.

— Você o traiu vindo me advertir.

Era verdade. Aquiles dera a Agamêmnon uma espada sobre a qual se precipitar e eu detivera sua mão. As palavras saem ásperas e amargas.

— Eu sei.

— Por quê? — ele pergunta.

— Porque ele está errado — eu respondo. Sinto a garganta seca e áspera, como se houvesse engolido sal e areia.

Agamêmnon me examina detidamente. Sou conhecido pela honestidade, pela brandura. Não há motivo para desconfiar de mim.

— Agiu bem — diz ele. — Mostrou-se leal para com seu verdadeiro senhor. — Faz uma pausa, saboreando essas palavras, absorvendo-as. — Ele sabe o que você fez?

— Ainda não — eu digo.

— Ah! — Cerra os olhos, imaginando a cena. O orgulho toma conta dele novamente. Conhece bem a dor. Não há nada que possa angustiar Aquiles tanto quanto isto: ser traído em proveito de seu pior inimigo pelo homem mais próximo de seu coração.

— Se ele vier e se ajoelhar pedindo perdão, juro que vou libertá-la. O orgulho dele é que lhe tira a honra, não eu. Diga-lhe isso.

Não respondo. Aproximo-me de Briseida e corto as cordas que a prendem. Os olhos dela estão bem abertos; sabe o que isso me custou.

— Seu pulso — ela sussurra. Não posso lhe responder. Minha cabeça é um torvelinho de triunfo e desespero. A areia, no chão da tenda, está vermelha de sangue.

— Trate-a bem — eu peço.

Viro-me e saio. Ela agora ficará segura, digo a mim mesmo. Agamêmnon exulta com o presente que lhe dei. Arranco uma tira de minha túnica para envolver o pulso. Estou atordoado, não sei se pela perda de sangue ou por aquilo que fiz. Devagar, inicio a longa caminhada de volta pela praia.



Vejo-o de pé à entrada da tenda quando chego. Sua túnica está molhada no lugar onde se ajoelhou no mar. A expressão é taciturna, gasta como roupa velha; não muito diferente da minha.

— Aonde você foi?

— Ao acampamento. — Agora me sinto pronto para lhe dizer tudo.

— Como vai sua mãe?

— Bem. Você está sangrando.

A atadura estava ensopada.

— Eu sei — respondo.

— Deixe-me ver isso. — Sigo-o docilmente ao interior da tenda. Ele pega meu braço e retira a atadura. Traz água para limpar a ferida e cobre-a com uma pasta de milefólio e mel.

— Faca? — pergunta ele.

— Sim.

Sabemos que a tempestade é iminente; esperaremos o tempo que for necessário. Ele envolve a ferida com ataduras limpas. Serve-me comida e vinho diluído em água. Percebo, por sua expressão, que estou pálido e fraco.

— Vai me dizer quem o feriu?

Eu poderia responder: *você*. Mas isso seria uma puerilidade.

— Eu mesmo.

— Por quê?

— Prestei um juramento. — Não há razão para esperar mais. Eu o encaro.

— Fui procurar Agamêmnon e contei-lhe sobre seu plano.

— Meu plano? — Seu tom é vago, quase apático.

— Deixar que ele violente Briseida para você se vingar dele. — Dizer isso em voz alta é mais difícil do que eu esperava.

Ele se levanta, virando-se um pouco de lado para esconder o rosto. Porém percebo a tensão em seus ombros, a tensão em seu pescoço.

— Então você o preveniu?

— Sim.

— Sabe que, se ele molestasse Briseida, eu poderia matá-lo. — O mesmo tom indiferente. — Ou exilá-lo. Arrancá-lo do trono. Os homens me reverenciariam como a um deus.

— Eu sei — limito-me a dizer.

Há um silêncio, um silêncio perigoso. Continuo esperando que ele se vire. Para gritar ou agredir-me. Por fim, ele me encara.

— A segurança dela em troca de minha honra. Está satisfeito com a barganha?

— Não há mérito em trair os amigos.

— É estranho — observa Aquiles — ouvi-lo recriminar a traição.

Essas palavras soam mais amargas do que posso suportar. Obrigo-me a pensar em Briseida.

— Era a única maneira.

— Você a preferiu a mim — disse ele.

— A seu orgulho. — O termo que empreguei foi *hubris*. Nossa palavra para a arrogância que sobe até as estrelas, para a cólera incontida, violenta e repulsiva como a dos deuses.

Ele cerra os punhos. Agora, talvez me ataque.

— Minha vida é minha reputação — diz por fim. Ouço o arfar dissonante de seus pulmões. — É tudo o que possuo. Não viverei por muito tempo. Só posso contar com a fama. — Engole em seco. — Você sabe disso. Gostaria que Agamêmnon a destruísse? Gostaria de ajudá-lo a tirá-la de mim?

— Não — eu respondo. — Mas gostaria que você fosse digno da fama. Quero que você seja você mesmo e não um tirano lembrado pela crueldade. Há outras maneiras de obrigar Agamêmnon a pagar pelo que fez. Nós o obrigaremos. Vou ajudá-lo, prometo. Mas não desta maneira. Fama nenhuma vale o que você fez hoje.

Ele se vira de novo para o lado, em silêncio. Fico observando suas costas imóveis. Memorizo cada dobra de sua túnica, cada grão de sal e areia colado à sua pele.

Quando ele retoma finalmente a palavra, sua voz parece cansada, abatida. Também não sabe como ficar com raiva de mim. Somos como madeira úmida, que não pega fogo.

— Então ela está segura? Deve estar... Do contrário, você não teria voltado.

— Sim, está segura.

— Você é melhor que eu — desabafa Aquiles. Noto a fadiga em sua respiração.

Um vestígio de esperança. Infligimo-nos feridas um ao outro, mas elas não são mortais. Briseida não será molestada, Aquiles voltará a ser o que era e o corte em meu pulso cicatrizará. Depois disso, os momentos se sucederão normalmente.

— Não, não sou — replico, levantando-me e caminhando em sua direção. Corro os dedos por sua pele tépida. — Isso não é verdade. Você esteve fora de si hoje. Agora, voltou.

Seus ombros se erguem e abaixam numa respiração profunda.

— Não fale assim — ele murmura. — Espere até ouvir o resto do que fiz.

# Capítulo 27

Vejo três pedrinhas no tapete da tenda, trazidas por nossos pés ou ali caídas por acaso. Apanho-as. Pelo menos, são alguma coisa com que me ocupar.

Seu cansaço desaparece quando fala:

— Não lutarei mais por ele. A todo momento, procura me roubar a glória que mereço. Lançar-me na sombra e na dúvida. Não tolera que outro homem seja honrado mais que ele. Porém aprenderá a lição. Vou lhe mostrar quanto vale seu exército sem o *Aristos Achaion*.

Não digo nada. Sinto a ira recrudescendo nele. É como pressentir uma tempestade se aproximando e não ter abrigo.

— Os gregos não conseguirão defendê-lo sem mim. Será obrigado a implorar ou morrer.

Lembro-me de como me parecera quando saiu para ver a mãe. Selvagem, febril, duro como pedra. Imagino-o ajoelhado diante dela, chorando de raiva e esmurrando as ásperas rochas marinhas. Insultaram-no, grita para a deusa. Desonraram-no. Arruinaram sua reputação imortal.

Ela ouve, acariciando distraidamente o longo pescoço branco, liso como a pele de uma foca, e concorda com um aceno de cabeça. Tem uma ideia, uma ideia típica dos deuses, repleta de vingança e cólera. Ela fala e o pranto de Aquiles cessa imediatamente.

— Ele fará isso? — pergunta Aquiles, surpreso. Refere-se a Zeus, rei dos deuses, cuja cabeça está envolta em nuvens, cujas mãos vibram o próprio raio.

— Ele fará isso — garante Tétis. — Deve-me um favor.

Zeus, o grande justiceiro, esquecerá sua balança. Permitirá que os gregos sofram derrota após derrota até ser empurrados para o mar, tropeçando em âncoras e cabos, com mastros e proas se estilhaçando às suas costas. Saberão então a quem recorrer.

Tétis se inclina e beija o filho, deixando-lhe no rosto uma marca rosada, semelhante a uma estrela-do-mar. Volta-se em seguida e desaparece, mergulhando nas profundezas da água como uma pedra.

Abro os dedos e deixo cair os seixos no chão, onde ficam imóveis por acaso ou de propósito — um augúrio ou um acidente. Se Quíron estivesse aqui, poderia lê-los, contar os nossos destinos. Mas não está.

— E se Agamêmnon não vier suplicar-lhe? — pergunto.

— Então, morrerá. Todos morrerão. Não lutarei enquanto ele não me procurar. — Ergue o queixo em desafio.

Sinto-me cansado. Meu braço dói por causa da ferida e minha pele está coberta por um suor doentio. Não respondo.

— Ouviu o que eu disse?

— Ouvi. Todos os gregos morrerão.

Quíron observou, certa vez, que as nações são o invento mais tolo da humanidade: "Nenhum homem vale mais que outro, não importa de onde venha". "Mas e se for seu amigo?", ponderara Aquiles, os pés encostados à parede de quartzo-rosa da caverna. "Ou seu irmão? Você o trataria do mesmo modo que a um estranho?" "Essas são perguntas que intrigam os filósofos", prosseguira Quíron. "Valerá mais para você, talvez; mas o estranho também é amigo ou irmão de alguém. Então, que vida nós podemos considerar mais importante?"

Ficáramos em silêncio. Tínhamos 14 anos e aquelas eram questões difíceis para nós. E agora que temos 27, continuam sendo.

Aquiles é metade de minha alma, como dizem os poetas. Morrerá logo e dele só restará sua glória. Ela é seu filho, seu eu mais querido. Devo recriminá-lo por isso? Salvei Briseida. Não posso salvar a todos.

Sei agora que resposta daria a Quíron. Diria: não há resposta. Qualquer escolha é errada.



MAIS TARDE, NAQUELA NOITE, volto ao acampamento de Agamêmnon. Enquanto caminho, sinto olhos cravados em mim, curiosos e compassivos. Espionam-me para ver se Aquiles me acompanha. Ele não o faz.

Quando lhe conto aonde estou indo, ele parece recuar de novo para as sombras.

— Diga-lhe que lamento muito — pede, baixando os olhos. Não respondo. Lamenta porque agora tem uma vingança melhor pela frente? Porque ferirá não apenas Agamêmnon, mas todo o seu exército de ingratos? Não me permito insistir nesse pensamento. Ele lamenta. É o quanto basta.

— Entre — convida ela numa voz estranha. Veste um traje entretecido de fios de ouro e um colar de lápis-lazúli. Traz nos pulsos braceletes de prata gravada. Ao levantar-se, produz um tinido, como se envergasse uma armadura.

Está envergonhada, não há dúvida. Contudo, não temos tempo de conversar porque logo em seguida Agamêmnon entra pela estreita abertura às minhas costas.

— Vê como a trato bem? — exclama ele. — O acampamento inteiro saberá como estimo Aquiles. Ele só precisa pedir desculpas e lhe concederei as honras que merece. É verdadeiramente lamentável que uma pessoa tão jovem tenha tanto orgulho.

A presunção em seu semblante me irrita. Mas que podia eu esperar? Fui o responsável por tudo. *A segurança dela em troca da honra dele.*

— Isso conta muito a seu favor, grande rei — declaro.

— Informe a Aquiles — prossegue Agamêmnon — como a estou tratando bem. Podem vir visitá-la quando quiserem. — Exibe um sorriso desagradável e se levanta, observando-nos. Não tem intenção de sair.

Volto-me para Briseida. Aprendi um pouco de sua língua e agora posso usar esse conhecimento.

— Você está bem mesmo?

— Estou — garante ela no ritmo lento do falar anatoliano. — Mas até quando?

— Não sei — confesso. E, de fato, não sei. De quanto calor precisa o ferro para amolecer e ser dobrado? Inclino-me para ela e, suavemente, beijo-lhe o rosto. — Voltarei logo — completo, em grego.

Briseida aquiesce com um leve gesto de cabeça.

Agamêmnon me segue com os olhos, quando me afasto. Ouço-o perguntar:

— Que foi que ele lhe disse?

— Que gostou do meu vestido — é a resposta de Briseida.



Na manhã seguinte, todos os outros reis marcham com seus homens ao encontro do inimigo. O exército de Fítia não. Aquiles e eu nos demoramos no desjejum. E por que nos apressaríamos? Não temos nada a fazer. Podemos nadar, se quisermos, jogar damas ou passar o resto do dia correndo. Não dispomos de tanto lazer desde o Pélion.

Entretanto não parece lazer. Parece mais um fôlego contido, como o da águia antes de atacar a presa. Meus ombros descaem e fico, a contragosto, contemplando a praia vazia. Esperamos para ver o que os deuses farão.

E não esperaremos muito.

# Capítulo 28

Naquela noite, Fênix subiu coxeando pela praia, trazendo-nos notícias de um duelo. Quando os exércitos se perfilaram de manhã, Páris percorreu a linha troiana com sua armadura dourada faiscando. Propunha um desafio: um combate singular; quem ganhasse ficaria com Helena. Os gregos gritaram sua aprovação. Qual deles não quereria acabar com o impasse? Recuperar Helena numa única luta e resolver tudo de uma vez por todas? Páris parecia um alvo fácil, esguio, de quadris estreitos como os de uma adolescente. Porém foi Menelau quem se apresentou, disse Fênix, feliz com a oportunidade de resgatar sua honra e sua esposa de um só golpe.

O duelo começou com as lanças e logo passou para as espadas. Páris era mais rápido do que Menelau imaginara; não um lutador, mas um dançarino. Por fim, deu um passo em falso e Menelau agarrou-o pelo longo penacho do elmo, atirando-o ao chão. Os pés do príncipe troiano se agitavam inutilmente e seus dedos puxavam a tira do elmo, que ameaçava sufocá-lo. Então, de repente, o elmo ficou livre nas mãos de Menelau e Páris escapou. Onde ele se debatera só se via agora o chão poeirento. Os espectadores, olhando para todos os lados, se perguntavam: para onde ele foi? Menelau, procurando o fugitivo, não viu a flecha atirada por um arco de chifre de algum ponto entre as linhas troianas. Ela atravessou a couraça e atingiu seu estômago.

O sangue, escorrendo-lhe pelas pernas, formou poças a seus pés. Era um ferimento superficial, mas os gregos ainda não sabiam disso. Em altos brados, carregaram contra as fileiras troianas, furiosos com tamanha perfídia. Seguiu-se uma luta sangrenta.

— Mas o que aconteceu com Páris? — perguntei.

Fênix balançou a cabeça.

— Não sei.



Os dois lados combateram durante toda a tarde até que outra trombeta soou. Era Heitor, oferecendo uma segunda trégua e um segundo duelo para lavar a desonra da fuga de Páris e do disparo da flecha. Ofereceu-se no lugar do irmão para lutar contra quem quer que se apresentasse. Segundo Fênix, Menelau daria de novo um passo à frente caso Agamêmnon não o impedisse. Este não queria vê-lo morrer nas mãos do mais forte dos troianos.

Os gregos sortearam o nome de quem lutaria com Heitor. Eu podia imaginar sua tensão, o silêncio antes de o elmo ser agitado e o dado revelar o resultado. Odisseu se abaixou para apanhá-lo. *Ájax*. O alívio foi geral: ele era o único homem que tinha alguma chance contra o príncipe troiano — isto é, o único entre os que estavam combatendo.

Ájax e Heitor se engalfinharam, lançando um contra o outro grandes pedras e lanças que amassavam escudos, até a noite cair e os arautos anunciarem o fim da luta. Numa estranha mostra de civilidade, os dois exércitos se separaram em paz, enquanto Heitor e Ájax se davam as mãos como iguais. Os soldados resmungavam — o final teria sido outro se Aquiles estivesse ali.

Dadas as notícias, Fênix se levantou cansado e voltou coxeando para sua tenda com a ajuda de Automedonte. Aquiles me encarou. Respirava com dificuldade, os lóbulos das orelhas rubros de excitação. Segurou minha mão e falou-me dos acontecimentos do dia, de como seu nome estivera nos lábios de todos, da falta que fizera, ele, grande como um ciclope a caminhar pesadamente em meio aos soldados. As paixões do

dia inflamavam-no como chama em erva seca. Pela primeira vez, ansiava por matar: o golpe glorioso, sua lança fatal atravessando o coração de Heitor. Minha pele formigava ao ouvi-lo falar assim.

— Está vendo? — exclamou ele. — Isto é só o começo!

Não pude me furtar à sensação de que, abaixo da superfície, algo se rompia.



No dia seguinte, ao amanhecer, uma trombeta soou. Levantamo-nos e subimos a colina, de onde avistamos um destacamento de cavalaria galopando para Troia, vindo do leste. Os cavalos eram grandes e corriam com uma velocidade fantástica, arrastando atrás de si carros leves. Vinha à frente um homem enorme, maior até que Ájax. Os cabelos negros, longos e untados como os dos espartanos desciam-lhe pelas costas. Empunhava um estandarte com a imagem de uma cabeça de cavalo.

Fênix se juntara a nós.

— Os lícios — explicou. — Povo da Anatólia, aliado de Troia há muito tempo. Já causava espanto que ainda não houvessem acorrido para participar da guerra. Mas agora, como que convocados pelo próprio Zeus, ei-los aqui.

— Quem é? — perguntou Aquiles, apontando para o gigante, seu líder.

— Sarpédon. Filho de Zeus. — O sol incidia sobre os ombros do lício, cobertos pelo suor da jornada; sua pele era de um dourado escuro.

As portas se abriram e os troianos irromperam em massa para se juntar a seus aliados. Heitor e Sarpédon deram-se as mãos; em seguida, conduziram suas tropas a campo. As armas dos lícios eram estranhas: dardos denteados e coisas que mais pareciam anzóis gigantescos, feitos para se cravar na carne. O dia inteiro, ouvimos seus gritos de guerra e o bater das ferraduras de seus cavalos. Não tardou e já havia grande

número de gregos feridos na tenda de Macaonte.

Fênix compareceu ao conselho da noite, o único membro de nosso acampamento que ainda não caíra em desgraça. De volta, olhou severamente para Aquiles:

— Idomeneu foi ferido e os lícios tomaram nosso flanco esquerdo. Sarpédon e Heitor vão nos esmagar entre seus dois exércitos.

Aquiles pareceu não notar o tom de censura do velho. Voltou-se para mim, em triunfo.

— Ouviu isso?

— Ouvi — limitei-me a responder.

Passou-se um dia, depois outro. Os rumores zumbiam à nossa volta como nuvens de moscas virulentas: o exército troiano avançava invencível e temerário na ausência de Aquiles; em conselhos tumultuados, nossos reis propunham estratégias sugeridas pelo desespero — incursões noturnas, espiões, emboscadas. E ainda: Heitor, ardoroso no campo de batalha, atravessando as fileiras gregas como um incêndio e abatendo a cada dia mais e mais guerreiros. Por fim: fugitivos em pânico falando em retiradas e ferimentos entre os reis.

Aquiles, indiferente a esses boatos, dizia apenas:

— Agora, não vai demorar.

As piras funerárias ardiam a noite inteira e sua fumaça negra empanava a lua. Eu procurava não pensar que conhecia cada um daqueles homens. Que conhecera.



Aquiles está dedilhando a lira quando eles chegam. São três: Fênix na frente, em seguida Odisseu e Ájax.

Permaneço sentado junto de Aquiles ao vê-los entrar. No fundo da tenda, Automedonte prepara a carne para a sopa. Aquiles mantém a

cabeça erguida enquanto canta com voz doce e clara. Endireito-me na cadeira e minha mão solta o pé de Aquiles, que repousava em meu colo.

Os três se aproximam e se postam do outro lado da fogueira, esperando que Aquiles termine. Ele larga o instrumento e se levanta.

— Sejam bem-vindos. Espero que fiquem para comer conosco. — Aperta efusivamente a mão dos recém-chegados, sorrindo para seus rostos carrancudos.

Sei por que vieram.

— Vou apressar o jantar — murmuro. Sinto os olhos de Odisseu cravados em minhas costas enquanto me afasto.

As postas de carne de carneiro gotejam e chiam na grelha. Através da fumaça, observo-os sentados em volta do fogo como se fossem bons amigos. Não consigo ouvir o que dizem, mas Aquiles continua sorrindo, fingindo ignorar a expressão sisuda dos três. Por fim, me chama; não posso mais me esquivar. Sem uma palavra, levo os pratos e sento-me ao lado dele.

Aquiles desvia a conversa para batalhas, armas. Enquanto fala, serve a comida, anfitrião meticuloso que não se esquece de oferecer uma porção maior ao corpulento Ájax. Eles comem e deixam-no tagarelar à vontade. Quando terminam, limpam os lábios e colocam os pratos de lado. Todos sabem que chegou a hora. E é Odisseu, obviamente, quem começa.

Fala, a princípio, de *coisas*, palavras casuais que vai deixando cair em nossos regaços, gota a gota. Na verdade, uma lista. Doze cavalos velozes, sete trípodes de bronze, sete lindas garotas, dez barras de ouro, duzentos caldeirões e muito mais — vasos, taças, armaduras e, por fim, o prêmio maior: a volta de Briseida. Sorri e abre as mãos com o movimento astuto de ombros que conheço desde Ciros, de Áulis e agora de Troia.

Depois, uma segunda lista, quase tão longa quanto a primeira: os nomes sem conta dos gregos que morreram. Aquiles cerra as mandíbulas enquanto Odisseu apresenta tabuinha após tabuinha cheia de marcas até

as margens. Ájax baixa a cabeça e examina as mãos, calejadas pelo manejo da lança e do escudo.

Então Odisseu nos dá notícias que ainda ignorávamos: os troianos estão a menos de mil passos de nossa paliçada, acampados no terreno que acabam de conquistar e que não poderemos reaver antes do crepúsculo. Queremos uma prova? Poderemos sem dúvida avistar seus sinais de fogo do alto da colina que domina nosso acampamento. Atacarão ao amanhecer.

Faz-se silêncio, um longo silêncio antes que Aquiles tome a palavra.

— Não — diz ele, repelindo ao mesmo tempo os presentes e a culpa. Sua honra não é uma ninharia que se compre com as ofertas diplomáticas de uma noite, feitas por um círculo diminuto de homens à volta de uma fogueira. Ela lhe fora arrebatada diante de todo o exército, testemunhada pelo mais obscuro dos soldados.

O rei de Ítaca atiça o fogo à sua frente.

— Ela não foi molestada, você sabe. Briseida. Só os deuses sabem como Agamêmnon conseguiu se refrear, mas a verdade é que a tratou bem. Ela e a honra de Aquiles só esperam para ser reclamadas.

— Você parece insinuar que renunciei à minha honra — observa Aquiles, a voz ácida como vinho novo. — É esse o ardil que teceu? Você é a aranha de Agamêmnon, encarregada de apanhar moscas com suas histórias?

— Muito poético — zomba Odisseu. — Mas amanhã não teremos canções de bardos. Amanhã, os troianos derrubarão a paliçada e incendiarão as naus. Você ficará de longe, sem fazer nada?

— Isso depende de Agamêmnon. Se sanar o mal que me fez, empurrarei os troianos até a Pérsia, se vocês quiserem.

— Diga-me uma coisa — pergunta Odisseu —, por que Heitor não está morto? — Ergue a mão. — Não quero uma resposta, apenas repito o que todos os homens desejam saber. Nos últimos dez anos, você poderia tê-lo

abatido milhares de vezes. E não o fez. Isso dá o que pensar.

Mas seu tom nos diz que não pensa absolutamente no assunto. Que conhece a profecia. Fico aliviado por ele ter a seu lado apenas Ájax, incapaz de entender o que se passa.

— Você ganhou mais dez anos de vida. Bom para você. Mas o resto de nós... — retorce a boca. — O resto de nós tem de suportar seu lazer. Está nos prendendo aqui, meu caro Aquiles. Tinha uma escolha e a fez. Deve agora arcar com as consequências.

Nós o fitamos intrigados. Porém Odisseu ainda não havia terminado.

— Até agora, conseguiu deter com êxito a marcha do destino. Mas não poderá detê-la para sempre. Os deuses não o permitirão. — Fez uma pausa para que captássemos bem cada uma de suas palavras. — Tudo *acontecerá* fatalmente, quer queira, quer não. Dou-lhe um conselho de amigo: faça com que tudo aconteça em seus próprios termos, em seu próprio ritmo, não no ritmo e nos termos dos deuses.

— É justamente o que estou fazendo.

— Muito bem — conclui Odisseu. — Já disse o que tinha a dizer.

Aquiles se levanta.

— Então, é hora de partirem.

— Ainda não — interrompe Fênix. — Eu também tenho algo a dizer. — Devagar, apanhado entre o orgulho e o respeito pelo ancião, Aquiles se senta novamente. Fênix começa: — Quando você era menino, Aquiles, seu pai o entregou a mim para que eu o criasse. Sua mãe havia partido fazia muito tempo, e eu era a única ama que você jamais teria, sempre pronto a preparar sua comida e dar-lhe lições. Agora é um homem e ainda tento protegê-lo, mantendo-o longe da lança, da espada e da insensatez.

Ergo os olhos para Aquiles e noto que está tenso, alerta. Sei do que ele tem medo — de ser envolvido pela lábia do velho, de ser levado por suas

palavras a fazer o que não quer. Pior ainda, uma dúvida repentina: se Fênix concorda com aqueles homens, não estará também errado?

O velho ergue a mão, como para interromper o fluxo desses pensamentos.

— O que quer que faça, estarei a seu lado, como sempre estive. Porém, antes de tomar uma decisão, precisa ouvir uma história.

Aquiles não teve tempo de se opor.

— Na época de seu avô, a cidade do jovem herói Meléagro, Cálidon, estava sitiada por um povo feroz, os curetes.

Conheço essa história. Ouvi Peleu contá-la há anos, enquanto Aquiles sorria para mim em meio às sombras. Ele não tinha ainda sangue nas mãos e nenhuma sentença de morte pendia sobre sua cabeça. Era outra vida.

— No começo, os curetes nada conseguiram, superados pela perícia militar de Meléagro — prossegue Fênix. — Mas então houve um insulto, uma agressão à honra do herói por parte de seu próprio povo e ele se recusou a continuar lutando em defesa da cidade. Os concidadãos lhe ofereceram presentes e desculpas, mas Meléagro não lhes deu ouvidos. Retirou-se amargurado para seu quarto a fim de ficar com a esposa, Cleópatra, que o consolou.

Ao pronunciar o nome dela, os olhos de Fênix se voltaram para mim.

— Então, vendo que a cidade estava prestes a sucumbir e que seus amigos morriam aos montes, Cleópatra não se conteve. Pediu ao marido que voltasse a lutar. Meléagro amava-a mais que a tudo no mundo e concordou, alcançando uma grande vitória para seu povo. Porém, embora os salvasse, chegara tarde demais. Inúmeras vidas haviam sido ceifadas por causa de seu orgulho. Assim, o povo não lhe deu presentes nem gratidão. Apenas ódio por ele não o ter socorrido antes.

No silêncio, posso ouvir a respiração de Fênix, fatigada pela longa narrativa. Não digo nada, não faço um movimento; temo que alguém leia

os pensamentos claramente estampados em meu rosto. Meléagro não lutara pela honra, pelos amigos, pela vitória, pela vingança ou mesmo pela própria vida: lutara por Cleópatra, ajoelhada a seus pés e com a face banhada em lágrimas. Ali estava a astúcia de Fênix: Cleópatra, Pátroclo. O nome dela era o meu, com as sílabas invertidas.

Se Aquiles percebeu isso, não o demonstrou. Seu tom de voz continua respeitoso para com o velho, mas ele persiste na recusa. *Não antes que Agamêmnon devolva a honra que me arrebatou*. Mesmo no escuro, consigo perceber que Odisseu não está surpreso. Posso até ouvir o relatório que fará aos outros reis, abrindo os braços em sinal de desânimo: *Tentei*. Se Aquiles houvesse cedido, tudo bem. Como não cedeu, o fato de desdenhar prêmios e desculpas só parecerá cólera irrefletida ou orgulho insensato. Todos o odiarão — como aconteceu a Meléagro.

Meu peito se confrange de medo, na ânsia de me ajoelhar diante dele e implorar que reconsidere. Porém não me mexo. Como Fênix, já deixei clara minha posição, eu já me decidi. Não mais conduzirei, apenas serei conduzido para a escuridão e mais além: só as mãos de Aquiles manobrarão o leme.

Ájax não tem a paciência de Odisseu: lança-nos um olhar torvo, o rosto contraído de raiva. Muito lhe custa estar aqui, pedir que ocupem o seu posto — pois, com Aquiles longe do campo de batalha, é ele o *Aristos Achaion*.

Depois que saem, levanto-me e dou o braço a Fênix. Está muito cansado esta noite e seus passos são trôpegos. Quando o deixo — velhos ossos estendidos na enxerga — e volto para nossa tenda, Aquiles já adormeceu.

Sinto-me desapontado. Talvez esperasse por uma conversa, por dois corpos num leito, pela certeza de que o Aquiles do jantar não era o único. Mas não o acordo; esgueiro-me para fora da tenda e deixo-o entregue a seus sonhos.



Agacho-me sobre o chão de areia da pequena tenda imersa na penumbra.

— Briseida? — chamo baixinho.

Após um curto silêncio, escuto:

— Pátroclo?

— Sim.

Ela ergue a lona lateral da tenda e me puxa rapidamente para dentro. Seu rosto está contraído de medo.

— É perigoso para você vir aqui. Agamêmnon não consegue conter a ira. Poderá matá-lo. — Suas palavras são um sussurro apressado.

— Pelo fato de Aquiles não ter dado ouvidos à embaixada? — sussurro de volta.

Ela aquiesce com um gesto de cabeça e apaga imediatamente a pequena tocha da tenda.

— Agamêmnon vem aqui frequentemente, para ver o que estou fazendo. Você não está seguro neste lugar. — Na sombra, não posso distinguir a preocupação em seu rosto, mas percebo-a em sua voz. — Tem de ir embora.

— Serei breve. Preciso falar-lhe.

— Então terá de se esconder. Agamêmnon aparece de repente.

— Onde? — A tenda é pequena, só há ali dentro uma cama, almofadas, cobertas e algumas roupas.

— Na cama.

Cerca-me de almofadas e cobre-me com lençóis. Deita-se ao meu lado e puxa as cobertas sobre nós dois. O perfume dela me envolve — tépido e familiar. Encosto a boca em sua orelha e falo num tom pouco mais alto que uma respiração:

— Odisseu disse que amanhã os troianos derrubarão a paliçada e

irromperão no acampamento. Precisamos achar um local para escondê-la. Talvez entre os mirmidões ou na floresta.

Sinto sua face deslizar pela minha quando ela sacode a cabeça.

— Não posso. É onde ele irá me procurar primeiro. Só criaremos mais problemas. Estarei bem aqui.

— Mas e se o acampamento for tomado?

— Então me entregarei a Eneias, o primo de Heitor, se puder. É conhecido como homem piedoso e seu pai viveu como pastor, durante algum tempo, perto de minha aldeia. Se eu não puder, procurarei Heitor ou qualquer outro dos filhos de Príamo.

Balanço a cabeça.

— É muito perigoso. Você não deve se expor.

— Não creio que me farão mal. Eles são o meu povo, afinal de contas.

De repente, sinto-me um tolo. Os troianos, para ela, são libertadores, não conquistadores.

— É claro — apresso-me a dizer. — Você ficará livre, então. Irá com os seus...

— Briseida! — A lona se ergue e Agamêmnon aparece na entrada.

— Sim? — Briseida se senta na cama, tomando cuidado para não me descobrir.

— Estava falando sozinha?

— Rezando, meu senhor.

— Deitada?

Através do tecido grosso, vislumbro o brilho da tocha. A voz de Agamêmnon soa como se ele estivesse bem perto de nós. Não posso me mexer. Ela será punida caso ele me encontre aqui.

— Foi assim que minha mãe me ensinou a rezar, meu senhor. Não é a maneira certa?

— Já deveria conhecer melhor essas coisas. O filhinho da deusa não a corrigiu?

— Não, meu senhor.

— Ofereci-a a ele esta noite, mas recusou. — Percebo a malícia em sua voz. — Se continuar dizendo não, talvez eu a reclame para mim mesmo.

Cerro os punhos. Porém Briseida diz:

— Sim, meu senhor.

Ouço o farfalhar da lona e a luz desaparece. Não me movo nem respiro até Briseida se virar para mim sob as cobertas.

— Você não pode ficar aqui — eu digo.

— Está tudo bem. Ele só faz ameaças. Gosta de me ver amedrontada.

Mas, na verdade, o tom de sua voz me aterroriza. Como deixá-la ali naquela tenda solitária, com pulseiras que mais parecem algemas? No entanto, se eu ficar, ela correrá um perigo ainda maior.

— Já vou — digo por fim.

— Espere. — Toca meu braço. — Os homens... — Hesita. — Estão irritados com Aquiles. Acusam-no de suas baixas. Agamêmnon manda seus homens para o meio deles, a fim de fomentar sua insatisfação. Já nem se lembram da peste. Quanto mais Aquiles se omitir, mais será odiado.

— É o que receio acima de tudo, a história de Fênix transformada em realidade.

— Ele lutará?

— Não antes de Agamêmnon pedir desculpas.

Briseida morde o lábio.

— Os troianos temem-no e odeiam-no mais que a qualquer outro. Eles o matarão amanhã, se puderem, e a todos quantos lhe sejam caros. Tome cuidado.

— Aquiles me protegerá.

— Sei disso — concorda Briseida. — Enquanto viver. Mas talvez nem ele seja páreo para Heitor e Sarpédon juntos. — Hesita de novo. — Se o

acampamento cair, eu vou dizer que você é meu marido. Isso ajudará, espero. Mas não revele o que você era para Aquiles, seria o mesmo que assinar uma sentença de morte. — Aperta meu braço com força. — Prometa-me.

— Briseida — pondero —, se ele morrer, eu não tardarei a segui-lo.

Ela encosta minha mão em sua face.

— Então me prometa outra coisa: que, não importa o que aconteça, não irá embora sem mim. Sei que não pode... — Faz uma pausa. — Mas eu preferiria viver como sua irmã a continuar aqui.

— Nem preciso prometer — respondo. — Eu jamais a deixaria, caso quisesse vir comigo. Sofro além da medida ao pensar que, se a guerra terminar amanhã, talvez nunca mais nos vejamos.

Ela sorri com dificuldade.

— Fico feliz por isso.

Não lhe digo que, a meu ver, jamais irei embora de Troia.

Puxo-a para mim, aninho-a em meus braços. Ela pousa a cabeça em meu peito. Por um instante, não pensamos em Agamêmnon, no perigo, nos gregos prestes a morrer. Só sinto sua delicada mão em meu estômago, a maciez de sua face sob meus dedos. É estranho como este parece ser o lugar dela; com que facilidade passeio os lábios por seu cabelo sedoso, rescendendo a lavanda! Briseida suspira baixinho, aconchegando-se cada vez mais. Quase imagino que minha vida se circunscreve ao doce amplexo de seus braços. Vou me casar com ela, vamos ter um filho.

Talvez, se eu nunca houvesse conhecido Aquiles...

— Devo ir — digo finalmente.

Ela puxa as cobertas, libertando-me. Pega meu rosto entre as mãos e diz:

— Tome cuidado amanhã — sussurra. — Melhor dos homens. Melhor dos mirmidões. — Pousa um dedo em meus lábios, interrompendo

minha objeção. — Isto é verdade. Digamos isso ao menos uma vez. — Em seguida, leva-me para o lado da tenda e ajuda-me a deslizar sob a lona. A última coisa que sinto é sua mão apertando a minha em sinal de despedida.



À NOITE, DEITO-ME AO lado de Aquiles. Sua face é inocente, suavizada pelo sono, quase infantil. Não me canso de admirá-la. Esse é seu verdadeiro eu, tranquilo e honesto, travesso, mas não malicioso. Enredou-se na duplicidade, nas mentiras, nos jogos de poder de Agamêmnon e Odisseu. Eles o confundiram, ludibriaram-no, armaram-lhe uma cilada. Acaricio a pele macia de sua fronte. Eu o libertaria de todas as suas tribulações, se pudesse. E se ele permitisse.

# Capítulo 29

Acordamos ao som de gritos e trovões. Uma tempestade caída do céu azul. Não há chuva, apenas ar cinzento e seco, como que cortado por raios cujo estrépito lembra bofetadas de mãos de gigantes. Corremos para a entrada da tenda a fim de espiar. Uma fumaça acre e escura sobe da praia em nossa direção, trazendo o cheiro de terra queimada pelo fogo do céu. O ataque começou e Zeus faz sua parte, encorajando do alto o avanço dos troianos. O chão ressoa: sem dúvida, a carga dos carros de guerra, liderada pelo enorme Sarpédon.

Aquiles me segura com força, uma expressão dura no rosto. É a primeira vez, em dez anos, que os troianos ameaçam os portões do acampamento, atravessando uma faixa tão larga da planície. Se romperem a paliçada, incendiarão os navios — nosso único meio de voltar para casa, a única coisa que faz de nós um exército e não um bando de refugiados. É o momento que Aquiles e sua mãe tanto desejaram: os gregos, sem sua ajuda, oprimidos e desesperados. A prova cabal, incontestável de seu valor. Mas quando ele achará que já é o bastante? Quando intervirá?

— Nunca — responde, quando lhe faço a pergunta. — Nunca, até Agamêmnon implorar meu perdão ou Heitor invadir o acampamento para ameaçar o que me é caro. Fiz esse juramento.

— E se Agamêmnon morrer?

— Tragam-me seu corpo e lutarei. — Sua face está vincada, inflexível como a estátua de um deus implacável.

— Não teme que os homens o odeiem?

— Deveriam odiar Agamêmnon. O orgulho dele é que os destrói.

*E o seu também*. Mas conheço aquela expressão, a sombria indiferença daqueles olhos. Aquiles não cederá. Não saberia como fazê-lo. Vivi dezoito anos ao seu lado e ele nunca recuou, sempre resistiu. Que acontecerá se for forçado a curvar-se? Receio por ele, eu receio por mim, receio por todos nós.

Vestimo-nos e comemos. Aquiles fala com entusiasmo do futuro. Diz que amanhã nadaremos, subiremos os troncos nus de ciprestes resinosos, veremos abrirem-se os ovos de tartarugas marinhas que já incubam sob a areia aquecida pelo sol. Mas minha mente está longe de suas palavras, confundida pelo tom cinzento insinuante do céu, pela areia fria e pálida como um cadáver, pelos gemidos distantes dos moribundos que conheço. Quantos mais estarão mortos ao fim do dia?

Vejo-o contemplar o oceano estranhamente calmo, como se Tétis lhe houvesse suspendido o fôlego. Os olhos de Aquiles estão escuros e dilatados pela atmosfera enevoada da manhã. A chama de seus cabelos pende-lhe sobre a fronte.

— Quem é? — pergunta de repente. Na praia, uma figura distante vai sendo carregada em maca para a tenda branca. Alguém importante; uma multidão cerca o ferido.

É um pretexto para eu me movimentar, me distrair.

— Vou ver.

Fora do acampamento, os sons da batalha recrudescem: relinchos dilacerantes de cavalos empalados nas estacas do fosso, gritos de angústia dos combatentes, o estrondo do metal contra o metal.

Podalírio passa por mim apressado e entra na tenda branca. No ar espesso, vaga um cheiro de ervas e sangue, medo e suor. Nestor se aproxima e pousa em meu ombro direito uma mão cujo frio sinto através da túnica. Balbucia:

— Estamos perdidos! A paliçada não resistirá!

Às minhas costas, Macaonte jaz arquejante num catre, a perna imersa

numa poça de sangue que escorre da carne dilacerada por uma flecha. Podalírio debruça-se sobre ele e começa a tratá-lo.

Macaonte me vê e murmura com dificuldade:

— Pátroclo...

Aproximo-me.

— Você ficará bem? — eu pergunto.

— Ainda não sei dizer. Penso... — cala-se e cerra os olhos com força.

— Não fale com ele — recomenda Podalírio em tom áspero. Suas mãos estão cobertas pelo sangue do irmão.

A voz de Nestor ecoa, desfiando desgraça após desgraça: a paliçada rompida, os navios em perigo e vários reis fora de combate — Diomedes, Agamêmnon, Odisseu, espalhados pelo acampamento como túnicas amarrotadas.

Os olhos de Macaonte se abrem.

— Não pode falar com Aquiles? — pergunta com voz rouca. — Por favor. Para o bem de nós todos.

— Sim! Fítia tem de vir em nosso auxílio ou estaremos perdidos! — Os dedos de Nestor se cravam em minha carne e gotículas de sua saliva, expelidas pelo pânico, molham meu rosto.

Fecho os olhos. Evoco a história de Fênix, a imagem dos calidonianos se ajoelhando diante de Cleópatra, banhando de lágrimas suas mãos e seus pés. Em minha imaginação, ela não olha para os suplicantes, apenas lhes estende as mãos como se fossem toalhas para enxugar seu pranto. Aguarda a resposta do marido, Meléagro, o movimento de seus lábios que lhe diga o que precisa dizer: "Não".

Livro-me dos dedos crispados do ancião. Quero desesperadamente fugir ao cheiro fétido de medo que caiu como cinzas sobre todos. Volto as costas ao rosto contorcido de dor de Macaonte e às mãos estendidas de Nestor e saio correndo da tenda.

Lá fora, ouço um ruído assustador, como o do casco de um navio se

partindo, como o de uma árvore gigante se abatendo sobre a terra. *A paliçada*. Gritos e mais gritos — de triunfo e de terror.

À minha volta, homens carregam camaradas que tombaram, mancam apoiados em muletas improvisadas ou se arrastam pela areia com membros estropiados. Conheço-os — conheço aqueles peitos cheios de cicatrizes que meus unguentos suavizaram e curaram. Conheço aquelas carnes que meus dedos livraram do ferro, do bronze e dos coágulos. Conheço aqueles rostos que gracejaram, agradeceram, contraíram-se enquanto eu me debruçava sobre eles para tratá-los. Agora estão de novo estraçalhados, cobertos de sangue e com os ossos partidos. Por causa de Aquiles. Por minha causa.

Logo adiante, um jovem tenta se firmar numa perna perfurada por uma flecha. Eurípilo, príncipe da Tessália.

Não paro para pensar. Sustento-o pela axila e conduzo-o à sua tenda. Está quase delirando de dor, mas me reconhece.

— Pátroclo — balbucia com dificuldade.

Ajoelho-me diante dele e seguro-lhe a perna.

— Eurípilo — eu digo —, você consegue falar?

— Maldito Páris — ruge ele. — Minha perna... — O local está inchado e dilacerado. Seguro a faca e começo a trabalhar.

Ele cerra os dentes.

— Não sei a quem odeio mais, os troianos ou Aquiles. Sarpédon abriu uma brecha na paliçada com as mãos nuas. Ájax manteve-os a distância enquanto pôde. Mas agora estão aqui — conclui, gemendo. — Aqui, no acampamento!

Meu peito se contrai de pânico ao ouvir essas palavras e luto contra o impulso urgente de sair dali em disparada. Procuro me concentrar no que agora devo fazer: retirar a ponta da flecha e cobrir a ferida.

— Depressa — urge Eurípilo num tom quase indistinto. — Preciso voltar. Eles queimarão os navios.

— Não pode — retruco. — Perdeu muito sangue.

— Posso — insiste ele. Mas sua cabeça pende para trás; está prestes a desmaiar. Viverá ou não, dependendo da vontade dos deuses. Fiz o que pude. Respiro fundo e saio.

Dois navios estão em chamas, os altos mastros foram alvejados pelas tochas troianas. Espremidos contra os cascos, alguns homens gritam em desespero, tentando saltar para os conveses a fim de debelar o fogo. O único que reconheço é Ájax, plantado na proa do barco de Agamêmnon, uma sombra maciça recortada contra o céu. Ignora o incêndio e, com a lança, procura ferir as mãos dos troianos que enxameiam em volta como peixes vorazes.

Enquanto permaneço ali, paralisado e aturdido, vejo de repente uma mão que se projeta acima da balbúrdia e agarra a quilha de um barco. Vem em seguida o braço — seguro, forte e escurecido —, depois a cabeça e por fim o torso de ombros largos, que se alça da multidão como as costas de um golfinho. Agora o corpo inteiro de Heitor se agita diante da placidez do mar e do céu, suspenso entre o ar e a terra. Sua expressão é tranquila, contida; ergue os olhos como se orasse, como se buscasse a ajuda dos deuses. Fica suspenso por um instante, os músculos do braço contorcidos, a armadura se destacando dos ombros e revelando os ossos dos quadris, semelhantes à cornija esculpida de um templo. E logo a outra mão atira uma tocha inflamada sobre o convés de madeira do navio.

Certeira, a tocha cai sobre cordas apodrecidas e pedaços de vela tombados dos mastros. As chamas sobem imediatamente, deslizando por sobre as cordas e chegando à madeira por baixo. Heitor sorri. E por que não sorriria? Está vencendo.

Ájax emite um rugido de frustração — diante de outro navio em chamas, dos homens que pulam em pânico dos conveses chamuscados, de Heitor que agora está fora de alcance, misturado à multidão embaixo.

Sua força é, ainda, o que impede os companheiros de ceder por completo.

Então a ponta de uma lança salta do mar — prateada como escamas de peixe à luz do sol. Voa tão rápido que quase não se pode vê-la; e, de repente, a coxa de Ájax se tinge de vermelho. Trabalhei na tenda de Macaonte tempo suficiente para perceber que dilacerou os músculos. Os joelhos do gigante vergam e, lentamente, ele cai.

# Capítulo 30

Aquiles me vê chegar correndo tanto que meu hálito põe um gosto de sangue em minha língua. Choro, meu peito arqueja, minha garganta está seca. Agora, ele será odiado. Ninguém se lembrará de sua glória, de sua honestidade, de sua beleza; todo o ouro de Aquiles se transformará em cinzas e ruínas.

— Que aconteceu? — pergunta ele. Tem o cenho franzido de intensa preocupação. *Será que não sabe mesmo?*

— Estão morrendo — desabafo. — Todos. Os troianos assolam o acampamento e queimam os navios. Ájax foi ferido e não resta mais ninguém para salvá-los, exceto você.

Sua expressão fica ainda mais dura enquanto falo.

— Se estão morrendo, a culpa é de Agamêmnon. Eu lhe disse o que aconteceria caso roubasse minha honra.

— Na noite passada, ele ofereceu...

Um som desagradável escapa dos lábios de Aquiles.

— Não ofereceu nada. Algumas trípodes, algumas armaduras. Não fez coisa alguma para remediar sua ofensa ou admitir seu erro. Salvei a vida e o exército dele muitas e muitas vezes. — A voz não esconde a raiva mal contida. — Odisseu pode lamber suas botas, assim como Diomedes e os outros; eu não.

— Agamêmnon é uma desgraça. — Abraço-o como a uma criança. — Sei disso e todos os homens também sabem. Mas deve perdoá-lo. É como você previu: ele vai provocar sua própria ruína. No entanto não acuse os outros pelo erro dele. Não deixe que tantos morram por causa da loucura de um só. Eles o amaram e reverenciaram.

— Reverenciaram? Nenhum se colocou ao meu lado contra Agamêmnon. Nenhum falou em meu favor. — A amargura em sua voz é tocante. — Ficaram de lado e permitiram que ele me insultasse. Como se Agamêmnon estivesse certo! Lutei arduamente por eles durante dez anos e é assim que me pagam: ignorando-me. — Seus olhos estão sombrios e distantes. — Fizeram sua escolha. Não derramo lágrimas por ninguém.

Da praia, vem o ruído de um mastro desabando. Agora, a fumaça é mais densa. Mais navios em chamas. Mais homens mortos. Devem estar amaldiçoando Aquiles, condenando-o aos abismos mais profundos do submundo.

— Foram insensatos, sem dúvida; mas ainda fazem parte do nosso povo!

— Nosso povo são os mirmidões. O resto que se salve como puder! — Faz menção de afastar-se, mas eu o seguro firme.

— Você está se destruindo. Não será amado por isso, será odiado e amaldiçoado. Por favor, se...

— Pátroclo. — Pronuncia meu nome num tom áspero, como nunca fizera antes. Olha-me friamente e sua voz é como a sentença de um juiz. — Não mudarei de ideia. Não me peça outra vez.

Fito-o diretamente nos olhos, como uma lança perfurando o céu. Não consigo achar palavras capazes de demovê-lo. Talvez não existam. Ali só há a areia cinzenta, o ar sombrio e minha boca seca e muda. Parece o fim de tudo. Aquiles não lutará. Os homens morrerão e, com eles, sua honra. Nenhum conforto, nenhuma misericórdia. Mas ainda assim minha mente trabalha sem descanso, desesperada, na ânsia de encontrar algo que possa abrandá-lo.

Ajoelho-me e pressiono suas mãos contra meu rosto. Lágrimas incontidas descem por minhas faces, como água sobre um leito de rocha.

— Faça-o por mim, então — imploro. — Sei quanto isso lhe custará e ainda assim lhe peço. Faça-o por mim. Mas salve-os.

Ele inclina a cabeça e me fita. Percebo que minhas palavras o abalaram, vislumbro o conflito em seus olhos. Engulo em seco.

— Tudo, menos isso — diz por fim. — Tudo. Mas isso não. Não posso.

Seu belo rosto é como pedra. O desespero me invade.

— Se você me amasse...

— Não! — Seu rosto está desfigurado pela tensão. — Não posso! Se eu ceder, Agamêmnon me desonrará sempre que quiser. Nem os reis nem os soldados me respeitarão! — Parece quase sem fôlego, como se houvesse corrido uma longa distância. — Não quero que eles todos morram. Mas não posso fazer nada. Não posso! Não vou deixar que ele tire isso de mim!

— Então faça outra coisa qualquer. Envie os mirmidões, pelo menos. Ou mande-me em seu lugar. Envergarei sua armadura e os liderarei. Todos pensarão que sou você. — Essas palavras deixam-nos a ambos perplexos. Parecem vir por meu intermédio, não de mim, como se fossem pronunciadas pela boca de um deus. Mas apego-me a elas como um náufrago. — Assim, você não precisará quebrar seu juramento e os gregos serão salvos.

Ele me encara.

— Mas você não sabe lutar — diz.

— Não será necessário. Os troianos o temem a tal ponto que, quando eu aparecer, fugirão.

— Não — opõe-se Aquiles. — É muito perigoso.

— Por favor. — Seguro-o pelo braço. — Não é. Estarei bem. Evitarei me aproximar deles. Automedonte e os outros mirmidões ficarão ao meu lado. Se você não quer lutar, não lute; mas salve-os aceitando o meu plano. Deixe-me ir. Afirmou que me concederia tudo que pudesse.

— Mas...

Não deixei que completasse a frase.

— Pense! Agamêmnon compreenderá que você continua desafiando-o,

mas os homens o amarão. Não pode haver fama maior que esta: você provará a eles que seu fantasma é mais poderoso que o exército inteiro de Agamêmnon.

Ele ouve com atenção.

— Seu nome glorioso é que os salvará, não sua lança. Depois, rirão da fraqueza de Agamêmnon. Você entende?

Noto a relutância desaparecendo aos poucos de seus olhos. Ele imagina a cena: os troianos abandonando sua blindagem e ignorando Agamêmnon. Os homens, agradecidos, ajoelhando-se a seus pés.

Ele ergue sua mão.

— Jure-me — ele pede. — Jure-me que, se você for, não lutará com eles. Permanecerá no carro com Automedonte a seu lado e os mirmidões à frente.

— Sim, eu juro. — Aperto-lhe a mão. — É claro que farei isso, pois não sou louco. Atemorizá-los, nada mais. — Estou tonto, úmido de suor. Encontrei um caminho pelos corredores intricados de seu orgulho e sua fúria. Salvarei os homens; salvarei Aquiles de si mesmo.

— Vai me deixar ir, então?

Ele hesita ainda um instante, seus olhos verdes perscrutam os meus. Depois, concorda com um lento gesto de cabeça.



Aquiles se ajoelhou para vestir-me a armadura. Seus dedos eram tão ligeiros que eu não conseguia acompanhá-los; sentia apenas a pressão das tiras sendo afiveladas. Peça por peça, ele me armou: o peitoral de bronze, as grevas apertadas contra minha pele, a couraça. Enquanto o fazia, dava-me instruções em voz baixa, rápida e constante. Eu não deveria lutar, não deveria sair de perto de Automedonte nem dos outros mirmidões. Ficaria no carro e fugiria ao primeiro sinal de perigo; poderia

repelir os troianos para a cidade, mas não enfrentá-los ali. E, acima de tudo, permaneceria longe das muralhas e dos arqueiros postados nas ameias, prontos a abater qualquer grego que se aproximasse.

— Não será como antes — comentou ele —, quando eu estava em campo.

— Sei disso. — Sacudi os ombros. A armadura era rígida, pesada, incômoda. — Sinto-me como Dafne, envolta por sua nova pele de casca de loureiro. — Ele não riu; apenas me passou duas lanças de pontas afiadas e brilhantes. Peguei-as, já com o sangue latejando em meus ouvidos. Aquiles continuava dando conselhos, mas eu não o escutava. Escutava somente as batidas descompassadas do meu coração. "Rápido!", lembro-me de ter dito.

Por fim, o elmo sobre meus cabelos negros. Aquiles me apresentou um espelho de bronze polido. Vi-me na armadura que conhecia como a palma da mão — a cimeira do capacete, a espada cor de prata pendendo do cinto ornado de ouro. Tudo isso inconfundível, reconhecível à primeira vista. Só os olhos pareciam me pertencer, maiores e mais escuros que os dele. Aquiles me beijou, envolvendo-me numa tepidez suave que pôs doçura em minha garganta. Em seguida, pegou-me pela mão e saímos ao encontro dos mirmidões.

Eles estavam perfilados, armados e de novo temíveis, as placas de metal refulgindo como as asas cintilantes das cigarras. Aquiles me conduziu até o carro, a que seus três corcéis já haviam sido atrelados — *não desça do carro, não atire suas lanças*. Sim: ele temia que eu sucumbisse, caso resolvesse lutar. "Estarei bem", eu lhe disse. E, dando-lhe as costas, subi ao carro, onde me acomodei e encostei as lanças.

Atrás de mim, ele falou um instante com os mirmidões, apontando os barcos em chamas e a cinza negra que subia ao céu, enquanto massas de homens se comprimiam contra seus cascos. "Tragam-no de volta para mim", recomendou-lhes. Os mirmidões responderam com um aceno de

cabeça e percutiram os escudos com as lanças, em sinal de aprovação. Automedonte adiantou-se e tomou as rédeas. Todos nós sabíamos por que o carro era necessário: se eu corresse pela praia, ninguém confundiria minhas pegadas com as de Aquiles.

Os cavalos resfolegaram agitados, sentindo a mão do cocheiro. O carro balançou e eu cambaleei, quase deixando cair as lanças.

— Segure uma em cada mão — instruiu ele. — Será mais fácil.

Todos esperaram enquanto eu, desajeitadamente, transferia uma lança para a mão esquerda e, com a direita, ajustava o elmo que tombara para um lado.

— Tudo correrá bem — assegurei-lhe. Assegurei a mim mesmo.

— Está pronto? — perguntou Automedonte.

Relanceei um derradeiro olhar a Aquiles, que se postara ao lado do carro aflito. Estendi-lhe a mão e ele a apertou.

— Tome cuidado — ele disse.

— Tomarei.

Havia muito mais a dizer, mas aquele não era o momento. Teríamos outras oportunidades para conversar, à noite, na manhã seguinte, nos próximos dias. Ele soltou minha mão.

Virei-me para Automedonte.

— Estou pronto — eu disse.

Começamos a rodar em direção à areia compacta na orla da praia. Senti quando chegou lá: as rodas mais soltas, o carro mais rápido. Tomamos o rumo dos navios, ganhando cada vez mais velocidade. Eu sentia o vento batendo em meu peito e sabia que o penacho da cimeira se agitava às minhas costas. Ergui as lanças.

Automedonte se agachou para que eu fosse visto primeiro. As rodas levantavam nuvens de areia e os mirmidões, atrás, seguiam-nos com estrépito. Minha respiração se acelerou e agarrei o cabo das lanças até meus dedos doerem. Passamos pelas tendas vazias de Idomeneu e

Diomedes, contornando a curva da praia. Finalmente, avistamos os primeiros grupos de homens. Seus rostos eram indistintos, mas ouvi gritos de reconhecimento e súbita alegria: "*Aquiles! É Aquiles!*". Uma forte e inebriante sensação de alívio me dominou. *Está funcionando.*

Duzentos passos adiante, junto aos navios, cabeças se voltaram ao ouvir o barulho de nossas rodas e dos pés dos mirmidões calcando compassados a areia. Respirei fundo e endireitei os ombros dentro de minha armadura — da armadura de Aquiles. Cabeça erguida, lança em punho, pés firmes contra o assoalho do carro, orando para que um sacolejo não me arremessasse ao chão, gritei — um rugido selvagem e frenético que vibrou por todo o meu corpo. Milhares de rostos — troianos e gregos — voltaram-se para mim, assustados ou jubilosos. Com estrondo, mergulhamos no meio deles.

Gritei de novo, o nome de Aquiles explodindo para fora de minha garganta, e ouvi o brado de resposta dos gregos engalfinhados, um bramido animal de esperança. Os troianos se dispersavam à minha frente, recuando aterrorizados. Arreganhei os dentes em triunfo, o sangue palpitando em minhas veias, a alegria me invadindo ao vê-los correr. Porém os troianos eram corajosos e nem todos fugiram. Brandi a lança ameaçadoramente.

Talvez fosse pela armadura que me cingia. Talvez pelos anos que passara observando Aquiles. Mas agora meus ombros não descaíam desairosamente como antes. Estavam mais imponentes, mais fortes, mais equilibrados. E então, sem que eu sequer percebesse o que estava fazendo, arremessei a lança — uma longa espiral diretamente contra o peito de um troiano. A tocha que ele vibrava contra o navio de Idomeneu caiu na areia enquanto seu corpo tombava para trás. Se ele sangrou, se o seu crânio se partiu deixando entrever o cérebro, isso eu não pude ver. *Morto*, pensei.

Automedonte abriu a boca, arregalando os olhos. Aquiles não quer que

você lute, era o que decerto estava dizendo. Mas eu já empunhava a outra lança. *Posso fazer isso.* Os cavalos dispararam novamente e homens abriam caminho para nós. De novo aquela sensação de equilíbrio perfeito, de um mundo parado, à espera. Avistei um troiano e arremessei, sentindo o atrito da madeira contra o polegar. Ele caiu, a perna atravessada por um golpe que, eu o sabia, partira-lhe o osso. Dois homens abatidos. À minha volta, os soldados gritavam o nome de Aquiles.

Agarrei o ombro de Automedonte.

— Outra lança! — gritei. Ele hesitou um momento, em seguida puxou as rédeas, diminuindo a velocidade para que eu me debruçasse da borda e arrancasse uma de algum corpo. O cabo como que saltou para minha mão. Meus olhos já procuravam o próximo alvo.

Os gregos começaram a organizar-se. Menelau derrubou um homem ao meu lado e um dos filhos de Nestor bateu a lança contra meu carro para dar sorte, antes de mirar a cabeça de um príncipe troiano. Em desespero, os inimigos corriam para seus carros, em plena retirada. Heitor percorria as fileiras com palavras de ordem. Já em seu carro, conduziu os homens para a porta do acampamento, atravessou a pequena ponte que cruzava o fosso e alcançou a planície.

— Vamos! Atrás deles!

Automedonte relutava, mas acabou obedecendo e instigou os cavalos na perseguição. Arranquei mais lanças de cadáveres, arrastando alguns por certa distância antes de liberar as pontas, e rumei para os carros troianos que agora atulhavam a porta. Os cocheiros olhavam para trás amedrontados, dominados pelo espanto ao ver que Aquiles, como uma fênix, renascera de sua cólera obstinada.

Nem todos os cavalos eram tão ágeis quanto os de Heitor e muitos carros caíram no fosso, tendo seus condutores de fugir a pé. Continuamos a perseguir o inimigo, os corcéis divinos de Aquiles correndo como

se suas patas nem tocassem o chão. Eu poderia tê-los detido, uma vez que os troianos já buscavam refúgio na cidade. Porém, atrás de mim, uma linha de gregos não cessava de gritar meu nome. O nome dele. Não parei.

Apontei para a frente e Automedonte fez os cavalos descreverem um arco. Ultrapassamos os fugitivos e voltamos para encará-los. Minhas lanças voavam uma após a outra dilacerando ventres, gargantas, pulmões e corações. Eu não me cansava, não errava o alvo — as lanças atravessavam couro e bronze para abrir feridas rubras que pareciam a costura irregular de odres de vinho. Graças à minha experiência na tenda branca, eu sabia bem que danos elas causavam. Era tudo muito fácil.

Um carro se destaca daquela massa confusa e ondulante. O condutor tem um talhe formidável e sua longa cabeleira flutua ao vento enquanto ele atiça os cavalos. Fita-me com olhos sombrios, a boca retorcida num esgar de cólera. A armadura se ajusta a ele como a pele ao corpo da foca. É Sarpédon.

Ergue a lança, apontando-a para meu coração. Automedonte grita alguma coisa e puxa as rédeas. Sinto uma lufada de vento passar sobre o ombro — e a ponta aguda da lança vai se cravar no chão, atrás de mim.

Sarpédon ruge uma maldição ou um desafio, não sei. Empunho a lança como num sonho. Aquele é o homem que matou inúmeros gregos. Foram suas mãos que escancararam a porta do acampamento.

— Não! — Automedonte segura meu braço e, com a outra mão, instiga os cavalos. Afastamo-nos do campo. Sarpédon vira seu carro e por um instante penso que desistiu. No entanto ele o alinha novamente e levanta a lança.

O mundo explode. O carro se projeta no ar e os cavalos relincham. Sou atirado sobre a grama e minha cabeça bate no chão. O elmo descai sobre meus olhos e eu o puxo para trás. Nossos cavalos se entrechocam; um deles caiu, trespassado por uma lança. Não vejo Automedonte.

De longe, o carro de Sarpédon se atira inexoravelmente em minha direção. Não há tempo para fugir. Levanto-me para enfrentá-lo. Seguro a lança como se ela fosse uma serpente que eu tentasse estrangular. Imagino como Aquiles agiria naquela circunstância, os pés firmes no chão, os músculos das costas retesados. Ele descobriria uma brecha naquela armadura impenetrável — ou faria uma. Mas não sou Aquiles. O que vejo é uma coisa diferente, minha única chance. Os cavalos de Sarpédon estão quase em cima de mim. Atiro a lança.

Ela atinge o ventre, onde as placas da armadura são mais espessas. Mas o solo é desigual e arremessei-a com todas as minhas forças. A lança não o fere, mas obriga-o a recuar um passo. É o bastante. Seu peso desequilibra o carro e ele cai. Os cavalos passam voando por mim e o deixam para trás, estirado imóvel no chão. Agarro o punho da espada, no terror de vê-lo levantar-se e matar-me; mas então noto o ângulo estranho de seu pescoço. Está quebrado.

Matei um filho de Zeus — o que, porém, não me parece suficiente. Todos pensarão que o autor da façanha foi Aquiles. A poeira já se assentou sobre os longos cabelos de Sarpédon, como pólen na barriga de uma abelha. Recupero a lança e mergulho-a com toda a força em seu peito. O sangue esguicha, mas sem muita força. O coração já não bate para movimentá-lo. Quando puxo a lança, ela sai lentamente, como um bulbo da terra ressequida. Todos pensarão que essa foi a causa de sua morte.

Ouço gritos. Homens enxameiam em minha direção, de carros e a pé. São lícios; veem o sangue de seu rei em minha lança. A mão de Automedonte agarra-me pelo ombro e arrasta-me para o carro. Acaba de cortar os tirantes do cavalo morto e de reajustar as rodas. Gagueja lívido de medo:

— Precisamos sair daqui!

Automedonte dá rédea aos ardorosos corcéis e atravessamos o campo,

perseguidos pelos lícios. Sinto na boca um gosto forte, ferroso. Nem me dou conta de quão perto estive da morte. Minha cabeça zumbe furiosamente, latejando como o sangue que escorreu em golfadas do peito de Sarpédon.

Na fuga, Automedonte nos levou para perto de Troia. As muralhas se altearam diante de mim com seus rudes blocos de pedra, ao que se dizia, assentados pelos próprios deuses, e suas portas maciças de bronze negro. Aquiles me recomendara evitar os arqueiros postados nas torres, mas a carga e a debandada haviam sido tão repentinas que ninguém havia regressado ainda. Troia estava praticamente desguarnecida. Uma criança poderia tomá-la agora.

A ideia da queda de Troia me invade com um prazer traiçoeiro. Os troianos merecem ver sua cidade destruída. São culpados. Perdemos dez anos e um número incontável de homens; Aquiles morrerá por causa deles. *Já basta.*

Salto do carro e corro em direção às muralhas. Meus dedos palpam fendas na pedra, como órbitas de olhos. *Suba.* Meus pés encontram facilmente reentrâncias na parede edificada pelos deuses. Não tenho muito jeito, mas ainda assim vou subindo, firmando bem as mãos na pedra antes de iniciar o próximo movimento. Sim, vou subindo. Conquistarei sua cidade inconquistável e capturarei Helena, a joia preciosa que lá se oculta. Imagino-me arrastando-a até a presença de Menelau. Pronto. Não mais morrerão homens por causa de sua vaidade.

*Pátroclo.* Ouço uma voz musical acima de mim. Ergo os olhos e vejo um homem deitado no parapeito como se tomasse sol, cabelos negros caídos sobre as espáduas, um arco e uma aljava pendendo livremente dos ombros. Assustado, chego a escorregar e meus joelhos se esfolam contra a pedra. Ele é extremamente belo com sua pele macia e seu rosto finamente esculpido, que emite um brilho sobrenatural. Olhos negros. *Apolo.*

Ele sorri como se só houvesse esperado por aquilo: reconhecer-me. Em seguida, estende a mão, e seu braço percorre surpreendentemente toda a distância entre meu corpo suspenso e seus pés. Fecho os olhos e sinto apenas uma coisa: um dedo se enganchando na parte de trás de minha armadura, tirando-me o equilíbrio e fazendo-me cair.

Desabo pesadamente no chão e minha armadura ressoa. Sinto a cabeça meio tonta por causa do impacto e da frustração de me encontrar ao pé da muralha. Pensava estar subindo. Porém a muralha está ali, diante de mim, opondo-se obstinadamente à escalada. Cerro as mandíbulas e recomeço; não permitirei que ela me derrote. Estou delirando, sonhando febrilmente com Helena cativa em meus braços. As pedras parecem águas turvas fluindo sem parar sobre alguma coisa que deixei cair no fundo e desejo reaver. Não penso mais no deus, no motivo de minha queda, no porquê de meus pés se apoiarem nas mesmas reentrâncias da primeira tentativa. Ocorre-me então um pensamento insano: talvez eu só consiga fazer uma coisa, escalar muralhas e cair. Dessa vez, quando olho para cima, o deus não está mais sorrindo. Dedos agarram o tecido de minha túnica, suspendem-me nos ares e me soltam.



Minha cabeça se choca de novo contra o chão, deixando-me atordoado e sem fôlego. Em volta, se forma uma multidão confusa de rostos indistintos. Vieram me ajudar? Sinto então o ar frio em minha fronte coberta de suor, meus cabelos soltos, libertos enfim. *O capacete.* Vejo-o ao meu lado, emborcado como uma concha de caracol vazia. Também as tiras da armadura, afiveladas por Aquiles, foram afrouxadas pelo deus. Ela cai ao chão com estrondo, os remanescentes de minha concha estilhaçada, desfeita.

O silêncio gélido é rompido pelos gritos coléricos e roucos dos troianos.

Minha mente começa a se desanuviar: estou sozinho e desarmado — e eles sabem que sou apenas Pátroclo.

*Fugir.* Levanto-me de um salto. Uma lança flameja veloz e fere minha panturrilha, deixando ali um sulco vermelho. Esquivo-me de uma mão que se estende; o pânico às soltas e retumbando no meu peito. Através do véu do terror, percebo um homem apontando a lança para meu rosto. De algum modo, consigo ser rápido e ela passa por cima de minha cabeça, agitando meus cabelos como o hálito de um amante. Outra lança mira meus joelhos, para me fazer perder o equilíbrio. Salto sobre ela, espantado por ainda estar vivo. Nunca fui tão ligeiro em minha vida.

A lança que não vejo vem de trás. Entra-me nas costas e sai por baixo das costelas. Cambaleio, empurrado pela força do golpe, pelo choque da dor dilacerante e pela completa insensibilidade de meu ventre. Sinto um puxão e a ponta desaparece. O sangue desce quente por minha pele fria. Acho que estou gritando.

Os rostos dos troianos oscilam diante de meus olhos enevoados e caio ao chão. O sangue escorre por entre meus dedos até a grama. Os soldados abrem alas e vejo um homem caminhar em minha direção. Parece vir de uma enorme distância, como se descesse para o fundo de uma ravina onde estou estirado. Eu o conheço. Quadris como a cornija de um templo, o cenho franzido. Não olha para os homens em derredor; avança como se estivesse sozinho no campo de batalha. Vem para me matar. *Heitor.*

A cada respiração arquejante, sinto como se novas feridas se abrissem em meu corpo. Uma ideia martela minha cabeça como o pulsar do sangue em meus ouvidos. Ele não vai me matar. Não deve. Aquiles não o deixará viver se fizer isso. E Heitor tem de continuar vivo; não pode morrer nunca, nem quando estiver velho a ponto de seus ossos ressequidos deslizarem sob a pele como seixos num regato. Ele precisa viver porque sua vida — eu penso enquanto recuo rastejando pela grama

— é a última barreira antes que o sangue de Aquiles jorre em borbotões.

Desesperado, volto-me para os homens postados ao redor e tento agarrar-lhes os joelhos. Por favor, murmuro. Por favor.

Porém eles não olham para mim; olham para seu príncipe, o filho mais velho de Príamo, que caminha inexoravelmente em minha direção. Viro a cabeça e percebo que já está bem perto, de lança erguida. O único som que escuto é o estertor de meus pulmões. A lança de Heitor está suspensa sobre mim como um cântaro inclinado. Então desce — um lampejo de prata cintilante.

*Não.* Minhas mãos se projetam no ar como pássaros assustados, tentando deter o mergulho fatal da lança em meu ventre. Contudo sou fraco como uma criança contra a força de Heitor e minhas palmas descaem, estriadas de sangue. A ponta da lança submerge numa voragem de dor tão intensa que perco a respiração e um fogo de agonia queima minhas entranhas. Minha cabeça cai sobre a grama e a última imagem que vislumbro é a de Heitor curvado sobre mim com expressão séria, girando a lança dentro de meu corpo como se remexesse numa panela. Meu derradeiro pensamento é: *Aquiles.*

# Capítulo 31

Aquiles está de pé na colina contemplando as sombras dos guerreiros que se agitam na planície de Troia. Não consegue distinguir rostos nem formas individuais. O ataque contra Troia parece a irrupção da maré; o brilho de espadas e armaduras lembra escamas de peixe à luz do sol. Os gregos repelem os troianos, como Pátroclo prometera. Logo ele estará de volta e Agamêmnon curvará os joelhos. Serão felizes de novo.

Porém Aquiles não tem certeza disso. Está atordoado. A turbulência do campo de batalha é como o rosto de uma górgona que vai aos poucos transformando-o em pedra. As serpentes coleiam diante de seus olhos, emaranhando-se num nó escuro ao pé das muralhas de Troia. Um rei ou príncipe tombou e luta-se em volta de seu corpo. Quem? Aquiles apura a vista, mas nada enxerga com clareza. Pátroclo lhe contará mais tarde.



Vê a cena por partes. Homens arrastando-se pela praia em direção ao acampamento. Odisseu coxeando ao lado dos outros reis. Menelau traz alguma coisa nos braços, de onde pende inerte um pé sujo de grama. Anéis desgrenhados de cabelo escapam de sob a mortalha improvisada. A vertigem agora é bem-vinda. Seus últimos resquícios. Em seguida, a queda.

Leva a mão ao cinto para sacar da adaga e cortar a garganta. Mas a mão volta vazia: ele me havia emprestado suas armas. Antíloco segura-o pelos pulsos enquanto os homens, em volta, falam todos ao mesmo tempo. Tudo o que ele vê é a mortalha ensanguentada. Com um rugido, repele

Antíoco e derruba Menelau. Debruça-se sobre o cadáver. A constatação do fato tira-lhe o fôlego. Um grito. Depois outro. E outro. Agarra os cabelos como se quisesse arrancá-los. Mechas douradas caem sobre o corpo coberto de sangue.

— Pátroclo — geme ele. — Pátroclo. Pátroclo. — O nome é repetido até não passar de um murmúrio. Ali perto, Odisseu se ajoelha, pedindo comida e bebida. Uma cólera incontida invade Aquiles e ele quer matá-lo ali mesmo. Mas para isso precisaria se afastar de mim. Não pode. Abraça-me tão estreitamente que sinto o arquejar de seu peito, leve como o bater das asas de uma mosca. Um eco, a última fagulha de espírito ainda ligada ao meu corpo. Um tormento.



Briseida corre para nós; a face descomposta. Inclina-se sobre o cadáver e seus olhos ternos derramam gotas tépidas como uma chuva de verão. Leva as mãos ao rosto e soluça. Aquiles não olha para ela. Nem sequer a vê. Levanta-se.

— Quem fez isso? — Sua voz é terrível, estridente e entrecortada.

— Heitor — diz Menelau.

Aquiles agarra sua gigantesca lança de freixo e tenta livrar-se dos braços que o imobilizam.

Odisseu põe-lhe a mão no ombro.

— Amanhã — diz ele. — Ele está na cidade. Amanhã. Ouça-me, Pelida, amanhã você o matará. Eu juro. Agora precisa comer e descansar.



Aquiles chora. Embala-me e não comerá nem dirá outra palavra que não o meu nome. Vejo seu rosto como através da água, da mesma forma que os

peixes veem o sol. Suas lágrimas caem e não posso enxugá-las. Este é agora o meu elemento, a meia vida de um espírito insepulto.

Tétis chega. Ouço-a, o som das ondas se quebrando na praia. Se já me odiava em vida, que sentirá ao ver meu cadáver nos braços do filho?

— Está morto — diz ela friamente.

— Heitor está morto — replica Aquiles. — Amanhã.

— Você não tem armas.

— Não preciso delas — ele fala entredentes, com dificuldade.

Tétis se adianta — pálida e fria — para tirar-lhe as mãos de cima de mim.

— Ele mesmo foi responsável por isso — ela diz.

— Não toque em mim!

Ela dá um passo para trás, enquanto ele continua me embalando em seus braços.

— Vou lhe trazer armas — ela diz.



É UM NUNCA ACABAR DE HOMENS que entram na tenda, com expressão pesarosa. Fênix, Automedonte, Macaonte. Por fim, Odisseu.

— Agamêmnon veio vê-lo e devolver-lhe a jovem.

— Aquiles não diz: *Ela já voltou*. Talvez ainda não saiba.

Os dois homens se encaram à luz vacilante da fogueira. Agamêmnon limpa a garganta.

— É hora de esquecer nossa desavença. Vim lhe trazer a garota, Aquiles, incólume e com saúde. — Faz uma pausa. Parece esperar uma torrente de palavras de gratidão. Só o silêncio lhe responde. — Sem dúvida, um deus nos arrebatou o juízo para nos indispor um contra o outro. Mas isso agora é passado. Somos aliados de novo. — A última frase foi pronunciada em voz alta, para que todos ouvissem. Aquiles

continua em silêncio. Pensa somente em matar Heitor. Só isso o mantém em pé.

Agamêmnon hesita.

— Príncipe Aquiles, é verdade que você lutará amanhã?

— Sim. — A rapidez da resposta deixa os homens espantados.

— Muito bom. Realmente, muito bom. — Agamêmnon se interrompe por um instante. — Mesmo depois disto?

— Por que não? — responde Aquiles. — Não me importo. Logo estarei morto.

Os homens se entreolham. Agamêmnon prossegue:

— Ótimo. Então, chegamos a um acordo. — Vira-se para sair, mas para.

— Lamento o que aconteceu com Pátroclo. Ele lutou bravamente hoje. Soube que ele matou Sarpédon?

Aquiles ergue os olhos. Estão frios e raiados de sangue.

— Antes ele houvesse deixado que vocês todos morressem.

Agamêmnon, perplexo, não retruca. Odisseu quebra o silêncio:

— Vamos deixá-lo com seu luto, príncipe Aquiles.



Briseida está ajoelhada diante do meu corpo. Trouxe água e panos limpos para lavar o sangue e o pó de minha pele. As mãos deslizam suavemente, como se cuidasse de um bebê, não de uma coisa morta. Aquiles abre a tenda e os olhares dos dois se cruzam sobre meu corpo.

— Afaste-se dele — ele ordena.

— Estou quase terminando. Pátroclo não merece jazer na imundície.

— Não quero que o toque.

Os olhos de Briseida estão marejados de lágrimas.

— Você acha que é a única pessoa que o amava?

— Saia. Saia!

— Você se preocupa com ele mais na morte do que em vida — desafia a jovem num tom amargo. — Como pôde deixá-lo ir? Sabia que ele não era capaz de lutar.

Aquiles grita e arremessa um vaso ao chão.

— Saia já!

Briseida não se intimida.

— Mate-me. Isso não o trará de volta. Ele valia dez de você. Dez! E você o enviou para a morte!

O rugido que escapa da garganta de Aquiles não parece ser humano.

— Tentei detê-lo! Recomendei-lhe que não se distanciasse da praia!

— Foi você que o mandou ir. — Briseida dá um passo na direção dele. — Pátroclo lutou para salvá-lo e à sua bendita reputação. Pois não conseguia vê-lo sofrer.

Aquiles encara-a. Ela está com medo, mas não recua.

— Espero que Heitor o mate.

— Acha que não espero a mesma coisa? — replica ele com voz rouca.



Ele chora ao depositar meu corpo inerte em nosso leito. Está quente na tenda; ela logo será invadida pelo cheiro. Porém Aquiles não parece se importar. Prende-me em seus braços a noite inteira, apertando minhas mãos geladas contra seus lábios.

Ao amanhecer, Tétis reaparece trazendo um escudo, uma espada e um peitoral de bronze, recém-saídos da forja. Vê-o armar-se, mas não tenta falar-lhe.



Aquiles não espera pelos mirmidões nem por Automedonte. Ele corre pela praia diante dos olhares dos curiosos. Eles pegam suas armas e seguem-no. Não querem perder o espetáculo.

— Heitor! — ele grita. — Heitor! — Ele ataca a vanguarda troiana, esfacelando rostos e peitos, marcando-os com o ferrete de sua fúria. Antes que caiam ao chão, ele já se distanciou. A grama, rarefeita por dez anos de guerra, bebe sequiosa o rico sangue de príncipes e reis.

Porém Heitor se esquiva, volteando por entre carros e homens com a sorte de um deus. Ninguém chama isso de covardia; ele não sobreviverá se for apanhado. Veste a armadura de Aquiles, o inconfundível peitoral com a imagem da fênix tirado de meu cadáver. Os homens nos acompanham com o olhar; é como se Aquiles perseguisse a si mesmo.

Ofegante, Heitor corre em direção ao largo rio de Troia, o Escamândrio, cujas águas refletem o dourado das pedras de seu leito, da rocha amarelada pela qual a região de Troia é conhecida.

Essas águas, porém, agora não têm o tom do ouro: estão avermelhadas, atulhadas de cadáveres e armaduras. Heitor mergulha e começa a nadar, bracejando em meio a elmos e corpos que rolam na corrente. Chega à outra margem; Aquiles salta em seu encalço.

Uma figura emerge do rio para lhe barrar a passagem. Filetes de água suja escorrem dos músculos de seus ombros e de sua barba negra. É mais alto que o mais alto dos mortais, transbordante de energia como riachos na primavera. Ama Troia e seu povo. No verão, oferecem-lhe vinho em sacrifício e atiram-lhe guirlandas que flutuam docemente em suas águas. O mais piedoso de todos é Heitor, príncipe de Troia.

Aquiles tem seu rosto salpicado de sangue.

— Não vai me impedir de alcançá-lo!

Escamândrio, o deus do rio, ergue um pesado bastão, grosso como o tronco de uma árvore pequena. Não precisa de uma lâmina — o golpe

daquela arma pode esmigalhar ossos, quebrar pescoços. Aquiles só tem sua espada. Suas lanças agora estão cravadas em cadáveres.

— Vale a pena perder a vida por isso? — pergunta o deus.

*Não. Por favor.* Porém não tenho voz para falar. Aquiles entra no rio e ergue a espada.

Com mãos tão largas quanto o torso de um homem, o deus fluvial brande o cajado. Aquiles mergulha e se esquiva ao ouvir o zunido de um segundo golpe. Põe-se de pé e ataca, mirando o peito desprotegido do adversário. Com destreza, num movimento quase automático, o deus se afasta e a ponta da espada passa inofensiva, como nunca havia acontecido.

O deus ataca por sua vez. Seus golpes obrigam Aquiles a recuar em meio aos detritos que coalham a superfície do rio. Brande o cajado como se fosse um martelo e grandes arcos de borrifos saltam dos pontos onde a água é atingida. Aquiles, a cada golpe, tem de se esquivar. A corrente não parece arrastá-lo como faria a outros homens.

A lâmina de Aquiles flameja mais rápido do que o raio, mas não consegue alcançar o deus. Escamândrio apara todos os golpes com seu poderoso cajado, obrigando Aquiles a ser cada vez mais ligeiro no ataque. O deus é velho, tão velho quanto os primeiros gelos fundidos das montanhas — e astuto. Lembra-se de cada combate travado naquelas planícies; nada é novo para ele. Aquiles começa a esmorecer, cansado de repelir a força do deus apenas com uma fina lâmina de metal. Voam lascas de madeira quando as armas se cruzam, mas o cajado é grosso como as pernas do gigante; não há esperança de que se parta. O deus sorri ao ver que agora o homem procura antes mergulhar que se defender dos golpes. Inexoravelmente, continua atacando. O rosto de Aquiles está contraído pelo esforço e pela atenção. Ele chegou ao limite de suas forças. Afinal, ele não é um deus.

Vejo-o concentrar-se, preparando o último e desesperado ataque.

Posiciona-se, com a espada voltada contra a cabeça do deus. Por uma fração de segundo, Escamândrio terá de se inclinar para trás a fim de fugir do golpe. É o momento que Aquiles aguarda. Seus músculos se retesam para a arremetida final. Ele salta.

Pela primeira vez em toda a sua vida, não consegue ser suficientemente rápido. O deus desvia violentamente a lâmina para o lado. Aquiles cambaleia. Porém perde tão pouco o equilíbrio que nem o percebo. O deus, sim. Atira-se para a frente, colérico e certo da vitória, durante a curta pausa que durou a hesitação de Aquiles. A clava desce formando um arco mortífero.

O deus deveria ter adivinhado. Eu deveria ter adivinhado. Aqueles pés não tropeçavam — eu nunca vira isso pelo tempo que o conhecia. Se algum equívoco pudesse ser cometido, não viria dali, daquelas curvas e daqueles ossos flexíveis. Aquiles havia jogado a isca — fingindo fraqueza humana — e o deus a mordera.

Escamândrio, ao adiantar-se, abriu a guarda e a espada de Aquiles se projetou. Um talho surgiu no flanco do deus e o rio se tingiu novamente de dourado com a linfa que escorria de seu senhor.

Escamândrio não morrerá. Porém se arrastará tropegamente, fraco e esgotado, para as montanhas e fontes de suas águas, para curar a ferida e recuperar as forças. Ele mergulha no rio e desaparece.

Aquiles tem o rosto banhado em suor e está quase sem fôlego. Mas não se detém.

— Heitor! — ele grita. E a caçada recomeça.

Em algum lugar, o deus murmura:

*Ele derrotou um de nós.*

*Que acontecerá se atacar a cidade?*

*Troia ainda não deve cair.*

E eu penso: não tema por Troia. É Heitor que ele quer. Só Heitor. Quando Heitor estiver morto, Aquiles irá recuar.



Há um bosque junto às altas muralhas de Troia, abrigo de um loureiro retorcido e sagrado. É ali que Heitor finalmente cessa a corrida. Sob os galhos do loureiro, os dois homens finalmente se encontram. Um deles é moreno, tem os pés semelhantes a raízes que se aprofundam na terra. Usa um peitoral e um elmo dourados; suas grevas brilham ao sol. Aquela armadura me servia bem, mas ele é bem maior que eu. Na altura da garganta, o metal não se ajusta e deixa a pele à mostra.

O rosto do outro homem, de tão disforme, é quase irreconhecível. Suas roupas ainda estão molhadas após a luta no rio. Ele ergue a lança de freixo.

*Não*, peço-lhe. O que ele segura na mão é sua própria morte; é seu próprio sangue que escorrerá. Ele não me ouve.

Heitor está de olhos arregalados, mas não continuará fugindo.

Ele diz:

— Prometa-me uma coisa: que entregará meu corpo à minha família depois de me matar.

Aquiles emite uma espécie de rugido.

— Não há acordos entre leões e homens. Vou matá-lo e devorar suas carnes. — A lança voa brilhante como a estrela da manhã em meio a um turbilhão sombrio e atinge a garganta exposta de Heitor.



Aquiles regressa à tenda, onde meu corpo o espera. Está coberto de sangue até os cotovelos, os joelhos, o pescoço — como se houvesse nadado nas vastas câmaras escuras de um coração e dali emergido pouco antes, ainda gotejante. Vem arrastando o corpo de Heitor, cujos calcanhares ele

perfurou para inserir uma tira de couro. A barba cuidadosamente aparada do morto está suja de terra; sua face, enegrecida por uma camada de pó sanguinolento. Aquiles amarrou-o ao carro e arrastou-o com os cavalos a galope.

Os reis da Grécia o aguardam.

— Hoje você triunfou, Aquiles — saúda Agamêmnon. — Lave-se e descanse para depois festejarmos em sua honra.

— Não festejarei — replica Aquiles, abrindo caminho por entre eles, puxando o corpo de Heitor.



— Hokumoros. — É como sua mãe o chama num doce tom de voz. *O que morre prematuramente.*

— Você não vai comer?

— Você sabe que não.

Ela estende a mão na direção de seu rosto, como se quisesse limpá-lo das manchas de sangue.

Aquiles se encolhe.

— Pare — ele diz.

Tétis empalidece por um segundo, de maneira tão fugaz que ele não o percebe. E quando fala, sua voz é dura:

— Passa da hora de devolver o corpo de Heitor à família, para os funerais. Você o matou e teve sua vingança. Já basta.

— Não bastará nunca — ele diz.



Pela primeira vez desde minha morte, ele mergulha num sono agitado, espasmódico.

*Aquiles. Não suporto vê-lo sofrendo.*

Seus membros se contorcem trêmulos.

*Dê paz a nós dois. Queime meu corpo e enterre-o. Esperarei por você entre as sombras. Eu...*

Mas ele desperta.

— Pátroclo, não se vá! Estou aqui!

Sacode o cadáver a seu lado. Como não respondo, ele cai de novo em prantos.



Ele se levanta ao amanhecer e vai arrastar o corpo de Heitor em volta dos muros de Troia, para que todos os habitantes assistam ao espetáculo. Faz o mesmo ao meio-dia e de novo à tarde. Não nota que os gregos evitam seu olhar. Não percebe os lábios que se comprimem em sinal de reprovação quando ele passa. Até onde irá isso?

Tétis espera-o na tenda, alta e ereta como uma chama.

— Que deseja? — pergunta Aquiles, largando o corpo de Heitor à entrada.

As faces da deusa têm manchas róseas, como sangue derramado sobre mármore.

— Você deve parar. Apolo está irritado. Quer se vingar de você.

— Que se vingue. — Ajoelha-se e remove o cabelo de minha fronte. Estou envolto em lençóis para disfarçar o cheiro.

— Aquiles. — Tétis se aproxima dele e toca-lhe o queixo. — Ouça-me. Já foi longe demais nisso. Não conseguirei protegê-lo de Apolo.

Ele recua a cabeça e mostra os dentes.

— Não preciso de sua ajuda.

A pele da deusa está mais branca do que nunca.

— Não seja tolo. Foi só o meu poder que...

— Pouco importa — rosna Aquiles rispidamente. — Ele está morto. Seu poder o trará de volta?

— Não — responde Tétis. — Nenhum poder o fará.

Aquiles se levanta.

— Acha que não percebo sua satisfação? Sei quanto o odiava. Sempre o odiou! Se não houvesse procurado Zeus, ele estaria vivo!

— Ele é um mortal. E mortais morrem.

— Eu sou um mortal! De que serve a divindade se não pode impedir isso? De que serve *você*?

— Sei que é mortal — diz ela. Encaixa cada palavra fria como peças num mosaico. — Sei disso melhor do que ninguém. Deixei-o por tempo demais no Pélion. Foi sua ruína. — Aponta para a túnica rota de Aquiles e para seu rosto molhado de lágrimas.

— Este não é meu filho.

Aquiles infla o peito.

— Então quem sou eu, mãe? Não me tornei suficientemente famoso? Matei Heitor. Quer mais? Mande-os para mim. Matarei a todos!

A face de Tétis se contorce de desgosto.

— Está agindo como uma criança. Aos 12 anos, Pirro é mais adulto que você.

— Pirro! — O nome soa como um sopro ofegante.

— Ele virá e Troia cairá. A cidade não pode ser tomada sem sua ajuda, dizem os Fados. — A face dela brilha.

Aquiles encara-a espantado.

— Você vai trazê-lo aqui?

— Ele é o próximo *Aristos Achaion*.

— Ainda não estou morto.

— É como se estivesse. — As palavras ferem como um chicote. — Calcula o que sofri para torná-lo grande? E agora quer arruinar tudo por causa disto? — Com a face contraída de aversão, ela aponta para meu

corpo já em decomposição.

— Fiz o que pude. Não posso fazer mais nada para salvá-lo.

Seus olhos negros se contraem como estrelas moribundas.

— Estou contente por ele ter morrido — ela diz.

Essa é a última coisa que ela lhe dirá.

# Capítulo 32

Nas profundezas da noite, quando até os cães selvagens dormitam e as corujas silenciam, um velho chega à nossa tenda. Ele está sujo, com a túnica rasgada, a cabeça coberta de cinzas e pó. As roupas molhadas revelam que ele atravessou o rio. Porém seus olhos, quando ele fala, parecem muito lúcidos.

— Vim por meu filho — ele diz.

O rei de Troia atravessa o recinto e se ajoelha aos pés de Aquiles. Inclina a fronte encanecida.

— Ouvirá a súplica de um pai, poderoso príncipe de Fítia, o Melhor dos Gregos?

Aquiles baixa os olhos para os ombros do ancião como se estivesse em transe — ombros trêmulos pela idade, esmagados pelo peso da dor. Esse homem teve cinquenta filhos e perdeu quase todos.

— Sim, ouvirei — diz Aquiles.

— Que os deuses abençoem sua bondade — diz Príamo, cujas mãos pousam frias na pele ardente de Aquiles. — Vim aqui esta noite cheio de esperança. — Um tremor involuntário o domina em virtude do frio da noite e das roupas molhadas. — Lamento me apresentar a você em trajes tão humildes.

Essas palavras parecem despertar um pouco Aquiles.

— Não se ajoelhe — diz ele. — Vou lhe trazer comida e bebida. — Estende a mão e ajuda o velho rei a levantar-se. Passa-lhe um manto seco e as almofadas macias de que Fênix tanto gosta. Serve-lhe vinho. Diante da pele enrugada e dos passos titubeantes de Príamo, Aquiles subitamente parece muito jovem.

— Obrigado pela hospitalidade — agradece o rei. O sotaque é carregado e ele fala devagar, mas o grego é bom. — Ouvi dizer que você é um homem nobre e é à sua nobreza que me confio. Somos inimigos e você nunca foi considerado cruel. Peço-lhe que entregue o corpo de meu filho para os funerais, para que sua alma não vagueie perdida. — Enquanto fala, ele evita olhar para o que está a um canto, na sombra, de rosto contra o chão.

Aquiles observa as mãos postas do velho.

— Mostrou coragem ao vir aqui sozinho — ele diz. — Como entrou no acampamento?

— A graça dos deuses me guiou.

Aquiles ergue os olhos para ele.

— Como sabia que eu não o mataria?

— Não sabia — responde Príamo.

Faz-se silêncio. A comida e a bebida estão diante deles, mas nenhum bebe nem come. Posso entrever as costelas de Aquiles sob a túnica.

Os olhos de Príamo encontram o outro corpo, o meu, estendido na cama. Ele hesita por um momento.

— Aquele é... o seu amigo?

— *Philtatos* — diz Aquiles em tom amargo. O mais querido. — O melhor dos homens, morto por seu filho.

— Lamento sua perda — continua Príamo — e o fato de ter sido meu filho a arrebatá-lo de você. Porém, ainda assim, imploro sua misericórdia. Na dor, os homens devem se ajudar mutuamente, ainda que sejam inimigos.

— E se eu não o ajudar? — As palavras de Aquiles agora são rudes.

— Então, não ajudará.

Novo silêncio.

— Ainda posso matá-lo — ameaça Aquiles.

*Aquiles.*

— Eu sei. — A voz do rei é calma, sem medo. — De bom grado, darei minha vida se, com isso, garantir o descanso da alma de meu filho.

Os olhos de Aquiles se enchem de lágrimas; ele vira o rosto para que o velho não as veja.

— É certo buscar a paz para os mortos — prossegue o rei com voz suave. — Porque para os vivos, você e eu bem sabemos, ela não existe.

— Não existe — murmura Aquiles.

Nada se move na tenda; é como se o tempo não passasse. Então, Aquiles se levanta.

— Logo amanhecerá e não quero que corra perigo no caminho de volta. Meus servos prepararão o corpo do seu filho.



Uma vez sozinho, ele se aproxima e encosta a face em meu ventre. Minha pele fica úmida com o fluxo constante de suas lágrimas.

No dia seguinte, Aquiles me conduz à pira. Briseida e os mirmidões observam-no colocar-me sobre a madeira e acender o fogo. As chamas me envolvem e vou me distanciando cada vez mais da vida até me transfundir numa leve vibração do ar. Anseio pelas trevas e o silêncio do mundo subterrâneo, onde finalmente repousarei.

Ele recolhe minhas cinzas com suas próprias mãos, embora essa seja uma tarefa de mulheres. Deposita-as numa urna de ouro, a mais bela de nosso acampamento, e volta-se para os gregos ali reunidos:

— Quando eu morrer, encarrego-os de misturar nossas cinzas e sepultar-nos juntos.



Heitor e Sarpédon estão mortos, mas outros heróis vieram ocupar seus

lugares. Na Anatólia, não faltam aliados nem aqueles que querem fazer causa comum contra os invasores. Entre eles, destaca-se Mêmnon, rei da Etiópia, filho da aurora de "dedos de rosa". Um homem grande, negro e majestoso, à frente de um exército de soldados tão negros quanto ele, de um negro reluzente. Ergue-se sorrindo, esperançoso. Veio por causa de um homem — de um homem apenas.

Esse homem enfrenta-o armado unicamente de uma lança. Exibe descuidosamente um peitoral amassado e seus cabelos, outrora brilhantes, pendem emaranhados e sujos. Mêmnon sorri. Será fácil. Quando cai, dobrado sobre uma longa haste cinzenta, o sorriso desaparece de seu rosto. Aquiles, entediado, arranca a lança de seu corpo.

Vêm em seguida as amazonas, seios à mostra, a pele luzidia como madeira envernizada. Trazem os cabelos amarrados atrás e as mãos cheias de lanças e setas emplumadas. Pendem das selas escudos em forma de crescente, como se houvessem sido fundidos no molde da lua. Na vanguarda, cavalga uma figura solitária num cavalo castanho, cabelos soltos, olhos escuros, oblíquos e ferozes tão comuns nos povos da Anatólia — lascas de pedra que examinam sem descanso o exército à sua frente. Pentesileia.

Enverga uma capa e é isso que a arruína — que a deixa ser arrancada, com seus membros leves e ágeis como os de um gato, da montaria. Pousa no chão com desenvoltura e estende a mão para a lança presa à sela. Agacha-se na poeira, segurando firmemente a arma. Um rosto se debruça sobre ela, triste, sombrio, inexpressivo. Não traz armadura, expondo toda a pele a estocadas e cortes. Encara-a esperançoso, melancólico.

Ela golpeia e Aquiles se esquiva da ponta mortal, com uma flexibilidade e uma destreza quase impossíveis. Como sempre, seus músculos o traem, buscando a vida em vez da paz que a lança poderia proporcionar. Pentesileia ataca de novo e ele salta sobre a haste como

uma rã, leve e livre. Emite um som lamentoso. Tivera esperança de morrer, pois a amazona já matara muitos homens; montada, ela lhe parecera semelhante a ele, ágil, graciosa, incansável. Porém não é nada disso. Um único golpe estende-a no chão, deixando seu peito aberto como o solo sob o arado. As mulheres gritam de raiva e dor. Aquiles curva os ombros desalentado.

O último é um rapazinho, Troilo. Por segurança, tinha ficado ao abrigo das muralhas — o filho mais novo de Príamo, que os troianos queriam preservar a qualquer custo. A morte do irmão é que o faz sair a campo. Bravo, imprudente, ele não dá ouvidos a ninguém. Vejo-o desvencilhar-se dos irmãos mais velhos e saltar para o carro. Atira-se velozmente como um galgo solto, em busca de vingança.

A haste da lança bate em seu peito ainda esguio de adolescente. Ele tomba, com as mãos presas às rédeas. Os cavalos, assustados, disparam arrastando-o pelo chão. A ponta da lança de Troilo estala contra as pedras, escrevendo no pó com seu dedo de bronze.

Por fim, consegue se soltar e põe-se de pé, pernas e costas arranhadas e contundidas. Diante dele está o homem mais velho, a sombra que aterroriza o campo de batalha, a face implacável que mata incansavelmente homens e mais homens. Aqueles olhos brilhantes, aquele queixo corajosamente erguido não têm nenhuma chance. A ponta penetra a saliência macia de seu pescoço e um líquido espirra como tinta, a cor diluída na penumbra que me cerca. O rapazinho cai.



Por trás das muralhas de Troia, um arco é empunhado por mãos apressadas. Escolhida a flecha, pés de príncipe sobem rapidamente os degraus que conduzem a uma torre de onde se avista o campo de batalha dos mortos e moribundos. E onde um deus está à espera.

Páris não tem dificuldade para encontrar seu alvo. O homem se movimenta sem pressa, como um leão ferido e doente; além disso, seus cabelos dourados são inconfundíveis. Páris coloca a flecha no arco.

— Onde devo mirar? Ouvi dizer que ele é invulnerável. Exceto pelo...

— É um homem — diz Apolo — e não um deus. Alveje-o e ele morrerá.

Páris aponta. O deus toca com o dedo a pluma da seta. Em seguida, assopra como para espalhar pétalas de dente-de-leão nos ares ou para impelir um barquinho de brinquedo sobre a água. A seta voa certeira e silenciosa, descrevendo um arco em direção às costas de Aquiles.

Aquiles ouve o leve sibilar da haste um segundo antes do impacto. Vira um pouco a cabeça como para vê-la chegar. Fecha os olhos e sente a ponta atravessar a pele, dilacerar os músculos e abrir caminho em meio às costelas. Lá dentro está o coração. O sangue espirra por entre as omoplatas, escuro e espesso como azeite. Aquiles sorri e seu rosto bate contra o chão.

# Capítulo 33

As ninfas marinhas se aproximam para preparar o corpo, arrastando as fímbrias de seus mantos úmidos de espuma. Lavam-no com óleo de rosas e néctar, entrelaçando flores em seus cabelos dourados. Os mirmidões erguem a pira, onde o depositam. As ninfas choram enquanto as chamas consomem o corpo — o belo corpo agora reduzido a ossos e cinzas.

Entretanto muitos não choram. Briseida, que ali permanece até que as últimas brasas se apagam. Tétis, de talhe ereto, cabelos negros soltos ao vento. Reis e soldados. Ficam a distância, receosos dos lamentos lúgubres das ninfas e dos olhos chamejantes de Tétis. Quem mais está a ponto de chorar é Ájax, com a perna envolta em bandagens. Porém talvez pense apenas em sua promoção há tanto tempo esperada.

A pira já está quase extinta. Se as cinzas não forem recolhidas agora, o vento as dispersará; mas Tétis, a quem cabe essa tarefa, não se move. Por fim, Odisseu é encarregado de falar-lhe. Ele se ajoelha e diz:

— Deusa, queira nos transmitir suas ordens. Devemos recolher as cinzas?

Ela se volta para encará-lo. Talvez haja dor em seus olhos; talvez não. É impossível dizer.

— Recolha-as. Sepultem-nas. Já fiz o que tinha de fazer.

Odisseu inclina a cabeça.

— Grande Tétis, ele determinou que suas cinzas fossem depositadas...

— Sei o que ele determinou. Façam como quiserem. Isso não é comigo.



Servas recolhem as cinzas de Aquiles e colocam-nas na urna de ouro onde repouso. Sentirei essas cinzas pousando sobre as minhas? Evoco as neves do Pélion, frias contra nossas faces coradas. Meu desejo por ele é como fome devoradora. Em algum lugar, sua alma me espera, mas não posso me mover. *Sepultem-nos e escrevam nossos nomes na urna. Libertem-nos*. As cinzas de Aquiles se misturam às minhas e não sinto nada.



Agamêmnon convoca um conselho para discutir sobre a tumba que construirão.

— Devemos erguê-la no campo onde tombou — sugere Nestor.

Macaonte sacode a cabeça e diz:

— Ficaria mais em evidência na praia, perto da ágora.

— É a última coisa que desejamos. Seria pisoteada o tempo todo — rebate Diomedes.

— Na colina, então. De onde se avista seu acampamento — propõe Odisseu.

*Onde? Onde? Onde?*

— Vim tomar o lugar de meu pai.

— A voz cristalina vibra no recinto.

As cabeças dos reis se voltam para a entrada da tenda. Um menino está de pé na soleira. Tem os cabelos de um ruivo brilhante, a cor do fogo; é belo, mas de uma beleza fria como uma manhã de inverno. Só os mais obtusos não perceberiam a que pai ele se refere. Isso está estampado em cada linha de seu rosto de maneira tão nítida que me comove. Apenas o queixo é diferente, afilado como o da mãe.

— Sou o filho de Aquiles — anuncia.

Os reis olham embasbacados. Muitos sequer sabiam que Aquiles era pai. Só Odisseu tem presença de espírito para falar.

— E podemos saber como se chama o filho de Aquiles?

— Meu nome é Neoptólemo. Conhecido como Pirro. — *Fogo.* No entanto, além dos cabelos, nada nele lembra uma chama.

— Qual é a cadeira de meu pai?

Idomeneu estava sentado nela. Levanta-se.

— É esta.

Os olhos de Pirro pousam sobre o rei cretense.

— Perdoo sua presunção. Ignorava que eu viria. — Senta-se. — Senhor de Micenas, senhor de Esparta. — Um leve inclinar de cabeça. — Ofereço meus préstimos a seu exército.

A expressão de Agamêmnon vacila entre a descrença e o desagrado. Pensara estar livre para sempre de Aquiles. E a atitude do garoto é estranha, irritante.

— Você não parece ter idade suficiente para isso.

*Doze anos. Ele tem doze anos.*

— Morei com os deuses no fundo do mar — diz o menino. — Bebi seu néctar e brindei com sua ambrosia. Vim ganhar a guerra para vocês. Os Fados revelaram que Troia não cairá sem minha ajuda.

— Como?! — Agamêmnon está exasperado.

— Se é assim, ficamos contentes por contar com você — intervém Menelau. — Discutíamos sobre onde a tumba de seu pai deverá ser erigida.

— Na colina — diz Odisseu.

Menelau concorda.

— Local bastante adequado para os dois.

— Para os dois?

Uma curta pausa.

— Seu pai e o companheiro dele, Pátroclo.

— E por que esse homem deveria ser sepultado com o *Aristos Achaion*?

A atmosfera está pesada. Todos aguardam a resposta de Menelau.

— Seu pai quis, príncipe Neoptólemo, que as cinzas de ambos fossem misturadas. Não podemos sepultar um sem o outro.

Pirro ergue o queixo afilado.

— Não há lugar para o escravo no túmulo do senhor. Se as cinzas já estão misturadas, é impossível separá-las, mas não permitirei que coisa alguma obscureça a glória de meu pai. O monumento será apenas para ele.

*Não permitam isso. Não me deixem aqui sem Aquiles.*

Os reis se entreolham.

— Muito bem — diz Agamêmnon. — Sua vontade será satisfeita.

Sou ar e pensamento — nada posso fazer.



Quanto maior o mausoléu, maior o homem. A pedra que os gregos esculpem para seu túmulo é sólida e branca, escalando o céu. "Aquiles" é a inscrição. Representa-o e fala aos passantes: viveu e morreu, e vive ainda na memória das pessoas.



O estandarte de Pirro traz o emblema de Ciros, a terra de sua mãe, e não de Fítia. Também seus soldados são de Ciros. Automedonte alinha zelosamente os mirmidões e as mulheres para recebê-lo. Eles o observam enquanto atravessa a praia com seu novo exército cintilante, os cabelos ruivos agitando-se ao vento como uma chama contra o azul do céu.

— Sou o filho de Aquiles — anuncia ele aos homens. — Reivindico vocês como minha herança e meu direito de nascença. Agora, devem-me

sua lealdade.

Os olhos de Pirro pousam numa mulher de pé — olhos baixos, dedos entrelaçados. Aproxima-se e ergue-lhe o queixo.

— Qual o seu nome?

— Briseida.

— Ouvi falar de você — diz Pirro. — Foi por sua causa que meu pai deixou de combater.

À noite, manda seus guardas buscá-la. Eles a seguram pelos braços e levam-na para a tenda. Briseida baixa a cabeça, submissa, e não opõe resistência.

A porta da tenda se abre e ela é empurrada para dentro. Pirro está sentado numa cadeira, uma das pernas balançando displicentemente de lado. Aquiles talvez tivesse assumido alguma vez essa postura; mas seus olhos não eram assim, vazios como as profundezas insondáveis do oceano escuro, onde deslizam apenas os corpos sem sangue dos peixes.

— Meu senhor — diz Briseida, ajoelhando-se.

— Meu pai rompeu com o exército por sua causa. Você deve ter sido para ele uma ótima escrava sexual.

Os olhos de Briseida estão negros e velados como nunca.

— Você me honra ao dizer isso, senhor. Mas não creio que foi por mim que ele deixou de lutar.

— Por que, então? Em sua opinião de escrava? — Franze o cenho. É terrível ouvi-lo falar assim com ela. Parece uma serpente; nunca se sabe quando dará o bote.

— Eu era um prêmio de guerra e Agamêmnon desonrou-o arrebatando-me. Isso é tudo.

— Você não era sua escrava sexual?

— Não, meu senhor.

— Já basta. — O tom de voz é cortante. — Não minta de novo para mim. É a mulher mais bela do acampamento. Você era dele.

Os ombros de Briseida estremecem ligeiramente.

— Não gostaria que me atribuísse mais méritos do que possuo. Nunca fui tão afortunada.

— Por quê? Que há de errado com você?

Ela hesita.

— Meu senhor, ouviu falar do homem que está sepultado com seu pai?

O rosto de Pirro fica inexpressivo.

— Claro que não. Ele não é ninguém.

— No entanto, seu pai o amava e o reverenciava muito. Ficaria feliz sabendo que foram sepultados juntos. Nunca precisou de mim.

Pirro encara-a.

— Meu senhor...

— Silêncio! — A palavra cai sobre ela como um golpe de chicote. — Vou ensinar-lhe o que significa mentir para o *Aristos Achaion*. — Levante-se. — Venha cá. — Tem apenas 12 anos, mas não parece. Seu corpo já é o de um homem.

As pupilas de Briseida estão dilatadas.

— Meu senhor, eu lamento tê-lo aborrecido. Pode perguntar a outros, Fênix ou Automedonte. Eles dirão que não estou mentindo.

— Dei-lhe uma ordem.

Briseida se ergue, seus dedos estão crispados nas dobras do vestido. *Fuja*, sussurro. *Não se aproxime dele*. Mas ela o faz.

— Meu senhor, o que quer de mim?

Pirro dá um passo à frente em sua direção, seus olhos estão chamejantes.

— O que for de meu agrado.

Não consigo ver de onde a lâmina vem. Está na mão dela e aponta para ele. Mas Briseida nunca matou um homem. Não sabe com quanta força e determinação é necessário golpear. E ele, rápido, já se esquivou. A lâmina roça a pele, deixando ali uma linha denteada, mas não mergulha. Ele a

joga brutalmente ao chão. Ela atira a adaga em seu rosto e corre para fora.

Saindo da tenda, passa pelas mãos morosas dos guardas, atravessa a praia e entra no mar. Pirro também sai da tenda, a túnica aberta, o ventre sangrando. Posta-se ao lado dos guardas confusos e tira uma lança das mãos de um deles.

— Atire! — grita um guarda ao vê-la cruzar a linha de arrebentação.

— Esperem — diz Pirro.

Os braços de Briseida cortam as ondas cinzentas como o bater das asas de um pássaro. Ela sempre nadara melhor que Aquiles e eu. Jurava que, certa vez, fora até Tênedos, a duas horas de viagem de barco. Exulto ao vê-la se afastar mais e mais da costa. O único homem cuja lança poderia alcançá-la morreu. Briseida está livre.

O único — com exceção de seu filho.

A lança voa sobre a praia, silenciosa e certeira. A ponta atinge suas costas como uma pedra lançada contra uma folha flutuante. O turbilhão de águas turvas engole-a.

Fênix manda um nadador para recuperar o corpo, mas ele não o encontra. Talvez os deuses dela sejam mais bondosos que os nossos e o seu espírito encontre repouso. Eu daria novamente minha vida em troca disso.



A PROFECIA SE REALIZA. Agora que Pirro chegou, Troia cai. Ele não faz tudo sozinho, é claro. Há o cavalo de madeira, o plano de Odisseu e todo um exército às suas costas. Mas é ele que mata Príamo. É ele que encontra a esposa de Heitor, Andrômaca, escondida num porão com o filho. Arranca o menino de seus braços e esmaga-lhe a cabeça contra a parede de pedra com tanta força que o crânio se rompe como uma fruta podre.

Até Agamêmnon empalidece ao ouvir esse som.

Os ossos da cidade estão esmigalhados e ressequidos. Os reis gregos se fartam com suas colunas de ouro e suas princesas. Mais depressa do que eu poderia imaginar, eles levantam acampamento, recolhem as tendas e armazenam a comida. A praia fica limpa como uma carcaça roída.

Assombro seus sonhos. *Não partam*, imploro-lhes. *Não antes de me dar paz*. No entanto, se alguém ouve, não responde.

Pirro exige um último sacrifício em honra de seu pai na véspera da partida. Os reis se juntam em volta da tumba e ele oficia a cerimônia, tendo atrás de si suas prisioneiras reais, Andrômaca, a rainha Hécuba e a jovem princesa Políxena. Agora as leva aonde quer que vá, em perpétuo triunfo.

Calcante conduz uma novilha até a base da tumba. Porém, quando apanha a faca, Pirro o detém.

— Uma única novilha! Isso é tudo? A mesma coisa que para qualquer outro homem? Meu pai era o *Aristos Achaion*. O melhor de vocês. E seu filho mostrou ser melhor ainda. No entanto, querem economizar conosco?

A mão de Pirro agarra o vestido vaporoso da princesa Políxena e empurra-a para o altar.

— É isto que a alma de meu pai merece.

*Ele não o fará. Não ousará.*

Como se respondesse, Pirro sorri.

— Aquiles está satisfeito — ruge ele. E corta a garganta da jovem.

Ainda posso sentir aquele gosto de sal e ferro. Ele penetra na relva sob a qual jazemos e me deixa nauseado. Os mortos podem ter sede de sangue. Mas não assim. Não assim.

Os gregos partirão amanhã e estou desesperado.

*Odisseu.*

Seu sono é leve e suas pálpebras estremecem.

*Odisseu. Ouça-me.*

Ele se agita. Nem no sono consegue sossegar.

*Quando você foi pedir a ajuda dele, eu o servi. Não me servirá agora? Sabe o que Aquiles representava para mim. Soube antes mesmo de nos trazer aqui. Nossa paz está em sua cabeça.*



— Minhas desculpas por vir incomodá-lo tão tarde, príncipe Pirro — diz ele, com seu sorriso mais envolvente.

— Eu não durmo — replica Pirro.

— Muito conveniente. Não admira que tenha feito bem mais que qualquer de nós.

Pirro estreita os olhos para observá-lo; não sabe se está sendo ironizado.

— Vinho? — Odisseu mostra um odre.

— Sim. — Pirro aponta com o queixo duas taças.

— Saia — ordena a Andrômaca. Enquanto ela junta suas roupas, Odisseu serve a bebida.

— Bem. Você deve estar contente com suas façanhas aqui. Herói aos 13 anos? Nem todos podem se gabar disso.

— Ninguém. — A voz é fria.

— O que você quer?

— Receio ter sido alvo de um raro acesso de culpa.

— Como?

— Amanhã, velejaremos, deixando para trás muitos gregos mortos. Todos foram convenientemente sepultados, com um nome para registrar

sua memória. Todos, menos um. Não sou religioso, mas detesto pensar em almas vagando entre os vivos. Quero ficar tranquilo, sem ser molestado por espíritos irrequietos.

Pirro escuta, retorcendo os lábios em seu gesto habitual de desagrado.

— Não posso dizer que seu pai e eu fomos amigos. Porém eu admirava sua habilidade e o valorizava como soldado. E em dez anos sempre acabamos conhecendo um homem, até mesmo contra a vontade. Assim, posso lhe dizer agora que, em minha opinião, ele não gostaria de ver Pátroclo esquecido.

Pirro se empertiga.

— Foi o que ele disse?

— Ele pediu que suas cinzas fossem misturadas para que os dois fossem sepultados como uma pessoa só. Podemos, pois, dizer que ele queria isso. — É a primeira vez que me sinto grato pela astúcia de Odisseu.

— Sou seu filho. Só a mim cabe dizer o que o espírito dele deseja.

— Por isso mesmo resolvi procurá-lo. Não me interesso muito pelo assunto. Sou apenas um homem honesto que gosta das coisas bem feitas.

— É correto que a fama de meu pai seja diminuída? Maculada por um homem comum?

— Pátroclo não era um homem comum. Nasceu príncipe e foi exilado. Serviu bravamente em nosso exército e muitos homens o admiravam. Matou Sarpédon, que só Heitor superava.

— Com a armadura de meu pai. Com a fama de meu pai. Nada tinha de seu.

Odisseu inclina a cabeça.

— É verdade. Entretanto a fama é uma coisa estranha. Alguns homens alcançam a glória depois que morrem, enquanto a de outros fenece. O que é admirado numa geração é desprezado em outra. — Espalma as mãos largas. — Não podemos saber quem sobreviverá ao holocausto da

memória. Ninguém sabe. — Sorri. — Talvez, um dia, até eu me torne famoso. Mais famoso que você.

— Eu duvido.

Odisseu dá de ombros.

— Não sabemos. Somos apenas mortais, um breve lampejo de chama. Os homens do futuro poderão nos elevar ou rebaixar a seu critério. Pátroclo é um dos que talvez se destaquem nas gerações vindouras.

— Não é.

— Então, seria uma ação meritória. Um ato de caridade e piedade. Honrar seu pai e permitir que um morto descanse.

— Ele é uma mancha na honra de meu pai e na minha. Não permitirei isso. Pegue seu vinho azedo e vá embora. — A voz de Pirro é estridente como o som de varas partidas.

Odisseu se levanta, mas não sai.

— Tem esposa? — pergunta.

— Claro que não.

— Eu tenho uma esposa. Não a vejo há dez anos. Ignoro se está morta ou se eu próprio morrerei antes de voltar para ela.

Sempre pensei que sua esposa era uma pilhéria, uma ficção. Porém, agora, Odisseu não brinca. Cada palavra sai pausadamente, como se fosse extraída de um abismo profundo.

— Meu consolo é que nos reuniremos no mundo subterrâneo, se não neste. Não quero ficar lá sem ela.

— Meu pai não teve uma esposa assim — murmura Pirro.

Odisseu observa o semblante implacável do jovem.

— Fiz o melhor que pude — conclui. — Que ninguém se esqueça disso.

*Eu não me esquecerei.*

Os gregos içam as velas e levam consigo minha esperança. Não posso segui-los. Estou preso à terra onde minhas cinzas repousam. Enrosco-me em volta do obelisco de pedra de sua tumba. Talvez seja frio ao toque; talvez, quente. Não sei dizer. "Aquiles" é o que se lê no mármore, nada mais. Ele partiu para o mundo subterrâneo e eu fiquei.



Pessoas vêm contemplar seu túmulo. Algumas permanecem a distância, receosas talvez de que seu fantasma se erga para atacá-las. Outras chegam perto para admirar as cenas de sua vida gravadas na pedra. Foram buriladas às pressas, mas são suficientemente nítidas. Aquiles matando Mêmnon, Heitor, Pentesileia. Só mortes. É assim que deverá ser o túmulo de Pirro. Aquiles será lembrado dessa maneira?

Tétis se aproxima. Observo-a esmagando a relva onde pisa. Há muito que não sinto tamanho ódio dela. Fez com que Pirro viesse ao mundo e ama-o mais que a Aquiles.

Contempla as cenas na pedra, morte após morte. Estende a mão para tocá-las. Não posso tolerar isso.

*Tétis*, sussurro.

A mão recua. A deusa desaparece.

Volta mais tarde. *Tétis*. Nenhuma reação. Fica parada, contemplando o monumento do filho.

*Estou sepultado aqui. Na tumba dele.*

Ela não diz nada. Não faz nada. Não ouve.

Vem todos os dias. Senta-se ao pé da tumba e tenho a impressão de sentir a frieza de seu corpo e seu leve cheiro de sal atravessando a terra. Não posso mandá-la embora, mas posso odiá-la.

*Você disse que Quíron o arruinou. É uma deusa insensível, que nada sabe. Foi você quem o arruinou. Veja como ele será lembrado: por matar Heitor, por matar*

*Troilo. Por atos cruéis que perpetrou quando a dor o afligia.*

O rosto dela parece também de pedra. Não esboça nenhum movimento. Os dias nascem e morrem.

*Talvez essas coisas passem por virtude entre os deuses. Mas que glória há em tirar uma vida? Morremos com tanta facilidade! Gostaria de fazer de Aquiles outro Pirro? Ah, que ele seja lembrado por atos muito diferentes!*

— Que atos? — pergunta ela.

Por um instante, não sinto medo. Ela não pode mais me fazer mal.

*Devolver o corpo de Heitor a Príamo*, respondo. *Isso deve ser lembrado.*

Ela fica em silêncio por um longo tempo.

— E...?

*Sua habilidade na lira. Sua bela voz.*

Tétis espera que eu prossiga.

*As cativas. Ele as reivindicou para que não sofressem nas mãos de outro rei.*

— Foi você quem fez isso.

*Por que não está com Pirro?*

Algo cintila em seus olhos.

— Ele morreu.

A alegria me invade. *Como?* É quase uma ordem.

— O filho de Agamêmnon o matou.

*Por quê?*

Ela fica sem responder por algum tempo, depois diz:

— Ele roubou sua noiva e violentou-a.

"O que for de meu agrado", dissera ele a Briseida. *Então era esse o filho que você preferia em vez de Aquiles?*

Tétis cerra as mandíbulas.

— Você não tem outras lembranças?

*É de lembranças que sou feito.*

— Fale, então.



Eu quase me recuso. Porém a dor que sinto por ele é mais forte que meu ódio. Quero falar sobre algo que não esteja morto nem seja divino. Quero que ele viva.

A princípio, acho estranho. Estou acostumado a afastá-lo da mãe, a guardá-lo só para mim. As lembranças, porém, brotam como uma fonte, rápidas demais para que eu as detenha. Não parecem palavras, mas sonhos que sobem como perfume da terra molhada pela chuva. Falo. E falo. Sobre como seus cabelos brilhavam ao sol de verão. Seu rosto quando corria. Seus olhos, solenes como os de uma coruja durante as aulas. Falo. Falo. Momentos e mais momentos de felicidade vão ressurgindo.

Ela fecha os olhos. A pele, sobre eles, tem a cor da areia no inverno. Ela ouve. E também recorda.

Ela se lembra de estar em pé na praia, os cabelos negros e longos como a cauda de um cavalo. Ondas cinzentas batem contra as rochas. Sente então as mãos de um mortal, rudes e ásperas, em sua pele lisa. A areia arranha-a e, em seguida, a dor nas entranhas. Os deuses a ligam a ele.

Lembra-se de sentir o filho, luminoso, no escuro de seu ventre. Repete para si mesma a profecia que as três mulheres lhe transmitiram: *seu filho será mais poderoso que o pai.*

Os outros deuses estremeceram ao ouvir isso. Sabiam o que filhos poderosos fazem com os pais — os raios de Zeus ainda rescendem a carne queimada e a parricídio. Deram-na a um mortal na esperança de agrilhoar a força do filho. De diluí-lo na humanidade, de diminuí-lo.

Tétis pousa a mão no ventre; sente-o nadando lá dentro. Seu sangue é que o fará forte.

Porém não forte o bastante. *Sou mortal!* — ele grita para a mãe, a face manchada, úmida, dura.



Por que não o procura?

— Não posso. — A dor em sua voz é lancinante. — Não me é permitido descer às profundezas da Terra. — O mundo subterrâneo com sua penumbra cavernosa e suas almas flutuantes, onde só os mortos podem vagar.

— Foi só isso que restou — diz ela, os olhos ainda fixos no monumento. Uma eternidade de pedra.

Conjuro o menino que conheço. Aquiles sorrindo enquanto os figos saltam em suas mãos. Seus olhos verdes abismados nos meus. *Pegue*, diz ele. Aquiles recortado contra o céu, pendurado num galho sobre o rio. A espessa tepidez de seu hálito adormecido contra minha orelha. *Se você for, irei também*. Meus receios esquecidos no porto dourado de seus braços.

As lembranças se sucedem ininterruptamente. Ela ouve; olhos fixos nos veios do mármore. Estamos todos ali: a divindade, o mortal e o menino que era as duas coisas.



O sol se põe no mar, fazendo refulgir suas cores sobre a superfície líquida. Ela está ao meu lado, silenciosa no crepúsculo difuso que desce lentamente. Seu rosto é tão liso quanto no primeiro dia em que a vi. Cruzou os braços ao peito, como para encerrar um pensamento em si mesma.

Contei-lhe tudo. Não escondi nada sobre nenhum de nós.

Contemplamos a luz que se abisma no túmulo do céu ocidental.

— Não posso fazer dele um deus — murmura Tétis. A voz é entrecortada, carregada de dor.

*Mas você o fez.*

Ela se cala por longo tempo; permanece sentada; olhos brilhando aos últimos resquícios da luz que fenece.

— Eu o fiz — diz finalmente. A princípio, não compreendo. Mas então olho para o túmulo e vejo as marcas que ela escavou na pedra. AQUILES — está escrito. E ao lado, PÁTROCLO.

— Vá — diz Tétis. — Ele o espera.



DUAS SOMBRAS *se aproximam em meio à treva densa e eterna. Suas mãos se encontram e a luz jorra num dilúvio como se fossem centenas de urnas entornadas do céu.*

# AGRADECIMENTOS

Escrever este livro foi uma jornada de dez anos, mas tive a sorte de encontrar pelo caminho deuses mais benignos que os coléricos ciclopes. Seria impossível agradecer a todos que me encorajaram durante a viagem — para isso, precisaria de outro livro —, mas há algumas divindades que merecem ser reverenciadas.

Em particular, sou grata aos meus primeiros leitores, que me deram tantas e tão amáveis respostas pertinentes: Carolyn Bell, Sarah Furlow e Michael Bourret. Sou igualmente grata à minha brilhante madrinha, Barbara Thornbrough, que me incentivou o tempo todo, bem como à família Drake por seu afetuoso estímulo e pelas informações especializadas num amplo leque de matérias. Agradeço de coração a meus professores, sobretudo Diane Dubois, Susan Melvoin, Kristin Jaffe, Judith Williams e Jim Miller; e a meus apaixonados e fabulosos alunos, tanto shakespearianos quanto latinistas, por me ensinarem muito mais do que lhes ensinei.

Tive a felicidade de encontrar não apenas um, mas três maravilhosos mentores em literatura clássica, magistério e vida: David Rich, Joseph Pucci e Michael C. J. Putnam. Sou grata para além da medida à sua bondade e erudição. Agradeço também a todo o Departamento de Estudos Clássicos da Brown University. Nem é preciso dizer que todos os erros e todas as distorções nesta obra são de minha inteira responsabilidade e não da deles.

Agradecimentos especiais a Walter Kasinskas e à bela e talentosa Nora Pines, que sempre acreditou em minha vocação para escritora apesar de ter lido alguns de meus contos antigos.

Muitos e muitos agradecimentos ao inimitável, irrepreensível e insigne Jonah Ramu Cohen, um ardoroso guerreiro que lutou por este livro a cada passo da jornada. Sua amizade me lisonjeia.

Um Monte Olimpo de gratidão à impressionante Julie Barer, a melhor das agentes, que me encantou e operou um milagre, assim como o resto de sua incansável equipe.

Muitos agradecimentos também, é claro, ao meu fabuloso e dinâmico editor, Lee Boudreaux, a todo o grupo da Ecco, inclusive Abigail Holstein, Michael McKenzie, Heather Drucker e Rachel Bressler, bem como aos demais que cuidaram tão extremosamente de mim e de meu livro. Gostaria de agradecer também às pessoas fantásticas de Bloomsbury (Reino Unido) — os notáveis Alexandra Pringle, Katie Bond, David Mann e o restante da equipe pelo trabalho incrível que dedicaram a esta obra.

Finalmente, quero agradecer à minha família, inclusive ao meu irmão Bud, envolvido com minhas histórias de Aquiles a vida inteira, e meu maravilhoso padrasto Gordon. Agradeço, acima de tudo, à minha dedicada mãe, que sempre me amou e apoiou em todos os meus empreendimentos, inspirando-me a amar a leitura tanto quanto ela. É uma bênção ser sua filha.

Por último, meus agradecimentos não menos efusivos a Nathaniel, minha Atena de armadura brilhante, cujo afeto e paciente trabalho de revisão significam muito para mim.

# GLOSSÁRIO DE PERSONAGENS

## *Deuses e Imortais*

AFRODITE. Deusa do amor e da beleza, mãe de Eneias e protetora dos troianos. Favorecia em especial Páris (no Livro 3 da *Ilíada*, intervém para salvá-lo de Menelau).

APOLO. Deus da luz e da música, protetor dos troianos. Foi responsável pela peste que assolou o exército grego no Livro 1 da *Ilíada*, tendo participação decisiva nas mortes de Aquiles e Pátroclo.

ÁRTEMIS. Irmã gêmea de Apolo e deusa da caça, da lua e da virgindade. Furiosa por causa do derramamento de sangue que a Guerra de Troia provocaria, impediu os ventos de soprar, imobilizando a frota grega em Áulis. Após o sacrifício de Ifigênia, foi apaziguada e os ventos voltaram.

ATENA. Poderosa deusa da sabedoria, da tecelagem e das artes bélicas. Apoiava vigorosamente seus amados gregos contra os troianos, sendo guardiã especial do astuto Odisseu. Aparece com frequência na *Ilíada* e na *Odisseia.*

ESCAMÂNDRIO. Deus do rio de mesmo nome, perto de Troia, e outro protetor dos troianos. Seu célebre duelo com Aquiles é narrado no Livro 22 da *Ilíada.*

HERA. Rainha dos deuses, irmã e esposa de Zeus. Como Atena, protegia os gregos e odiava os troianos. Na *Eneida*, de Virgílio, é a principal antagonista, constantemente embaraçando o herói troiano Eneias após a queda de Troia.

QUÍRON. O único "deus" centauro, conhecido como mestre dos heróis Jasão, Esculápio e Aquiles, e também como o inventor da medicina e da cirurgia.

TÉTIS. Ninfa marinha que assume múltiplas formas e mãe de Aquiles. Segundo a profecia dos Fados, seu filho seria mais poderoso que o pai, e

isso assustou Zeus (que antes a havia desejado). O deus então se empenhou em casá-la com um mortal para limitar os poderes de seu filho. Em versões pós-homéricas da história, Tétis experimenta várias maneiras de tornar Aquiles imortal, inclusive mergulhando-o, seguro pelo calcanhar, no rio Estige e banhando-o nas chamas de uma fogueira para queimar sua mortalidade.

ZEUS. Rei dos deuses e pai de inúmeros heróis famosos, inclusive Héracles e Perseu.

## *Mortais*

AGAMÊMNON**.** Irmão de Menelau, Agamêmnon governava Micenas, o reino mais poderoso da Grécia, e foi o comandante supremo da expedição grega contra Troia. Durante a guerra, indispôs-se várias vezes com Aquiles, que não admitia ser seu subordinado. Após regressar, Agamêmnon foi assassinado pela esposa, Clitemnestra. Ésquilo descreve esse incidente e os que se lhe seguiram em seu famoso ciclo trágico, a *Orestia.*

ÁJAX**.** Rei de Salamina e descendente de Zeus, conhecido pela força colossal e pelo porte gigantesco. Era o segundo maior guerreiro depois de Aquiles e, num episódio célebre, resistiu ao ataque desfechado pelos troianos contra o acampamento grego, depois que Aquiles se retirou da luta. Todavia, após a morte de Aquiles, quando Agamêmnon preferiu honrar Odisseu como o membro mais valoroso do exército grego, Ájax, enlouquecido de dor e raiva, suicidou-se. Sua comovente história é narrada na tragédia *Ájax*, de Sófocles.

ANDRÔMACA. Nascida princesa da Cilícia, perto de Troia, tornou-se a esposa leal e amorosa de Heitor. Odiava Aquiles, que chacinara sua família durante uma incursão. Quando do saque de Troia, foi capturada por Pirro e levada cativa para a Grécia. Depois da morte de Pirro, fundou

juntamente com Heleno, irmão de Heitor, a cidade de Butroto, que edificaram à semelhança da perdida Troia. Virgílio conta sua história no Livro 3 da *Eneida.*

AQUILES. Filho do rei Peleu e da ninfa marinha Tétis, foi o maior guerreiro de sua geração e também o mais belo. A *Ilíada* lhe dá o epíteto de "pés velozes" e exalta sua voz melodiosa. Foi educado pelo bom centauro Quíron e tomou o príncipe exilado Pátroclo para seu companheiro de todas as horas. Adolescente ainda, ele se viu diante de uma escolha: uma vida longa e obscura ou uma existência curta e gloriosa. Ele optou pela glória e velejou para Troia junto com os outros gregos. Contudo, no nono ano da guerra, indispôs-se com Agamêmnon e recusou-se a continuar lutando — só voltou ao campo de batalha quando seu amado Pátroclo foi morto por Heitor. Enfurecido, matou o grande guerreiro troiano e arrastou seu corpo em volta das muralhas de Troia, como vingança. Acabou morto pelo príncipe troiano Páris, que contou com a ajuda do deus Apolo.

O mito mais famoso de Aquiles — seu calcanhar vulnerável — é na verdade uma lenda tardia. Na *Ilíada* e na *Odisseia* ele não é invencível, apenas extraordinariamente dotado para a luta. Entretanto, na era pós-homérica, surgiram mitos para explicar e justificar a aparente invencibilidade do herói. Numa versão popular, a deusa Tétis mergulhou-o no rio Estige para torná-lo imortal. A tentativa teve êxito, exceto no ponto em seu calcanhar por onde ela o segurara. Como a *Ilíada* e a *Odisseia* foram minhas fontes primárias de inspiração, e como sua interpretação me parecesse mais realista, preferi seguir a tradição mais antiga.

AUTOMEDONTE. Cocheiro de Aquiles, hábil no manejo de seus divinos e impetuosos corcéis. Após a morte de Aquiles, serviu a seu filho Pirro.

BRISEIDA. Aprisionada pelos gregos em suas incursões ao território troiano, Briseida foi entregue como prêmio de guerra a Aquiles. Quando Aquiles desafiou Agamêmnon, este a requisitou para castigá-lo. Foi devolvida após a morte de Pátroclo e, no Livro 19 da *Ilíada*, pranteou o cadáver do herói juntamente com as outras mulheres.

CALCANTE. Sacerdote e conselheiro dos gregos. Convenceu Agamêmnon a sacrificar sua filha Ifigênia e a devolver a jovem cativa Criseida ao pai.

CRISES E CRISEIDA. Crises era um sacerdote anatoliano de Apolo. Sua filha Criseida foi escravizada por Agamêmnon. Quando Crises veio buscá-la, oferecendo um generoso resgate, Agamêmnon se recusou e insultou-o. Enraivecido, Crises pediu a seu deus Apolo que enviasse uma peste para punir os gregos. Aquiles exigiu publicamente que Agamêmnon devolvesse a jovem ao pai, o que provocou a cólera do rei e precipitou a querela fatal entre os dois homens.

DEIDÂMIA. Filha do rei Licomedes e princesa do reino insular de Ciros. Com o objetivo de impedir que Aquiles fosse para a guerra, Tétis vestiu-o de mulher e escondeu-o entre as damas de companhia de Deidâmia. Esta descobriu o ardil e secretamente se casou com o herói, de quem teve um filho, Pirro.

DIOMEDES. Rei de Argos, conhecido tanto pela astúcia quanto pela força. Foi um dos mais valorosos guerreiros do exército grego. Como Odisseu, era um dos favoritos da deusa Atena, que dota-o de força sobrenatural na batalha, como se pode ver no Livro 5 da *Ilíada*.

ENEIAS. Filho da deusa Afrodite e do mortal Anquises, o nobre troiano Eneias era célebre pela piedade. Lutou bravamente na guerra, mas é mais conhecido por suas aventuras posteriores. Como conta Virgílio na *Eneida*, Eneias escapou da vencida Troia e conduziu um grupo de sobreviventes para a Itália, onde desposou uma princesa nativa e deu origem ao povo

romano.

FÊNIX. Amigo e confidente de longa data do rei Peleu, foi para Troia como conselheiro de Aquiles. No Livro 9 da *Ilíada*, Fênix afirma ter cuidado do herói quando este era bebê e tenta em vão convencê-lo a lutar novamente pelos gregos.

HEITOR. Filho mais velho de Príamo e príncipe herdeiro de Troia, Heitor era célebre pela força, por sua nobreza e pelo amor à família. No Livro 6 da *Ilíada*, Homero descreve uma cena tocante entre ele, sua esposa Andrômaca e seu filho ainda criança, Astianacte. Sucumbiu às mãos de Aquiles no último ano da guerra.

HELENA. Famosa como a mulher mais bela do mundo, Helena era uma princesa de Esparta, filha da rainha Leda e de Zeus (sob a forma de cisne). Inúmeros homens disputaram sua mão, jurando defender seu casamento com o homem que ela escolhesse. Desposou Menelau, mas depois fugiu para Troia com o príncipe troiano Páris, o que provocou a guerra. Findas as hostilidades, voltou com Menelau para Esparta.

HÉRACLES. Filho de Zeus e o mais famoso dos heróis gregos. Célebre pela força descomunal, ele foi forçado a executar doze trabalhos impostos por Hera, que o odiava por ser fruto de uma das infidelidades de Zeus. Morreu muito tempo antes da Guerra de Troia.

IDOMENEU. Rei de Creta e neto do rei Minos, a quem é associada a lenda do Minotauro.

IFIGÊNIA. Filha de Agamêmnon e Clitemnestra, prometida em casamento a Aquiles e levada a Áulis para apaziguar a deusa Ártemis. Seu sacrifício trouxe de volta os ventos, possibilitando então que a frota grega velejasse para Troia. Sua história é contada na tragédia *Ifigênia em Áulis*, de Eurípides.

LICOMEDES. Rei de Ciros e pai de Deidâmia. Sem saber, abrigou em sua corte Aquiles disfarçado de mulher.

MENELAU. Irmão de Agamêmnon e, após seu casamento com Helena, rei de Esparta. Quando Helena foi raptada por Páris, invocou o juramento de seus pretendentes e, ao lado do irmão, comandou o exército que iria recuperá-la. No Livro 3 da *Ilíada*, luta com Páris pela posse de Helena e mostra-se superior, mas a deusa Afrodite intervém em favor de seu protegido. Finda a guerra, volta com Helena para Esparta.

NESTOR. Rei de Pilos e antigo companheiro de Héracles. Já estava muito velho para lutar na Guerra de Troia, mas prestou importantes serviços como conselheiro de Agamêmnon.

ODISSEU. Príncipe de Ítaca, famoso pela astúcia e preferido da deusa Atena. Propôs o famoso juramento pelo qual todos os pretendentes de Helena se comprometeram a defender seu casamento. Como recompensa, pediu a mão da sagaz prima de Helena, Penélope. Durante a Guerra de Troia, foi um dos principais conselheiros de Agamêmnon e, mais tarde, tramou o célebre estratagema do cavalo de madeira. Sua viagem de volta, que durou dez anos, é o tema da *Odisseia* de Homero, que inclui os famosos episódios de seus encontros com o ciclope, a feiticeira Circe, Cila e Caribdes, e as sereias. Enfim chega a Ítaca, onde é efusivamente acolhido pela esposa Penélope e pelo filho, já crescido, Telêmaco.

PÁRIS. Filho de Príamo e juiz do célebre "concurso de beleza" do qual participaram Hera, Atena e Afrodite. O prêmio era uma maçã de ouro. Cada deusa tentou suborná-lo: Hera com poder, Atena com sabedoria e Afrodite com a mulher mais bela do mundo. Ele concedeu o prêmio a Afrodite, que em troca o ajudou a convencer Helena a abandonar o marido, Menelau, precipitando assim a Guerra de Troia. Páris era conhecido pela habilidade no arco e, com a ajuda de Apolo, matou o

poderoso Aquiles.

PÁTROCLO. Filho do rei Menécio. Exilado da terra natal por matar acidentalmente outro menino, encontrou refúgio na corte de Peleu, onde foi criado com Aquiles. É personagem secundário na *Ilíada*, mas sua fatal decisão de tentar salvar os gregos vestindo a armadura de Aquiles põe em movimento o ato final da história. Pelo fato de Pátroclo ter sido assassinado por Heitor, Aquiles, desesperado, vingou-se brutalmente dos troianos.

PELEU. Rei de Fítia. Gerou Aquiles com a ninfa marinha Tétis. A história de Peleu dominando a deusa, que na luta assumiu as mais variadas formas para se desvencilhar, era muito conhecida na Antiguidade.

PIRRO. Filho de Aquiles e da princesa Deidâmia, chamava-se Neoptólemo, mas era conhecido como "Pirro" por causa dos cabelos ruivos. Foi para a guerra após a morte do pai, tendo participado do estratagema do cavalo de madeira e matado cruelmente o velho rei de Troia, Príamo. No Livro 2 da *Eneida*, Virgílio conta a história da participação de Pirro no saque da cidade.

POLÍXENA. Princesa troiana que Pirro sacrificou na tumba do pai antes de deixar Troia para a viagem de volta.

PRÍAMO. Rei de Troia, já velho por ocasião da guerra, renomado pela piedade e pelo número de filhos. Apresenta-se corajosamente na tenda de Aquiles para implorar pelo corpo de Heitor, como se conta no Livro 24 da *Ilíada*. Durante o saque de Troia, foi morto pelo filho de Aquiles, Pirro.

# Próximos Lançamentos




Para receber informações sobre os lançamentos da
Editora Jangada, basta cadastrar-se
no site: www.editorajangada.com.br

Para enviar seus comentários sobre este livro,
visite o site www.editorajangada.com.br ou
mande um e-mail para atendimento@editorajangada.com.br